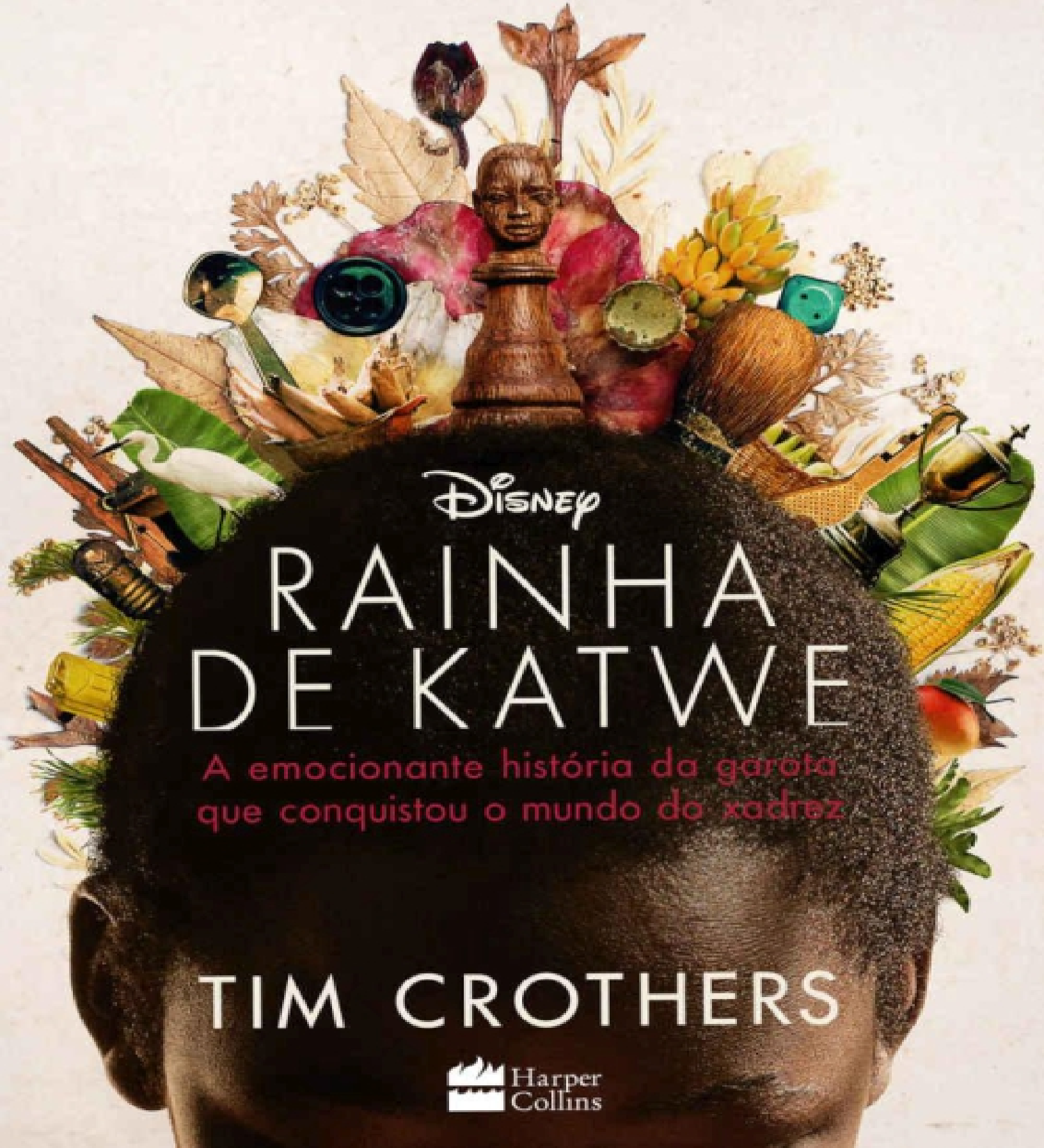
O LIVRO QUE INSPIROU O FILME



Disney

RAINHA DE KATWE

A emocionante história da garota que conquistou o mundo do xadrez

TIM CROTHERS

Harper Collins

TIM CROTHERS

RAINHA DE KATWE

A emocionante história da garota
que conquistou o mundo do xadrez

Tradução
Alda Lima

Harper Collins
Rio de Janeiro, 2016

Título original: The Queen of Katwe

Copyright © 2012 by Tim Crothers

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Rua Nova Jerusalém, 345 — Bonsucesso — 21042-235
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/831

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C958r

Crothers, Tim
Rainha de Katwe : A emocionante história da garota que conquistou o mundo do xadrez / Tim Crothers ; tradução Alda Lima. - 1. ed. - Rio de Janeiro : HarperCollins, 2016.
224 p.

Tradução de: The queen of Katwe
ISBN 978.85.9508.015-7

1. Romance americano. I. Lima, Alda. II. Título.

CDD: 813
CDU: 821.134.3(81)-3

Para Atticus e Sawyer,
as crianças de Uganda e além

Sumário

Prólogo

Abertura
- Capítulo 1: Terra dos sapos
- Capítulo 2: Katende
- Capítulo 3: Pioneiros
- Capítulo 4: Ressurreição
- Capítulo 5: Ensine a ela o que você sabe
- Capítulo 6: Mzungu

Caderno de fotos

Meio-jogo
- Capítulo 7: Como um garoto, mas não um garoto
- Capítulo 8: Céu
- Capítulo 9: O outro lado

Final
- Capítulo 10: Obstáculos
- Capítulo 11: Sonhos

Agradecimentos

Prólogo

Ela vence o jogo decisivo, mas não tem ideia do que isso significa. Ninguém lhe contou o que está em jogo, então ela simplesmente joga, como sempre faz. Ela não tem ideia de que se qualificou para competir nas Olimpíadas. Não faz ideia do que é uma Olimpíada. Nenhuma ideia de que sua qualificação significa que em alguns meses ela vai voar para a cidade de Khanty-Mansiysk, na remota Rússia Central. Não faz ideia nem de onde fica a Rússia. Quando descobre tudo isso, ela faz apenas uma pergunta:

— É frio lá?

Ela viaja para as Olimpíadas com nove colegas de equipe, todos uma década mais velhos, na casa dos vinte, e, mesmo que conheça vários deles há um tempo e viaje ao lado deles durante 27 horas pelo mundo até a Sibéria, nenhum de seus companheiros tem realmente ideia de onde ela veio, nem de para onde ela almeja ir, porque Phiona Mutesi é de um lugar onde garotas como ela não falam dessas coisas.

19 de setembro de 2010

Querida mãe,

Fui para o aeroporto. Fiquei muito feliz em ir ao aeroporto. essa foi só a segunda vez em que saí de casa. Quando cheguei ao aeroporto fiquei com um pouco de medo, porque ia jogar contra os melhores jogadores de xadrez do mundo. Então acenei para meus amigos e irmãos. Alguns choraram porque iam sentir minha falta e eu precisava ir. então eles me desejaram boa sorte. Disseram que iam rezar por mim. Então embarcamos no avinhão para ir de Uganda até o Quênia. O avinhão voou até o alto do céu. Vi nuvens bonitos. Dessa vez achei que talvez eu estava no céu. Pedi

a Deus para me proteger. porque quem sou eu para voar no avinhão. então estava nas mãos de Deus. Nós chegar no Quênia muito bem. Eu estava muito cansada e me deram umbolo que parecia umpão. Eu nunca tinha experimentado aquilo antes, mas era bem doce e eu gostei.

Quando embacamos no avinhão para Dubai era bem grande. Então serviram muitas comidas para a gente. Eu estava com muita fome. Rezei para Deus nos proteger muito bem. e ele protegeu. e cheguemos muito bem. Fiquei surpresa com as pessoa com quem eu fui. Eram como meus pais. me trataram bem e meu treinador me tratando como se eu fosse seu bebê. Isso eu nunca esperava. Esse foi meu primeiro dia.

Quando cheguemos em Dubai as coisas foram diferentes. cada um por si. Depois disso embarcamos no último avinhão para nos levar em Roncha. rezamos para chegar bem. Um avião voou. Dessa vez estava muito longe do chão. Acho que dessa vez eu quase toquei o céu. as nuvens eram bonita. então me serviram comida que nunca vi e eu não tava acostumada com aquela comida. fiquei enjoada. queria vomitar. Então chegamos muito bem. Foram nos receber no aeroporto.

Então nos deram quartos.

A cerimônia de abertura da Olimpíada de Xadrez 2010 acontece numa arena de gelo. Phiona nunca viu gelo. Há lasers e mamutes-lanosos e dançarinos dentro de bolhas e pessoas fantasiadas de peças de xadrez, rainhas e bispos e peões, em cima do gelo. Phiona vê aquilo tudo acontecendo com as mãos nas bochechas, como se estivesse no país das maravilhas. Ela pergunta se isso acontece todas as noites nesse lugar e lhe respondem que não, que a arena normalmente serve como um lugar para jogos de hóquei, shows, circos. Phiona nunca ouviu falar de nenhuma dessas coisas.

Ela volta para o hotel, que, com seus 15 andares, é de longe o prédio mais alto no qual Phiona já entrou. Ela anda de elevador trêmula de animação, como se ele fosse uma montanha-russa de parque de diversões. Phiona fica olhando pela janela de seu quarto de hotel durante meia hora, impressionada com como as pessoas na rua parecem pequenas a seis andares

de altura. Então ela toma uma chuveirada demorada e quente, tentando o melhor possível se lavar de seu lar na favela.

Na tarde seguinte, quando entra pela primeira vez no local da competição, um enorme estádio de tênis repleto de centenas de tabuleiros de xadrez novinhos em folha, de ponta a ponta, ela imediatamente nota que, aos 14 anos de idade, está entre os competidores mais jovens num torneio que tem mais de 1.300 participantes de 141 países. Ela ficou sabendo que essa é a maior reunião de talentos do xadrez já organizada. Isso deixa Phiona nervosa. Como poderia não deixar? Ela está jogando por seu país, Uganda, contra outras nações, mas não está mais jogando contra outras crianças como faz em Katwe. Está jogando contra mulheres adultas, e, conforme sua primeira partida se aproxima, enquanto tem dificuldades para encontrar sua mesa por ainda estar aprendendo a ler, ela fica pensando: "Pertenço a esse lugar?"

Sua primeira oponente é Dina Kagramanov, campeã nacional do Canadá. Kagramanov, nascida em Baku, Azerbaijão, lar do antigo campeão mundial de xadrez Garry Kasparov, aprendeu a jogar aos seis anos de idade com seu avô. Ela está competindo em sua terceira Olimpíada e, aos 24 anos de idade, joga xadrez competitivo há mais tempo que Phiona vive. Não havia como as duas serem mais diferentes, essa mulher branca que usava as peças pretas contra essa garota negra que jogava com as brancas.

Kagramanov se aproveita da inexperiência de Phiona para montar uma armadilha na abertura do jogo e ganha vantagem de um peão. Phiona se senta inclinada para a frente, debruçada agressivamente sobre o tabuleiro como geralmente faz, com as mãos na testa, como se pudesse fazer suas peças irem para uma posição estratégica melhor só usando sua mente. Ainda assim, é a vencedora que sai impressionada do jogo.

— Ela é uma esponja — diz Kagramanov. — Ela absorve qualquer informação que você dá e a usa contra você. Qualquer um pode aprender jogadas e como reagir a essas jogadas, mas raciocinar como ela faz na idade que tem é um dom que lhe confere potencial para ser grandiosa.

21 de setembro de 2010

Querida mamãe,

Escrevo para você sob o poderoso nome de Jesus Cristo. Escrevi esta carta para informar você que essa dia não está bom e que tava chovendo de manhã e agora estar muito frio. Não quero comer nada. Não estou acostumada com esse tipo de comida. Sempre que chego a hora do café da manhã fico enjoada e sinto como se vou vomitar. Mas vamo rezar para Deus que eu fique bem. O que gostei desse dia foi que nos deram muitos presentes, mesmo se eu perdi o primeiro jogo, mas vou ganhar outros eu prometo para você, mãe. Meu treinador está encorajando para jogar muito bem. Mas tenho certeza de que não vou desapontar ele. Vou fazer o meu melhor. Vou ganhar cinco jogos mesmo se estar jogando com mulheres fortes. Rezo a Deus para fazer minha promessa ser possível. Em nome de Jesus, amém.

Phiona tem sorte de estar aqui. O time feminino de Uganda nunca participou de uma Olimpíada de Xadrez antes porque o país nunca pôde pagar. Mas este ano, o presidente da FIDE, Federação Internacional de Xadrez, conseguiu fundos para todo o time de Uganda viajar para as Olimpíadas na esperança de conseguir votos no país em sua campanha de reeleição. Phiona precisa de chances como essa.

Ela chega adiantada para o segundo dia de partidas, porque quer explorar. Ela vê mulheres afegãs usando burcas, indianas de sáris, e bolivianas de ponchos e chapéus-coco pretos. Vê uma jogadora cega e se pergunta como aquilo é possível. Ela nota uma iraquiana se ajoelhar de repente e começar a rezar para algum lugar chamado Meca.

Quando caminha até sua mesa, Phiona é parada pela segurança e lhe pedem sua credencial de jogadora para provar que ela realmente está entre os participantes, talvez porque aparente ser tão jovem, ou talvez porque com seus cabelos curtinhos, suéter largo e calças de moletom, ela possa ser confundida com um menino.

Antes de sua partida seguinte, contra Yu-Tong Elaine Lin, de Taiwan, Phiona tira seus tênis. Ela nunca jogou xadrez de sapatos. Lin é estoica, encarando apenas o tabuleiro, como se Phiona nem estivesse lá. No meio do jogo, Phiona comete um erro tático que a faz perder dois peões. Mais tarde,

Lin comete um erro semelhante, mas Phiona não o percebe até ser tarde demais, perdendo uma oportunidade que poderia ter virado o jogo a seu favor. Daquele momento em diante, Phiona fica olhando longe, mal conseguindo suportar olhar as peças que restam no tabuleiro, arrasada, enquanto o restante das jogadas se desenrola previsivelmente e ela perde um jogo que sabe que deveria ter ganhado.

Phiona deixa a mesa e sai correndo na direção do estacionamento. O treinador Robert a alertou para nunca sair desacompanhada, mas Phiona entra num ônibus sozinha e volta para o hotel, indo direto para o quarto chorar no travesseiro como uma típica adolescente. Mais tarde, naquela mesma noite, seu treinador tenta reconfortá-la, mas Phiona está inconsolável. Foi a única vez que o xadrez a fez chorar. Na verdade, apesar da vida extraordinariamente difícil que tem suportado, Phiona não consegue se lembrar da última vez que chorou.

Abertura

1

Terra dos sapos

Ela não teve escolha. Nakito Jamidah teve quatro filhos sem ser casada, incluindo gêmeos que morreram durante o parto, e não foi mais bem-vinda na casa de seus pais, na pequena vila ugandense de Namilyango. Jamidah trabalhava como cozinheira na escola primária Lugala, a mesma escola que abandonara uma década antes, aos oito anos de idade, mas nem assim conseguia sustentar os dois filhos que sobreviveram, que moravam com os avós. O pai dos filhos de Jamidah, que mantinha relacionamentos com diversas outras mulheres, havia sido soldado e era um bêbado violento que com frequência agredia fisicamente Jamidah, até ela finalmente deixá-lo. Então um dia ele chegou à escola Lugala bêbado e raivoso e chutou uma panela cheia de mingau fervendo em cima de Jamidah, causando-lhe queimaduras graves. Jamidah temia por sua vida. Ela precisava ir embora.

Então ela foi para a cidade.

Quando Jamidah chegou a Kampala, a vasta, congestionada e empoeirada capital, em 1971, Uganda estava uma bagunça e prestes a ficar ainda pior. A pequena nação do Leste da África, delimitada pelo Quênia a leste, Sudão ao norte, República Democrática do Congo a oeste, e Tanzânia, Ruanda e Lago Vitória ao sul, tornara-se independente da Grã-Bretanha havia nove anos, e a ex-colônia estava sofrendo das mesmas dores que quase todas as suas novatas irmãs africanas. O mapa colonial da África

havia sido desenhado ao acaso, como se por crianças com lápis de cera. As quatro tribos principais de Uganda, que não compartilhavam sua cultura, língua nem costumes, mas que previamente haviam sido ligadas por um inimigo colonial em comum, não conseguiam mais viver em harmonia dentro das fronteiras artificiais. Uganda definhou em um constante estado de guerra civil.

A história da política pós-colonial de Uganda é a de um tenente que trai seu general. No mesmo ano em que Jamidah chegou a Kampala, Idi Amin, comandante do exército de Uganda, depôs o presidente de Uganda, Milton Obote num golpe de estado. Amin se tornaria o mais maléfico ditador da história da África.

Desistente de escola primária e ex-campeão nacional do boxe, Amin se juntara ao exército colonial King's African Rifles em 1946 como ajudante de cozinha, antes de se alistar na infantaria e subir de posição, provando seu desejo de triunfar a qualquer custo moral durante brutais campanhas militares no Quênia e na Somália. Imediatamente depois do golpe de estado, Amin prometeu eleições livres. Nunca aconteceram. Uma semana após o golpe, Amin se declarou presidente de sua nação e acabou se autointitulando "Sua Excelência, Presidente Vitalício, Marechal de Campo Al Hadji dr. Idi Amin Dada, Victoria Cross, Distinguished Service Order, Military Cross, Conquistador do Império Britânico na África em geral e em Uganda em particular". Amin também se referia a si mesmo notoriamente como o "Senhor de todas as Bestas da Terra e dos Peixes do Mar".

Amin era conhecido por mandar ugandenses brancos carregá-lo num trono e se ajoelharem diante dele enquanto fotógrafos dos jornais capturavam a cena para que o mundo visse. Ele elogiava como Hitler tratou os judeus, ameaçou guerrear com Israel, insultou outros líderes mundiais, e torcia o nariz para os antigos supervisores coloniais de Uganda ao oferecer se tornar Rei da Escócia e liderar os escoceses na sua independência legítima da Inglaterra. Ele se aliou ao ditador libanês Muamar Kadafi e tinha apoio da União Soviética. Amin reinou através do terror, e seu regime foi responsável por matar seus inimigos políticos e étnicos, tanto os reais quanto os imaginados, num massacre horripilante que tirou a vida de cerca de

quinhentos mil ugandenses. Circulavam até rumores de Amin ser um canibal que consumia os órgãos de suas vítimas.

O reinado de oito anos de Amin devastaria a economia de Uganda. Em 1972, Amin exilou dezenas de milhares de mercadores indianos imigrantes de quem a infraestrutura financeira do país dependia, e entregou suas lojas para seus soldados, que vendiam 17 camisas por 17 xelins ugandenses porque não tinham conhecimento sobre a atividade. Tendo banido a classe de empresários, a economia do país degringolou, deixando metade da população definhando abaixo da linha da pobreza internacional. Amin nacionalizou a terra do país, expulsando os aldeões ugandenses de suas fazendas ancestrais e motivando outras tribos a se rebelarem contra ele e sua tribo Kakwa. Pessoas inundavam Kampala em busca de qualquer tipo de segurança. Ao chegarem, muitos eram expulsos para uma favela chamada Katwe, onde ninguém mais queria estar.

Jamidah e dois de seus filhos, Hakim Ssewaya e Moses Sebuwufu (em Uganda, os sobrenomes são originários do clã do pai), alugaram um quartinho em Katwe, perto de um posto de gasolina onde Jamidah vendia álcool em uma barraca perto das bombas de gasolina. Quando ela começou a dever o aluguel e a temer um despejo, um de seus clientes lhe contou sobre um velho na base da colina, no pântano, que estava pensando em vender lotes de terra baratos.

— Por mais que minha mãe quisesse ir conhecer esse homem — diz Hakim —, ela tinha medo da região porque era cheia de mato e ninguém arriscava ir até lá.

Entretanto, Jamidah finalmente marcou de conhecer o homem, Qasim, em Nasser Road, onde ele trabalhava emendando jornais em pedaços que eram compactados em serrapilheiras para fazer colchões. Qasim era da Tanzânia, e contou a Jamidah que trabalhava como servente para Kabaka, o rei da região de Buganda e sua tribo Baganda, cujas terras ancestrais incluem Kampala e grande parte da área ao redor no sul de Uganda, e de onde a nação leva o nome. Qasim explicou a Jamidah que estava trabalhando no palácio de Kabaka no alto da colina nos anos 1960, quando um dos chefes de Kabaka lhe ofereceu aquela terra, achando que ela não

tinha valor pois todos os membros do Baganda eram orgulhosos demais para querer dormir num pântano.

Jamidah concordou em se encontrar com Qasim mais uma vez, dessa vez na terra dele, onde ambos visitaram um pequeno pedaço de terra, e, em 1971, Jamidah tornou-se a primeira pessoa a comprar um pedaço das planícies de Katwe. Ela comprou seu lote por 1,2 centavo, mas só conseguiu dar uma entrada de 0,8 centavo. Jamidah teria que trabalhar durante meses para pagar o restante.

Katwe era uma área com cerca de quatro quilômetros quadrados cheia de mato, capim-elefante, mangueiras, inhames e incontáveis sapos. Toda noite os sapos berravam um ruído cacofônico tão alto que era difícil para Hakim e Moses dormirem. Jamidah começou a se referir à área reivindicada por Qasim como Nkere, que significa "terra dos sapos", e finalmente seria reconhecida como uma das 19 zonas que formam a enorme favela conhecida como Katwe.

Qasim era um velho excêntrico que usava uma vestimenta feita de meias costuradas, enfiava moedas nas orelhas e nunca usava sapatos. Sua casinha ficava dentro de um matagal de árvores e era cercada de colmeias e serpentes. Hakim suspeitava que Qasim, que alegava ter mais de oitenta anos de idade, era um feiticeiro.

A terra de Jamidah ficava a pouca distância da casa de Qasim, então Qasim frequentemente pedia para que o jovem Hakim buscasse água fresca ou o ajudasse a preparar uma cabeça de vaca recém-esquartejada para comer, enquanto contava histórias sobre como o Kabaka mobilizara suas forças para lutar contra outras tribos. Toda noite Qasim fazia uma fogueira em seu pequeno barraco e cantava numa língua misteriosa que Hakim não entendia.

Um dia, a mãe de Hakim foi subitamente forçada a deixar sua barraca no posto de gasolina porque o estabelecimento fora comprado por um imigrante indiano que se recusava a deixar uma mulher negra trabalhar lá. Então Jamidah se escondia debaixo de árvores próximas para vender seu álcool. Quando Idi Amin baniu os indianos de Uganda, o posto de gasolina foi devolvido a um ugandense negro, e Jamidah voltou a trabalhar nele. Seu negócio cresceu e ela conseguiu melhorar seu barraco em seu pequeno lote

para que tivesse três cômodos. Ela substituiu o telhado de folhas de papiro por folhas de alumínio para conter melhor as frequentes tempestades. Ela até conseguiu mandar Hakim para a escola secundária St. Peter's, acima da colina em Nsambya, onde ele jogava futebol tão bem que ficou conhecido como o Pelé da St. Peter's.

Então, em 1980, uma das guerras civis de Uganda chegou a Katwe. Como Katwe é vista pela maioria dos ugandenses como uma espécie de ponto cego, a favela tornou-se o território perfeito de matanças. Tropas ugandenses matavam aleatoriamente qualquer um que vagamente suspeitassem ser um rebelde. Um dia, os soldados atiraram na avó de Hakim, Mariam Nakiwala, que ficou do lado de fora do barraco da família sangrando até morrer, Hakim incapaz de ajudá-la. Ele ficou dentro do barraco com uma das mãos sobre a boca de seu sobrinho de dois anos, Simon, sabendo que, se um dos dois fizesse algum barulho, eles seriam assassinados por serem testemunhas. Hakim e sua família acabaram fugindo para outra parte de Katwe durante um ano, onde regularmente viam pessoas sendo queimadas vivas. Soldados queimaram um dos melhores amigos de Hakim tão agressivamente que tudo que restou dele foi sua perna.

No entanto, a ameaça mais constante em Katwe sempre fora a água. Durante toda a sua vida na favela, Hakim olhou para o céu com apreensão. Como Katwe é um pantanal natural e o lençol freático é alto, quase toda chuva inunda a região. Às vezes as enchentes subiam tanto que Hakim precisava subir no telhado, e podiam se passar dias antes de poder entrar em casa de novo para pensar em fugir.

Jamidah, que morreu em 1994, acabou tendo dez filhos de três pais diferentes, mas apenas Hakim e Moses sobreviveram. Hakim trabalha para uma companhia de táxis e continua tão desesperadamente pobre quanto no dia em que chegou à favela. Sua esposa abandonou a ele e a seus seis filhos alguns anos antes, depois de uma enchente particularmente grande que submergiu completamente sua casa durante diversos dias, mas Hakim ficou porque aquele é o único lar que já conheceu.

— Eu me sinto tão preocupado com o futuro da minha família que, toda vez que deito a cabeça no travesseiro para dormir, o sono não vem — conta Hakim. — Preciso usar camisas rasgadas para economizar o que conseguir

para a família. O que mais me tira do sério é não ter nada para meus filhos. Quando eu morrer, não sei como eles vão continuar. Já na manhã seguinte eles não conseguirão nem comprar açúcar.

Hakim Ssewaya acredita ter cerca de 48 anos de idade e morar em Katwe há quatro décadas. Durante seus primeiros 15 anos lá ele viu dez diferentes transições de poder no governo de Uganda. Cada vez que um novo líder assumia, integrantes de sua tribo entravam em Katwe esperando tirar vantagem por ter um de seus companheiros de tribo no poder. Finalmente, em 1986, em mais um golpe, Yoweri Museveni tornou-se presidente e permaneceu naquela posição desde então — o povo de Uganda ficou pouco satisfeito, mas estava cansado de rebeliões e guerras como agentes de mudança ineficazes.

— Quando a guerra acabou em 1986, as pessoas começaram a fugir de volta para Nkere — diz Hakim. — Muitas pessoas tinham fugido da região para outro lugar de Katwe por causa da guerra, mas assim que perceberam que as lutas haviam terminado, elas voltaram. Parecia que haviam partido como indivíduos, mas voltado em três. Você pode se perguntar: "Por que tantas pessoas viveriam nesse tipo de lugar miserável e não iriam embora?" Porque é um lugar cheio de pessoas sem outro lugar para ir.

Eles vieram. Eles vieram. Eles vieram.

Quando Qasim morreu, ele havia vendido toda a sua terra, de pequeno lote em pequeno lote, para centenas de proprietários diferentes, até quase não haver mais espaço para enterrá-lo. Seu túmulo agora é uma vala de esgoto.

Pessoas de aldeias remotas de toda Uganda iam para Kampala porque acreditavam que a vida era melhor na cidade, onde tinham acesso à eletricidade e melhores hospitais e escolas. Elas iam porque há um limite de vezes em que a terra de um ancestral pode ser doada para os filhos de uma nova geração antes de não haver mais terra para cultivar, ou simplesmente porque Idi Amin tomara suas terras e elas não conseguiram recuperá-las.

Vinham porque descobriram que ajuda estrangeira chega antes aos habitantes das cidades e muitas vezes jamais chega às partes rurais. Vinham para escapar das guerras que geralmente eram travadas no matagal. Vinham em busca de tratamento para a aids que, em seu apogeu, havia atingido aproximadamente 15 por cento da população adulta de Uganda, disseminada em grande parte através de sexo sem proteção. Elas vinham porque não existia dinheiro nas aldeias e se sentiam de certa forma ricos ao tocar em alguns xelins todos os dias, mesmo que ganhassem menos que o necessário para sobreviver.

Então elas vinham. Mas e depois?

— É uma armadilha — diz John Michael Mugerwa, um bispo pentecostal e nativo de Uganda que trabalhou em Katwe por quase três décadas. — Você abandona sua aldeia com grandes sonhos porque associa tudo o que é bom e agradável e próspero com a cidade, e as pessoas fazem qualquer coisa para chegar a ela, só para então descobrir que não era bem como pensavam. Dinheiro não nasce em árvores em Kampala. A armadilha é que, quando você sai da aldeia para ir para a cidade, você fez uma promessa a todos em casa de que vai ter uma vida melhor. Muitas vezes vendeu tudo o que tinha para vir, então não há nada para o que voltar.

E depois?

— Imagine que você não tem nenhuma habilidade a não ser agricultura de subsistência, cuidar da terra, plantar sementes, tirar ervas daninhas, e que não teve educação formal, nem aprendeu outras habilidades que sirvam na cidade — continua Mugerwa. — Quando você chega a Kampala, se torna quase um fugitivo, não por ter feito algo de errado, mas porque não tem nada para fazer, então precisa ir para algum lugar onde não será facilmente detectado e não cairá nas mãos erradas da lei. Geralmente isso vai te levar a um lugar onde a vida é obscura, onde ninguém vai perguntar quem você é, ou de onde veio, nem sequer notar que você existe.

Então eles vinham. E ficavam. E precisavam de um lugar onde se perder.

Katwe.

A maior das oito favelas em Kampala, Katwe (kot-WAY) é um dos piores lugares do planeta. A favela frequentemente está tão inundada que

muitos de seus habitantes dormem em redes suspensas próximas a seus telhados para não se afogarem. O esgoto corre pelas valas que margeiam os becos da favela, e as enchentes o carregam para dentro dos barracos das pessoas. Os dejetos humanos da cidade vizinha de Kampala também são despejados diretamente em Katwe. Não há serviço sanitário. Há moscas por toda parte. O mau cheiro é repugnante.

Quando não está inundada, a terra de Katwe é cheia de sujeira, imunda de esgoto. Nada cresce ali. Cachorros de rua, ratos e gado competem com os humanos para sobreviver num espaço confinado que se torna mais cheio a cada dia. Existem lares em qualquer lugar que tenha um espacinho para construir uma cabana improvisada, pelo menos até um empreiteiro decidir que a terra pode ter algum valor e a área ser incendiada. Pessoas são despejadas de suas habitações através de um incêndio controlado.

Em Katwe, dizem que "água corrente" é a água que você tem que correr pela favela para buscar, seja de um poço comunitário sujo ou de uma poça fétida. Eletricidade é cara demais para a maioria dos residentes de Katwe, isso quando é acessível. Senhorios aparecem periodicamente com um saco cheio de cadeados, e qualquer um que não consiga pagar o aluguel é trancado fora de casa.

Katwe não tem placas de rua. Nenhum endereço. É um labirinto de becos esburacados e cabanas dilapidadas. É um lugar onde o tempo é medido através da sombra que seu corpo projeta no chão. Não existem relógios. Nem calendários. Como fica a apenas alguns graus da linha do Equador, Katwe não tem estações, o que amplifica a repetitiva, quase apática, natureza do cotidiano. Cada dia é exatamente como o seguinte. A sobrevivência em Katwe depende de coragem e determinação, assim como astúcia e sorte. Durante o regime de Amin, quando Uganda passou por um embargo de comércio exterior, Katwe ficou conhecida como uma meca para peças de reposição. Qualquer coisa que pudesse ser vendida no mercado negro podia ser encontrada em Katwe, onde as pessoas desenvolveram uma desenvoltura vital em meio à escassez.

Se você mora em Katwe, o restante da população de Uganda prefere que você continue lá. Nos bairros mais estáveis que cercam Katwe, casas e postos de gasolina e supermercados são patrulhados por seguranças uniformizados

com AK-47s. Os arranha-céus do centro de Kampala podem ser vistos de qualquer habitação de Katwe, a apenas alguns passos de distância. As crianças da favela se aventuram para a cidade diariamente para pedir esmolas ou furtar, e em seguida voltam para Katwe à noite para dormir.

Em Katwe, a vida é tão transitória que frequentemente é difícil identificar quais crianças pertencem a quais adultos. É uma população de mães solteiras e seus filhos espalhados aleatoriamente pelos barracos. Todos estão sempre se mudando, mas ninguém jamais vai embora. Dizem que se você nasce em Katwe, morre em Katwe. Mortes por doença, violência, fome ou abandono afetam a todos da favela, mas tragédias individuais não recebem atenção, considerando que ocorrem com tamanha frequência. A maior parte das crianças de Katwe não têm pai, e os homens em suas vidas muitas vezes batem ou abusam delas. As mulheres de Katwe não são valorizadas pelos homens por muita coisa além de sexo e cuidar dos filhos. Muitas das mulheres na favela são profissionais do sexo que acabam engravidando, mas não podem parar de trabalhar. Elas precisam deixar seus filhos trancados no barraco à noite e não é incomum voltarem para casa de manhã e descobrirem que seus filhos se afogaram numa enchente ou morreram num incêndio após esbarrarem na lâmpada de querosene que estavam usando como luz noturna.

O bispo Mugerwa estima que quase metade de todas as adolescentes de Katwe já sejam mães. Devido em grande parte à falta de acesso a métodos de controle de natalidade em Katwe e suas favelas vizinhas, Uganda é agora o país mais jovem do mundo, com uma idade média de 14 anos. A prodigiosa natalidade produz legiões de jovens sem uma infraestrutura forte o suficiente para criá-los ou educá-los. Muitos se tornam desabrigados sem esperanças, achando que se desaparecessem ninguém sequer sentiria sua falta. A juventude de Katwe enfrenta um estigma esmagador, uma sensação de derrota e uma resignação de que jamais se sairão melhor do que os outros na favela. Sucesso é secundário à sobrevivência.

— O que nós temos são crianças criando crianças — diz Mugerwa. — Isso é conhecido como uma corrente de pobreza. A mãe solteira não consegue sustentar a casa. Seus filhos vão para as ruas e têm mais filhos e

não têm capacidade de cuidar dessas novas crianças. E um ciclo de miséria quase impossível de quebrar.

Quando Harriet Nakku chegou a Katwe em 1980, a confusão de barracos decrépitos entupidos de gente ia até onde a vista podia alcançar em todas as direções.

Não havia mais sapos.

Harriet Nakku não foi desejada. Não foi planejada. Um erro, como tantas outras crianças de Uganda, se é que é razoável chamar uma criança nascida sem nenhum método contraceptivo de erro. Melhor dizer que Harriet foi uma criança que seus pais desejavam que não tivesse sido concebida. Sua mãe, Kevina Nanyanzi, não era casada com seu pai, Livingstone Kigozi, que tinha diversas outras esposas. Nanyanzi costumava se encontrar com Kigozi secretamente. Um desses encontros gerou Harriet.

Harriet nasceu em Seeta, aldeia de seu pai, a 15 quilômetros de Kampala. Harriet acredita que tenha sido por volta de 1969. Como era uma criança ilegítima, Harriet nasceu na casa da irmã de Nanyanzi. Nanyanzi se mudou então com Harriet para a casa de sua tia na aldeia vizinha de Nantabulirirwa. Harriet lá ficou com sua mãe até os cerca de seis anos de idade e estar pronta para ir à escola, e foi quando Nanyanzi devolveu a garota a seu pai porque não podia pagar pela escola da filha.

— Fiquei na casa do meu pai com meus irmãos e irmãs de criação, e meu pai costumava nos deixar lá com a madrasta durante semanas sem suporte algum, porque ele costumava sustentar suas outras mulheres em outros lugares — diz Harriet. — Meu pai era um mulherengo. Ele tinha um péssimo caráter. Só conseguia gostar dele mesmo. Como eu não era realmente parte da família, não foi muito fácil, então meu pai resolveu me levar para minha avó.

Harriet ficou com sua avó, Miriam, até ficar doente. Harriet ficou cheia de feridas e bolhas por todo o corpo que Miriam não podia pagar para tratar. Então Harriet foi mandada de volta para a sua mãe. Nanyanzi havia

se mudado para Katwe, onde trabalhava cozinhando mandioca, que é rica em nutrientes e uma das comidas típicas de Uganda, para vender em uma barraca na rua à noite. Quando a saúde de Harriet melhorou com os remédios de uma clínica local gratuita, ela começou a ajudar sua mãe a cozinhar milho e servir para os clientes. Harriet começou a estudar, mas duas vezes foi forçada a parar porque sua mãe não conseguia pagar. Harriet terminou apenas seu segundo ano da escola primária antes de Nanyanzi a mandar de volta para seu pai em Seeta, na esperança de que ele continuasse a pagar pela educação de Harriet. Kigozi não o fez, e Harriet definhou na aldeia por diversos anos.

— Desde a minha infância, eu costumava não gostar de mim mesma — confessa Harriet. — Eu não era aquele tipo de pessoa que simplesmente se divertia. Não me lembro de algum dia ter sido feliz.

Quando Harriet tinha cerca de 12 anos de idade, sua mãe a levou de volta para Katwe. Harriet recomeçou o ciclo, entrando e saindo da escola, constantemente prejudicada pela falta de fundos, até finalmente sair de vez durante o quarto ano da escola primária, conhecido em Uganda como P4.

— Quando era criança e estava na escola, tinha vontade de ser enfermeira — revela Harriet. — Sempre as admirei. A roupa que elas vestiam e o estilo de vida que tinham. Eu admirava tudo nelas. Fiquei muito triste quando tive que abandonar os estudos. Eu não tinha nenhuma esperança de estudar depois de crescer porque saí da escola numa série mais baixa. Seria embaraçoso estudar com os mais novos.

Harriet saiu da escola antes de aprender a ler ou sequer escrever seu próprio nome.

Ela voltou para a barraca de comida de sua mãe. Um dos clientes frequentes de Harriet era um homem mais velho, Godfrey Buyinza, que não morava muito longe de sua barraquinha em Katwe. Buyinza parava lá diariamente para comer e conversar com Harriet, geralmente dando uma pequena gorjeta para ela. A gorjeta era um aliciamento, uma forma de sedução nas favelas. Harriet começou a visitar Buyinza no seu local de trabalho e às vezes passava noites com ele na esperança de continuar ganhando seus favores. Em Katwe, a linha entre cortejo e prostituição frequentemente é tênue.

Naquela época, Buyinza tinha 37 anos de idade, e Harriet tinha 15. Buyinza tinha uma esposa de quem havia se separado e três filhos numa aldeia vizinha, e dinheiro suficiente para expandir sua família. Em Uganda, homens como Buyinza são conhecidos como "papaizinhos".

— Aquele homem sabia ser um bom amigo e comecei a passar mais tempo com ele — conta Harriet. — Então o prendi. Acho que haviam se passado seis meses que eu o estava encontrando e foi então que engravidei.

Harriet acredita que tinha 16 anos quando deu à luz seu primeiro filho. Sua filha nasceu por volta da meia-noite, então Harriet a chamou de Night. Era época da Guerra Civil de Uganda, e Buyinza voltou para sua aldeia nativa, Buyubu, por Katwe estar tão instável e seus homens estarem sendo regularmente abduzidos e forçados a se juntarem à luta. Harriet e Night ficaram com Nanyanzi durante meses, até Nanyanzi flagrar Buyinza de volta em Katwe.

— Minha mãe costumava me perguntar: Onde foi parar o pai de seu filho? — diz Harriet. — Então quando o homem voltou, minha mãe me expulsou e precisei ir morar com o homem.

Buyinza alugou uma casa nos arredores de Katwe, ao longo de Salaama Road, e os três se mudaram como uma família quando Night tinha cerca de um ano de idade. Buyinza trabalhava como soldador. Harriet conseguiu um emprego numa escola primária chamada New African Child, onde fazia mingau e vendia comida na cantina da escola.

— A princípio, a situação não estava tão ruim; apesar de não estarmos bem de vida, pelo menos conseguíamos alguns dos requisitos básicos para a sobrevivência — diz Harriet. — Vivíamos bem em nossa casa e às vezes ele conseguia me levar para visitar sua aldeia natal. Ele não causava muita encrenca porque não era viciado em drogas, não fumava nem bebia. Era apenas fã de futebol. Naquela época estávamos todos saudáveis. Para mim era uma vida boa.

Durante os dez anos seguintes em Salaama Road, Harriet deu à luz mais três crianças: Juliet, Brian e Phiona. Buyinza se mostrou um pai dedicado que frequentemente ia em casa na hora do almoço e levava seus filhos para comer e lhes dava um doce de cana de presente de uma barraquinha de rua.

`

A noite, a família ia às vezes ao *video hall* ver um filme ou dar uma caminhada para assistir a um jogo de futebol da vizinhança.

— Uma coisa que sempre lembro a respeito de nosso pai é que ele nos amava muito — conta Brian. — À noite, eu costumava escutá-lo conversando com nossa mãe sobre o quanto ele gostava de passar tempo com a gente.

Dois meses após dar à luz seu quinto filho, Richard, Harriet notou que a aparência de Buyinza começara a mudar. Ele estava ficando esquálido. Ele parou de comer.

— Fiquei preocupada e perguntei a ele: "Está doente? Não precisa ir ao hospital?" Ele não me contava nada. Ele dizia: "Está tudo bem." Mas ele só piorava. Então um dia ele desapareceu. Eu não tinha ideia de onde ele estava. Ele nos deixou sem nada além do dinheiro para um dia. Fiquei magoada porque ele me dissera que não estava doente, então achei que simplesmente havia nos abandonado.

Harriet penou em Salaama Road sem seu marido. O aluguel não estava sendo pago e, como ela largara seu emprego durante a gravidez, Harriet não tinha mais renda. Ela finalmente foi despejada e levou as crianças para a casa de sua mãe. Harriet vendeu os pertences da família para alimentar seus filhos.

Um dia, na primavera de 1999, cerca de três meses depois de Buyinza partir, Harriet recebeu a visita de uma das filhas de Buyinza de seu primeiro casamento, que revelou a Harriet que seu marido estava gravemente doente. A filha disse que Buyinza estava de volta em sua aldeia natal, e que Harriet e seus filhos precisavam ir para lá imediatamente, e então ela deu a Harriet algum dinheiro para levar a família até Buyubu. Todos ficaram chocados com a rapidez com que Buyinza se deteriorara. Ele parecia um cadáver ambulante, sem conseguir falar, apenas capaz de choramingar quando estendia uma das mãos para tocar seu bebê, Richard.

— Quando cheguei à aldeia, nem consegui reconhecer se ele era meu marido de tão magro que estava — diz Harriet. — Tentei cuidar dele, mas a situação estava perdida. Naquele momento me dei conta de que ele estava com aids.

Buyinza sabia que estava morrendo de aids e não conseguiu contar a Harriet por temer a reação dela ao imaginar que poderia ter contraído a doença também. Quatro dias após a sua esposa e seus filhos chegarem a Buyubu, Godfrey Buyinza morreu.

— Depois do enterro, a família de meu marido me disse que eu não tinha condições de cuidar das crianças — conta Harriet. — Inicialmente recusei, mas eles me convenceram a deixar as crianças lá para terem alguma estabilidade e eu poder voltar à Katwe sozinha para planejar o que poderíamos fazer.

Então Harriet voltou para Kampala com Richard. Ela estava de volta a Katwe há apenas três semanas quando a filha de Buyinza apareceu uma vez mais para chamar Harriet a Buyubu porque sua segunda filha, Juliet, tinha ficado doente. Quando Harriet chegou, Juliet já estava morta.

— Talvez Juliet tenha ficado chocada com a morte de seu pai porque o amava muito — supõe Harriet. — Pode ter sido malária, mas acredito que ela não queria continuar vivendo sem ele.

Juliet foi enterrada ao lado de seu pai no cemitério da família em Buyubu.

Harriet buscou o restante de sua família e os levou de volta para o barraco de sua mãe na favela. Harriet temia por sua vida. Ela acreditava também ter aids e se perguntava se viveria o bastante para criar seus quatro filhos sobreviventes. Harriet começara até mesmo a considerar suicídio, em vez de sofrer do mesmo terrível destino que seu marido. Na primeira noite da família de volta a Katwe, Harriet se aninhou com Night, Brian, Phiona e Richard no chão de terra do barraco de sua mãe.

— Se é para eu morrer — sussurrou ela para eles —, que eu possa morrer com vocês, meus filhos.

2

Katende

"Não tenho nenhuma lembrança de meu pai", diz Katende. "Sou uma criança bastarda. Não sei onde nasci, nem quando. Meu nascimento não foi muito fácil. Minha mãe me concebeu quando ainda estava no ensino médio. Meu pai já era casado e tinha uma família. Mais tarde me contaram que sua esposa ficou muito zangada. Ela disse: 'Se um dia eu vir essa criança, vou matá-la.'"

Joseph Ssemakula era mais um papaizinho. Ele estava perto dos quarenta anos de idade quando passou de carro pela aldeia de Kiboga, 125 quilômetros ao norte de Kampala, numa manhã de 1981, e viu Firidah Nawaguma caminhando com alguns amigos na beira da estrada em direção à escola secundária Bamusuuta. Ssemakula ficou encantado com Firidah, de 14 anos. Ele parou seu carro e ofereceu às crianças uma carona até a escola.

— Havia um vale pelo qual as crianças costumavam passar antes de subir a colina até a escola — conta Aidah Namusisi, mãe de Firidah. — Aquele homem colocava minha filha no seu veículo para ajudá-la a passar por aquele vale e chegar à escola. Ele fazia aquilo diariamente. Era um

truque. As vezes eu estava na cama dormindo e ele vinha buscá-la sem eu saber para levá-la à escola, e foi esse o plano que ele armou.

Pouco depois, Joseph Ssemakula já estava planejando encontros com Firidah Nawaguma após a aula, e a jovem ficou grávida. Temendo a ira de sua mãe, Nawaguma fugiu de casa e começou a morar com um irmão mais velho.

— Tentei procurá-la e não consegui encontrar onde ela estava e então esse meu filho me contou que ela estava na sua casa — diz Namusisi. — Continuei a deixá-la com seu irmão porque fiquei com medo de ela fugir novamente e ir para algum lugar onde eu nem saberia como encontrá-la.

Então Nawaguma deu à luz na casa de seu irmão. Ela tinha 15 anos de idade e um filho. Ela o chamou de Katende, o nome tirado do clã de seu pai. Ssemakula já tinha uma esposa e cinco filhos em outra região de Kiboga e não pôde levar o menino para sua casa. Então Nawaguma e o bebê acabaram indo morar com Namusisi, mas a mãe adolescente rapidamente ficou sobrecarregada com o desafio que é criar uma criança.

— Assim que parou de amamentá-lo, ela me deu o menino — conta Namusisi. — Ela me disse: "Me deixe te dar seu neto e você fica com ele."

Inicialmente, Namusisi não entendeu por que Nawaguma desistiria de seu filho de oito meses, mas então descobriu que sua filha conhecera outro homem com um emprego estável no governo que queria se casar com ela e ajudá-la a terminar os estudos, e Nawaguma teve medo de o homem não aceitar seu bebê.

Então Katende foi morar com sua avó em Kiboga, junto com Julius Kiddu, uma criança que um dos filhos de Namusisi não conseguia sustentar. O trio levava uma vida simples. Quase todos os dias, Namusisi entrava no meio do matagal para colher bananas e vendê-las no mercado do vilarejo para ganhar o suficiente para dar às duas crianças uma refeição noturna que precisava ser feita antes de escurecer.

Namusisi, que tinha sessenta e poucos anos, estava cuidando de Katende e Kiddu em Kiboga há pouco tempo quando ouviu tiros ao longe pela primeira vez. O líder rebelde Yoweri Museveni e suas forças, o Exército de Resistência Nacional, estavam montando uma insurgência contra o presidente ugandense Milton Obote, que voltara ao poder em 1980. A

guerra civil ficaria conhecida como a Guerra Civil de Uganda. O maior palco da guerra seria uma região conhecida como Triângulo Luwero. Kiboga ficava bem no meio daquele triângulo. Os tiros de ameaça foram rapidamente seguidos pela chegada de caminhões que carregavam soldados armados.

— Os rebeldes tinham acabado de conquistar nossa área — conta Namusisi. — Então estávamos todos apavorados. Eu estava tremendo. Era uma guerra. Eu nunca havia visto soldados. Tinha essas duas criancinhas. Não sabia para onde ir. Não sabia o que fazer com elas. As chamei para virem até mim e elas ficaram sentadas bem pertinho de mim. Perguntei para elas: "Aonde podemos ir para nos esconder?" Mas elas ainda nem sabiam falar de tão novas que eram.

No dia seguinte, dúzias de veículos do exército ugandense cheios de soldados começaram a chegar de um distrito próximo. Eles vieram atrás de Museveni e estacionaram perto da casa de Namusisi. Os soldados fizeram perguntas a ela e a ameaçaram quando ela não respondeu, mas eles não estavam falando a língua dela, luganda. Em vez disso, falavam swahili, uma língua que ela não entendia.

Depois de algum tempo, Namusisi apontou para suas crianças e para seu jardim, implorando por permissão para colher algumas verduras para alimentá-los. Quando ela voltou do jardim, um grupo de rebeldes entrou no vilarejo e confrontou as tropas do governo. Uma troca de tiros começou.

— Larguei a comida, corri para a casa de um vizinho e comecei a rezar a Deus: "E minhas crianças?" — conta Namusisi. — Comecei a chorar porque achei que aqueles homens tinham matado as crianças. Mas os encontrei vivos. Então disse aos meninos: "O.k., vamos ficar sentados aqui. Daqui podemos morrer juntos. Eles vão encontrar nossos ossos aqui."

A batalha finalmente mudou para outra área e uma professora local foi até a cabana de Namusisi implorando para que ela fosse embora, insistindo que não seria seguro passar a noite em casa. Namusisi pegou um cobertor e uma panela e começou a caminhar, levando uma criança em cada braço. Inicialmente ela havia planejado ir ao hospital local, mas havia tropas do governo lá procurando por rebeldes feridos e Namusisi temia que pudessem reconhecê-la, então ela continuou caminhando até escurecer, quando

finalmente implorou para entrar na casa de um estranho. Os dois meninos e ela ficaram lá durante duas semanas, até ela voltar a seu barraco e encontrá-lo saqueado pelas tropas de Obote. Namusisi começou a morar em sua casa novamente até o dia em que um soldado do governo ugandense bateu em sua porta exigindo que ela o levasse até determinado vizinho. Namusisi achou que seria morta se recusasse. Uma vez que ela caminhava lentamente em direção à casa do vizinho, os soldados atiraram na direção de seus pés para fazê-la andar mais rápido.

Namusisi conta:

— Na manhã seguinte, um parente veio e me disse: "Você sabe que esse lugar não é favorável à gente. Viu como você quase morreu por nada? Precisamos ir ficar com outro tio. Eu vou primeiro tentar descobrir onde fica o esconderijo dele, e se encontrá-lo volto para buscar você e a gente fica com ele." Ele voltou mais tarde e ordenou: "Vamos imediatamente."

Namusisi deixou Kiboga com as duas crianças, Katende e Kiddu. Eles se depararam com bloqueios de ambos os lados da guerra, mas finalmente chegaram até o tio em território rebelde.

— Eu estava com as duas criancinhas e estávamos correndo com os rebeldes no meio do matagal — relembra Namusisi. — Eu tinha uma peça de roupa que costumava levar comigo para ajudar a cobrir as crianças. Eles dormiam numa parte dela e eu usava a outra para cobri-los. Se chovia, então simplesmente chovia na gente até parar de chover. Costumávamos procurar capim para usar no lugar de folhas de chá e comíamos frutos do mato. As crianças eram pequenas demais para entender qualquer coisa. Balas passavam acima de nossas cabeças e tudo que elas perguntavam era: "Você tem comida?"

Namusisi, Katende e Kiddu ficaram na selva sob a proteção dos rebeldes durante dois anos, se mudando constantemente, seguindo os movimentos da tropa.

— A gente podia acampar numa região por algum tempo, mas aí os rebeldes nos diziam que os soldados do governo estavam vindo e eles nos mandavam nos esconder em outro lugar. Às vezes andávamos dez ou 11 quilômetros de uma vez, mas eu precisava correr para salvar nossas vidas.

Estava sempre apavorada e costumávamos rezar juntos a sério, porque eu sabia que podíamos morrer a qualquer momento.

Finalmente, um dia, os rebeldes começaram a atirar para o alto. Quando Namusisi perguntou o que estava acontecendo, os rebeldes lhe contaram que haviam conquistado o Triângulo Luwero. As tropas do governo haviam cedido a área e agora era seguro voltar para sua casa em Kiboga.

— Quando voltamos à aldeia, as pessoas nos cumprimentavam como se fôssemos fantasmas — conta Namusisi. — Era como se tivessem concluído que estávamos mortos.

Toda vez que refugiados de guerra voltavam à Kiboga, lhes mandavam se registrar com o governo numa tentativa de determinar quem continuara vivo. Firidah Nawaguma, que estava trabalhando como enfermeira no hospital de Kiboga, descobriu que sua mãe e filho haviam voltado. Usando seu uniforme de enfermeira, ela foi encontrá-los de bicicleta no cartório. Inicialmente, Nawaguma passou pedalando direto por Katende, nenhum dos dois se reconhecendo. Mas, quando Nawaguma viu sua mãe, ela sabia qual dos dois garotos devia ser seu filho. Nawaguma soluçou de tanto chorar ao correr até Katende, erguendo-o com alegria e o abraçando. O jovem menino não tinha ideia de quem era a mulher até ela dizer:

— Meu filho, achei que estava morto.

Segurando seu filho no colo pela primeira vez em três anos, Nawaguma o levou para dentro do cartório para registrá-lo.

— Este é Katende — disse Nawaguma ao oficial. — Robert Katende.

Foi a primeira vez que Katende ouviu seu nome.

Durante o ano seguinte, Robert continuou a viver com sua avó, raramente vendo a mãe, mesmo ela morando a menos de dois quilômetros de distância. Era um filho bastardo, e o marido de sua mãe não permitia que Robert fosse à sua casa.

Depois de a guerra terminar, Namusisi voltou a vender bananas para ganhar um escasso sustento. Às vezes ela viajava para Kampala de caminhão

para vender sua fruta aos vendedores nos mercados ao ar livre da cidade. Como ela não podia pagar uma escola para Robert e Julius, e eles choravam se ela os deixasse sozinhos em casa, então ela os levava consigo. Os três viajavam em cima das bananas na caçamba do caminhão e, quando precisavam ir ao banheiro, Robert jogava uma banana por cima da frente do caminhão na estrada para sinalizar ao motorista. Aquelas viagens foram o primeiro contato de Robert com a vida moderna na cidade. Robert conta:

— Descobri que você toca numa parede e uma luz acende. Você toca na parede de novo e uma luz apaga. Pensei: "Hein? Como isso é possível?"

Outra vez, durante um dos comuns apagões de Kampala, Robert perguntou a sua avó:

— Quando a eletricidade acaba, como é que os carros continuam a funcionar?

Nawaguma acabou por deixar seu marido e quatro filhos e se mudou para Kampala, para a favela de Nankulabye, em busca de uma vida melhor. Ela também parou de trabalhar como enfermeira, esperando ganhar mais dinheiro junto com sua mãe, indo de Kiboga até a capital e voltando, fornecendo bananas para os mercados de Kampala. Durante uma das viagens de Robert para Kampala, Nawaguma disse a Namusisi:

— Deixe o menino aqui para ele poder começar a estudar.

Robert precisou de algum tempo para se ajustar à sua nova vida na cidade. Ele nunca usara sapatos antes, mas sua mãe insistiu para que ele usasse sandálias para não cortar seus pés nos cacos de vidro e outros restos que sujavam a favela. O menino reclamou amargamente da sensação de seus pés nas sandálias.

— A parte entre os dedos me machuca — reclamava Robert com sua mãe.

Nawaguma dava valor à educação e mandou Robert para a escola, onde ele começou a aprender inglês. Criado falando apenas luganda, o idioma mais falado em Uganda, Robert precisou de um tempo para alcançar as outras crianças, que já estavam na escola havia vários anos, mas com o tempo ele começou a se igualar ao nível delas.

— Minha mãe ficou orgulhosa de mim, especialmente da minha matemática — revela Robert. — Eu me saia muito bem com números.

Durante as férias, Nawaguma mandava Robert para Kiboga para entregar mercadorias para sua avó e outros parentes. Quando estava na aldeia, Robert tinha a chance de agir como um homem das florestas. Deram-lhe uma pequena lança e o ensinaram a ajudar a caçar javalis.

— Os adultos colocavam nós, crianças, onde não queriam que passasse um animal e nos mandavam fazer barulho, e assim assustávamos o animal para onde estava quieto e onde ficava a armadilha — conta ele. — Eles nos advertiam que, se não fizéssemos barulho suficiente, o animal viria nos matar, então tínhamos que nos certificar de fazer barulho suficiente. Para a gente era divertido. Era como um jogo.

Quando Robert chegou à P4, sua mãe não conseguiu mais pagar sua escola. Ela combinou com um amigo, que dava aulas na escola de Robert, para deixá-lo entrar por uma porta dos fundos. No primeiro dia de aula de Robert, esse professor chamou Robert para ir com ele a uma aula de matemática da P5 antes de ele entrar na P4. O professor estava dando uma aula de divisão, mas antes de terminar a lição outra professora o chamou para fora da sala. As outras crianças começaram o exercício, então Robert pegou seu caderno também, porque era matemática e ele achou que podia conseguir fazê-lo.

Quando o professor voltou à sala de aula quase uma hora mais tarde, ele se sentou à sua mesa e pediu para que os alunos lhe levassem seus cadernos para avaliá-los. Chegou a vez de Robert. O professor disse:

— Oh, Robert, me desculpe, esqueci que você estava na sala. Você fez o trabalho? Deixe-me dar uma olhada.

Robert lhe entregou seu caderno e o professor ficou surpreso ao ver que ele resolvera nove das dez questões corretamente.

— Então o professor disse: "O.k., abram seus livros, e se tiverem errado algum número que esse garoto acertou, vou bater em vocês" — relembra Robert. Ele foi até a primeira mesa: "Você errou dois números, duas varadas. Você errou cinco, cinco varadas. Esse garoto devia estar na P4 e vocês estão errando mais que ele!" Eu estava à frente de quase toda a turma. Isso fez meu dia na escola não ser lá muito agradável. Todo mundo ficou me olhando de cara feia e não fiz amigos.

O professor perguntou então a Robert se ele gostaria de continuar na P5, considerando que seria mais conveniente para ele. Robert concordou, apesar de não ser nada popular com os outros alunos.

Mas pular a P4 foi um problema para Robert em outras matérias que não matemática. Ele tinha dificuldades em ciências e estudos sociais, em grande parte porque não tinha boa noção da língua inglesa, que era usada em todas as lições.

— Me lembro de uma vez que nos pediram para listar as partes internas do corpo e eu nunca havia visto aquilo antes. Deixei a folha toda em branco e me bateram com a vara. No teste seguinte, de estudos sociais, não quis entregar a prova em branco, então escrevi qualquer coisa que pensei. Não entendia a pergunta, mas escrevi: *Presidente Museveni*. Para outra pergunta escrevi simplesmente *Kampala*. Qualquer coisa que viesse à minha cabeça, só para preencher os espaços.

Na P3, Robert havia sido o primeiro da turma. Na P5 ele estava entre os últimos. Naquela época sua mãe havia se casado novamente e dado à luz outra criança. Nawaguma e seu novo marido estavam vendendo madeira e ela estava prosperando financeiramente. Quando Robert se aproximou da P6, Nawaguma começou a planejar mandá-lo para um colégio interno por não se sentir confortável com ele numa casa cheia dos filhos de outro casamento do seu marido.

Quando Nawaguma e Robert passeavam pela favela, ela tinha dificuldade em convencer as pessoas de que era mãe de Robert. Achavam que ela era sua irmã mais velha por ainda ser tão jovem. Com o tempo, os dois se aproximaram muito.

— A princípio eu não sabia o que era uma mãe ou o que uma mãe devia fazer, mas sempre que estávamos juntos eu sabia que era uma sensação boa — diz Robert. — Tínhamos uma conexão e comecei a sentir um grande amor por ela, porque eu estava tendo uma vida bem melhor.

Um mês antes do final da P5, em 1990, Robert, então com oito anos de idade, estava estudando para os exames finais quando sua mãe começou a ir regularmente para o hospital. Ela andava doente havia vários meses e tentara diversos tratamentos, incluindo ervas locais de um curandeiro para combater uma possível praga lançada sobre ela pela esposa vingativa do pai

de Robert. Finalmente, os médicos diagnosticaram a doença de Nawaguma como câncer de mama avançado, e Robert notou que um dos seios de sua mãe foi quase totalmente removido de seu corpo. Namusisi veio de Kiboga para cuidar de sua filha.

Um dia, depois da escola, Robert estava brincando na favela enquanto sua mãe estava no hospital se tratando, quando um amigo chegou até ele e lhe contou que sua mãe havia morrido.

— Tudo que lembro é que fiquei chocado — conta Robert. — Parei de brincar e apenas saí correndo, chorando, até chegar em casa e ver minha avó lá, também chorando. Ela disse: "Katende, meu filho, com quem você vai ficar?"

No funeral de sua mãe, na aldeia natal de seu pai em Mubango, a vinte quilômetros de Kampala, Robert se aproximou lentamente do caixão de Nawaguma.

— Cheguei perto dela e parecia que ela estava só dormindo, então a sacudi e tentei acordá-la. Quando ela não acordou, chorei o mais alto que pude. Eu estava desesperado. Tinha tanta coisa passando pela minha cabeça. Tive vontade de me matar. Quando as pessoas colocaram minha mãe debaixo da terra, soube que era o fim. Eu havia perdido tudo o que tinha. Quando ela morreu, achei que seria o meu fim.

Deitada num leito de hospital dias antes de sua morte, Nawaguma fez um último pedido à sua prima Jacent.

— Sei que vou morrer — disse Nawaguma a Jacent. — Tenho cinco filhos e acabei de dar à luz o sexto. Sei que esse sexto vai ser cuidado pelo pai. Até para os outros quatro, o pai deles estará lá. Mas estou me sentindo tão mal por meu filho Robert e não sei como vai ser para ele quando eu morrer. Estou pedindo a você que, se puder fazer alguma coisa, não permita que Robert volte a morar com minha mãe em Kiboga. Se deixar Robert voltar para lá, ele vai terminar apenas caçando animais.

— Acho que foi esse pedido que transformou a minha vida — diz Robert. — Por causa daquele pedido, minha titia Jacent teve pena de mim.

Quando o funeral de Nawaguma terminou, Jacent ainda não havia resolvido o que fazer, mas as palavras de sua falecida prima ficavam se repetindo na sua cabeça. Ela olhou para o menino sem camisa e de calças rasgadas e foi até ele e disse:

— Robert, vou levar você para a minha casa. Você vem.

Jacent já cuidava de 12 crianças, seis dela e seis órfãos que moravam num alojamento decrépito no seu quintal. Ela e seu marido viviam confortavelmente num bairro de classe média em Kampala. Jacent trabalhava num banco e seu marido tinha um emprego no governo. Quando Robert foi para a casa de Jacent, ele entrou numa sala, afundou num sofá confortável com um tapete debaixo dos pés descalços, e ficou duas horas fascinado pela primeira televisão a cores que tinha a chance de ver. Quando chegou a hora do jantar, lhe serviram um prato com carne e cenouras, mas, como ele não sabia o que eram cenouras, não as comeu.

— Depois do jantar fiquei tão triste que fui até o quintal e chorei, porque não sabia o que aconteceria em seguida — conta ele. — Mesmo que a casa fosse boa, me sentia muito inseguro. Não me lembro de como melhorei.

Durante semanas Robert perguntou à Jacent porque sua mãe foi tirada dele. Ele não conseguia parar de pensar que forças do mal estavam envolvidas.

— Quando ela morreu, me convenci de que foi porque a esposa de meu pai foi até um feiticeiro e rogou uma praga nela, e sentia, naquela época, que se eu visse aquela mulher a mataria, mesmo que isso significasse eu também ser morto. Eu estava pronto para ir. Não conseguia encontrar aquela mulher e não tinha como descobrir onde ela estava. Eu era tão pequeno que nem sei se teria conseguido matá-la, mas meu coração me dizia com todas as forças para fazê-lo.

Em seu testamento, Nawaguma deixou dinheiro suficiente para pagar dois anos de escola para seu filho. Robert voltou à P5 para terminar suas provas, mas não conseguia se concentrar de tanta tristeza. Quando ele

recebeu o boletim da P5, viu que estava em 66º entre os 72 da classe. Robert disse a si mesmo: "Não pode ser."

No dia em que Robert recebeu seu boletim, andou dois quilômetros até o centro da cidade. Ele foi caminhando, em vez de pegar um ônibus, para ter dinheiro o bastante para comprar uma caneta vermelha; Robert estava determinado a melhorar de posição. A tinta vermelha da caneta que ele comprou era um tom mais claro que a usada para escrever as notas, mas Robert foi em frente e rabiscou em cima de um dos 6, indo assim de 66º a sexto. Então, dobrou seu boletim e foi para casa.

Robert estava morando com sua tia Jacent havia apenas cerca de três semanas e estava nervoso pela reação dela a seu boletim. Ele o colocou sobre a mesa de jantar e imediatamente saiu da sala. Quando Jacent olhou o documento, ela notou imediatamente que ele havia sido alterado. Ela confirmou suas suspeitas ao examinar as notas individuais de cada matéria e percebeu que não fazia sentido. Ela chamou Robert na sala e perguntou:

— O que aconteceu com seu boletim?

— Como assim? — perguntou Robert, ficando ainda mais ansioso.

— O que aconteceu com seu boletim?

— Titia, me desculpe, eu rabisquei meu boletim.

— Me conte por que e me traga uma vara.

Primeiro Robert correu até o barracão e pegou seu boletim da P3. Em seguida buscou uma vara. Ele estava com a vara numa das mãos e o boletim na outra. Jacent disse a Robert que iria bater nele, não porque ele se saíra mal na escola, e sim porque alterara seu boletim. Robert implorou por perdão, mostrando a Jacent como ficara em primeiro lugar na P3, explicando que havia pulado a P4, e lembrando-a de que ele fizera as provas finais dias após a morte de sua mãe. Jacent ficou com pena dele e largou a vara.

Durante as férias escolares, Robert e os outros órfãos acordavam às quatro da manhã para viajar até a fazenda da família a fim de fazer o que é conhecido localmente como "a escavação". Eles trabalhavam nos campos o dia todo, fazendo aragem e cultivando com enxadas e cortando a grama com foices, tentando não se deparar com as cobras venenosas que habitam as fazendas de Uganda. Eles cavavam até anoitecer e dormiam, os seis juntos,

numa pequena cabana. Frequentemente faziam isso durante uma semana, antes de juntar comida suficiente para levar para casa para o resto da família.

— Katende se revelou um menino trabalhador e obediente — conta Jacent. — Se você lhe desse uma tarefa, ele nunca dizia que estava cansado como os outros faziam. Ele sempre terminava seu trabalho a tempo.

Sempre que Robert e os outros órfãos voltavam da escavação, eram lembrados pelos outros filhos de Jacent de que órfãos estavam uma classe abaixo na hierarquia da casa.

— Em vez de dizerem "Bem-vindos de volta!", eles diziam "Trouxe milho para mim?" — conta Robert. — Então você vai para fora da casa e chora e aguenta. Era bem duro, mas você tinha que engolir.

Robert via sua situação como a da sobrevivência dos mais adaptados. No café da manhã, Robert frequentemente ganhava uma banana, mas a porção nunca enchia seu estômago, então uma manhã ele fingiu que bananas lhe davam dor de estômago. Tia Jacent começou a servir a ele mingau de milho, em vez disso, o que se mostrou ser um café da manhã mais satisfatório.

— Era uma questão de *Como continuar indo em frente?* — relembra Robert. — Nos primeiros três meses eu ficava no canto derramando lágrimas. Lembro-me de uma vez em que minha tia me mandou dar minhas roupas para algumas das crianças menores porque elas não cabiam mais em mim. Eram roupas que minha mãe tinha comprado para mim no centro da cidade, então foi difícil para mim quando criança. Eu sabia que aquelas roupas jamais seriam substituídas. Depois daquilo eu só tinha uma camisa que usava todo dia e fiquei conhecido como "o garoto da camisa vermelha".

Outra órfã, Jacent, que era cinco anos mais velha que Robert, era a favorita de tia Jacent e até recebera seu nome. A jovem Jacent sempre maltratava Robert. Uma vez, quando ela estava preparando o chá do dia, Robert encontrou uma barata na sua xícara. Ele sabia que fora Jacent que a colocara lá, mas não podia denunciá-la. Ele jogou fora seu chá e não contou a ninguém.

— Não gosto de me lembrar dessa época — diz Robert. — Havia momentos em que eu me perguntava: "O que eu vou ser?" Quando você perde uma pessoa de quem sempre dependeu inteiramente e simplesmente é mandado para um lugar diferente, muitas coisas ruins acontecem, quando

você não está onde devia estar. Você precisa se submeter a qualquer um que está naquele lugar e eles nunca estarão errados enquanto você estiver lá. É sempre você que leva a culpa. Lembro que um dia alguém disse: "Não tem açúcar suficiente para todos nós e é por causa das pessoas novas que chegaram. Vai embora, Robert. Você não deveria estar aqui." Foi difícil ouvir aquilo quando eu não tinha nenhum outro lugar para ir. Cada reprovação me fazia pensar: Será que é porque não pertenço a aqui? Aquilo realmente me afetava. Eu rezava: Senhor, rezo para ter uma vida melhor.

Tia Jacent diz:

— Quando Robert brigava com meus filhos ele lhes dizia: "Acham que quero ser assim? Acham que eu queria que minha mãe morresse?" Aquilo me mostrou o quanto ele estava sofrendo.

Às vezes Robert cogitava se entregar à sua dor.

— Uma vez quase caí na tentação e se tivesse o dinheiro teria deixado essa vida — diz ele. — Sentia que era melhor morrer do que continuar. Pensava: essa vida não vale nada para mim. Minha mãe está morta e agora está em paz. Por que não me junto a ela? Eu sabia como conseguir veneno de rato, mas não tinha como pagar. Não tinha como pagar para morrer.

Não é isso que sou.

Robert ficava repetindo essa frase para si mesmo toda vez que olhava para seu boletim rasurado da P5. Ele estava numa encruzilhada. Precisava de um motivo para viver e isso teria que vir de dentro dele. Felizmente, ele possuía uma peculiaridade que faltava aos outros órfãos, a única coisa que ninguém, nem mesmo a sua algoz, Jacent, podia tirar dele. Orgulho.

Aconteceu num instante em seu primeiro semestre na P6, enquanto ele fazia um dever de matemática. Robert estava com medo de mais uma vez ter ficado para trás de seus colegas de turma. Em todos os seus exercícios até aquele momento na P6, ele pedira ajuda a amigos, porque não tinha total confiança em si mesmo.

— Mas aquele eu fiz sozinho — conta Robert. — Pensei: Deixe-me apenas fazer o que sei. Achei que ia me sair mal, mas acertei 11 questões de um total de 12. Foi a minha volta. Pensei: Uau, fui eu mesmo que fiz isso? Então soube que poderia fazer qualquer coisa. Tornei-me ainda mais sério. Comecei a trabalhar duro para alcançar meu potencial.

Depois do primeiro semestre da P6, Robert ficou em 37º da turma. No final do ano, era o terceiro da classe. Na P7 não havia classificação, mas ele ficou entre os melhores da classe.

Em 1993, Robert, aos 11 anos de idade, iniciou seu primeiro ano, a S1, na escola secundária Lubiri, em uma turma de 240 alunos. Quando os boletins foram distribuídos no final do primeiro semestre, Robert olhou rapidamente e viu: "1º". Na pressa, ele leu "15º". Ele ficou emocionado. Dobrou o boletim e foi brincar com alguns amigos depois da aula.

— Em algum momento, alguém perguntou: "Quem foi o primeiro?" — relembra Robert. — Ninguém sabia. Então todo mundo começou a comparar os boletins. Entreguei o meu a eles e continuei a brincar, porque sabia que havia sido o 15º. Então um deles disse: "Ei, pessoal. Robert é um mentiroso. Ele foi o primeiro e não está contando para a gente!" Eu respondi: "O quê? Não, fiquei em 15º." Então olhei o boletim mais uma vez.

Robert recolheu seus livros rapidamente e correu os cinco quilômetros de volta para a casa de tia Jacent. Quando ele chegou lá, anunciou a todos:

— Fiquei em primeiro!

As outras crianças olharam seu boletim e disseram:

— Uau, ele ficou em primeiro?

Algumas delas o advertiram de que o segundo semestre seria muito mais difícil e que, se ele não se saísse bem nele, todo mundo ia achar que ele estava colando.

— Minha atitude era todo dia olhar as 240 cabeças e achar que estavam todos tentando roubar o meu lugar — diz Robert. — Não posso descansar. — Robert terminou em primeiro também no segundo semestre da S1. Primeiro na S2. Primeiro na S3. Primeiro na S4.

Ele gostava de ser o primeiro. É claro. Ficar em primeiro da turma era como uma vitória. Gostava da competição, até se excitava com ela, mas

Robert via a vida acadêmica de uma forma pragmática. Ele via aquilo como um meio para um fim. Conquistou aquelas notas tanto para outras pessoas, mortas e vivas, quanto para si mesmo. Matemática e ciências lhe traziam satisfação. Não lhe traziam alegria. Apenas uma competição lhe trazia alegria. Apenas uma competição ajudava-o a espantar seus demônios. Apenas uma competição o ajudava a escapar de verdade. Apenas uma competição era tudo para ele mesmo.

Futebol.

Quando Robert Katende corria pelo campo de futebol, sentia como se estivesse fugindo de seus problemas, deixando-os para trás, e quando ele fazia um gol, bem, era sua felicidade pessoal. Jogar futebol era a única coisa que o fazia parar de pensar completamente na miríade de problemas em sua vida.

— Quando eu estava crescendo, o futebol foi o que me trouxe meus momentos mais felizes — disse Robert. — Sempre que estava no campo de futebol, era a única ocasião em que eu me sentia em paz.

Robert havia jogado pela primeira vez quando criança em Kiboga, quando ele e sua avó voltaram para lá após a guerra. A bola de futebol era feita de folhas secas de bananeira presas por cipós. Robert e alguns amigos faziam duas pilhas de tijolos ou tiravam suas camisas para usá-las como traves. Eles não faziam ideia de como era um gol de futebol de verdade. Geralmente jogavam num complexo de terra do vilarejo cheio de árvores no meio do campo, que atuavam como zagueiros extras. Quando chegava a hora de escolher o time, os amigos de Robert sempre queriam jogar no seu.

— Eu era muito pequeno e rápido e sempre usava a perna direita para chutar. Tinha um amigo próximo e o admirava porque ele sabia chutar com as duas pernas. Eu tentava imitar esse garoto e chutei com meu pé esquerdo e caí feio, então acreditei que minha perna esquerda nunca conseguiria aprender a chutar a bola. Então uma vez estava jogando e bati na bola com a perna esquerda e fiz um gol, e ali mesmo deixei a partida. Fui correndo direto para casa para contar a minha avó que fizera um gol com o pé esquerdo.

Quando Robert foi para Kampala, suas bolas de futebol tornaram-se caixas de leite amolecidas por água quente, enchidas de ar e fechadas com

elástico. Quando a bola batia no arame farpado que cercava o pátio da escola, ela estourava e a partida acabava. Robert levava uma bola pequena dessas na sua mochila, e ele e seus colegas jogavam nos intervalos e na hora do almoço. Quando Robert chegou à S5, já tinha a reputação de ser um dos melhores jogadores da escola. Os amigos de Robert falaram ao coordenador de esportes da escola sobre ele, mas quando o coordenador foi recrutá-lo para o time da escola, Robert recusou porque não tinha chuteiras e nunca jogara com uma bola de futebol de verdade. Ele tinha medo de machucar seus pés descalços ao chutar uma bola de verdade. Também tinha medo de jogar contra meninos muito mais velhos e maiores. Mas, quando o coordenador o bateu com a vara, Robert mudou de ideia.

Em seu primeiro jogo, Robert, único no campo que jogava descalço, fez o único gol numa vitória por 1 a 0 para seu time.

— Virei uma celebridade na escola. Era um herói. Todos do colégio gritavam meu nome.

Um prolífico goleador, Robert explicava humildemente a seus colegas de time:

— Existem dois gols no campo. Eu cuido do ataque. Vocês todos cuidam da defesa.

Robert chegou a fazer seis gols na mesma partida. Ele até aceitava pedidos para fazer gols.

— Se três alunos me pedissem para fazer um gol, eu fazia um para cada um deles — conta Robert. — Às vezes eu marcava e corria para a lateral do campo até a pessoa que pedira o gol e dizia a ela: "Esse foi seu gol." Uma vez a escola ofereceu um engradado inteiro de refrigerante se eu marcasse, então marquei e dividi o engradado de 24 refrigerantes com todo o meu time.

A jogada preferida de Robert era equilibrar a bola nos dedões de seu pé descalço como que com uma colher, chutá-la por cima da cabeça de um zagueiro despercebido e chegar sozinho até o goleiro. Um dia ele chegou na aula e viu que um de seus colegas havia feito um desenho dele no quadro-negro. No lugar de seu pé direito, ele havia desenhado uma colher. Então o apelido de Robert tornou-se *kajiiko*, "a colher".

Sua habilidade tornou-se tão conhecida em Kampala que quando Lubiri não tinha um jogo programado, ele às vezes jogava para outras escolas quase como um mercenário. A outra escola pagava alguns xelins a Robert, mais o transporte, e quando ele chegava o técnico tirava o uniforme de outro jogador e o dava a Robert, e ele geralmente levava aquele time à vitória.

— Robert era um jogador talentoso — diz Barnabas Mwesiga, ex-técnico do time nacional de Uganda. — Ele tinha velocidade. Tinha boa pontaria. Sabia driblar. São os três atributos que fazem um bom goleador. De acordo com nossos padrões, naquela época, ele tinha habilidades para um dia entrar no nosso time nacional.

Uma vez, Robert foi convidado para um campo de treinamento para o time nacional de Uganda sub-15, mas ele não pôde ir porque foi durante as férias e tia Jacent insistiu para que ele fosse escavar.

— Em casa não era permitido futebol — diz Robert. — Eles não faziam ideia de que eu jogava bem. Minha tia Jacent não aprovava esportes. Sem dúvida, quando eu estava no campo de futebol, sentia que podia fazer o que quisesse com a bola. Se tivesse tido mais apoio, acredito que poderia ter jogado profissionalmente.

Robert assistia à Copa do Mundo a cada quatro anos e as TVs de Uganda mostravam transmissões dos jogos da Bundesliga da Alemanha aos sábados com o marido de tia Jacent, Amir, estudando cada movimento de jogadores como Jürgen Klinsmann e Rudi Völler.

— Eu tinha essa visão na qual me via subindo um vale até um lindo campo verde de futebol como os que só se vê em sonho, e estavam todos jogando muito bem e me lembro de poder me juntar a outras pessoas e jogarmos partidas para valer e de eu fazer gols. Sempre me perguntei onde ficaria esse campo, mas sabia com certeza que não era em Uganda, porque não temos campos como aquele. Sempre ansiei por aquilo e sabia que talvez pudesse acontecer.

O futebol permitia que Robert sonhasse. Dava-lhe alegria. Tornou-se sua identidade.

— Me lembro de depois de um jogo pensar: Se eu tivesse me matado não teria tido a diversão de fazer esses gols. Acho que foi sábio não ter feito o que eu estava planejando.

O futebol lhe dava vida. E então o futebol quase a tirou.

Momentos antes de o jogo começar, Robert foi até seu amigo Allan Sayire e perguntou:

— Quantos gols você quer?

— Se você fizer um gol, será uma bênção — respondeu Sayire.

Aos 15 anos de idade e três semanas depois do início de seu primeiro semestre na S5, Robert era a estrela dos gols de sua escola. Logo no começo de um jogo em Lubiri, Robert recebeu um passe da lateral direita. Ele deu um chapéu em seu marcador no limite da área do goleiro e correu para alcançar a bola antes dele. A bola quicou alto. Robert pulou o mais rápido que pôde. O goleiro saltou na direção da bola. Robert foi dar então uma cabeçada na bola por cima das mãos esticadas do goleiro, bem na hora em que este tentava socar a bola para longe. Em vez disso, o soco do goleiro atingiu a mandíbula de Robert, fazendo-o girar no ar. Robert caiu de cabeça. Ele não se lembra de nada depois daquilo.

A bola deslizou até o gol vazio e os colegas de escola de Robert invadiram o campo como sempre faziam para cumprimentar o artilheiro. Mas quando chegaram até Robert, ainda imóvel no chão, notaram o sangue em seu rosto e se afastaram, nervosos. Robert parecia estar inconsciente, mas suas pernas ainda pareciam estar chutando em meio a espasmos. Os colegas de Robert ficaram com medo de seu amigo estar dando seus últimos suspiros.

A van da escola foi rapidamente chamada e Robert foi levado até o hospital Rubaga, próximo dali. Os médicos do local não eram bem preparados para a gravidade da lesão de Robert, então fizeram com que ele fosse levado a Mulago, o hospital do governo. A condição de Robert era tão grave que nem gastaram tempo transferindo-o para uma ambulância. A van da escola voou entre as ruas congestionadas, o motorista buzinando loucamente para abrir caminho entre o trânsito lento de Kampala. Ao

chegar a Mulago, ele já havia entrado em coma. Os médicos fizeram o possível para ajudá-lo a continuar vivo.

Antes de aquele ano escolar começar, Robert havia sido forçado a deixar a casa de tia Jacent porque ela se aposentara e não podia mais sustentar os órfãos. Robert voltara a morar com sua avó, que se mudara para a favela Kasubi, em Kampala, ao ouvir os rumores sobre mais uma insurgência rebelde em Kiboga. No dia do acidente de futebol, Namusisi ficou esperando Robert chegar em casa, mas ele não voltou. Mulago ligara para tia Jacent, em vez disso, mas ela se recusou a ir ao hospital, com medo do que poderia encontrar lá.

— Fiquei com medo de ir porque disseram que ele não iria sobreviver — conta Jacent. — Pedi a eles para procurarem outra prima minha e deixá-la cuidar dele, porque eu já havia avisado Robert para parar de praticar esportes e agora olha só o que aconteceu.

Dez, tia de Robert, recebeu um telefonema do Hospital Mulago por volta das oito da noite.

— Jamais vou me esquecer daquele telefonema — diz tia Dez. — Eles me disseram: "Seu filho teve um acidente. Venha ao hospital imediatamente. Você provavelmente já vai encontrá-lo morto."

Tia Dez correu até Mulago e encontrou Robert em estado crítico. Ela passou a noite em vigília ao lado do leito de Robert, vendo se ele ainda estava respirando. Ela ficava tocando seu rosto para ver se ele estava quente e para limpar o sangue que escorria de sua boca e de seu nariz.

De repente, por volta das seis da manhã, o corpo de Robert começou a tremer. Ele saiu do coma numa dor agonizante. Não fazia ideia de onde estava.

— Acordei naquela manhã seguinte e vi um teto — conta Robert. — Minha última lembrança era no campo de futebol da escola, então achei que talvez estivesse numa sala de aula, mas percebi que não tínhamos uma sala com um teto como aquele.

Quando Robert olhou ao redor, viu sua tia Dez, uma professora da Lubiri e diversos médicos de branco. Ele também notou que seu uniforme de futebol estava coberto de sangue.

— Onde estou? — perguntou Robert. — Como cheguei aqui?

Quando tentou se sentar, sua mandíbula começou a latejar de tanta dor. Os médicos começaram a injetar analgésicos em sua corrente sanguínea e correram com ele para tirar raios X. Ele sofrera fraturas múltiplas na mandíbula. Os médicos fizeram então uma cirurgia para fechá-la e, depois da operação, Robert escutou uma das enfermeiras perguntar:

— Nossa, aquele garoto está vivo? Achamos que ele ia morrer com certeza.

Naquela mesma manhã na assembleia da escola Lubiri, o diretor começou com um anúncio sobre Robert dizendo:

— Más notícias...

Antes de ele conseguir terminar, gemidos vieram da multidão de alunos que acharam que Robert havia morrido. Então o diretor continuou:

— ... sabem que Robert, nosso jogador de futebol, se machucou gravemente e está internado no Mulago.

As aulas foram canceladas e quase cem alunos fizeram a caminhada por Kampala até o hospital Mulago para ver se Robert ainda estava vivo. Ficaram surpresos ao encontrá-lo acordado e em condições razoavelmente boas, apesar de não conseguir falar porque sua mandíbula estava imobilizada.

Robert tinha alguns amigos da escola que eram cristãos renascidos e um deles perguntou a ele:

— Robert, você é tão talentoso, é um bom jogador de futebol, é bom matemático, é o melhor da classe. Deus lhe deu tantos dons, então por que não é salvo?

— Achamos que estava morto — continuou outro aluno. — Só agradecemos a Deus por estar vivo. Mas, Robert, sabe por que ainda está vivo? Se tivesse morrido, para onde teria ido? Ninguém sabe o dia nem a hora em que vai morrer. Por que não se salva?

Robert, que frequentara a igreja regularmente desde seus dias como menino em Kiboga, mas nunca tendo levado religião muito a sério, pensou naquelas questões durante algum tempo. Então ele assentiu.

— Foi ali que dei minha vida a Cristo e o aceitei como meu salvador — diz Robert. — Só para que, caso morresse, pudesse ir para o céu. Tinha

medo de ir para o inferno. Pensei: Melhor fazer isso e estar pronto porque parece que posso morrer a qualquer momento.

A mandíbula de Robert permaneceu imobilizada por um mês. Ele passou três meses no hospital.

Os médicos disseram a Robert que ele nunca mais jogaria futebol.

Nove meses depois, Robert estava jogando. Ele sofria insuportáveis dores de cabeça regularmente, mas não estava pronto para desistir do futebol. Ele não podia. O futebol o sustentava, tanto emocional quanto, mais importante, financeiramente. Futebol era a sua paixão. Era também seu emprego.

Depois de sua lesão, tia Dez não conseguiu ficar parada vendo Robert tentar voltar à sua boa saúde enquanto morava com sua avó na favela, então ela levou Robert do hospital para a sua casa, cumprindo uma promessa de cuidar dele que ela, assim como sua prima Jacent, fizera a Nawaguma em seu leito de morte. Robert ficou com tia Dez durante cinco meses. Tia Dez morava numa casa pequena, mas estável, na beira do matagal nos arredores de Kampala, onde macaquinhos fugiam da floresta para roubarem da plantação de legumes e só iam embora com pedras atiradas por Robert e suas três novas "irmãs". Robert cozinhava e limpava a casa diariamente. Ele idolatrava tia Dez, que se parecia muito com Nawaguma. Ele até a chamava de "Mama", assim como sempre fizera com tia Jacent.

Robert perdera um ano inteiro de escola e não podia voltar à escola Lubiri porque tia Jacent não podia mais pagar por seus estudos lá. Jacent ofereceu cem mil xelins a Robert, o equivalente a cerca de oitenta dólares na época, para ele ir para uma nova escola.

A escola Progressista de ensino médio Bweyogerere era uma escola particular em busca de alunos academicamente talentosos. O secretário do lugar olhou para os boletins de Robert e ofereceu a ele uma vaga com o custo de 180 mil xelins. Robert disse que só tinha cem mil. Então o

secretário foi informado do talento de Robert no campo de futebol, e ele foi inscrito.

Naquela escola, Robert organizou um time de futebol que competiu contra outras escolas pela primeira vez. Quando chegou o segundo semestre da S5, os alunos poderiam se candidatar a posições de liderança, mas a escola não permitia que alunos diurnos participassem. O diretor não queria mudar as regras, mas reconheceu o potencial como líder de Robert, então o convidou para se juntar ao internato da escola. Robert amarrou seu colchão na bicicleta de um amigo e caminhou cinco quilômetros da casa de tia Dez até o internato. Robert foi eleito ministro dos esportes da escola e deixado a cargo do recrutamento de jogadores, marcação de jogos e organização do transporte.

Ainda assim, Robert tinha pouco dinheiro e geralmente estava com fome. Às vezes uma das enfermeiras-chefe da escola, mais uma mulher a quem Robert chamaria de "Mama", lhe dava um prato de comida que ela trazia de casa. O diretor da escola começou a admirar tanto Robert que disse:

— Se ficar sem açúcar, venha até mim.

Robert ficava ansioso para os dias de visita, porque era quando a família de algum amigo frequentemente o convidava para ir comer com eles. Robert nunca recebia visitas, exceto numa tarde em que um tio passou no internato só para ter certeza de que Robert estava de fato estudando.

— Meus familiares acharam que eu os estava enganando — diz Robert. — Eles pensavam: Como ele pode estar numa escola tão cara, e ainda por cima no internato?

Na primeira vez em que Robert jogou futebol para a Progressista, na S5, ele levou seu time à vitória num torneio regional. Durante suas duas temporadas lá, ele agiu como capitão do time, seu maior artilheiro e também técnico. Durante um jogo, perto do final do segundo semestre da S6, derrubaram Robert e ele caiu desajeitadamente, deslocando o pulso direito. Ele foi levado ao Hospital Mulago, onde os médicos planejavam operar, mas, temendo um erro que pudesse deixá-lo com sequelas, Robert pediu para que, em vez daquilo, apenas pusessem seu pulso no lugar. Ele planejava uma reabilitação através de massagens. Com suas provas finais

rapidamente se aproximando — provas que determinariam se Robert poderia continuar seus estudos na universidade com uma bolsa do governo —, ele treinou sua mão esquerda para escrever as redações. Mas, quando chegou a hora dos exames, ele descobriu que a mão esquerda era lenta demais, então aguentou a dor de escrever com a direita. Toda vez que ela inchava, Robert a sacudia para retomar a sensibilidade nos dedos.

Durante um angustiante período de seis meses de espera para saber suas notas, Robert ganhava dinheiro jogando futebol para um time patrocinado pela Pepsi. Ele também fazia a escavação no jardim da tia Dez, lavava carros e trabalhava carregando enormes pilhas de tijolos escadas acima numa construção. Ele até se tornou um empreendedor, comprando um telefone celular barato e vendendo ligações para pessoas que não tinham celulares. Finalmente, Robert voltou um dia à Progressista para saber o que aconteceria com ele e foi cumprimentado por outros alunos que já sabiam, através de um anúncio na assembleia daquela manhã, que Robert se qualificara para uma bolsa. Quando o viram aquele dia, Robert foi cercado por alguns de seus ex-colegas de time que diziam: "Robert, você conseguiu!"

Robert ganhara uma bolsa para estudar de graça e um quarto na Universidade Kyambogo, em Kampala. O que Robert não tinha era uma direção. Ele não sabia o que fazer com sua vida e não tinha ninguém a quem consultar. Um dia, durante seu primeiro semestre em Kyambogo, tia Dez apareceu para informá-lo de que seu pai estava gravemente doente e viera até Kampala. Robert foi visitá-lo. Ao ver seu pai pela primeira vez em mais de dez anos, Robert não sentiu nenhuma conexão emocional. Ssemakula mal reconheceu Robert como sendo um de seus muitos filhos. Robert suspeita que, quando seu pai morreu alguns anos depois, a causa tenha sido aids. No funeral de seu pai, Robert se deu conta do quanto faltava um exemplo masculino em sua vida.

— Mesmo mal tendo visto meu pai ao longo dos anos, eu sempre me reconfortava por ele estar lá — reflete Robert. — Sua morte me aborreceu muito. Agora eu era realmente um órfão. No funeral, rezei: "Senhor, você é meu Deus, você é meu Pai. Talvez possa me mandar alguém para me orientar."

Logo depois da morte de seu pai, um milagre aconteceu. O time de futebol Miracle apareceu um dia para jogar um amistoso contra o Pepsi Club de Robert. O Miracle jogou muito bem aquele dia, mas o que realmente chamou a atenção de Robert aconteceu após a partida. Os jogadores do Miracle convidaram todos os presentes a juntarem-se a eles para o testemunho. Disseram que estavam recrutando para o Senhor. Robert observou atentamente enquanto os jogadores do Miracle convertiam pessoas diante de seus olhos. Depois, ele perguntou a alguns deles se podia fazer parte do time. Uma reunião foi marcada com o treinador do Miracle, Aloysius Kyazze.

Kyazze havia sido capitão do time de futebol nacional de Uganda. Um zagueiro convicto. Sem conversa fiada. Um treinador que ficava em campo.

— Robert chamou minha atenção como treinador porque vi nele um grande potencial como artilheiro e transmiti a ele tudo que pude para ajudá-lo a se tornar um jogador melhor, mas o que mais me impressionou foi que ele era muito atencioso quando se tratava de disciplina espiritual, devoções, ouvir meu testemunho — diz Kyazze. — Ele não pediu nada em troca como outros jogadores que me perguntavam: "O que vou ganhar com isso? O que posso esperar?" — Robert jamais achou que teria no Miracle um ganha-pão. Ele acreditava estar lá para crescer espiritual, psicológica e socialmente e aquilo realmente me tocou. Acredito que ele poderia ter jogado futebol pela seleção nacional, mas em vez disso escolheu estar lá pelo Senhor.

Robert jogou pelo Miracle durante seus dois anos na Universidade Kyambogo. Por causa de seus estudos, ele nunca conseguia treinar com o time, mas nos jogos ele era quem mais marcava gols. Fazia gols em quase toda partida, às vezes duas ou três vezes, e o time melhorou significativamente com sua entrada. Ele também estava ficando cada vez mais confortável com a pregação após os jogos e a irmandade do clube em geral.

— Jamais vou me esquecer de um intervalo em uma partida com o Miracle quando Aloysius pôs as mãos nos meus ombros e me puxou para perto dele — conta Robert. — Ele estava dizendo palavras de encorajamento e naquele momento senti que havia encontrado um lar.

Quando Robert se formou na Kyambogo, aos vinte anos de idade, com um diploma em engenharia civil, haviam lhe prometido um emprego na Companhia Nacional de Água de Uganda, porque ele estagiara lá como engenheiro. No entanto, quando ele foi ao escritório da companhia pedir emprego, lhe disseram que não havia vagas disponíveis. Mais uma vez Robert não tinha onde morar. Ele precisava sair de seu dormitório da universidade e não queria voltar para a casa de tia Dez porque lá não havia empregos estáveis. Ele tinha uma pequena mesada da universidade por seu treinamento industrial, então pôde alugar um quarto. Robert possuía pouco mais do que uma colher, um garfo, um colchão e um cobertor. Depois de alguns meses, Robert já estava com dificuldades para arranjar dinheiro para comer. Depois de seus jogos com o Miracle, Kyazze dava a Robert o dinheiro do táxi, mas ele ia para casa a pé para poder comprar comida.

Na véspera do Natal de 2002, Robert estava no limite. Ele queria visitar sua tia Dez, só para estar o mais próximo possível da família que ainda lhe restava, mas não tinha dinheiro para a viagem até lá. Ele não tinha o que comer. Kyazze ligou para ele aquela noite e o convidou para a sua casa. Robert caminhou três quilômetros até a casa de Kyazze, onde ganhou uma refeição e dez mil xelins de presente de Natal.

— Às vezes dá vergonha descrever a que ponto a vida de alguém desmoronou até elas irem até você — diz Kyazze. — Robert veio quando estava prestes a não ter mais nada, nem mesmo uma moeda para comprar comida. Estava claro para mim que ali estava um jovem que precisava muito de ajuda. Meu coração estava lá para escutar o que ele estava passando e estendi minha mão a ele porque amo compartilhar com pessoas que vejo como meus filhos.

Robert usou parte do dinheiro para visitar sua tia Dez no dia de Natal.

— A família estava se divertindo e alguns estavam bebendo cerveja e me deram uma — diz Robert. — Como cristão renascido, não pude beber a cerveja, mas não queria que ficassem decepcionados por eu não aceitar a cerveja, então fiquei com ela. Fui para casa com a garrafa porque não podia jogá-la fora.

Em pouco tempo, o dinheiro de Natal de Robert acabou.

— Eu tinha muita fome e sede e perguntei a mim mesmo: O que posso fazer? Não podia beber água porque não podia fervê-la sem querosene e não tinha dinheiro caso ficasse doente. Estava em um dilema. Então vi uma coisa. Vi a cerveja. Eu falei: "Senhor, posso tomar esta cerveja?" Eu tinha escutado alguns cristãos dizerem que, se estiver prestes a morrer, você precisa fazer o que puder para sobreviver. Fiquei sentado no meu quarto sozinho e pensei: Senhor, vou beber esta cerveja. Coloquei-a na minha caneca e a olhei durante um tempo. Então apenas fechei os olhos e a engoli. Toda.

No dia seguinte Robert reciclou sua garrafa vazia por duas mangas que o sustentariam durante os próximos dias. Foi naquele momento, quando Robert exaurira todos os seus recursos e estava começando a perder as esperanças, que Kyazze lhe disse que queria que Robert fosse a uma entrevista num sacerdócio americano chamado Sports Outreach Institute, uma organização que trabalhava para dar alívio e educação religiosa para as pessoas mais pobres do planeta através do esporte. Kyazze trabalhava para o Sports Outreach e treinava o Good News Football Club, que ministrava após os jogos, assim como o Miracle. Robert encontrara seu salva-vidas.

— Vi Robert chegando ao cargo como um material bruto, que Deus precisava que fosse preparado — relata Kyazze. — Ele não era um servo de Deus na época em que chegou a mim. Não, não, não. Ele era um menino. Precisava ser moldado e guiado e direcionado. Quando somos chamados para servir, deve haver um processo e então, mais tarde, ascendemos.

Depois de quase um ano sob a tutela de Kyazze, o menino se tornou um homem. Robert se tornara Katende novamente. Katende e Kyazze faziam um bom time. O artilheiro e o zagueiro. Kyazze se tornou mentor de Robert. Seu pai substituto. Kyazze o ensinou a ensinar. Katende estudava cada movimento de Kyazze: como ele construía relacionamentos, sua enorme paciência, como ele solucionava problemas. Katende se lembra de um dia, durante uma partida de futebol, em que uma jogada violenta aconteceu. Kyazze parou o jogo, reuniu os jogadores e deixou claro, sem levantar a voz, que jogadas irresponsáveis e perigosas não seriam toleradas. Katende admirava como, sempre que Kyazze falava, ele capturava a atenção de todos ao seu redor. Gradualmente, Katende aprendeu como conquistar

aquele nível de respeito. Katende também admirava a extraordinária compaixão de Kyazze. Nos dias de pagamento, Kyazze às vezes dava três mil xelins a Katende, mesmo sabendo que ele só devia ganhar mil.

Depois do treinamento de Katende terminar, em 2003, ele foi contratado para instituir um programa para crianças na favela em Katwe que envolvia ministrar através do futebol. O Sports Outreach preparara um plano para o projeto. Kyazze ensinara os tópicos a Katende, mas ele também ressaltara que no ministério por esportes existe espaço para improvisações. Disse a Katende que ele precisaria se ajustar constantemente às necessidades das crianças.

Katende nunca havia ido ao distrito de Nkere, em Katwe, onde seria realizado o projeto. No seu primeiro dia lá, ele chegou com duas bolas de futebol vermelhas novas em folha, fornecidas pelo Sports Outreach. Caminhando pelos becos da favela com aquelas bolas nas mãos, Katende atraiu crianças curiosas que o seguiram até um lixão que havia sido escolhido como campo de futebol improvisado. A princípio havia apenas algumas crianças jogando, mas a novidade, o treinador com bolas vermelhas novas, rapidamente se espalhou e, rapidamente, sessenta crianças de todas as idades apareciam toda tarde para jogar futebol com Katende.

Os jogos eram seguidos pelo testemunho, durante o qual Katende pedia para alguns dos garotos compartilharem as dificuldades pelas quais estavam passando em suas vidas, e ele compartilhava histórias de seu próprio passado. No final de cada sessão, Katende distribuía pequenos pedaços de cana-de-açúcar às crianças, que ele pagava do próprio bolso. O projeto estava cheio de crianças de rua. Crianças que não frequentavam a escola. Muitas eram órfãs. Algumas não tinham onde morar. Todas, à sua maneira, estavam desesperadas por alguma orientação.

— Algumas dessas crianças foram um desafio no começo, mas eu tinha certeza de que conseguia lidar com qualquer tipo de mau comportamento porque tinha vivido na situação em que elas estavam vivendo — afirma Katende. — Falei a elas que não as julgaria, e sim as amaria. Descobri que se você as tratasse com respeito, podia abrir seus corações. Aprendi a nem sempre fazer o que eu achava melhor, e sim a seguir a direção das crianças. Achava que estava lhes ensinando, mas elas também estavam me ensinando.

Depois de cerca de um ano comandando o projeto, Katende estava preocupado por algumas crianças não participarem dos jogos. Ivan Mutesasira estava entre as crianças que ficavam assistindo das laterais do campo todo dia. Certo dia, Katende perguntou a Ivan:

— Por que não está participando do jogo? Ninguém liga se você for muito bom ou não. Estamos só aprendendo.

— Treinador — respondeu Ivan —, tenho medo de futebol porque já me machuquei antes e poderia facilmente quebrar os ossos e não tenho dinheiro para pagar os remédios.

Katende soube que era hora de improvisar como Kyazze sugerira.

— Foi quando me perguntei: essas crianças que não se interessam por futebol, como posso envolvê-las? Eu só precisava de uma plataforma sobre a qual construir um relacionamento e, como no futebol, precisava poder jogar com eles para fortalecer aquela confiança.

Durante cerca de um mês, Katende pesou outras opções. Ele considerou damas, o jogo de tabuleiro, mas isso era considerado coisa de apostadores. Pensou em corrida de revezamento, mas chegou à conclusão de que rapidamente se tornariam monótonas. Pensou em basquete, mas não tinha a bola nem a cesta. Quando pensou no que havia de disponível, Robert teve uma ideia. Um jogo tão estrangeiro que não existia palavra para descrevê-lo no idioma local. Uma ideia tão estranha, que ele se perguntou se ao menos seria possível.

— Perguntei a mim mesmo: será que isso pode funcionar? — relembra Katende. — Com a escolaridade que têm e o meio em que vivem, será que essas crianças realmente conseguem jogar esse jogo?

3

Pioneiros

Um dia, após o futebol, Katende reuniu as crianças de seu projeto em Katwe ao seu redor e lhes perguntou:

— Gostariam de aprender um jogo novo?

Katende ficou feliz ao ver Ivan Mutesasira e muitos dos outros espectadores dos treinos entre as vinte crianças reunidas.

— Qual jogo? — perguntou um dos garotos.

— Xadrez — respondeu Katende.

Ele só viu rostos sem expressão. Nenhuma das crianças ouvira falar daquilo antes. Então uma delas falou.

— Ah, conheço esse jogo. Você persegue uma pessoa no campo até tocá-lo.

— Não — corrigiu Katende. — *Xadrez.**

Katende tirou um tabuleiro de xadrez de plástico de seu bolso e procurou uma superfície lisa no chão árido do lixão. Então pegou uma sacola de plástico e esvaziou seu conteúdo sobre o tabuleiro. As crianças examinaram o tabuleiro de xadrez, contando oito quadrados em cada ponta, 64 ao todo, alternadas entre escuras e claras. Elas contaram as 32 peças, 16 pretas e 16 brancas. Katende pegou um cavalo e então perguntou a elas o que a peça parecia.

— Elas disseram que era uma cabra — relembra Katende. — Afirmei a elas que parecia mais um cavalo, mas elas jamais haviam visto um cavalo. Então a chamamos de cachorro. *Embwa* em luganda. Estávamos apenas nos divertindo. Elas não aprenderam nada realmente naquele primeiro dia. Eu só estava tentando estimular a imaginação delas para que voltassem no dia seguinte animadas para aprender.

A sessão de xadrez do dia seguinte começou com uma das crianças perguntando:

— Treinador, como vamos conseguir conhecer todas as 32 peças e saber como elas se movimentam?

Katende bolou um plano. Ele pediu para que as crianças agrupassem as peças parecidas, independentemente da cor. Foram formados seis grupos. Katende pegou então uma peça de cada grupo e disse:

— Se aprenderem a movimentar essas seis peças, terão aprendido a movimentar todas as restantes.

No dia seguinte, ele contou a elas o nome de cada peça, escrevendo na terra para dar ênfase. Então pediu aos garotos para escolherem uma peça e compartilharem seu nome. Depois de aprenderem seus nomes, eles falaram sobre a posição de cada peça no tabuleiro. Katende mantinha as lições lentas. Simples. Todo dia, depois do futebol, ele dedicava cerca de quarenta minutos ao xadrez para tentar evitar potenciais esgotamentos. Katende não tinha pressa. Aonde mais essas crianças iriam?

No dia seguinte ele começou com o peão. Ele lhes mostrou como um peão pode avançar um ou dois espaços na sua primeira jogada e depois só um espaço. Então pediu que eles movessem o peão e cada um teve sua vez ao tabuleiro. Finalmente, uma criança impaciente exclamou:

— Treinador, só estamos movendo as peças, ninguém está comendo a peça de ninguém!

Katende pediu para que tivessem paciência. Com o tempo, eles haviam aprendido como um peão se movimenta, e então Katende lhes ensinou que se captura não avançando direto para a frente, e sim avançando um espaço diagonalmente.

— Algumas crianças tentavam capturar movendo um peão da maneira que ele deve se mover, e outras moviam o peão da maneira que ele deve

capturar — relata Katende. — Havia muita confusão.

Foram necessárias três ou quatro sessões apenas para cobrir o movimento do peão, mas, para encorajar as crianças, Katende lhes disse que o peão era a peça mais difícil de aprender, porque havia regras para movê-lo que não se aplicavam às outras peças.

Usando o peão como base, Katende lhes ensinou como as outras peças se moviam. Ele mostrou às crianças que a torre se move como o peão, mas pode se mover quantas peças quiser desde que não haja quaisquer outras peças em seu caminho, e que pode se mover tanto vertical quanto horizontalmente.

Então Katende explicou que o cavalo se move como a torre, exceto que pode andar apenas duas casas e em seguida vira para uma única casa. Sabendo que o cavalo podia ser uma peça frustrante para as crianças entenderem, Katende inventou uma frase que os garotos acabaram traduzindo para uma espécie de passo de dança. *Um-Dois-Virou. Um-Dois-Virou.* Katende os desafiou e com o tempo todos os alunos queriam mexer com o cavalo sem demonstrar aos outros que haviam contado as casas. Katende colocou então um cavalo preto e um peão branco no tabuleiro e pediu para que todos tentassem capturar o peão com o cavalo.

— Aquele foi um bom quebra-cabeça — opina Katende. — Os fez pensar, um-dois-virou, um-dois-virou. O peão estava sempre lá parado, mas quantas vezes você deve mover o cavalo até ele chegar ao peão? Eles podem chegar bem ao lado do peão, e então ficam com medo de tirá-lo de perto dele. Foi uma luta, mas com o tempo a dominaram.

Katende lhes contou que o bispo é a única peça religiosa no tabuleiro e eles o traduziram para luganda. *Munadiini*. Era mais fácil explicar o bispo se movendo diagonalmente e sempre na mesma cor, porque as peças se mexem basicamente da mesma maneira que a dama no jogo de damas, um jogo que muitas das crianças já haviam jogado. As que sabiam ensinavam aos que não sabiam, enquanto Katende ficava observando.

Aprender a mover a rainha foi simples. Katende segurou um dos bispos numa das mãos e uma torre na outra e os disse que a rainha combina os movimentos de ambas as peças.

No dia em que Katende chegou à peça final, o rei, as crianças esperavam que ele se movesse de maneira extraordinária por causa de seu tamanho comparado às outras peças. Então Katende explicou que o rei só podia andar um espaço em qualquer direção. Quando ele sentiu certa decepção entre seus pupilos, comparou a história do rei à das suas vidas.

— Perguntei a eles: "Quem conhece Kabaka de Buganda e já o viu correr?" Ninguém jamais o vira correr. Eu disse: "Não, é uma pessoa muito poderosa. Ele é um rei. Ele não corre. Ele é um diplomata. Ele só dá um passo e encerra seu movimento." Eles sabiam que Kabaka não corre porque é uma pessoa poderosa, respeitada por todos. Eles viram o rei de uma nova maneira.

Conforme as semanas se passavam, com Katende meticulosamente explicando cada uma das peças, o número de crianças presentes caía.

— Depois de vinte minutos de cada sessão, um garoto chamado Gerald começava a cochilar, chegando a babar — relembra Katende. — Eu perguntava a ele se estava tudo bem e ele acordava de supetão. Àquela altura havíamos perdido alguns alunos porque eles acharam que aprender xadrez era um processo demorado.

O grupo original de vinte crianças acabou se tornando um de apenas cinco garotos. Durante diversas semanas, a presença chegou a três, e Katende se perguntou se suas suspeitas estariam certas desde o início. *Será que essas crianças podem realmente jogar esse jogo?* Ele questionou a sobrevivência do projeto de xadrez.

Depois de Katende explicar todas as peças, as três crianças que continuavam na aula convenceram as duas que a haviam abandonado recentemente a voltar. Quando elas retornaram, Katende pediu aos garotos que já sabiam mover as peças para ensinar aos outros. Quando a assiduidade finalmente se estabilizou em cinco, Ivan Mutesasira, Samuel Mayanja, Gerald Mutyaba, Julius Ssali e Richard Tugume, Katende começou a se referir a eles como "Os Pioneiros". Os Pioneiros, por sua vez, chamavam Katende de "Treinador Robert".

— Os Pioneiros desenvolveram grande interesse no jogo — diz Richard Tugume. — Chegou uma hora em que reduzimos nosso tempo de futebol,

porque amávamos muito o xadrez. Víamos como o jogo podia desenvolver nossas mentes.

Katende identificou Richard como um líder. Ele estava jogando futebol no lixão quando Katende chegou lá pela primeira vez para organizar a porção de futebol de seus ensinamentos. Richard estava entre os primeiros a se juntar ao projeto de futebol de Katende e desde então raramente faltava. Uma noite, para tentar incentivá-lo, Katende entregou ao garoto o único tabuleiro de xadrez para que levasse para casa. Richard o devolveu rapidamente.

— Mas por quê? — perguntou Katende. — Por que não quer ficar com nosso tabuleiro?

Richard permaneceu quieto até Katende o puxar para um canto e perguntar mais uma vez por que ele não queria ficar com o tabuleiro.

— Sinto muito, treinador — desculpou-se o garoto —, mas quando papai volta para casa de noite ele está bêbado e briga com a mamãe e ele vai acabar destruindo nosso tabuleiro.

Então, no mesmo dia, Richard reuniu o restante dos Pioneiros para procurar pelo lixão por tampas de garrafa e um pedaço de papelão em branco. Eles desenharam 64 quadrados no papelão e pintaram cada um cuidadosamente e então gravaram os nomes das 32 peças nas tampinhas de garrafa. Durante muitas noites após aquilo, quando era hora de Katende ir embora de Katwe, os Pioneiros jogavam seu novo jogo favorito, com tampinhas de garrafa num papelão, até estar escuro demais para enxergar.

O treinador Robert nunca teve um treinador. Ele aprendeu xadrez sozinho, observando alguns de seus amigos jogarem no pátio da escola durante seu segundo ano na escola secundária Lubiri.

— Eu vi os alunos jogando esse jogo estranho e perguntei a eles: “O que é isso?” Eles me disseram que o jogo era apenas para caras muito inteligentes. Eu precisei provar que era inteligente o bastante para esse jogo.

Katende observava seus amigos jogarem toda noite e finalmente perguntou se podia se juntar a eles. Ele comprou um tabuleiro de plástico barato e as peças de um amigo e jogou recreativamente de vez em quando ao longo dos anos seguintes. Não jogou xadrez competitivamente até chegar ao departamento de engenharia na Universidade de Kyambogo, onde competiu em torneios contra jogadores muito mais talentosos que haviam crescido em famílias influentes, praticando mais consistentemente. Durante a odisseia que foi sua infância, uma das poucas posses à qual Katende se segurou foi o jogo de xadrez que comprara durante o ensino médio, e foi aquele mesmo jogo que ele levou para ensinar às crianças de Katwe.

Katende aprendera o jogo primeiramente através de tentativa e erro, e foi dessa maneira que o ensinou aos Pioneiros. Ele admite que nem sabia todas as regras do jogo até diversos meses depois do projeto de xadrez começar, quando um amigo do Sports Outreach lhe deu um livro chamado *Xadrez para iniciantes*. O livro ensinou a Katende um pouco das estratégias e táticas básicas do xadrez. Ele aprendeu a importância de controlar a parte central do tabuleiro para ganhar uma posição de força. Por mais que já tivesse aprendido o "roque", um movimento no qual o rei e a torre mudam de posição, o livro o ensinou o "roque grande" e "roque menor", e que um jogador devia tentar rocar nos primeiros dez lances do jogo. Ele também descobriu que o xadrez podia ser dividido em três estágios: abertura, meio-jogo e final.

— Ler aquele livro foi um momento decisivo — acredita Katende. — Estudei cada palavra e o usei como referência para ensinar às crianças algumas coisas sobre o jogo que eu mesmo ainda estava aprendendo.

Trabalhando sem muita profundidade de conhecimento sobre a teoria de xadrez, que é uma maneira de abordar o jogo mais como um todo do que como uma série de movimentos individuais, Katende ensinou seus alunos a analisar o tabuleiro e tentar fazer a melhor escolha para cada jogada. A princípio todos queriam usar cada movimento para capturar, quer fizesse sentido em longo prazo ou não. Pensavam apenas um movimento por vez. Então Katende gradualmente os ensinou a planejar, a pensar um lance à frente, depois dois, depois três e além.

— Não gosto de como os jogadores que dizem ter aprendido xadrez através da teoria fazem seus movimentos e não conseguem nem explicar por que sequer fizeram aquelas escolhas — explica Katende. — Meus jogadores precisam ter um motivo pelo qual escolhem cada jogada. Pode ser um motivo ruim, mas pelo menos existe um motivo.

Katende os ensinou a jogar com uma peça de cada vez. Os primeiros jogos dos Pioneiros envolviam apenas peões. Depois de aprenderem a torre, as quatro torres foram acrescentadas ao tabuleiro.

— No começo eu só os fazia mover uma peça da cor que quisessem, desde que a movessem da forma correta. Não me preocupei com branco depois preto depois branco depois preto. O branco podia fazer dez jogadas seguidas sem o preto nem se mexer. Alguém podia passar a rainha para bem ao lado do rei rival. Então algumas jogadas depois o rei poderia capturar a rainha. Não era muito rígido. Eu só queria ver se eles conseguiam movimentar as peças corretamente e os deixar descobrir as coisas devagar.

Durante os primeiros meses, os Pioneiros acharam que o jogo terminava quando um jogador capturava todas as peças de seu oponente. Então, quando Katende sentiu que estavam prontos, explicou aos Pioneiros que o jogo na verdade se ganha quando um rei de um oponente é irremediavelmente encurralado num "xeque-mate", que começa com o aviso de que o rei está em "xeque", ou o que Katende chamava de "alvo".

— Foi um momento interessante para eles quando descobriram sobre seu rei no alvo. A princípio foi como um grande susto. A respiração deles ficou ofegante. "Para onde posso correr? O que posso fazer?"

Inicialmente as crianças tiveram dificuldade com a ideia de o rei não precisar ser de fato capturado para o jogo terminar. Então Katende explicou o xeque-mate com outra história com a qual os Pioneiros poderiam se identificar.

— As crianças me perguntavam: "Por que eu preciso dizer a você que seu rei está em xeque quando posso simplesmente capturá-lo?" — diz Katende. — Eu respondi a eles: "Não, você não mata o presidente. O presidente é simplesmente preso. Quem é que já ouviu falar de um presidente sendo morto? Ele é uma pessoa importante no país. Você só o prende. É como você avisar a um presidente: 'Você está em perigo. Não tem

nenhum soldado para proteger você?' Se ele não tiver, então você o prende e fim de jogo."

Para ilustrar melhor seu argumento, Katende demonstrou o que é conhecido como "Mate do Louco", que ele aprendera no *Xadrez para iniciantes*. O termo se refere a uma série de movimentos simples no começo de um jogo que podem rapidamente dar xeque-mate em um oponente.

Com o tempo, Katende começou a jogar contra os Pioneiros, geralmente revezando-os na cadeira oposta à dele, às vezes deixando-os formar times para escolher cada um de seus lances, mas sempre explicando o porquê de ter feito aquela jogada, e avaliando integralmente cada movimento feito pelo oponente enquanto as crianças assistiam com total atenção. Katende estava sempre procurando maneiras de desafiá-los.

— Uma vez eu estava ensinando a eles como vencer quando você tem só dois bispos e um rei e seu oponente só tem um rei — conta Katende. — Não disse a eles o que fazer. Apenas perguntei: "Qual de vocês pode me colocar em xeque-mate quando eu só tenho um rei?" Jogamos mais de cinquenta lances e eles não conseguiram. Eles argumentavam: "Treinador, não é possível." Eu disse a eles que é possível e os deixei descobrir como. Eles descobriram sozinhos.

Conforme os meses passavam, o projeto de xadrez começou a se expandir ligeiramente para além dos Pioneiros, possivelmente pelo boca a boca de que a cana-de-açúcar se transformara num prato diário de mingau. Katende começou a perceber as profundas lições que o tabuleiro de xadrez tinha para sua congregação de alunos. Eram crianças da favela. Ele era uma criança da favela. A história deles era a sua história. Todos eles haviam estado no alvo por todas as suas vidas.

— Comecei a entender que o xadrez é a melhor ferramenta para as crianças nas favelas — diz Katende. — Acredito que, quando elas o jogam, podem integrar os princípios usados no jogo às suas vidas. O momento em que seu oponente faz uma jogada é como se estivesse colocando um desafio à sua frente, e a questão toda é pensar: "O que posso fazer para vencer esse desafio?" É como os desafios que elas enfrentam todos os dias. Elas precisam pensar também em como vão superá-los. Eu disse a elas que nunca

podem entregar um jogo, nunca desistir, até serem postas em xeque-mate. E aí que o xadrez é como a vida. É essa a mágica do jogo.

Rapidamente, tornou-se cada vez mais difícil diferenciar os jogos de xadrez da orientação espiritual que se seguia a ele. Uma questão para se ensinar podia surgir a qualquer momento. Sempre que Katende via um jogador se frustrando durante um jogo, contava a história bíblica de José:

> José e seus irmãos eram uma família e, apesar de José não ser uma pessoa malcomportada, eles o tratavam mal. Eles acabaram vendendo-o para trabalhar como escravo. Se José estivesse em busca de alguém a quem culpar, definitivamente ficaria brigado com seus irmãos, mas aquele era o plano de Deus. Ele passou por todo aquele sofrimento, mas era uma conexão com outro nível. Vocês precisam desenvolver essa positividade dentro de vocês para que os problemas não os afetem demais. Em cada desafio vocês precisam ver qual é a lição contida ali. Por que Deus permitiu que aquilo acontecesse? Como Ele quer que eu cresça com isso? É com resistência? É com tolerância? Você precisa desenvolver esse músculo para tomar uma posição e saber como lidar quando alguma coisa ruim lhe acontecer.

Sempre que houvesse uma crise de confiança, Katende iria contar a sua história favorita sobre um médico incapaz.

> Pense numa situação em que você esteja doente e precise ir a uma clínica para se tratar e um médico chega e diz: "Meu jovem, você está doente. Vou dar uma injeção em você, mas não sei se ainda me lembro de como dar uma injeção. Deixe-me ver antes se lembro." Então ele pega uma esponja e tenta dar uma injeção nela e diz: "Acho que me lembro sim. Certo, vamos à injeção." Você pode permitir que o médico lhe dê aquela injeção? É claro que não. Por quê? Porque o médico não acredita nele mesmo. Então, como é que você pode confiar sua vida a ele? Você não pode. Se você não

acredita em si mesmo, como espera que os outros acreditem em você?

As lições de Katende foram projetadas para unir um monte de crianças desesperadas da favela numa comunidade de jogadores de xadrez ajudando um ao outro a aprender a pensar nos seus futuros.

— Um dia você vai poder ler a mente de seu oponente muitas jogadas antes — garantia Katende aos meninos. — Você vai ver o que vai acontecer no tabuleiro muito antes de acontecer. Vocês todos serão profetas.

Brian Mugabi estava sentado entre eles naquele primeiro dia no qual Katende colocou o tabuleiro de plástico sobre a terra e derramou as peças sobre ele. Brian estava jogando no projeto de futebol desde o começo, quando tinha cerca de 11 anos de idade, fugindo de suas tarefas sempre que podia, sob o risco de apanhar de sua mãe. Ele era relativamente pequeno e às vezes ficava frustrado jogando futebol contra garotos maiores, mais fortes e mais habilidosos. Mas ele continuava indo, menos pelo futebol e mais para ouvir o que o jovem treinador tinha a dizer, e, é claro, pela comida.

Brian abraçou o xadrez desde o primeiro dia, porque reconheceu imediatamente que ali seu tamanho não importava. Esse jogo era disputado com o cérebro, e Brian achou que não podia haver ninguém melhor em planejar e calcular. Ele viu o xadrez como uma chance de ser bom em alguma coisa pela primeira vez na vida. O jogo o lembrou dos dias em que seu pai o levava aos *video halls* e ele assistia a filmes sobre soldados a cavalo com lanças enfrentando um ao outro. A ideia sempre o fascinara. Um exército contra o outro. Lutar ou morrer. Era isso que ele via quando olhava para o tabuleiro de xadrez.

Brian fugia para o projeto de xadrez sempre que possível durante os primeiros meses, o bastante para ter aprendido como cada um dos soldados atacava e capturava, mas não o bastante ainda para comandar seu exército como um todo com sucesso. Uma noite depois do xadrez, enquanto estava

indo para casa, ele foi atingido por uma bicicleta. Brian caiu e se machucou feio. Ele teve que ser levado no colo até sua casa e naquela noite notou sangue em sua urina. No dia seguinte foi levado ao hospital, onde os médicos descobriram que ele estava tendo uma hemorragia interna. Brian ficou em tratamento ali durante uma semana. Enquanto ficava no barraco de sua família se recuperando, ele não conseguia parar de pensar em voltar ao projeto de xadrez, em rever seus amigos e se reconectar com a primeira sensação de estabilidade que jamais experimentara. Ele começou a perceber que não era do jogo que ele sentia tanta falta, mas sim das pessoas com quem ele o jogava. Passaram-se três meses até Brian se recuperar o suficiente para voltar ao projeto de xadrez, e àquela altura, Katende havia chamado alguns dos outros garotos com quem ele treinara de "Os Pioneiros".

Naquela época, Katende conseguira mover o projeto do lixão para um alpendre empoeirado do lado de fora do escritório do bispo John Michael Mugerwa, onde um telhado podia proteger as crianças da chuva e uma luz fraca os permitia continuar jogando nas noites em que escurecia cedo na favela. Um dia, provavelmente em 2005, quando Brian escapou de seus irmãos mais novos, Phiona e Richard, e correu até o projeto de xadrez, não fazia ideia de que estava deixando um rastro, e jamais poderia ter imaginado no que aquele rastro poderia dar. Ele certamente não sabia que estava sendo seguido, até Katende ver alguém na borda do alpendre olhando de um cantinho.

Uma jovem garota.

Nota

* Esse diálogo só faz sentido em inglês, uma vez que o som da palavra *chess* (xadrez) se aproxima de *chase* (perseguir) – o nome da brincadeira a que a criança se refere é *chase and tag*. (N. E.)

4

Ressurreição

"Não tenho lembranças do meu pai", diz Phiona. "Eu era tão nova que nem sabia como ele tinha morrido. Depois de seu funeral, ficamos na aldeia algumas semanas e uma manhã, quando acordei, minha irmã mais velha, Juliet, me contou que estava com dor de cabeça. Pegamos algumas ervas e as demos a ela e então ela foi dormir. Na manhã seguinte a encontramos morta na cama. É disso que me lembro."

Só Deus sabe que dia a criança nasceu. Não existe certidão de nascimento. Nenhuma espécie de documento. Não se dão ao trabalho de lidar com esse tipo de papelada nas clínicas de Katwe. Muitos africanos supõem o dia em que nasceram através de nada mais específico que determinado ano marcado por algum evento significativo na história de seu país. Em Uganda, muitas pessoas sabem mais ou menos quando foram seus aniversários por causa de alguma guerra. Harriet acredita que sua terceira filha nasceu em 1996, mas não sabe em qual dia e não entende por que alguém precisaria saber, considerando que ninguém comemora aniversário na favela.

Como é analfabeta, Harriet não deu um nome à sua filha recém-nascida, apenas um som. A prima de Harriet, Milly Nanteza, dera a todas as suas filhas nomes começando com o som de F. Harriet gostava daquilo. Nanteza dera a uma de suas filhas o som FI-OH-NAH. O nome jamais foi soletrado. Quando perguntam a Harriet como o nome de sua filha é soletrado, ela não compreende a pergunta. A resposta não seria determinada por nenhum meio oficial durante muitos anos.

Phiona tinha cerca de três anos de idade quando seu pai morreu e sua vida virou de cabeça para baixo. Ela estava se preparando para entrar no jardim de infância. De repente, ela não era mais criança, e sim uma trabalhadora. A viúva Harriet precisava que todos os seus filhos fizessem parte de sua força de trabalho.

Quando Harriet voltou de Buyubu para sua casa depois do segundo funeral que sua família tivera em três semanas, ela perdera seu emprego na New African Child School e a família havia sido despejada de seu lar em Salaama Road. Night e Brian, que tinham, respectivamente, 13 e seis anos de idade, saíram da escola para ajudar a sustentar a família.

— Depois da morte de meu marido eu fiquei sozinha com um monte de filhos e não conseguia pagar o aluguel — diz Harriet. — A vida era tão, tão terrível. Eu não podia pagar suas escolas e não lhes deixavam fazer provas nem ter boletins. Finalmente, precisei escolher entre educar meus filhos ou alimentá-los.

Um dia, depois de ver uma criança andando pela favela vendendo milho cozido de uma panela na cabeça, Harriet, acreditando não ter outra escolha, decidiu que sua família faria o mesmo. Toda manhã ela ia até o mercado de rua de Kibuye e comprava milho, geralmente com dinheiro emprestado. Em seguida Harriet o cozinhava, e ela e seus filhos andavam com ele vendendo na favela.

— Às vezes você podia ficar muito cansado, porque caminhava longas distâncias com o milho na cabeça sem ninguém comprar — diz Brian. — E, pessoalmente, eu me sentia mal pelo que estávamos fazendo. Todos queríamos estar na escola. Chegava cinco da tarde e todos os meus amigos estavam brincando, e eu queria me juntar a eles, mas era um dos horários em que nossa mãe nos mandava ir vender o milho.

Quando Phiona tinha cerca de cinco anos de idade, Harriet começou a mandá-la sozinha pela favela todo dia carregando uma panela de milho sobre a cabeça. Ela vendia durante as manhãs e tardes. Phiona carregava vinte espigas de milho e cada uma era vendida por cem xelins (seis centavos de dólar americano), uma carga que valia dois mil xelins, mas uma garota de cinco anos raramente voltava com aquilo.

— Havia momentos em que você cruzava com algumas crianças de rua e elas batiam em você, roubavam seu milho e iam embora — conta Phiona. — Às vezes elas levavam até o dinheiro que você tinha dado tão duro para ganhar e você voltava para casa sem nada. Era realmente muito difícil, porque eu ia para casa chorando e não podia expressar nada para minha mãe, porque ela também estava se sentindo muito mal por tudo aquilo e estava se preparando para me bater. Então era um momento horrível. Aquilo realmente nos afetava, porque quando não conseguíamos ganhar dinheiro suficiente, acabávamos não comendo naquele dia.

Houve diversos dias em que Harriet não tinha comida para seus filhos. Eles geralmente não tomavam café da manhã. Às vezes Harriet conseguia juntar um pouco de arroz para uma refeição ao meio do dia. Uma xícara de chá geralmente precisava ser o bastante para o jantar. Sempre que não havia comida suficiente para a família toda, Harriet ficava em jejum. Uma vez por ano, no dia de Natal, Harriet não mandava suas crianças vender milho e comprava carne para sua refeição do dia, que ela dividia entre eles sem pegar nenhum pedaço para si. O Natal era o único dia do ano no qual as crianças podiam comer até estarem satisfeitas.

Antes de seu primeiro turno diário vendendo milho, Phiona devia fazer grande parte das tarefas da casa que sua irmã Juliet um dia fizera. Ela também precisava ir buscar água. Phiona acordava às cinco da manhã todo dia e começava uma caminhada de três horas por Katwe para encher um galão de água potável. Às vezes, até levava um galão extra no ombro para algum vizinho em troca de alguns xelins que pudesse dar a sua mãe para comprar comida.

— Buscávamos água, vendíamos milho e fazíamos as tarefas — conta Phiona. — Era essa a nossa rotina. Na maioria das vezes, quando voltávamos, estávamos cansados demais e nossa mãe percebia e nos ajudava

até a lavar nossas roupas, pois estávamos cansados demais para fazer isso sozinhos.

Compreendendo o valor da educação que ela mesma jamais tivera quando criança, Harriet tentou repetidas vezes matricular seus filhos na escola, mas nunca conseguia pagar as mensalidades. Ela os transferia de escola para escola, mas geralmente eram expulsos antes de completarem um semestre. Num período de seis anos, Phiona completou menos de duas séries escolares. Mesmo quando estavam matriculados, Phiona e seus irmãos continuavam vendendo milho à noite.

Conforme crescia, o comportamento de Phiona começou a mudar. Ela com frequência brigava com as crianças do bairro. Diferentemente da maioria das garotas, ela até enfrentava os garotos. Uma vez um garoto caçoou dela por ela não ter pai e por sua família dormir no chão, e Phiona o atacou com tanta força que Harriet precisou separar a briga antes que Phiona machucasse o menino.

— Eu fazia todo tipo de coisa ruim — diz Phiona. — Andava com as crianças mais levadas do bairro agredindo quem quer que encontrássemos. Não tinha medo nem de brigar com os mais velhos, se fizessem alguma coisa que não fosse o que eu queria. Geralmente eu não tinha ninguém me dizendo o que fazer e o que não fazer, então acabei aprendendo muitas coisas ruins.

Phiona atribui sua má conduta ao constante estado de desespero de sua família.

— Aquilo nos afetou até certo ponto, mas nossa mãe costumava nos encorajar para não perdermos as esperanças. Muitas vezes o senhorio ia até nossa casa exigindo o dinheiro do aluguel quando não tínhamos dinheiro nem para comer. Era tudo uma bagunça tremenda, então a gente realmente tinha muito medo e nunca sabia o que ia acontecer em seguida.

Quando lhe perguntam se houve momentos felizes em sua infância durante aquela época, Phiona sacode a cabeça e, para dar ênfase, responde em inglês:

— Não.

* * *

Na sua cabeça, seria melhor se acontecesse de carro. Harriet não tinha exatamente certeza de onde nem quando, mas seria uma maneira rápida de partir. Não seria preciso nenhum planejamento, apenas uma decisão rápida. Um breve surto de coragem, ou talvez de covardia, e ela teria partido.

— A vida que eu levava, eu estava cansada dela — conta Harriet. — Eu tinha muitas dificuldades e às vezes perdia a esperança. Durante aquela época certamente não tinha nada em mente a não ser arranjar comida para a gente sobreviver, e sempre me perguntava se Deus sequer lembrava de nós. Estava muito cansada de viver aquele tipo de vida. Estava trabalhando muito duro, mas era tudo em vão. Era como um demônio no meu ouvido. Isso me fazia me odiar e parecer que não valia a pena viver. Então chegou uma hora em que me perguntei: Por que não morro logo e largo essa vida?

Foi só sua responsabilidade para com seus filhos que evitou que Harriet cometesse suicídio. Ela pensava sempre neles e imaginava o que lhes aconteceria sem ela. Em seus momentos mais difíceis, ela se perguntou se não seria melhor morrer a ver seus filhos sofrerem. Ela queria deixá-los ir. Em algum lugar de Katwe, Harriet Nakku chegou àquele sombrio ponto sem volta quando começou a pensar: "Será que meus filhos realmente ficariam pior sem mim do que estão agora?"

Em algum momento do ano 2000, cerca de um ano após a morte de seu marido e filha, uma amiga, preocupada com o estado de Harriet, a mandou ver um pastor.

— Antes de 2000 eu tinha um sonho repetidamente no qual uma voz falava comigo: "Por que não se salva?" Mas eu não prestava atenção — relata Harriet.

Naquele dia Harriet aceitou Cristo como seu salvador. Ela renasceu. Então o pastor relatou uma profecia.

— Quando fui à igreja e vi aquele homem de Deus, ele conversou comigo e disse: "Você tem pedido a Deus para um veículo atingir você e você morrer. Vá para casa e Deus vai indicar algo para você hoje" — conta Harriet.

Mais tarde, enquanto Harriet levava o pequeno Richard por Katwe, perto de um lugar chamado Prayer Palace, ela escutou um carro acelerando numa curva da estrada e indo na direção dela. As testemunhas em Katwe naquele dia prenderam juntas a respiração, certas de que estavam prestes a testemunhar mais uma morte sem sentido na favela. Harriet fez uma prece rápida e se preparou para o impacto.

— O carro veio e de repente parou bem onde estávamos — conta Harriet. — Vi o carro dando meia-volta e indo para o mesmo lugar de onde tinha vindo e me lembrei da profecia e entendi do que o homem de Deus estava falando. Talvez tenha sido coisa de Deus. Não consigo explicar aquilo.

Aquele único dia mudou toda a maneira de Harriet encarar a vida.

— Naquele momento meu coração se transformou — confessa Harriet. — Eu passava a maior parte do tempo chorando e preocupada antes de ser salva. Então fiquei forte e ganhei esperança e paz interior. Nossa situação não era nada boa, mas comecei a refletir sobre o que Deus havia feito pela gente, de algum jeito nos deixando viver. Eu não estaria mais aqui se não fosse pelo poder de Deus. E agradeço a Ele por isso.

Na primeira vez em que Phiona morreu, ela tinha sete anos de idade. Aconteceu de repente uma noite. Phiona ficou doente e com febre, e então partiu. Seu corpo ficou gelado e imóvel. Ninguém encontrava seu pulso.

O corpo de Phiona foi vestido para seu enterro e colocaram algodão em cada uma de suas narinas para conter qualquer fluxo de sangue. Como é costume em Uganda, a família tirou todas as suas posses da barraca, e convidou os vizinhos para se sentarem em tapetes ao longo das paredes e a ajudar a família a velar e rezar pelo morto. Harriet foi até a igreja pedir fundos para que o corpo de Phiona fosse levado da aldeia para ser enterrado, e os irmãos mais novos dela foram mantidos do lado de fora da barraca, sem saber o que tinha acontecido.

Diversas horas depois de Phiona morrer, Night começou a notar suor nas pernas da irmã. De repente, todo o corpo de Phiona parecia estar suando, então Night removeu algumas peças de roupa com que a vestira. Quando Harriet voltou da igreja, Phiona havia ressuscitado.

— Pessoalmente, nunca vi nada assim — admite Harriet. — Mesmo que fosse minha filha, fiquei realmente com medo dela. Nem gosto de falar disso, porque sei que as pessoas vão ficar com medo dela também. Não tenho como explicar. É a glória de Deus. Naquela época, eu só rezava e acreditava em Deus, mas não estava nem rezando para ela voltar à vida. Não sei nem o que aconteceu para ela voltar a viver, mas acredito que exista uma razão.

— De repente vimos Phiona voltando à vida e todos os visitantes se espalharam e correram da sala, porque acharam que era um fantasma — diz Night. — Também estávamos com medo dela. Achamos que ela era um fantasma. Então nossa mãe disse: "Não, foi Deus que trouxe minha filha de volta." Então contamos a Phiona: "Você estava morta." Phiona disse: "Não, eu só estava dormindo." Ela melhorou, mas as pessoas tiveram medo dela durante um bom tempo.

Alguns dos vizinhos que estavam no velório de Phiona naquela noite se recusaram a ter mais qualquer tipo de contato com a garota e começaram a chamá-la de "a garota que voltou dos mortos".

Cerca de um ano depois, Phiona morreu mais uma vez. Ela ficou gravemente doente e Harriet implorou por dinheiro para uma de suas irmãs para levá-la ao hospital. Por mais que Harriet nunca tenha recebido um diagnóstico, ela acredita que sua filha estava com um caso grave de malária, uma doença contraída com a frequência de um resfriado comum em Katwe, e que Phiona já tivera muitas vezes antes. Phiona perdera a consciência e foi preciso remover fluido de sua espinha. Harriet foi informada de que a condição de sua filha era muito grave.

— Fiquei com tanto medo — diz Harriet. — Me disseram que, quando removem água da espinha de alguém, as chances de ela sobreviver são muito poucas. Sabia que Phiona ia morrer, assim como Juliet antes dela.

Harriet deixou Night com Phiona por já ter tanta certeza do destino de Phiona, e não conseguir suportar a ideia de perder mais uma filha. Ela levou

Brian e Richard para tentar juntar dinheiro para o enterro de Phiona. Vários dias depois, Phiona espantou os médicos ao se recuperar subitamente.

— Fiquei muito surpresa com a recuperação de Phiona — diz Harriet. — Talvez não fosse a hora dela. Deve ter sido o plano de Deus. Acredito que exista intervenção divina na vida da minha filha.

Phiona acrescenta:

— Não me lembro de nada daqueles dias a não ser que, quando fui para casa, minha mãe me disse: "Você morreu por dois dias."

Harriet perdera tudo que tinha, exceto por seus filhos e um colchão. Agora o colchão não existia mais. Harriet tinha oferecido seu colchão em troca de dinheiro emprestado para vender mandioca no mercado de Kibuye. Quando, em uma semana, o negócio faliu, o colchão estava perdido. Harriet e seus filhos não tinham no que dormir.

Naquela época, eles haviam ido morar com a mãe de Harriet num pequeno barraco em Katwe onde mal cabia uma pessoa, mas onde dormiam seis. Um dia, o senhorio apareceu e lhes disse que, se não pagassem o aluguel, teriam que ir embora imediatamente. Elas não tinham dinheiro.

Então a família se mudou para outro barraco na zona de Kizungu, na fronteira de Katwe, um alojamento abandonado por seu estado decrépito. Logo depois de chegarem lá, a mãe de Harriet morreu. A família continuou lá, apesar de um dia, ao chegar em casa, descobrirem que tudo o que tinham havia sido roubado, pois não tinham dinheiro para pôr um cadeado na porta. Pouco depois, a casa desmoronou. Na época, Harriet não tinha dinheiro para alugar outra casa, então ela implorou ao seu irmão de criação, Juma Sserunkuma, para deixar sua família ficar com ele no barraco de dois quartos que ele alugava na favela próxima de Nateete.

Harriet não sabia, até chegar lá, que Sserunkuma praticava bruxaria. Em algumas noites, Sserunkuma acordava Harriet e as crianças às três da manhã e insistia para que saíssem enquanto ele fazia rituais como matar uma galinha e espalhar seu sangue pelo barraco. Sserunkuma alegava

constantemente que alguém estava urinando em seu quarto, mesmo mantendo-o trancado. Ele reclamava que não estava mais ganhando quanto ganhava, e que a presença de Harriet não o deixava arranjar uma esposa.

— Ele me dizia que tudo na vida dele virara uma bagunça — conta Harriet. — Ele irrigava algumas flores com cerveja local e elas secavam. Parecia que ele achava que tínhamos desorganizado seus espíritos.

Sserunkuma finalmente mandou Harriet e sua família embora.

— Eu disse a meus filhos que não era seguro ficar com ele. Tinha medo de ele nos sacrificar, esquartejar, então precisei sair da casa dele e ir para a rua.

Como não tinham outra escolha, Harriet e seus filhos ficaram na rua perto do mercado de Kibuye. A única outra opção de abrigo era voltar para a aldeia de seu pai em Seeta, mas Harriet não tinha dinheiro para o transporte e sequer sabia se seria bem-vinda.

— Durante o tempo em que dormimos na rua, eu não sabia se algum dia conseguiríamos outra casa para morar — diz Phiona. — Dormíamos na rua e as pessoas riam da gente. O plano da nossa mãe era um dia voltar para a aldeia.

Dia após dia na rua, Harriet dividia uma única mandioca entre seus filhos enquanto ela só bebia água. Harriet sobrevivia de pequenas doações de amigos da igreja, que finalmente a convenceram de que morar na rua não era seguro para seus filhos e que ela devia levar sua família para dormir na igreja, depois que ela esvaziasse à noite.

Naquele terrível momento, Night pensou numa solução. Ela deixou a família na rua e tomou uma decisão que estava resistindo durante um bom tempo, a mesma decisão que sua mãe fizera num momento parecido de desespero.

— Precisei sair e arranjar um homem e comecei a ficar com aquele homem — conta Night. — Então quando arranjei aquele homem, não foi a coisa certa a fazer, porque eu não tinha muita idade. Eu tinha 15 anos. Mas não tinha opção e ele agora me dava algum dinheiro para sustentar minha família. Então foi assim que Deus nos tirou das ruas.

Depois de três semanas na rua, com um presente de quarenta mil xelins do homem com quem Night estava morando, Harriet alugou um quarto no

distrito de Masajja, onde a família ficou por volta de quatro meses até a estrutura ser demolida porque o senhorio queria construir uma estrutura mais resistente. Então, uma vez mais, Harriet mudou-se com sua família para mais um barraco em Katwe, a sexta vez em cinco anos.

Para pagar o aluguel de cada um desses humildes alojamentos, Harriet voltou a trabalhar no mercado de Kibuye, um caótico bazar ao ar livre que oferece de tudo, de verduras a roupas íntimas a pasta de dente a louça, grande parte em meio à lama num local marcado por gado que defecava na rua.

Harriet não desistiu depois de seu primeiro fracasso no mercado, mas só tentou novamente depois de aprender com seus erros. Ela não vendeu mais mandioca, que se revelou ser um artigo caro e de validade curta, escolhendo em vez disso vender curry em pó, que era muito mais barato e durável.

Com o tempo, Harriet aumentou seu inventário, incluindo folhas de chá, abacates e berinjelas, que ela normalmente vende de uma barraca de madeira debaixo de um frágil guarda-chuva que praticamente não oferece proteção alguma contra o sol escaldante. Seis dias por semana ela sai de casa às duas da manhã para uma caminhada de cinco quilômetros até os fazendeiros que levam suas mercadorias a Kampala para compra, e então revende as mercadorias com um pequeno lucro que ela espera somar o suficiente a cada mês para pagar o aluguel e para dar a seus filhos uma refeição diária de arroz.

Por causa de seu trabalho, Harriet geralmente fica ausente do barraco da família e seus filhos nunca sabem quando ela vai voltar. Às vezes Harriet passa vários dias sem vê-los.

— Quando acordo de manhã, entrego meus filhos nas mãos de Deus — diz ela. — Nem sempre sei onde meus filhos estão. Deus é como o pai deles.

Um dia, quando chegou a hora de sair à noite para vender milho, Brian não foi encontrado. Antes de seu acidente com a bicicleta ele começara a sumir todo dia no mesmo horário. Curiosa, sua irmãzinha tentava segui-lo. Mas

Phiona sempre perdia seu irmão em meio ao labirinto de vielas de Katwe. Ela não conseguia acompanhar seu passo.

Porém nesse dia, talvez motivada pela possibilidade de encontrar comida num dia em que não tinha nada para comer, Phiona conseguiu seguir Brian por cinco quilômetros, até um lote abandonado, um lixão que estava sendo usado como campo de futebol. Phiona observou de longe Brian jogar futebol com um grupo de meninos, vigiados por um jovem treinador. Ela observou o treinador e gostou de como ele participava do jogo e parecia gostar das crianças de verdade. Depois de mais ou menos uma hora, a partida de futebol acabou. Brian e os outros meninos então adentraram mais o vale de Katwe, na direção do coração de Nkere. Phiona continuou seguindo seu irmão até um menino chamado Gerald se virar, ver Phiona e dizer:

— Brian, sua irmã está vindo.

Brian voltou até onde Phiona estava e insistiu para que ela fosse para casa. Depois de resistir inicialmente, Phiona deu meia-volta e começou a caminhar de volta para casa, mas se virou novamente e recomeçou sua determinada perseguição ao irmão, até chegar a um alpendre empoeirado do outro lado da rua do barraco de Hakim Ssewaya. Brian desapareceu lá dentro. Phiona espiou cuidadosamente de um canto para ver aonde ele havia ido.

— Vi que havia várias crianças sentadas e estavam todas olhando para umas coisas bonitas que eu não sabia se eram de um jogo, porque nunca tinha visto aquilo antes — diz Phiona. — Fiquei olhando mais um pouco e fiquei com muita vontade de entrar e tocar naquelas belas peças. Pensei: O que poderia deixar todas essas crianças tão quietas? Então os observei jogar e fiquei feliz e animada e quis uma chance de ser feliz daquele jeito.

Phiona ficou olhando de um canto, fascinada pelo jogo. De repente, o treinador a viu.

— Menininha — disse Katende. — Não tenha medo. Venha.

5

Ensine a ela o que você sabe

— Phiona — respondeu ela, quando Katende perguntou seu nome. Mas ele não conseguiu escutá-la. Ninguém conseguiu. Ela falara sussurrando, com o queixo enfiado no peito. Katende se aproximou. — Phiona — repetiu ela, na mesma altura.

Ela estava suja. Sua saia estava ensopada. Sua blusa rasgada. Seus pés descalços cobertos de lama. Ela fedia.

Gradualmente, Phiona foi entrando no alpendre, onde muitos garotos e algumas garotas estavam sentados em bancos de madeira, jogando aquele estranho jogo. Ela pegou uma rainha e a acariciou com os dedos. Phiona jamais sentira algo como aquilo.

As outras crianças do projeto de xadrez não receberam bem a novata. Brian não sabia muito bem como lidar com sua irmã entre eles. Até mesmo Katende ficou estrategicamente distante para ver se a comunidade a receberia sem a sua influência. Phiona comeu sua tigela de mingau sozinha. Todos se recusaram a sentar perto dela por causa de seu mau cheiro. Eles riram dela. Disseram para ela ir embora.

— Olhem essa garota suja — disse um. — Você, garota, vai embora. Não pode ficar com a gente aqui. Não podemos ficar perto de uma garota tão suja.

De repente, a garota quieta ficou mais agressiva. Phiona caminhou até seus algozes com uma atitude de quem estava pronta para brigar. Foi para aquele momento que Katwe a treinara; uma percepção animalesca de que, a cada dia, só os mais fortes sobrevivem, que retaliações são necessárias, que até mesmo a criatura mais naturalmente tímida precisa lutar quando sua existência depende disso. Phiona podia sentir que aquele dia era um marco em sua jovem vida, uma linha desenhada na terra, e ela não podia, não iria, ser afastada daquelas lindas peças.

— Eles me maltrataram, mas não sabiam com quem estavam brincando, porque eu também os maltratei — conta Phiona. — Falei tantos palavrões. Dizia a eles: "Olha seu nariz. Olha seus dentes. Você também não é tão bonito."

Phiona ameaçou alguma das outras crianças até Katende e Brian intervirem para separá-los. Brian arrastou sua irmã para fora e a levou até seu barraco, onde contou à mãe deles como Phiona tinha brigado com as outras crianças e o quanto ele odiava ver sua irmã ser maltratada daquela maneira.

— Nossa mãe ficou furiosa comigo e até me estapeou por causa de meu comportamento — conta Phiona. — Ela me mandou nunca mais voltar lá.

A caminho de sua casa naquela noite, Robert Katende acreditava ter visto Phiona Mutesi pela última vez.

— Como o primeiro dia foi difícil para ela, certamente eu não esperava revê-la. Quando ela voltou no dia seguinte, soube que ela tinha um tipo de espírito resistente. Soube que aquela garota tinha coragem.

Ela podia até ter voltado pelo mingau, mas voltou. No dia seguinte, Phiona espertamente aguardou pelo momento em que sua mãe saiu de casa para ir à igreja e então correu para o projeto de xadrez. Ela se enxaguara com água e se vestiu com roupas que havia lavado recentemente no reservatório. Para sua sorte, Brian não estava no alpendre aquele dia.

Phiona foi recebida por Katende, que examinou a sala em busca de um candidato que pudesse ajudar a ensinar a novata. Ele sabia que precisaria de uma mentora, porque nenhum dos garotos aceitaria ensinar a uma menina nova, mas naquele dia só havia outra garota na sala: uma menina de quatro anos de idade que não sabia nada além da movimentação básica das peças. Katende apresentou Phiona, de nove anos de idade, à menininha, e então pediu à mais nova:

— Gloria, ensine a ela o que você sabe.

Gloria Nansubuga estava no programa há pouco tempo, convencida a se juntar por insistência de seu irmão mais velho, Benjamin, pelo menos para ganhar uma refeição de graça.

Inicialmente, Gloria não queria ensinar a Phiona, e Phiona não queria que Gloria lhe ensinasse.

— Estou ensinando para uma velha — reclamava Gloria. Phiona também tinha vergonha da diferença de idade.

— Eu pensava: Como é que essa menininha pode me ensinar alguma coisa? — relata Phiona. — Sempre que Gloria ia me ensinar, eu na verdade sentia que ela estava me desprezando. Mas por mais que eu a estivesse odiando gostava do que ela estava fazendo porque eu queria aprender a jogar.

Phiona acabou se sentindo confortável ao lado de Gloria, que era a única menina do projeto que parecia aceitá-la.

— Sempre que eu a colocava com Gloria, Phiona sentia-se em paz e sabia que ia aprender — conta Katende. — Aquilo se tornou um incentivo para Phiona, que, se essa jovem menina podia aprender, então ela também podia. Phiona não conseguia se sentir tão confortável comigo quanto se sentia com Gloria. Com Gloria, ela podia perguntar a mesma coisa quatro ou cinco vezes até entender. Comigo, ela tinha medo de repetir a mesma pergunta tantas vezes.

Gloria mostrou a Phiona todas as estranhas peças e explicou como cada uma tinha diferentes regras quanto à movimentação. Os peões. As torres. Os bispos. Os cavalos. O rei. E finalmente a rainha, a peça mais poderosa do tabuleiro. Ela contou a Phiona sobre a *embwa* e *munadiini*, e sobre como Kabaka, o rei, nunca é morto, apenas preso, apesar de Gloria ainda não

entender completamente como aquilo funcionava no jogo. Gloria contou a Phiona que o ponto mais importante em diversos jogos de xadrez é quando um peão chega à última fileira de um oponente, como aquilo se chamava de "promoção", e como naquele momento um peão milagrosamente se transformava em rainha. Como Phiona poderia saber naquela época que aquelas 32 peças e 64 quadradinhos a transformariam também em rainha?

O que fazia Phiona voltar dia após dia eram as lindas peças que a haviam atraído em primeiro lugar. Ela queria desesperadamente mover aquelas peças, assim como as outras crianças já estavam fazendo. Ela podia notar a excitação em seus rostos, mas no começo não estava sentindo aquela mesma emoção. Depois de diversas semanas sob tutela de Gloria, Phiona começou a entender a estratégia básica do jogo. Em determinado momento, Phiona ouviu outro aluno lhe dizer:

— Ah, esta foi uma ótima jogada. — Ela ficou feliz e quis fazer mais e mais ótimas jogadas, reforço positivo sendo um incentivo estranho, mas poderoso, para uma criança da favela.

— Phiona realmente entendeu o jogo com muita facilidade — diz Gloria. — Nada a desconcentrava. Quando ela começou a aprender, ficou muito interessada no jogo e constantemente jogava por horas, e foi assim que ela melhorou.

Conforme as duas se tornaram amigas, Gloria também orientava Phiona em sua conduta fora do jogo.

Phiona conta:

— Uma vez, quando me aborreci com Gloria, ela me disse: "Phiona, não me maltrate. O treinador Robert disse para a gente que pessoas que jogam xadrez são sempre boas pessoas. São todas muito disciplinadas. Elas não arranjam encrenca." De certa forma, Gloria estava me dando uma lição valiosa.

Depois de cerca de dois meses treinando com Gloria, Phiona alcançara sua tutora de quatro anos de idade. Gloria não tinha mais nada a ensinar, e Katende percebeu que era hora de Phiona ir para o outro lado do alpendre, para começar de fato a jogar, e fazê-lo num nível de competitividade que levou muitas outras garotas a fugirem do programa. Era hora de começar a jogar contra os meninos.

* * *

Ivan Mutesasira tinha cerca de oito anos de idade quando sua mãe, Annet Nakiwala, contou a ele e a seus quatro irmãos que era hora de partir. Nakiwala colocou todas as suas posses sobre a cabeça e, seguida por seus filhos, deixou seu marido e foi para Katwe, jurando nunca mais falar com ele.

— Eu nunca soube o que causou o divórcio, porque na época era novo demais — conta Ivan. — Me lembro de ver nossa mãe carregando seus pertences para fora de casa e nos mandando segui-la. Éramos cinco criancinhas e não sabíamos o que estava acontecendo.

Nakiwala e seus filhos foram para outro barraco em Katwe, mas ela não conseguia criar cinco filhos sozinha. A família lutava para arranjar comida e suas condições de vida eram miseráveis.

— No lugar onde ficávamos, entrava água sempre que chovia — diz Ivan. — Eu nem conseguia dormir à noite, porque precisava ficar acordado para levantar as coisas de onde a água alcançava e continuar a colocá-las mais acima. Às vezes eu passava dois dias sem dormir.

Como tantas outras crianças em Katwe, Ivan entrava e saía da escola por falta de dinheiro.

— Enfrentávamos diversas dificuldades que incluíam passar fome na escola, pois não estávamos pagando a taxa de merenda, então não podíamos comer. Eu me lembro de que em alguns dias podíamos nos oferecer para lavar as panelas da escola e assim comer o que sobrara nas panelas e nos pratos dos professores.

Ivan finalmente saiu da escola na P7 e permaneceu afastado dela durante três anos. Cinco anos depois de levar Ivan para longe de seu pai, sem ter outra escolha, Nakiwala o mandou de volta. Ivan era mais uma criança de Katwe, solta pelo mundo, quando um dia, em 2003, seu amigo Richard Tugume lhe contou que conhecera um treinador que chegara a Katwe com bolas de futebol de verdade com as quais podiam jogar.

— Primeiro pensamos que o treinador Robert tinha vindo por pouco tempo, porque tinham outras pessoas que chegavam com aquelas bolas legais, mas elas sempre iam embora depois de algum tempo — diz Ivan, que

acredita ter vinte anos de idade. — Não sabíamos que ele realmente queria ficar, mas depois percebemos que ele de fato estava comprometido com a gente, que era diferente de todos os outros.

Como um dos Pioneiros, um dos mais velhos do projeto e um dos poucos humildes e bem-comportados desde o início, Ivan foi identificado por Katende como mais um líder em potencial. Mas Ivan tinha pouca autoestima, então Katende queria delegar tarefas a ele, fazendo-o ensinar a jogadores mais novos. Sempre que Katende identificava um novo jogador talentoso, ele o colocava com Ivan. Um dia Katende apresentou Ivan a Benjamin Mukumbya e disse a Ivan:

— Ensine a ele o que você sabe.

Benjamin era uma criança de rua. Solitário. Quando era pequeno, costumava ficar sozinho em casa o dia todo enquanto seus pais vasculhavam Katwe atrás de alguns xelins para alimentá-lo. Então um dia, depois de ladrões assaltarem o barraco da família, a mãe de Benjamin, Jane Kobugabe, levou seu filho para ficar na casa de uma tia, numa aldeia próxima. Benjamin não comia direito lá, e quando sua mãe o encontrou gravemente desnutrido o levou de volta para Kampala, onde ele se rendeu a influências negativas.

— Na verdade, meu pai não era cristão e acreditava muito em bruxaria — diz Benjamin. — Eu também comecei a acreditar naquele tipo de coisa e me tornei muito malcomportado.

Quando os pais de Benjamin se separaram por causa das infidelidades de seu pai, sobrou ao menino a vida nas ruas.

— Eu costumava brigar com quase todo mundo, não importava a idade, e até mesmo apedrejava pessoas — admite Ben. — Passei muitas noites dormindo nas ruas. Tinha uma camiseta grande demais para mim e dobrava os braços e pernas dentro dela para que ela me cobrisse todo. Lembro que passei algumas noites na igreja e outras na beira da estrada.

A mãe de Benjamin começou a operar uma lojinha ao lado do alpendre do bispo John Michael Mugerwa, uma mercearia que ela assumira do irmão, que estava gradualmente enlouquecendo com as dificuldades da vida em Katwe. Kobugabe estava sempre pegando dinheiro emprestado de várias pessoas para manter a loja funcionando, sem ideia de como lhes pagaria de

volta. Quando Kobugabe começou a trabalhar na mercearia, ela levou Benjamin e sua irmã mais nova, Gloria, para morar com ela. Às vezes eles dormiam num quartinho atrás da loja, e às vezes num barraco perto dali.

Uma vez, Katende, que estava tocando seu projeto de xadrez logo ao lado, perguntou a Kobugabe se podia guardar farinha na loja dela, porque sua farinha estava sendo roubada de onde ele a guardava, assim como cozinhar o mingau diário na sua calçada. Kobugabe começou a notar as entusiasmadas crianças no projeto de xadrez, e disse a Benjamin para se juntar a elas. Inicialmente, Benjamin recusou, convencido de que não gostaria de xadrez, mas finalmente cedeu, como tantos outros, por aquilo lhe garantir uma refeição por dia.

Não demorou muito para Ivan perceber que estava ensinando a um talento nato. Benjamin era o jogador de xadrez mais instintivo que Ivan conhecera no projeto. Seu cérebro era feito para aquele jogo. Em meses, Benjamin tornara-se o melhor jogador do projeto, se sobrepondo a Ivan e ao restante dos Pioneiros. Benjamin só era derrotado por sua própria arrogância, que ele desenvolvera com o tempo para mascarar a dor de sua infância. Uma vez, depois de Benjamin perder uma partida para um oponente claramente mais fraco, Katende se aproximou dele e perguntou:

— Sabe por que perdeu?

— Não — respondeu Benjamin.

— Você perdeu por ser orgulhoso demais.

— Como eu aprendera a jogar com tanta facilidade, achei que sabia tudo sobre xadrez — admite Benjamin. — Eu costumava tratar as outras crianças no projeto como se ninguém mais importasse. Então comecei a mudar de personalidade e as outras crianças começaram a me ver como um modelo a seguir, começaram a me escutar mais do que antes, quando ninguém sequer ousava se aproximar de mim, pois eu era conhecido como uma das piores crianças da favela.

Benjamin tornou-se um embaixador para o projeto de xadrez, recrutando outras crianças, incluindo sua irmã Gloria, a primeira tutora de Phiona. Quando Benjamin começou a ensinar e praticar com Gloria, ele descobriu que aquilo o ajudava a entender o jogo ainda mais.

Em 2008, com cobradores no seu encalço, a mãe de Benjamin de repente desapareceu. Benjamin soube, através de parentes, que Kobugabe fora para "as ilhas", uns pequenos pedaços de terra que faziam parte do território de Uganda no lago Victoria, uma região conhecida como sendo ainda mais sem lei do que Katwe. Kobugabe disse que iria arranjar emprego lá e voltar para pagar suas dívidas. Desde então, ela só procurou Benjamin uma vez, dizendo que estava deixando o país, mais uma vez supostamente em busca de emprego. Quando Katende tentou falar com o pai de Benjamin, Wilson Mubiru, para pedir que fosse mais responsável para com Benjamin e seus outros filhos, Mubiru disse que havia se casado novamente e tinha três filhos novos, e que estava falido.

Então Benjamin precisou cuidar de seus dois irmãos mais novos, os três morando num quartinho atrás da mercearia, e Benjamin lavava suas roupas e cozinhava sempre que havia comida.

— Eles dependem muito de mim e desejo muito investir minha vida neles — diz Benjamin, que acredita estar com cerca de 13 anos de idade. — Felizmente, as irmãs da minha mãe não são más pessoas. Elas tentam sustentar a gente como se fôssemos filhos delas. Não sei se um dia vou ver minha mãe de novo. Nunca se sabe.

Benjamin diz que Katende o ensinou a aproveitar qualquer oportunidade disponível, e a tentar não deixar seu passado desencorajá-lo.

— O modo como cresci de alguma maneira me treinou para estar por conta própria — acredita Benjamin. — Meu irmão mais novo nem sabe quem é nossa mãe, mas acredito muito que isso afete minha irmã mais nova. Várias vezes ela me diz: "Queria que nossa mãe estivesse aqui." Quando estou em casa com eles, me sinto meio atormentado, mas reúno coragem e digo: "Não, se outras pessoas conseguiram aguentar, será que eu também não posso conseguir?"

Benjamin foi o primeiro garoto a jogar xadrez com Phiona no projeto. Ele normalmente não jogava contra novatos, que tendiam a se isolarem num canto do alpendre, mas reconheceu que Phiona havia treinado com sua irmã, então ele se interessou por ela também.

— Na primeira vez em que joguei contra Phiona, fiquei surpreso, pois ela me trouxe várias dificuldades e achei que ela tinha chance de ser boa se

treinasse. Eu disse a ela: "A grande questão no xadrez é planejar. Qual a próxima jogada? Como pode fugir do ataque que fizeram contra você? Tomamos decisões como essas diariamente na favela."

Ivan acrescenta:

— Quando Phiona chegou pela primeira vez, pensei: O que ela quer aqui? Naqueles dias, raramente jogávamos com garotas. Quando Phiona chegou, eu achava que garotas eram sempre fracas, que elas não sabiam fazer nada, mas depois percebi que uma garota pode jogar xadrez bem. Phiona levava o xadrez a sério. Seu nível de jogo era como o dos meninos. Ela jogava como um dos meninos. Ela pensava como um menino.

Ivan, diversos anos mais velho que Phiona, e Benjamin, diversos anos mais novo que ela, se tornariam os primeiros mentores de Phiona no projeto. Apesar dos três jogarem em níveis diferentes, uniram-se por uma obsessão em comum pelo jogo. Sem mais distrações e outros lugares para ir, eles treinavam juntos por horas e horas, dia após dia.

Enquanto as outras meninas no projeto tinham medo de jogar contra meninos, Phiona adorava, e seu jogo rapidamente amadureceu:

— Ela estava sempre dizendo que era difícil jogar contra garotos, mas se acostumou com isso — diz Benjamin. — Era normal para ela jogar contra garotos, e ela queria jogar contra eles, porque achava que aquilo a faria jogar ainda melhor.

Phiona não achava intimidador jogar contra garotos porque em casa ela era a única menina. Quando começou a desenvolver seu jogo, influenciada por seus oponentes homens, jogava descuidadamente demais, atacando cegamente sem pensar muito nas consequências, assim como fazia em suas brigas na vizinhança. Ela frequentemente sacrificava peças cruciais em tentativas arriscadas de capturar peças o mais rápido possível, mesmo quando jogava com as pretas — em segundo num jogo de xadrez — o que geralmente requer uma postura defensiva na abertura.

— Aprendi que o xadrez é bastante como a minha vida — diz Phiona. — Se você faz jogadas espertas, consegue ficar longe do perigo, mas sabe que qualquer má decisão pode ser a sua última. Quando comecei a jogar, perdi muitos jogos até os meninos me convencerem a agir mais como menina e jogar com calma e paciência.

Phiona não se lembra de quase nada do jogo, a não ser do resultado. Joseph Asaba se lembra de cada uma das jogadas. Aconteceu em algum momento de 2006. Phiona estava no projeto de xadrez havia vários meses. Ela não tem certeza de quantos jogos já jogou e perdeu sem nunca ganhar, dizendo apenas que foram demais para contar.

Phiona estava ansiosa quando se sentou diante de Joseph, que pedira especificamente para jogar contra ela porque queria derrotá-la, e os vencedores no projeto geralmente têm permissão de ficar jogando num tabuleiro até serem derrotados. Phiona havia jogado contra Joseph algumas vezes antes, e ele sempre vencera com poucas jogadas. Como ele conseguia fazer aquilo? Parecia mágica para ela. Não era. Era o Mate do Louco.

Joseph aprendera o Mate do Louco de Katende, e aquela era sua tática favorita. Ele usava em toda partida que jogava. Então, mais uma vez, nessa partida contra Phiona, Joseph usou sua abertura de sempre, pondo seu bispo e rainha em posição. Ele achou que a armadilha estava pronta como sempre. Mas dessa vez Phiona reagiu movendo sua rainha diretamente para a frente de seu rei. Joseph nunca havia visto aquilo, mas ainda assim aproveitou a oportunidade de capturar o peão de Phiona com sua rainha. Phiona pegou então a rainha e o bispo de Joseph, abrindo mão de sua rainha e de um peão, uma troca vantajosa.

— Quando armei meu plano de sempre, pareceu que alguém revelara minha tática para ela, porque ela descobriu como se defender e como proteger seu rei — diz Joseph. — Eu soube que não poderia ganhar com o Mate do Louco porque alguém ali tinha revelado a ela meu truque.

— O treinador me ensinou a me defender do Mate do Louco — revela Phiona com um sorriso malicioso. — O treinador me mandou colocar a rainha na frente do rei e eu tiraria duas peças dele e o jogo poderia seguir em frente.

Depois do Mate do Louco falhar, Joseph não soube mais o que fazer. Ele nunca ficava confortável no meio-jogo porque raramente precisava chegar até ele.

— Comecei a avançar meus peões e capturei o bispo dela e ela pegou meu cavalo — lembra Joseph. — Então ela abocanhou minhas peças e eu jamais vira aquilo. Ela colocou duas peças minhas em alvo e eu percebi

naquele instante que ela capturaria uma, e precisei perguntar a mim mesmo qual delas eu deveria defender. Então recuei para tentar defender a torre, mas quando tentei fazê-lo ainda assim ela a capturou. Nunca vou me esquecer daquele jogo.

O problema para Phiona era que, sem sua rainha, ela não fazia ideia de como vencer um jogo com as outras peças. Ela não acreditava que poderia chegar a um xeque-mate sem a rainha. Então ambos continuaram a jogar. Phiona tinha duas torres no tabuleiro, e as usou para proteger um peão que avançava até ela executar uma promoção. Recuperada sua rainha, ela usou aquilo para tentar o xeque-mate.

Como Phiona nunca colocara um oponente em xeque-mate com sucesso, ela não sabia realmente como fazê-lo. Ela ficava colocando Joseph em xeque, sem uma estratégia clara de como terminar o jogo.

— No final, me lembro de não saber que havia ganhado o jogo — diz Phiona. — Joseph podia até saber, mas ele não disse nada. As outras crianças que assistiam estavam dizendo: "Phiona ganhou o jogo! Phiona ganhou o jogo!" Eu não sabia do que elas estavam falando, então simplesmente fiz a jogada que já havia planejado e foi a jogada certa para colocá-lo em xeque-mate.

De repente Phiona percebeu que o rei de Joseph não tinha nenhum lugar seguro para ir. Ele fora preso. Foi quando ela percebeu que talvez o jogo tivesse terminado.

Um dos espectadores da partida, Wilson Mugwanya, comentou:

— Ei, Joseph, está falando sério? Uma garota? Uma garota ganhou de você?

Joseph se debruçou sobre o tabuleiro e começou a chorar. Em vez de comemorar, Phiona se viu consolando sua primeira vítima. Joseph disse a Phiona que nunca, nunca mais jogaria com ela.

— Quando ela ganhou de mim me senti tão mal — confessa Joseph. — A pessoa de quem todo esse tempo tenho ganhado com o Mate do Louco e agora ela ganha de mim? O tempo todo a provoquei e sabia que ela era muito fraca e me senti muito mal quando perdi para ela porque aprendi a jogar antes dela, então achava que alguém que estava aprendendo não

deveria ganhar de mim. Ela era uma pessoa a quem eu costumava ensinar. Como ela podia estar me desafiando agora e conseguindo ganhar?

Phiona raramente saía cedo do projeto, raramente saía do lugar onde ela mais se sentia confortável no mundo até Katende expulsá-la, mas naquele dia ela não jogou mais. Ela foi direto para casa, cinco quilômetros do outro lado de Katwe, num animado galope, para contar a sua mãe que ela ganhara um jogo de xadrez. E contra um garoto.

Harriet não entendia de xadrez. Quando lhe contaram sobre as pequenas peças que se pareciam com castelos e animais, movendo-se num tabuleiro de quadradinhos de cores diferentes, ela pensou se tratar de um jogo para crianças.

— A princípio, quando Phiona foi jogar xadrez com Brian, eu não sabia o que era xadrez e não levei aquilo a sério — diz Harriet. — Eu não sabia direito o que eles realmente ficavam fazendo lá. Brian e ela tentaram me explicar o jogo, mas minha cabeça era fraca demais.

Tudo que Harriet sabia era que o programa de xadrez garantia uma refeição diária a seus filhos, o que era mais do que ela conseguia, então depois de resistir inicialmente, e por causa das repetidas objeções de Brian no começo, Harriet começou a liberar Brian e Phiona de vender milho às tardes, para que pudessem jogar xadrez.

Com o tempo as notícias de que o projeto de xadrez era parte de uma organização comandada por brancos, conhecidos em grande parte da África como *mzungu*, se espalharam por Katwe.

Um dia, Harriet teve uma conversa perturbadora com algumas das outras mães do bairro, que contaram a ela que proibiram seus filhos de entrarem no projeto e a advertiram de que ela não deveria deixar seus filhos frequentá-lo.

— As vizinhas disseram um monte de coisas que me apavoraram — diz Harriet. — Elas me disseram que xadrez é jogo de brancos e que se meus filhos fossem lá e interagissem com eles, os mzungu iam roubá-los e nunca

mais os trariam de volta. Mas eu não tinha dinheiro para dar comida a eles. Precisava confiar nos mzungu. Que escolha eu tinha?

6

Mzungu

Mzungu é uma palavra swahili que significa "alguém que perambula por aí sem propósito". O termo foi inicialmente usado por africanos para descrever missionários e exploradores europeus, depois colonos e finalmente turistas. A palavra *mzungu* veio a abranger todos os brancos, e geralmente é manchada de desconfiança, nascida de anos de exploração por aqueles que se encaixam na descrição. No entanto, sem os mzungu não haveria treinador Robert e sem treinador Robert, Phiona Mutesi provavelmente ainda estaria vendendo milho de uma panela no alto de sua cabeça, se é que ainda existiria uma Phiona. Embora os mzungu da história de Phiona tenham vindo de longe e vivido vidas inteiramente diferentes, a disparidade de suas jornadas das de Phiona e Robert Katende não é tão acentuada quanto inicialmente possa parecer. Todos eles perambularam, mas nenhum sem ter um propósito.

Carl Russell Hammond Jr. nasceu no subúrbio de Boston, em 16 de julho de 1933, filho de um banqueiro internacional. Os Hammond tiveram uma vida aconchegante de classe média alta em sua casa colonial branca de dois

andares até o dia em que viram sua vida virar de cabeça para baixo quando o menino chamado Russ tinha quatro anos de idade. Uma noite, enquanto seu pai, Carl, estava viajando a trabalho, a mãe de Russ, Helen, disse a ele e sua irmã mais velha, Daphne, que eles iam se mudar para a Califórnia, onde morava sua avó. Helen não mencionou a palavra divórcio. Russ não entendeu o que estava acontecendo, mas também não questionou a autoridade de sua mãe. Ele simplesmente guardou seus pertences conforme ela pedira e entrou no trem, sem saber se tornaria a ver seu pai.

Quatro dias mais tarde, Helen e seus dois filhos chegaram à Califórnia, para terem uma vida muito menos confortável. Russ e Daphne ficavam sob os cuidados de sua avó enquanto Helen procurava emprego. Estavam no final da Grande Depressão.

Logo depois de a família chegar à Califórnia, a mãe de Helen mudou-se para Bellflower, um ingrato subúrbio de Los Angeles, onde durante os meses seguintes ela e as duas crianças moraram num pequeno barraco, onde cozinhavam num fogão de madeira e as crianças banhavam-se numa banheira de latão localizada num depósito atrás da casa.

Aos cinco anos de idade, Russ e sua irmã voltaram a Los Angeles para morarem com sua mãe. Uma criança solitária, Russ organizou um grupo de garotos locais numa gangue, que costumava ficar na loja Woolworth's das redondezas e roubar doces para encher suas barrigas famintas. Em 1940, Helen se casou com C. Robert Carr, seus filhos assumiram o sobrenome do padrasto, e a família se mudou para Santa Bárbara, onde continuavam tendo dificuldades.

— Éramos tão pobres que me lembro de fazer sanduíches, dia após dia, do resto de manteiga de amendoim que eu conseguia raspar da tampa — diz Russ. — Minhas roupas eram puídas e havia buracos em meus sapatos. — As tarefas de Russ incluíam cuidar das três dúzias de galinhas amontoadas atrás da garagem e a limpar seu galinheiro. Ele perambulava pelo bairro diariamente vendendo ovos.

Russ Carr era uma criança malcomportada que geralmente se envolvia em brigas, até um técnico da escola primária Harding, chamado Gordon Gray, começar a desenvolver as habilidades atléticas de Russ para tirá-lo das

ruas. Progredindo na escola, Russ foi eleito capitão de cada um dos esportes que experimentou, do beisebol ao futebol americano e ao basquete.

Um verão, durante o primeiro ano do ensino médio, Russ foi convidado a participar de um programa chamado Camp Conestoga, que incluía uma viagem para acampar durante uma noite. Ele e mais 14 meninos estavam deitados para dormir na floresta, quando antes de amanhecer, Russ diz ter acordado com uma luz forte acima dele. No começo Russ pensou que estava sonhando.

— Escutei uma voz que pensei ser um anjo falando comigo — relembra Carr. — A voz disse: "Escolhi você para me seguir." Naquele momento minha jornada espiritual começou.

Durante seu último ano na escola secundária Santa Barbara, Russ conheceu Jay Beaumont, um aluno da faculdade Westmont, que o recrutou para o grupo cristão Young Life. Depois da escola, o St. Louis Browns ofereceu a Carr uma chance de jogar beisebol profissional, mas ele optou por se concentrar em seus estudos e procurar direção espiritual, finalmente escolhendo seguir Beaumont à Westmont, onde Russ conheceria sua futura esposa, Sue. Russ se matriculou com apenas dez centavos no bolso. Sua mãe não conseguia acreditar que ele havia recusado um contrato profissional de beisebol, assim como bolsas para atletas na Universidade do Arizona e na UCLA.

Russ se formou em Westmont em 1956, com planos de se tornar professor, e os Carr começaram uma odisseia que incluiriam quatro crianças e 18 mudanças ao longo de três décadas. Em cada parada, Carr se interessava pessoalmente pelos alunos mais problemáticos. Numa escola de Oregon, ele conheceu uma garota que usava o mesmo vestido sujo e manchado todos os dias. Carr a levou de carro para casa, que consistia em dois cômodos e um banheiro externo, sem eletricidade nem água corrente. A mãe havia abandonado a família. O pai trabalhava como lenhador, e a responsabilidade de criar seus três irmãos mais novos caíra toda sobre a garota da classe de Carr. Para tomar banho, ela precisava ir até um córrego próximo, e em seguida levar água de volta para beber e cozinhar. Depois de Carr descobrir sua situação, a garota ganhou um armário no vestiário das

mulheres na escola, cheio de artigos de higiene pessoal, e um emprego no refeitório, onde tinha direito a uma refeição completa todos os dias.

Os Carr acabaram indo para Washington, para a Alemanha, e para a Inglaterra, até voltarem para Santa Bárbara em 1966, quando Carr aceitou um emprego na faculdade de Westmont como professor, assim como treinador de beisebol e de futebol. Carr jamais jogara futebol na escola, mas havia se interessado pelo esporte durante seus três anos morando na Europa.

No final da temporada de beisebol de 1968, Carr teve de tomar uma decisão. Tanto o futebol quanto o beisebol eram programas de um ano inteiro e ambos os times se sentiam negligenciados sempre que Carr tinha que treinar o outro esporte. Carr desistiu do beisebol e resolveu dedicar toda a sua energia ao programa de futebol.

— Mais tarde, pude olhar para trás e perceber como Deus teve influência na minha decisão — diz Carr. — O futebol acabaria me levando à próxima fase da minha vida e serviu como um veículo para abrir portas que se tornariam minha verdadeira vocação.

Quem sabe quando foi que a luzinha finalmente se acendeu? A passagem do tempo ocultou quando exatamente ele teve a ideia. Mas para Rus Carr pode ter acontecido num parque na Guatemala. Carr fora até a cidade de Guatemala em 1974 como treinador de um time de futebol só de estrelas da faculdade numa turnê cristã pela América Central. Ele e dois de seus jogadores deixaram o hotel uma tarde para jogar bola num parque local, e, rapidamente, cinquenta crianças guatemaltecas apareceram do nada querendo jogar. Enquanto Carr e os jogadores corriam com as crianças e tentavam se comunicar mesmo diante da barreira do idioma, Carr começou a ver aquilo como um momento inspirador. Em dado momento ele saiu do jogo para observar a alegria nos rostos das crianças. Aquela tarde quente na América Central lhe pareceu um novo começo. A sementinha do alcance do esporte a países subdesenvolvidos havia sido plantada.

Em 1982, Carr escolheu deixar seu emprego e amigos para trás em Santa Bárbara e se mudou para o outro lado do país, para Lynchburg, Virgínia, onde Sue e ele compraram uma fazenda flanqueada por dois prados de dois hectares. Carr planejava usar o espaço como campos de futebol, áreas de treino para seu futuro projeto de esporte. Logo depois de chegar a Lynchburg, Carr aceitou um emprego na Universidade Liberty, a escola cristã fundada pelo reverendo Jerry Fallwell, onde acabou conhecendo Vernon Brewer, diretor da Liberty's Light Ministry, um grupo de estudantes missionários. Em 1987, Brewer estava se preparando para sua viagem anual de verão com os alunos da Liberty quando convidou Carr para se juntar ao grupo como técnico de basquete.

Carr concordou e então perguntou:

— Onde será a primeira parada?

— Uganda — respondeu Brewer.

Durante sua visita a Uganda com o time, Carr e seus seis jogadores montaram oficinas de basquete em escolas e organizaram um programa de exercícios para o time nacional de basquete. Também compartilharam seu testemunho em igrejas, hospitais e numa prisão, assim como nas ruas de Kampala. Uma tarde, um homem que estudara na Universidade de Kampala durante o regime de Idi Amin abordou Carr e contou, em meio a lágrimas, sobre quando voltou para casa para almoçar um dia somente para encontrar seu pai, mãe, três irmãos e duas irmãs assassinados pelos soldados de Amin. Carr reconfortou o sofrido homem, que nesse dia foi inspirado a se converter ao cristianismo. Naquele momento, Carr resolveu fazer um compromisso de longo prazo para fazer o possível para consertar o que assombrava Uganda.

Quando ele e o time da Liberty voltaram a Uganda no dia seguinte, Carr fundara oficialmente o Sports Outreach Institute. A missão da organização era usar o futebol como um catalisador para oferecer orientação religiosa às pessoas mais pobres do país. O Conselho Nacional de Esportes de Uganda designou um homem chamado Barnabas Mwesiga para agir como anfitrião e guia do grupo. Mwesiga era um dos melhores artilheiros que já jogara pelo time nacional de futebol ugandense, e também ex-técnico do time. Carr e Mwesiga começaram uma amizade baseada em seu interesse

em comum pelo futebol e em treinar, e Mwesiga se tornaria o primeiro ugandense a aceitar um emprego no Sports Outreach.

— Eles me descobriram, e vi aquilo como uma bênção — conta Mwesiga. — Eu não sabia nada sobre ministrar através do esporte. Meu interesse o tempo todo fora fazer jovens aceitarem o futebol como uma maneira de melhorar suas vidas. Então, quando o ministério veio, encontrei mais uma ferramenta.

Em 1995, Mwesiga apresentou Carr a Aloysius Kyazze, ex-capitão do time de futebol nacional de Uganda. Carr imediatamente viu que Kyazze tinha a mesma paixão que ele, e lhe ofereceu uma posição no Sports Outreach também. Na época, Kyazze estava treinando um time de futebol de cristãos renascidos chamado Miracle, moldando diversos jovens esportistas, incluindo um talentoso artilheiro chamado Robert Katende.

Numa manhã, provavelmente em 2002, com Barnabas Mwesiga ao volante numa estrada de terra no sul de Uganda em direção a outra vila onde ele e Carr pregariam, os dois começaram a falar sobre o assombroso número de jovens nas favelas em Kampala. Subitamente, Carr teve uma ideia. Ele começou a rabiscar um plano em seu bloco de notas amarelo que acabaria sendo o planejamento do Sports Outreach nas favelas da cidade.

Carr montou a fundação do plano com Mwesiga naquele dia. Jogadores de futebol com potencial de liderança seriam selecionados para formar um time chamado Good News Football Club e em seguida seriam treinados para implementar o programa de Carr para crianças nas favelas. Os projetos por fim incluiriam cinco componentes: esportes, treinamento vocacional, serviço comunitário, educação e refeições — tudo sob a guarda do discipulado —, e seria primeiramente implantado em três das oito favelas de Kampala: Kibuli, Nateete e Katwe.

Sabendo que um mzungu como ele seria inicialmente visto ou com suspeitas, ou como uma vítima de subornos, Carr procurou maneiras de ganhar o respeito e a aceitação das comunidades da favela. Primeiro seu

time entrava em contato com o líder local eleito pelo povo do distrito de determinada favela e ganhava aprovação para algum tipo de serviço comunitário, que incluía coleta de lixo e limpeza de valas de drenagem. Depois de várias horas de trabalho, eles pegavam bolas de futebol e encorajavam as crianças a participar em uma variedade de jogos.

Carr, que já tinha quase setenta anos na época, sabia que estava ficando velho demais para comandar seu plano em longo prazo. Ele precisava de alguém que pudesse entender sua visão e expandi-la. O conselho do Sports Outreach pediu a Carr para que encontrasse um americano que pudesse recrutar a nova geração de líderes ugandenses para a organização. Um dia, Carr convidou um pastor local chamado Rodney Suddith para visitar sua fazenda na Virgínia. Durante um passeio pela propriedade, Carr explicou a Suddith sua visão em relação ao ministério através de esportes.

— Deus, acho que de certa forma tenho trabalhado com ministério através de esportes minha vida toda — concluiu Suddith, com seu sotaque sulista arrastado. — Eu só não sabia que tal coisa existia.

— Acho que cresci em Camelot — diz Rodney Suddith.

Na verdade, foi em Newport News, Virgínia, nos anos 1950. Joseph Buxton "Buck" Suddith, pai de Rodney, havia sido cronometrista no estaleiro. Buck cresceu ao lado da água e amava velejar, e sempre imaginou que ele seguiria os passos de seu pai e também trabalharia no estaleiro. Buck terminou o ensino médio e se juntou à Marinha Mercante dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. Quando voltou da guerra, ele se casou com Lois Parker, e juntos tiveram quatro filhos, incluindo Rodney, nascido em 1949.

Buck arranjou um emprego como eletricista no estaleiro de Newport News, e os Suddith viviam num bangalô de dois quartos na rua Gambol, num bairro chamado Green Oaks, não muito longe das docas. Todo pai em Green Oaks era funcionário de estaleiro, patrono de uma família de classe média baixa, e ninguém jamais se mudava. Ao longo da rua Gambol, as

famílias tinham sobrenomes como Ostrosky, Turnidge, Judkins, Smith, Pulley, Schaumberg e Mackenzie. Suas raízes remontavam a toda parte do mundo. Eram todos brancos.

— Jamais estive numa sala de aula com uma pessoa de cor durante todo o ensino médio, mas meus pais me ensinaram a ser sensível a todos — conta Suddith. — Não tínhamos permissão para fazer nenhum tipo de comentário negativo a respeito de nenhum grupo étnico ou pessoa de cor. Era uma época muito segregada no sul, então as pessoas ao nosso redor o faziam, mas jamais um Suddith. Na época eu não entendia que poderosa lição de vida era isso.

No primeiro dia da primeira série de Rodney, pediram a ele e aos outros alunos que contassem até o máximo que conseguissem. Alguns dos outros haviam frequentado a pré-escola ou jardim de infância. Rodney não, porque ninguém de seu bairro frequentava. Todos os outros alunos da sala sabiam escrever seus nomes. Rodney não sabia escrever sequer o *R*. Como ele sentava na primeira fila, Rodney foi o primeiro a se levantar e a contar. Ele contou até seis.

— Eu tinha seis anos de idade e achava que estava muito bom — relembra Suddith. — Bem, logo atrás de mim havia crianças que contavam até números dos quais eu jamais ouvira falar, contando além de cem, e aquilo foi uma lição de humildade. Acho que foi quando comecei a perceber que havia uma veia competitiva em mim. Fiquei envergonhado e desejei nunca mais estar naquela posição. Tive vontade de me esforçar um pouco mais.

Durante a maior parte de sua infância, Rodney não teve uma bicicleta. Os quintais da rua Gambol eram pequenos, então se as crianças do bairro quisessem jogar beisebol, precisavam ir ao Deer Park, a cerca de três quilômetros. Enquanto outras crianças pedalavam em suas bicicletas na direção do Deer Park, Rodney corria por um atalho em meio à floresta e geralmente era o primeiro a chegar. Aquelas corridas desenvolveram nele um interesse em correr, que só aumentou conforme Rodney foi ficando mais velho. Ele se dava bem com o esporte. Rodney era introvertido, e correr se adequava à sua personalidade.

Como ele era naturalmente rápido, os amigos de corrida na escola secundária Warwick o chamavam de "Foguete". Ele acabou encontrando seu nicho como um meio-fundista, prosperando através de sua coragem e determinação, impulsionado por um medo visceral de perder para outros corredores que ele sabia que tinham mais talento.

— Praticar esportes no ensino médio me ensinou o que era viver no meio — conclui Suddith. — Acho que foi a maior lição que já aprendi com os esportes. Mentalmente, a maioria de nós está no meio do caminho entre onde gostaríamos de estar e onde de fato estamos. Eu tinha uma ideia do que queria e não estava lá ainda, mas realmente queria chegar lá. Se eu resolvesse que queria alcançar certo nível numa sala de aula ou no campo, então antes que pudesse alcançá-lo eu sempre aumentava um pouco meu nível.

Durante muitas de suas corridas na escola, Rodney se forçava a sair de sua zona de conforto e, depois de correr, urinava sangue. Quanto mais ele corria, mais sangue havia.

— Eu sabia que meu corpo estava falhando. Mas no bairro em que cresci, quando se tinha um problema como aquele, você não contava a ninguém.

Quando Rodney estava no primeiro ano do ensino médio, foi chamado à diretoria, onde seu orientador disse:

— Gostaria que você começasse a pesquisar universidades.

— Universidades? — perguntou Rodney. — Eu vou trabalhar no estaleiro.

— Mas pode ganhar uma bolsa para a William & Mary.

Rodney passou o resto do dia pensando pela primeira vez em ir a uma faculdade, em abandonar o caminho predestinado de sua vida. Naquela noite, Rodney conversou sobre a ideia com seu pai, que claramente ficou desapontado. O ambiente em que Buck vivia acreditava que, quando você terminava a escola, ia trabalhar. Ele falou com desdém sobre "meninos de faculdade". Então Buck perguntou:

— Se acha bom demais para o estaleiro?

— Não, não acho nada disso — respondeu Rodney. — Só acho que pode existir algo mais lá fora.

Na William & Mary no final dos anos 1960 havia ainda muito poucas pessoas de cor na turma de Rodney Suddith. Como tantos outros universitários da época, ele estava tentando acompanhar a rápida mudança nas regras da sociedade americana. Então resolveu passar um semestre na Hampton University, deixando um campus quase todo de brancos para um campus quase todo de negros.

— Não fui acolhido por ser diferente, e aquilo realmente abriu os meus olhos — diz Suddith a respeito da Hampton. — Aprendi mais sobre mim mesmo, porque apesar de ser naturalmente introvertido, eu não gostava realmente de ficar totalmente sozinho, de me sentir isolado só por causa de minha aparência, especialmente quando eu não sabia como atravessar aquela barreira para me sentir confortável.

Como atleta na William & Mary, Suddith de repente se encontrou firmemente no meio do caminho. Seu time incluía dois meio-fundistas abaixo dos quatro minutos. Aquele era sempre o objetivo de Suddith, romper os quatro minutos. Numa prova em seu segundo ano, ele estava prestes a finalmente conseguir quando, durante uma corrida dura, foi empurrado na última curva e terminou em terceiro, com um tempo de quatro minutos e três centésimos de segundo. Suddith jamais chegaria tão perto novamente.

Depois de seu segundo ano, Suddith conseguiu participar das qualificatórias olímpicas de 1972. Aos 23 anos de idade, ele achava que aquelas Olimpíadas em Munique seriam sua única chance de correr num grande palco. Quando chegou para as provas em Eugene, Oregon, descobriu o quanto aquilo tudo era grandioso. Ele se sentiu intimidado e seu corpo começou a deixá-lo na mão. Suddith não passou da primeira eliminatória.

— Foi quando meu rim começou a piorar e pude perceber que eu estava me desfazendo — diz Suddith. — Aquela era a época em que estavam começando a examinar urina e, quando recolheram um pote com a minha, eu soube que minha carreira correndo havia chegado ao fim.

Suddith passou por uma cirurgia aquela noite e os médicos descobriram que ele sofria de uma doença congênita. Um de seus rins havia se deteriorado a ponto de chegar à falência. Correr competitivamente estava

colocando pressão demais em seu sistema renal e o rim precisava ser removido. Suddith conta:

— Fui assombrado pela ideia de saber que jamais teria chance de ir atrás de meus sonhos no atletismo.

Suddith se tornaria o primeiro de sua família a se formar na faculdade. Ele prosseguiu então para a Universidade Virginia Commonwealth, onde ganhou um diploma de professor e conheceu sua futura esposa, Janice. O primeiro emprego de Suddith como professor foi na escola secundária Thomas Jefferson, uma escola no centro da cidade em Richmond. A população de alunos era quase toda de alunos negros, num bairro majoritariamente branco. Suddith ensinava história e ciências políticas e tornou-se treinador assistente para o time de corrida, que conquistou quatro campeonatos estaduais ao longo dos sete anos seguintes.

— De certa forma era o lugar mais recompensador para se estar, porque você estava realmente ajudando as pessoas — diz Suddith. — Me lembro de ver alguns jovens se formando e indo para Harvard, mas descobri que a maior parte das histórias num centro urbano não termina como você gostaria.

Suddith foi particularmente afetado pela história de Sherrie Trent, uma das atletas do time da Thomas Jefferson. Suddith costumava dirigir seu fusca laranja até os projetos às cinco da manhã para buscar Sherrie para o que era conhecido como Patrulha da Madrugada, os exercícios de manhã cedo do time.

— Uma noite recebi um telefonema dizendo que a mãe de Sherrie e seu namorado haviam tido uma discussão, e que ele assassinara Sherrie com um tiro de espingarda bem na frente da sua mãe. Ao passar por aquilo, percebi que existem certas coisas que simplesmente não posso controlar, tampouco compreender. Aquilo me exauriu.

A morte de Sherrie ajudou a desencadear o fim do mandato de Suddith na Thomas Jefferson. No dia em que os colegas de Sherrie venceram o campeonato estadual em sua homenagem, Suddith recebeu uma oferta de emprego para ensinar e treinar na escola secundária E. C. Glass em Lynchburg. Suddith sabia que precisava de uma mudança. E aceitou a oferta.

Suddith acabou treinando a E. C. Glass durante pouco tempo; ao final de uma temporada, ele imediatamente pediu demissão. Suddith tinha uma forte sensação espiritual de que devia estar fazendo alguma outra coisa. Janice e ele tinham quatro filhos, e Suddith havia se envolvido muito com sua igreja. Finalmente a igreja perguntou a ele se aceitaria trabalhar lá em tempo integral como diretor de educação cristã. Suddith não tinha nenhum treinamento específico a não ser o fato de seus pais serem professores nas missas dominicais, além de algum conhecimento da Bíblia, mas ele aceitou o emprego mesmo com medo de não ser qualificado o suficiente.

No mesmo ano em que Suddith chegou a Lynchburg, Russ Carr comprou sua fazenda para servir de local para sua nova fase de vida. Um dos idosos da igreja de Suddith ajudara Carr a adquirir sua propriedade, e sugeriu a Suddith que fosse conhecê-lo. Suddith perguntou por quê.

— Se lembra de quando nos disse que devíamos usar os esportes para ajudar as crianças da igreja? — perguntou o idoso. — Bem, Russ está falando sobre essas estranhezas também. Nós não compreendemos, mas de repente vocês se entendem.

Oito anos depois, Rodney Suddith estava em pé ao lado de Russ Carr em Gulu, Uganda. Na época, Gulu era o quartel-general ugandense para o horror. Milhares de crianças estavam sendo sequestradas por Joseph Kony e seu violento grupo de rebeldes conhecido como Lord's Resistance Army, ou Exército de Resistência do Senhor. Essas crianças eram mortas ou forçadas a se tornarem crianças soldados no LRA. Suddith e Carr ficaram olhando impressionados, durante sua primeira noite em Gulu, enquanto milhares de crianças, algumas de três anos de idade carregando apenas um lençol, iam das aldeias vizinhas para os muitos acampamentos de refugiados em Gulu, na esperança de escapar do LRA. Aloysius Kyazze, que dirigia a operação do Sports Outreach em Gulu, contou a eles que aquelas crianças eram conhecidas como "viajantes da noite" ou "as crianças invisíveis".

Kyazze contou histórias sobre crianças que haviam sido forçadas pelos rebeldes a matar seus pais quando estavam sendo raptadas. Meninas eram frequentemente estupradas e torturadas, enquanto outras eram vendidas como escravas. Quando essas crianças escapavam do LRA ou eram libertadas pelas tropas do governo, seu estado emocional estava em frangalhos. Enquanto Suddith observava a cena e escutava histórias dos sobreviventes, sentia que sua vida estava prestes a mudar uma vez mais.

— Era horrível ver milhares de crianças numa área cercada apenas para se sentirem seguras, porque tinham medo de serem sequestradas ou assassinadas — relata Suddith. — Olhei para a minha própria vida e tudo parecia tão distante. Eu me tornara tão isolado e tão seguro, que era mais monótono do que água parada. Eu fugira do meio do caminho. Quando voltei de Uganda para casa, conversei com minha esposa e, de maneira injusta, usei a máxima cristã com ela: "Acho que Deus está me chamando para isso."

Suddith teve uma reação instintiva similar na primeira vez em que esteve em Katwe.

— Eu passara por alguns lugares bem duros nas missões, mas os rostos do desespero me assustam porque muitas vezes esses rostos se viram para a violência, contra eles mesmos ou contra os outros. Minha primeira experiência na favela de Katwe foi como olhar para um barril de pólvora prestes a explodir. Pessoas de fora me diziam que os habitantes dali precisavam de Jesus. Eu respondi: "Sim, precisam, mas também precisam de educação, precisam de treinamento para trabalhar, precisam de comida."

Suddith se deu conta de que Uganda, como a maioria dos países em desenvolvimento, não fornecia a mesma rede de segurança econômica para seus habitantes mais pobres como a que existe nos Estados Unidos, e ele achou que o Sports Outreach deveria tentar preencher um pouco daquele vazio. Em vez de optar por uma abordagem puramente evangélica, Suddith começou com a planta de Carr e desenvolveu sua própria abordagem holística, apoiando-se em seis premissas: social, psicológica, emocional, mental, física e espiritual.

— Achei que não havia como abordar esse problema puramente num nível espiritual — explica Suddith. — Não podemos simplesmente dizer a

essas crianças: “Não tenham medo, Deus está com vocês.” Precisamos mostrar a elas que podemos abordar todas as dificuldades delas. Eu ia às favelas e via locais onde uma organização cristã havia estado e convertido centenas de pessoas, mas aquilo não dera certo. Outras davam comida às pessoas, mas se você só faz isso então quem vai lhes dar comida amanhã?

A missão de Carr para Suddith era ajudar a desenvolver os jovens líderes treinados por Mwesiga e Kyazze. Quando Suddith conheceu Robert Katende, imediatamente viu seu potencial.

— Havia alguma coisa especial em Robert, certa dignidade e percepção que se destacava — diz Suddith. — Robert teria me assustado se eu precisasse competir contra ele. Havia acabado de começar o projeto de xadrez e o que me impressionou foi que ele tinha um plano maior. O plano não era apenas uma atividade alternativa para crianças que não queriam jogar futebol. O plano era para que essas crianças aprendessem com ele, se saíssem melhor na escola, se tornassem mais interativas socialmente, se tornassem jovens com uma chance de sucesso.

Quando alguns puristas da comunidade Sports Outreach reclamaram dizendo que xadrez não era um esporte de verdade e que não deveria tirar tempo do futebol, Suddith estava lá para apoiar Katende. Suddith, que viajara entre Virgínia e Uganda dezenas de vezes durante a última década, havia se tornado um mentor valioso para Katende e as outras duas dúzias de jovens ministros ugandenses do Sports Outreach.

— Meu objetivo é ajudar essas pobres crianças a crescer, e para isso tento treinar Robert e os outros líderes para que fiquem no meio — diz Suddith. — Se um dia eu fosse a Uganda e conhecesse os pastores e crianças com quem sou abençoado por trabalhar e pensasse que aquilo era tudo o que eles conseguiriam ser, ficaria realmente arrasado. As pessoas que me conhecem melhor dizem que, se tenho uma qualidade boa, é minha maneira de ajudar as pessoas a saírem de onde elas estão para onde querem estar. Acredito que fui chamado para ajudar outros que não conseguem contar além de seis, mas que querem muito, muito chegar ao sete.

Santa Bárbara, Califórnia, é um dos melhores lugares do mundo. De muitas maneiras, realmente é como Camelot. É bonita, próspera, e boa para crianças — tudo que Katwe não é. Andrew Popp cresceu lá.

Os pais de Andrew, Norm e Tricia, descrevem seu único filho como gentil, atencioso, sensível e impressionável. Quando jovem, Andrew adorava ler. Com uma imaginação fértil, Andrew se perdia nas histórias. Uma vez, depois de ler *Aladim*, teve pesadelos durante uma semana com o vilão Jafar. Andrew era uma criança muito determinada, que aprendeu a tocar violão, piano e bateria. Na quarta série, pediram-lhe que escolhesse um aluno mais novo para orientar durante o Big Buddy, um programa da escola. Todas as outras crianças evitaram escolher um menino em particular que tinha síndrome de Down. Mas Andrew disse que só queria orientar aquele aluno. Na sexta série, na hora da leitura, enquanto o resto das crianças folheava gibis ou revistas para adolescentes, Andrew lia a Bíblia.

Andrew era um sonhador. Cresceu querendo dirigir caminhões monstros e depois quis ser surfista profissional e então quis ter 2,10 metros de altura, até descobrir as garotas e perceber que seus 2,05 metros já eram altura suficiente. Seus orgulhosos pais o descreviam como "extraordinário".

Andrew Popp era mais uma pessoa cuja vida os esportes tiveram o potencial de mudar. Seu pai e ele jogavam basquete durante horas na entrada de sua garagem, e Norm treinou seu filho no esporte até o ensino médio. Durante o primeiro ano de Andrew na escola secundária San Marcos, ele estudou na China, aprendendo a língua e jogando basquete num time local. Também ensinou o jogo a crianças durante uma missão da igreja à Guatemala no verão seguinte, em 2004.

No último ano na San Marcos, Andrew ganhou todas as honras tanto no vôlei, como jogador de meio de rede, quanto no basquete, como pivô de seu time. Ele também tirou mais do que 1.500 em seus testes SATs, de acesso a universidades, o que fez dele um aluno e atleta modelo para recrutadores de faculdades. Ele podia escolher para qual delas ir. Andrew foi recrutado para dezenas de faculdades em todo o país para jogar basquete, mas seu sonho sempre fora ir para uma das melhores, como Harvard ou Yale. Aquelas escolas mostraram interesse nele, mas por motivos que seus pais ainda não conseguem explicar Andrew começou a desmoronar

psicologicamente durante seu último ano e, quando chegou a hora de enviar suas inscrições, Andrew perdeu os prazos e as escolas acabaram perdendo o interesse nele.

Em 2005 — o mesmo ano em que, a meio mundo de distância, uma menina de nove anos chamada Phiona Mutesi se sentava pela primeira vez em frente a um tabuleiro de xadrez e começava a mudar sua vida —, bem cedo numa manhã de verão, poucas semanas depois de se formar no ensino médio, o jovem de 18 anos Andrew Popp dirigiu ao longo da San Marcos Pass Road em direção às montanhas da Cold Spring Canyon Bridge, uma ponte em arco de aço de 365 metros ao longo da rodovia estadual 154 da Califórnia que se estende por um vale e liga Santa Bárbara a Santa Ynez. Por volta das 5h15 da manhã, um xerife adjunto a caminho do trabalho viu o carro de Andrew pegando fogo na ponta norte da ponte, e Andrew indo do meio da ponte na direção do guarda-corpo, que batia em sua coxa. Quando o policial se aproximou, Andrew, sem expressão no rosto, pulou de costas e caiu sessenta metros numa ravina cheia de neblina.

Norm e Tricia Popp ficaram devastados. Inicialmente eles tiveram dificuldade em decidir como fazer jus à memória de filho. Então se lembraram de uma manhã de domingo na igreja comunitária de Santa Bárbara, quando sua família ouviu um evangelista chamado Russ Carr falar apaixonadamente sobre sua visão para o Sports Outreach Institute. Os Popp concluíram que o foco da organização em crianças, esportes e estudos refletia perfeitamente quem Andrew era. Em vez de flores, os Popp pediram que doações fossem enviadas ao Sports Outreach em nome de seu filho. Quando os Popp perceberam o potencial daquele dinheiro para ajudar a pagar a escola de dezenas de crianças em Uganda, pegaram os fundos que haviam economizado para pagar a faculdade de Andrew e, com a ajuda de Suddith, ajudaram a criar a bolsa Andrew Popp Memorial Scholarship.

Durante anos depois da morte de Andrew, seus pais nunca conseguiram testemunhar os frutos da bolsa. Suddith continuava os encorajando a ir a Uganda e, no quinto aniversário do suicídio de seu filho, os Popp viajaram para Kampala e conheceram Phiona Mutesi e as outras sessenta crianças da favela que não estariam estudando se não fosse pela bolsa Popp. Parece uma

história simples de redenção, mas para os Popp é muito mais complicado que isso.

Na varanda da pensão Namirembe Guest House, em Kampala, na manhã de 18 de setembro de 2010, os pais de Andrew falaram sobre o que significava para eles visitar as crianças que estudavam por causa da bolsa Popp:

Tricia Popp: "Vir a Uganda cristalizou meu entendimento de nossa experiência. Como uma ocidental, não gostamos de enfrentar a morte e não gostamos de enfrentar a perda. Tivemos dificuldade em passar por essa experiência porque era uma coisa muito distante para nós. Nossa vida foi completamente virada de ponta-cabeça, e por isso essa experiência foi tão incrível para mim. A vida de Phiona nos traz tanta alegria. É um presente incrível. Jamais vou me livrar da tristeza por perder Andrew e escolheríamos tê-lo de volta em um segundo, mas fico tão grata de poder celebrar a vida de Phiona. Acho que o que aprendi foi que é por isso que temos duas mãos. Existe vida e existe morte. Esta viagem me ajudou a entender a morte e a vida e sua interligação.

"Acho que as pessoas querem que sejamos quem éramos, mas nunca mais quero ser a mesma. Quero aceitar a morte de Andrew assim como Phiona precisou fazer com todas as dificuldades pelas quais passou em sua vida. Sinto uma sensação muito maior de plenitude apesar de minha perda, porque esta viagem me ajuda a entender que a maioria do mundo sofre mais do que nós. Infundir a vida de Phiona com um pouco de esperança é um tremendo presente. A mãe de Phiona nos agradeceu. Está brincando comigo? Eu agradeci a ela por ter a coragem de enfrentar cada dia cuidando de Phiona. Nós duas somos mães. Tenho tristezas como mãe em minha vida e ela também. Sinto muita solidariedade por ela. Sinto como se fôssemos parceiras. Não a estou ajudando mais do que ela está me ajudando. Quando a mãe de Phiona se ajoelhou e agradeceu,

tive essa clareza esmagadora de que somos todos parte da mesma família, e quem não faria o possível para ajudar sua família?

"Nosso filho escutou alguma voz sombria dentro de sua cabeça que disse que era melhor acabar com sua vida. Foi muito ruim. Ele era meu doce menininho. É esse o mistério que nos restou. É um enigma que jamais desvendaremos, e eu não acho que devemos encontrar um sentido nele. Passamos dois anos nos perguntando por que, e finalmente entendemos que você pergunta por que até poder conviver com o porquê. Isso está nos ajudando a viver com o porquê."

Norm Popp: "Não sei se já tentamos verbalizar isso antes, mas não importa o quanto alguém esteja doente nem quais sejam as circunstâncias, enquanto esse alguém está vivendo existe esperança. Para minha esposa e para mim, lidar com o fato de que Andrew se foi e que não há esperança tem sido uma das coisas mais difíceis de aceitar. Nessa viagem há 61 crianças com a bolsa Popp e esperamos ver todas elas. Não há dúvidas de que as circunstâncias delas são péssimas. É de revirar o estômago. Mas pelo menos existe uma esperança ali.

"Uma coisa difícil é que as pessoas gostam de enfeitar a tragédia. As pessoas dizem que deve haver um motivo para Andrew ter morrido. Não existe como eu achar que as coisas boas que vieram disso tudo valeram a morte dele. Nada valeria isso. Nada pode substituí-lo. Não é uma equação matemática. Não é um por 61. Não acontece assim. Mas de outra maneira é redentor, porque se aquilo não tivesse acontecido não estaríamos aqui. Não teríamos criado essa bolsa. Nós, de uma maneira particular, apreciamos a vida e o que ela significa de um jeito que as crianças ainda não.

"A ligação que sentimos com Phiona não é como se tivéssemos dado um dinheiro para essa garota e agora ela estivesse bem. Estamos trabalhando pela vida dela de um jeito que ela não entenderia, de um jeito muito mais profundo. É tão difícil, porque

Andrew não valorizou a vida, porque ele não tinha nenhuma espécie de perspectiva. Sei que essas crianças também não, mas se de alguma forma as ajudarmos a sobreviver e a manterem-se vivas pode ser que tenham esperanças para um futuro.

"Acho que uma das coisas mais difíceis é que não podemos transformar Andrew num herói e ainda assim o amamos tanto quanto qualquer pai ou mãe amaria. O que ele fez não foi de maneira alguma exemplar ou corajoso. Foi uma forma impulsiva de lidar com seus problemas. Essa é a questão. Mas queríamos honrá-lo. Ele cometeu um erro irreversível. Felizmente, a maioria das pessoas comete erros contornáveis. Enquanto você estiver vivo não há motivo para não ter esperança, e estamos transmitindo isso às crianças que conhecemos aqui. Não podemos falar das circunstâncias da morte de Andrew especificamente, mas podemos dizer: 'Ei, perdemos nosso filho e queremos que vocês tenham a vida que ele não teve. Gostaríamos que vivessem com esperança.'"

A anuidade escolar de Phiona, paga pela bolsa Popp, é de 75 dólares.

Tim Crothers



Hakim Ssewaya, que viveu quarenta anos em Katwe, em frente a seu barraco. A estrutura se enche de esgoto durante as frequentes enchentes na favela.

Tim Crothers



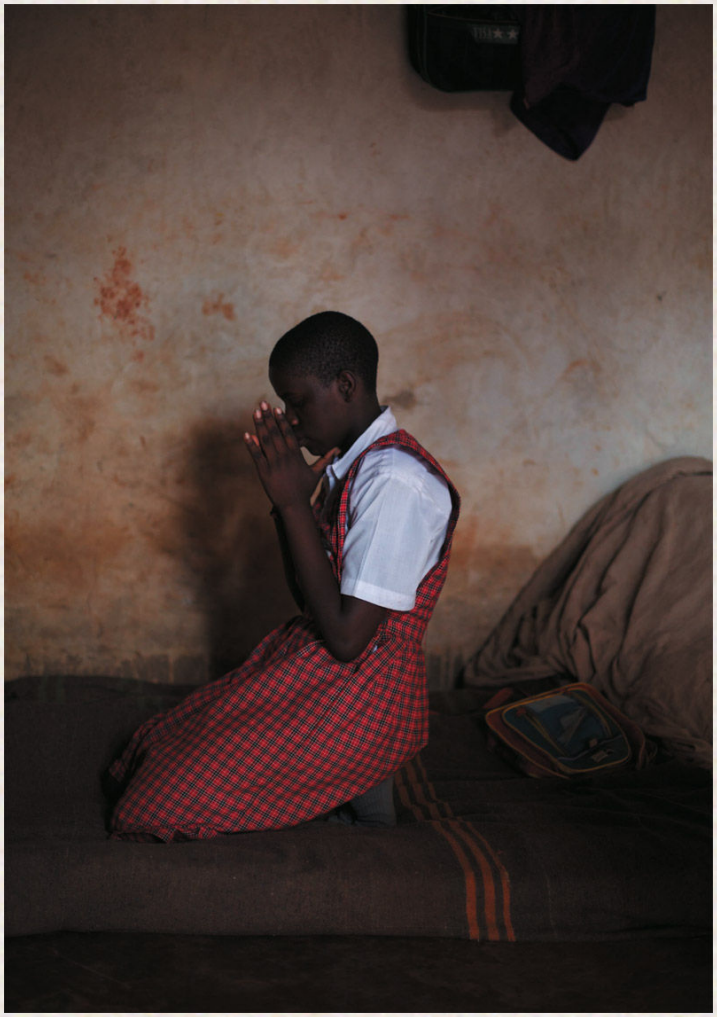
Aidah Namusisi segura a única fotografia existente de sua filha Firidah Nawaguma e seu neto Robert Katende *(à esquerda)*. A foto foi tirada pouco antes da morte de Nawaguma.

Courtesy of Robert Katende



Robert Katende ensina crianças a jogar nos primeiros dias de seu projeto de xadrez. Ele chegou à conclusão de que o xadrez era a melhor ferramenta para ajudar as crianças da favela a aprender a superar os muitos obstáculos em seu cotidiano.

David Johnson/Silentimages.org



Phiona Mutesi reza dentro do barraco de sua família antes de sair para sua caminhada de três horas pelos traiçoeiros becos de Katwe em busca de água fresca.

Tim Crothers



Gloria Nansubuga tinha quatro anos quando Robert Katende a selecionou para ser a primeira tutora de xadrez de Phiona Mutesi, de nove anos de idade.

Courtesy of the Popp family



Andrew Popp brinca com crianças num orfanato chinês durante seu ano escolar no exterior, em 2003.

David Johnson/Silentimages.org



Robert Katende ao tabuleiro de xadrez em Katwe com Phiona Mutesi, a garota a quem ele acreditava poder ensinar a jogar para se tornar uma "profeta" e, finalmente, uma campeã nacional.

Rodney Suddith Crothers



Da esquerda para a direita: Ivan Mutesasira, Robert Katende, Benjamin Mukumbya e Phiona Mutesi, no dia em que voltaram a Katwe após representarem Uganda no Torneio Internacional de Xadrez Infantil de 2009, no Sudão.

Tim Crothers



Phiona Mutesi saboreia sua primeira vitória na Olimpíada de Xadrez de 2010 em Khanty-Mansiysk, Rússia.

Courtesy of Robert Katende



Night (*à esquerda*), irmã mais velha de Phiona Mutesi, e sua mãe Harriet Nakku vendem legumes no Mercado Kibuye de Kampala, a vida à qual Phiona parecia destinada antes de descobrir o xadrez.

David Johnson/Silentimages.org



Phiona Mutesi em frente à igreja Agape, onde ela treina para realizar seu sonho de se tornar Grande Mestre.

Meio-jogo

7

Como um garoto, mas não um garoto

Em geral, acredita-se que o xadrez tenha se originado na Índia, por volta do século VI, onde era conhecido pelo nome sânscrito *chaturanga*, e consistia em peças divididas em quatro divisões: infantaria, cavalaria, elefantes e bigas. O jogo migrou pela Pérsia, onde ganhou o nome de *Shah Mat*, o que significa "o rei está desamparado", e a origem do termo "xeque-mate". O jogo se espalhou então até a Rússia, onde seria um preferido dos czares, e a Europa Ocidental, geralmente transportado para novas regiões por exércitos invasores.

As peças foram nomeadas segundo os papéis nas cortes dos reis durante a Idade Média, e o jogo foi moldado conforme as guerras aconteciam naquele período. No século XV, o nome *xadrez* começou a ser usado, e o jogo adquiriu as mesmas regras que o governam desde então, com a rainha sendo a peça mais poderosa do tabuleiro. No começo do século XIX, começaram a aparecer clubes de xadrez e livros sobre o assunto. Nos Estados Unidos, Thomas Jefferson e Benjamin Franklin escreveram sobre jogar xadrez. O primeiro torneio moderno de xadrez foi realizado em Londres, em 1851. Algumas décadas depois, um checo chamado Wilhelm Steinitz revolucionou o jogo ao enfatizar a posição de suas peças no tabuleiro para ganhar força e atacar as fraquezas de seu oponente, usando

sua abordagem mais teórica para conquistar o primeiro Campeonato Mundial de Xadrez em 1886.

Steinitz perdeu seu título em 1894 para um matemático alemão chamado Emanuel Lasker, que permaneceu como campeão mundial por um recorde de 27 anos. O epicentro do xadrez gradualmente mudaria para a União Soviética, onde, de 1948 a 2000, o campeonato mundial nunca mais saiu das mãos russas, exceto entre 1972 e 1975, quando ele permaneceu com o americano Bobby Fischer. O Comitê Olímpico Internacional reconheceu oficialmente o xadrez como esporte em 1999, mas ainda não o incluiu como parte do programa olímpico por sua falta de atividade física.

O ranking mais alto ao qual um jogador pode chegar é Grande Mestre, uma condecoração conquistada em primeiro lugar por meio de desempenho consistentemente excelente em eventos sancionados pela FIDE. Em 1950, a FIDE deu título de Grande Mestre pela primeira vez a 27 jogadores, e existem agora mais de 1.300 Grandes Mestres homens pelo globo. Desde cedo sendo reduto masculino, muito poucas mulheres já entraram entre os quinhentos melhores do esporte, e foi só em 1991 que Susan Polgar se tornou a primeira mulher a ganhar um título de Grande Mestre nos mesmos termos que seus colegas homens. Polgar atualmente está entre as 22 mulheres a conquistarem o título. Também existe um título específico de gênero, o Grande Mestra, com menos requerimentos, que já foi conquistado por mais de duzentas jogadoras.

Um dos esportes mais populares do mundo, o xadrez se infiltrou em quase todas as outras localidades do planeta até chegar à África Subsaariana. Foram necessários 1.500 anos para encontrar Uganda. Introduzido inicialmente em Uganda através dos laços coloniais do país, o xadrez só era jogado em lares e em algumas escolas e clubes até o começo dos anos 1970. Em 1972, um grupo de médicos ugandenses, inspirados pela amplamente divulgada partida entre Fischer e o russo Boris Spassky no campeonato mundial, formou a Associação de Xadrez de Uganda. O grupo organizava jogos esporádicos em Kampala, geralmente no Hospital Mulago ou na Universidade Makerere, e mais tarde seria conhecido como a Federação de Xadrez de Uganda, após sua filiação à FIDE, em 1976.

A primeira literatura de xadrez compartilhada pelos jogadores da federação foi a cópia de um livro dado a Mathew Kibuuka, um dos melhores de Uganda no esporte, como presente de casamento. No final dos anos 1970, a federação começou a publicar um pequeno panfleto chamado *Checkmate*, que ajudou a aumentar o interesse no jogo. A evolução do xadrez em Uganda foi ainda mais acelerada por um administrador de xadrez americano, Jerry Bibuld, que foi a Uganda para um seminário de xadrez no começo dos anos 1980 e, subsequentemente, começou a enviar por correios edições da *Chess Life*, a revista da Federação de Xadrez dos Estados Unidos da América, à federação ugandense.

— Foi lendo a *Chess Life* que aprendemos o jogo — conta o atual treinador do time nacional de xadrez ugandense, Joachim Okoth, mais um dos pioneiros do esporte no país. — Antes disso, havíamos lido alguns livros sobre xadrez e decorado alguns movimentos, mas nem sempre sabíamos por que estávamos usando aqueles movimentos. Com a ajuda de Jerry, aprendemos por quê.

Uma das 158 federações de xadrez reconhecidas pela FIDE, a de Uganda está entre as estabelecidas mais recentemente. O primeiro campeão nacional ugandense foi um inglês, professor da Universidade Mbarara. Por mais que Uganda tenha ocasionalmente revelado um jogador forte — o mais notável sendo Willy Zabasajja, que venceu o campeonato nacional ugandense por nove vezes e tornou-se o primeiro da África oriental a ganhar o título de Mestre FIDE —, a nação nunca chegou entre os cem maiores do mundo nas classificações da FIDE. Por mais que existam seis Grandes Mestres na África, Uganda nunca teve nem sequer um Mestre Internacional, o nível abaixo do Grande Mestre e acima de Mestre FIDE. Como não existe tradução para a palavra "xadrez" em seu idioma nativo luganda, sempre que Phiona Mutesi fala sobre o jogo, ela precisa usar o inglês para as terminologias.

O homem que levou o xadrez às escolas ugandenses foi Damien Grimes, um padre católico branco e missionário que, em 1967, assumiu como diretor o Namasagali College, uma das mais prestigiosas escolas do país na época. Grimes iniciou um programa de xadrez em Namasagali que lentamente se espalhou para outras escolas. Com o tempo, padre Grimes organizou um

torneio de xadrez entre algumas escolas em Kampala, muitas delas com diretores também vindos da Grã-Bretanha. Esse torneio se expandiu para escolas de toda a nação desde então, e adotou o nome dele.

Foi no torneio Padre Grimes de 2005 que Robert Katende focou. Seu projeto de xadrez existia há pouco mais de um ano e o treinador estava começando a sentir que seus jogadores precisavam de um objetivo.

— Fiquei com medo do que estávamos fazendo se tornar monótono — explica Katende. — Você vem um dia. Você treina. Vai embora. Volta no dia seguinte. Você treina. Vai embora. A questão se tornou, depois disso, o quê? Achei que precisávamos estar treinando para chegar a algum lugar.

Então Katende apelou para o presidente do conselho da Federação de Xadrez de Uganda na época, Enoch Barumba, pedindo para colocar jogadores de seu projeto de xadrez no torneio Padre Grimes de 2005. A ideia foi enfaticamente rejeitada.

— Barumba me perguntava: "Como elas poderão vir?" Ele insistia: "São crianças de rua. Elas não vão à escola. Como poderão jogar em torneios escolares? Isso não pode ser permitido." Quando falei de crianças da favela, ele achou que sabiam quem elas eram. Achou que eram sujas. Achou que eram malcomportadas. Achou que eram arruaceiros que ofenderiam as outras crianças de alguma maneira. Então ele usou todos os argumentos para me recusar.

Katende sabia que precisaria derrotar um antigo preconceito de classes em Uganda. Muitos ugandenses consideravam crianças de rua irredimíveis e resistiam à sua integração com a sociedade mais privilegiada. Katende visitou Barumba diversas vezes ao longo de um período de três meses, oferecendo várias ideias para as crianças de seu programa poderem competir como participantes convidadas. Ele disse a Barumba que seus alunos eram jovens e inexperientes e certamente não ganhariam nenhum troféu, mas que precisavam de uma plataforma para aprender mais sobre xadrez competitivo. Katende também apelou a Godfrey Gali, secretário-geral da federação.

— O pedido de Robert era politicamente delicado — diz Gali. — Quando falei com o presidente do conselho, ele me perguntou: "Como elas se encaixam aqui?" Ele não queria permitir aquele tipo de acordo, mas eu conhecera algumas daquelas crianças e o convenci de que precisávamos

mostrar que um dos objetivos da nossa federação era espalhar o jogo para toda a sociedade de Uganda.

Barumba finalmente cedeu, mas com uma condição que ele suspeitava que seria proibitiva.

— O custo para se registrar era alto e ele sabia que eu não tinha dinheiro, então disse que podíamos participar se pagássemos a inscrição — diz Katende. — Era como um empecilho que ele achou que nos eliminaria. Então falei com o Sports Outreach e eles liberaram o dinheiro, e assim voltei a Barumba, e ele ficou surpreso por eu ter o dinheiro, mas não tinha mais como retirar o que dissera.

Quando Katende explicou aos Pioneiros o que tinha acontecido, eles não acreditaram.

— Antes daquela época, as crianças saíam do programa porque achavam que xadrez era uma perda de tempo — diz Ivan Mutesasira. — Muitos haviam inclusive perdido as esperanças por não ver nenhum futuro em jogar xadrez, mas quando o treinador Robert nos contou que íamos a um torneio, ficamos todos surpresos e animados.

O time de Katende incluía os Pioneiros: Samuel, Richard, Ivan, Julius e Gerald, e o irmão de Phiona, Brian. Os meninos tinham entre sete e 13 anos de idade. Para a maioria deles, o torneio Padre Grimes 2005 na King's College Budo em Mpigi seria sua primeira viagem para fora da favela de Katwe. Quando foram apanhados por uma van para o trajeto até King's College, era a primeira vez dos meninos num veículo. Durante os 45 minutos de viagem de Kampala até Mpigi, Katende resumiu para as crianças habilidades básicas, de como se abre uma garrafa de água a como comer com talheres. Eles chegaram a um grande campus cheio de árvores e atalhos ladeados por flores bem cuidadas. O salão de jogo era um teatro austero com ventiladores de teto e janelas de vidro, coisas que as crianças também nunca tinham visto. Depois de deixar seus alunos absorverem aquela nova atmosfera, Katende tinha uma mensagem para eles:

— Somos nós que sabemos quem somos. Eles não sabem quem somos. O que precisamos fazer é nos comportar como se vivêssemos como eles vivem.

Katende tentou se antecipar a qualquer coisa que pudesse revelar o histórico das crianças, mas algumas estavam fora de seu controle. Seus jogadores não tinham roupas que não estivessem manchadas ou rasgadas. Estavam competindo contra crianças que usavam uniformes escolares lavados e passados. Alguns usavam até blazer e calça social.

— No torneio estávamos isolados, e alguns dos oponentes riam de nosso time e nos achavam sujos, quando na verdade meus jogadores estavam usando suas melhores roupas e aparentando o melhor que podiam — diz Katende. — Alguns alunos perguntavam: "Que escola é essa?" Era a primeira vez que eles viam crianças nesse estado.

Com o tempo, a notícia de que o grupo de Katende não estava em nenhuma escola se espalhou.

— Nos chamaram de crianças de rua — conta Ivan. — Nós os ouvíamos dizendo: "Crianças de rua? Como jogaremos com crianças de rua?" Era esse o tipo de intimidação e tortura. Estávamos sendo evitados. Eles nos olhavam com desprezo.

Quando o torneio começou, o time de Katende estava claramente afetado pelo tratamento dado pelos outros jogadores. Estavam todos extremamente nervosos.

— Gerald estava tremendo, o corpo todo dele chacoalhava, e ele não conseguia nem segurar uma peça — lembra Katende. — Eu disse a ele: "As pessoas contra quem você vai jogar não estão tremendo. Apenas tenha confiança. Não ligue se perder. Apenas jogue como se ainda estivesse lá em Katwe treinando."

— Antes de jogar eu me senti muito bem só por estar num lugar que não conhecia — diz Samuel Mayanja. — Mas quando você vai jogar fica com medo e muitas vezes eu estremecia diante do tabuleiro. Então me lembrava do treinador dizendo para eu ser confiante e não tremer. Consegui ganhar alguma confiança. Podia olhar para alguns de meus amigos do projeto e ver que estavam calmos e de alguma maneira jogando muito bem e sentados confortavelmente, então de algum jeito também criei aquela coragem e comecei a me sentir cada vez melhor.

O torneio durou uma semana, e Katende não deixou seus jogadores saírem de vista. Ele ficava nervoso em deixá-los interagir com as outras

crianças porque seu grupo não falava inglês bem e ele sabia que aquilo tinha potencial para resultar em provocações e brigas. Enquanto os estudantes dormiam em camas de dormitório, Katende e seus alunos dormiam todos no chão do dormitório, dividindo um colchão como travesseiro. As crianças de Katwe comiam suas refeições juntas, maravilhando-se com a oferta de ovos, leite, pão, frutas e a rotina de três refeições por dia.

— Meus meninos me diziam: "Treinador, ainda estou satisfeito e já estão nos chamando para o jantar." Então eles precisavam ir jantar sem espaço vazio no estômago. Foi realmente algo muito excitante para eles.

O time de Katende terminou o torneio no meio da tabela de classificação. Haviam se saído melhor que muitos outros programas de xadrez mais bem estruturados, para a surpresa de seu treinador. O certificado que receberam no final do torneio chamava-os de "O Time das Crianças". Eles ganharam um pequeno troféu e medalhas reconhecendo-os como o time mais jovem da competição.

— Nós colocamos aquelas crianças da favela lá e felizmente eles jogaram bem e foram muito disciplinados, até mais do que aqueles que estavam formalmente matriculados em escolas — diz Gali. — Quando você lhes pedia ajuda com alguma coisa, eles corriam para fazê-lo. De certa forma eles me emocionaram. Tornaram-se queridos para nós da federação. Com o tempo, até mesmo os outros alunos perceberam que aqueles garotos eram bons, que tinham potencial, e eles finalmente foram aceitos.

Por mais que o Time das Crianças tenha vencido algumas partidas no Torneio Padre Grimes 2005, a lembrança mais duradoura para Katende foi quando Ivan estava jogando uma partida na qual tinha uma posição significativamente vantajosa e aparentava estar certo de colocar seu oponente em mate. Em vez disso, Ivan cometeu um erro bobo que o forçou a se conformar com um empate.

— Ivan tinha certeza de que ia ganhar e quando o jogo empatou ele chorou muito, chorou tão alto que precisei tirá-lo do salão de jogos — diz Katende. — Na percepção dos jogadores de escola aquilo fora um insulto, porque esse menininho estava chorando depois de empatar com um garoto mais velho. Escutei algumas pessoas dizendo: "Essas crianças de rua são

engraçadas. Como é que alguém chora por causa de um jogo?" Aquelas pessoas não entendiam o que o jogo significava para essas crianças.

Como não tinha outra escolha, Harriet deixava seus filhos irem.

Brian e Phiona voltavam ao alpendre empoeirado diariamente para jogar xadrez. Ocasionalmente, eles até pegavam um tabuleiro emprestado de Katende e voltavam ao seu barraco para jogar em casa, jogo após jogo após jogo, nenhum dos dois irmãos querendo deixar o tabuleiro tendo perdido a última partida para o outro, então eles jogavam sem parar até as últimas gotas de querosene se apagarem em sua lamparina.

— Me lembro da primeira vez que Phiona me derrotou — conta Brian. — Estávamos treinando para um torneio e estávamos em pares, e Phiona ganhou de mim. Senti vergonha, então o que Phiona fez foi contar a todos que eu havia ganhado em vez dela. Isso é que é uma boa irmã. Desde aquele dia, sempre que ela ganha de mim, ela não fica feliz. Ela me explica quais erros cometi para eu poder consertá-los e tentar ganhar dela na próxima vez. Ela não gosta de ganhar de mim.

A verdade é que Brian não ganha mais de Phiona com frequência, em parte por causa do tempo que ele investiu em torná-la melhor jogadora.

— O treinador Robert nos disse uma vez que, como há tão poucas garotas jogando em Uganda, Phiona tinha chance de crescer rápido no jogo em nossa nação — diz Brian. — Então os garotos do projeto começaram a se interessar mais em ver como podíamos melhorá-la. Benjamin, Ivan, Samuel, todos nós queríamos colocar um pouco de nós nela e ver aonde ela podia chegar.

Quando Phiona chegou a aprender todo o jogo, barreiras haviam sido quebradas, e o caminho para torneios de xadrez no mundo lá fora havia sido trilhado pelos Pioneiros. Eles contaram sua incrível história ao voltarem de seu primeiro torneio Padre Grimes e a notícia se espalhou, como sempre se espalha em Katwe. Rapidamente, a frequência no projeto de xadrez triplicou.

Com a ajuda dos meninos de Katwe que agora estavam ajudando a ensinar, Katende gradualmente expandiu seu projeto de xadrez para três outras favelas: Kibuli, Nateete e Bwaise. Katende frequentemente visitava dois ou três dos projetos nas favelas no mesmo dia. Sabendo que no futuro ele queria que seus alunos estivessem mais treinados para torneios como o evento Padre Grimes, Katende criou sua própria competição entre seus quatro programas da favela e a chamou de "torneio entre projetos".

O primeiro torneio entre projetos de Katende foi realizado em agosto de 2006 no salão de jantar da Escola Kampala para Deficientes Físicos, que divide seu complexo com o escritório principal do Sports Outreach Institute. Katende pegara um saco de peças de xadrez de madeira emprestado da Federação de Xadrez de Uganda que eram esculpidas tão grosseiramente que era difícil diferenciar um bispo de uma torre. Os tabuleiros eram desenhados em pedaços de papelão, cada quadrado cuidadosamente construído com réguas e canetas. Toda manhã, Katende ia até seus quatro projetos nas favelas para buscar os competidores e transportá-los até o lugar em que eles jogariam uma partida, fariam uma pausa para o almoço e então jogariam mais à tarde, antes de Katende devolvê-los às favelas toda noite. O torneio durou três dias.

Katende pagou 15 mil xelins (cerca de oito dólares) para a avó de Samuel Mayanja pelo grande prêmio da noite: um pato. Richard Tugume, um dos Pioneiros, ganhou o pato, e outros que terminaram nas primeiras posições receberam dez mil xelins. Para o restante dos participantes, Katende conseguiu uma caixa de camisetas doadas por mzungu. Nas costas de cada uma, ele mandou gravar em silkscreen S.O.I. CHESS ACADEMY. Em anos futuros, Katende conseguiria um troféu de campeão de uma caixa de doações. Por cima da placa de metal previamente gravada com JOGADOR QUE MAIS MELHOROU EM 1973, Katende colou um pedaço de papel no qual escrevera: CAMPEÃO DO TORNEIO DE XADREZ ENTRE PROJETOS. Ninguém parecia ligar que no alto do troféu havia um jogador de beisebol pegando uma bola.

Quase despercebida naquele primeiro torneio entre projetos estava uma menina tímida e assustada competindo em seu primeiro torneio numa sala cheia de garotos. Antes de seu primeiro jogo, Phiona ficou encarando as

outras mesas e, quando notou que era a única garota entre as duas dúzias de competidores, ela se perguntou se o fato de estar lá fora um erro. Ela pensou em perguntar a Katende se devia simplesmente observar os outros jogarem, mas estava tão curiosa para saber como seria competir contra todos aqueles garotos que ficou onde estava e controlou sua ansiedade.

— No dia que me disseram que íamos jogar num torneio, eu nem sabia o que era um torneio — relembra Phiona. — Com certeza senti um pouco de medo, porque eu sabia que ia ter outros jogadores de outros lugares. Lembro que no primeiro dia eu só ganhei um jogo de três, mas foi na última rodada. Me senti melhor e pensei: "Amanhã vou voltar para desafiar essas pessoas."

Phiona apareceu no dia seguinte e ganhou todas as três partidas que jogou, o que a qualificou para jogar com algum dos melhores oponentes do torneio no dia da final. Ela perdeu ambos os seus jogos naquele dia, mas não se sentia mais intimidada como se sentira apenas dois dias antes. No final do torneio, Katende entregou a Phiona um envelope contendo 15 mil xelins por ganhar o "campeonato das garotas". Phiona não podia acreditar que tinha ganhado dinheiro jogando xadrez. Ela levou o dinheiro para casa para dá-lo a sua mãe.

— O que realmente me motivou muito foi que me deram aquele presente — diz Phiona. — Eles não me deram um presente porque ganhei. Me deram um presente porque eu era a única garota que participou do torneio, e aquilo me motivou muito a continuar a jogar xadrez.

Em janeiro de 2007, apenas cinco meses após sua primeira experiência num torneio, Phiona entrou no campeonato nacional Sub-20 de Uganda, realizado no Complexo Esportivo Lugogo. O torneio era bem organizado, com tabuleiros e peças de verdade, assim como relógios para cronometrar as jogadas. Phiona era uma das vinte participantes do projeto de xadrez de Katende, num total de setenta competidores. Phiona tinha apenas 11 anos de idade. A maioria de seus oponentes tinha 18 ou 19.

Katende não viu Phiona jogar uma única partida naquele torneio. Com vinte crianças para acompanhar, ele concentrou a maior parte de seu tempo em Ivan, Benjamin, Richard e Gerald, quatro garotos que ele achava que tinham uma chance de ganhar. Mas Phiona capturou a atenção de Godfrey

Gali, secretário-geral da Federação de Xadrez de Uganda. Inicialmente, Gali ficou intrigado ao ver a pequena Phiona, com seus cabelos desarrumados, saia rasgada e chinelos, jogando contra uma universitária bem vestida com o dobro do tamanho dela. Ele achou que o jogo seria desequilibrado, mas, quanto mais assistia, mais Gali ficava cativado pela habilidade da menina no xadrez.

— Me lembro quando o jogo estava perto do final e Phiona estava andando num campo minado — diz Gali. — O único movimento seguro para que evitasse uma derrota no jogo era mover seu cavalo para uma casa específica, e ela fez exatamente aquilo. Agora eu estava realmente interessado. Da vez seguinte sua única jogada segura era mover seu bispo para uma casa específica, e pensei que ela nunca veria aquela oportunidade. Ela fez a jogada. Ela fez quatro jogadas bem-sucedidas seguidas quando qualquer outra jogada a teria eliminado, e lentamente virou o jogo até ganhar. Naquela altura eu já sabia que aquela garota tinha potencial para ser uma campeã.

Como o formato do campeonato era todos contra todos, e misturava meninos e meninas, era difícil rastrear a classificação geral durante o torneio. Quando os resultados finais foram calculados, Phiona sabia que havia jogado bem, mas jamais sequer considerara a possibilidade de ter ganhado. Phiona aguardou ansiosamente conforme os nomes das melhores finalistas eram chamados. A vencedora foi revelada por último. Foi quando Phiona finalmente ouviu seu nome. Ela foi a campeã entre as mulheres.

— Na verdade, fiquei surpreso — diz Katende. — Phiona só estava jogando há um ano e se revelou a melhor entre garotas de famílias de boa condição. Foi a primeira vez em que percebi que Phiona podia estar desenvolvendo algo especial.

Phiona ganhou um troféu dourado quase tão alto quanto ela. Ela nunca sequer segurara um troféu antes, nunca ganhara algo em que havia outros competidores.

— Aquele foi um dia muito, muito feliz — relembra Phiona. — Me lembro que quando cheguei em casa, sentia que não era a Phiona de sempre. Eu era uma Phiona diferente.

* * *

Em 2005, Robert Katende compareceu a um torneio de xadrez em Kampala com Godfrey Gali, e, enquanto observavam uma garota chamada Christine Namaganda ganhar o campeonato, Katende sacudiu a cabeça incredulamente. Naquela época, Christine dominava a divisão das garotas em todos os torneios locais, mas Katende acreditava que as habilidades de Christine não eram extraordinárias. Ele se virou para Gali e comentou:

— Me dê três anos e vou treinar alguém que poderá ser campeã entre as garotas.

Katende pensou que aquela garota seria Farida Nankubuge, mas Farida logo saiu do projeto de xadrez de Katwe, quando seus pais descobriram que sua filha muçulmana estava jogando com uma organização cristã. Eles a mandaram ir vender cana-de-açúcar na rua nas horas em que passava jogando xadrez.

Então, em vez disso, Katende focou em Phiona. E, de certa forma para sua surpresa, ele demorou apenas dois anos para treinar uma campeã.

Katende se interessou ainda mais em desenvolver o jogo de Phiona depois que ela ganhou o campeonato nacional júnior de 2007. Ele admirava sua coragem. Admirava sua vontade. Admirava como ela caminhava cinco quilômetros até o projeto diariamente quando começou a jogar e como, quando sua família se mudou para ainda mais longe, Phiona simplesmente continuou indo. Tudo aquilo era singular comparado a qualquer garota que ele conhecera no programa. Phiona era como um garoto, mas, como não era um garoto, sua oportunidade de avançar rapidamente no jogo era extraordinária.

Phiona jamais lera um livro sobre xadrez. Nunca folheara uma revista de xadrez. Nunca usara um computador. No entanto essa garota já era campeã nacional.

Katende disse a Phiona que ela seria uma profeta. Ele contou a ela sobre o médico inepto e as injeções, e perguntou:

— Se não acredita em você mesma, como espera que os outros acreditem?

Ele contou a ela como ele aprendera xadrez e a desafiou a ser esperta o bastante para continuar a crescer no jogo. Disse-lhe que o xadrez era um esporte jogado por mestres e impossível de dominar, e ela não se intimidou com o desafio, e sim o acolheu. Phiona assentia humildemente após cada lição, absorvendo tudo sem dizer muito em resposta, exatamente como Katwe a treinara para fazer.

— Quando nos conhecemos, Phiona não acreditava nela mesma. Era nervosa e hesitante. Nunca tivera ninguém em quem confiar. Ninguém para escutá-la. Ninguém para lhe dar tempo e atenção. Percebi que sua história a estava afetando, e que ela estava convencida de que não podia fazer nada de bom. Eu disse a ela: "Por que abaixa a cabeça? Olhe para quem está falando com você nos olhos. Seja você mesma. Seja livre. Ninguém vai penalizar você. Ninguém vai bater em você." Foram necessários diversos anos para ela se abrir. Não foi fácil.

Desde o primeiro dia em que Phiona observara Katende jogando futebol com Brian e os outros garotos no lixão, sentiu que podia confiar nele. Katende e Phiona eram ambos crianças das favelas que cresceram sem pais, lutaram por comida, se mudaram constantemente sem nenhuma amarra. Ele podia se enxergar nela e tentava se certificar de que ela podia se enxergar nele.

— Eu entendia o que ela estava passando porque também passei por aquilo — diz Katende. — Sempre disse a ela o que eu sou. Contei a ela que eu lavava veículos. Ela não acreditou. Contei que caminhava dez quilômetros todos os dias para ir à escola. Ela não acreditou. Usei minhas experiências de vida para mostrar a ela um bom exemplo.

Katende usava o tempo dos dois juntos no tabuleiro para fazer algumas perguntas desafiadoras a Phiona a respeito de seu lugar no mundo.

— Está feliz com a vida que está levando? — perguntou ele certa vez a Phiona.

— Não — respondeu ela.

— Coloque-se no lugar de sua mãe, gostaria de levar uma vida como a que ela está levando?

— Não.

— Gostaria de mudar?

— Sim.

— Do que precisa para fazer isso?

Ele lhe falou sobre disciplina e bom comportamento e aproveitar qualquer oportunidade que aparecesse na sua frente e usar seu passado como motivação para seu futuro.

— Contei a ela que o que me ajudou a ser o que sou é que eu sabia quem eu era. Por causa de quem eu era, se não tivesse trabalhado duro, não estaria onde estou.

Eles jogavam juntos constantemente, Phiona e Katende, muitas vezes até só restarem os dois no projeto e até bem depois da hora em que Katende planejara ir para casa.

Mesmo que Katende frequentemente ajudasse Phiona com conselhos quanto a qual jogada fazer, ele deliberadamente a mandou fazer uma jogada ruim durante uma partida. Phiona começou a mover a peça e então hesitou.

— Mandei você fazer isso e está recusando? Por quê?

— Treinador, acho que é uma jogada errada — respondeu Phiona. — Minha peça seria capturada.

— Já fez alguma coisa errada porque alguém a mandou fazer sem nem pensar? — indagou Katende. — Antes de fazer alguma coisa, sempre pense: Quais serão as repercussões? Quais serão as consequências?

No começo, quando jogava contra Phiona, Katende jogava como professor. Jogava contra ela sem sua rainha, ou tirava seus bispos ou alguns peões do tabuleiro, até chegar a hora de precisar de todas as suas peças para derrotá-la. Então Phiona começou a ganhar dele.

— Inicialmente eu às vezes dava a ela uma chance de capturar peças para ver se ela conseguia prever uma jogada. Será que ela consegue tirar proveito de uma vantagem daquelas? Eu a testei com algumas jogadas complicadas e ela previa todas. Deixava minha rainha vulnerável de propósito para descobrir se ela via que aquilo era uma armadilha. Rapidamente me dei conta de que Phiona via tudo.

Phiona ficou cada vez mais à vontade no jogo, até mesmo provocando seu treinador, uma coisa que ela jamais teria se sentido confortável fazendo com nenhum dos garotos do projeto. Ela dizia coisas como:

— Treinador, sei o que está planejando e sinto muito, mas não posso deixá-lo fazer isso.

O xadrez começou a fazer sentido para Phiona. É um jogo de sobrevivência através de agressão controlada. É sobre encontrar alguma clareza em meio à confusão, uma maneira de organizar o caos ao sempre pensar diversas jogadas antes do perigo. Phiona até se tornou estudante do jogo, anotando cada movimento em seus jogos nos torneios e os revisando extensivamente com Katende depois. Ela sabe que a melhor maneira de continuar aprendendo é por meio da prática. Ela é incansável. Quando lhe pediram para estimar quantos jogos jogou desde que se juntou ao projeto, Phiona respondeu que não conseguia imaginar um número tão alto.

— Acredito mesmo que ela é bem-sucedida porque tem a mente aberta para aprender — opina Katende. — Ela admira jogadores melhores e pergunta a si mesma: Posso um dia ser assim? Sempre digo a ela que não é suficiente querer ser como eles, você precisa se esforçar como eles. Porque você simplesmente não acorda um dia e vê que chegou lá.

Katende ensinou a Phiona a entender o jogo, depois a apreciar o jogo e finalmente a amar o jogo.

— Uma coisa que gosto muito no xadrez é que ele afia meu cérebro — diz Phiona. — Antes de jogar xadrez eu não era motivada a pensar, mas quando aprendi o jogo realmente gostei de como ele me dava tantos desafios. Me sinto muito confortável quando estou no tabuleiro. Nem quando perco quero deixar o jogo. Sinto uma felicidade sempre que estou jogando, fazendo o que faço de melhor.

Havia alguns cachorros na matilha e um deles era muito mais rápido que os outros. Então esses cachorros corriam atrás de gatos e os comiam. Infelizmente, havia um gato tão veloz que a maioria dos cães o perseguia, mas não conseguia apanhar. Então uma vez o cachorro mais rápido, que gostava de exibir sua velocidade, foi desafiado pelos outros.

— Ei, tem um gato muito rápido. Acha que consegue pegá-lo?

— Vocês já me desafiaram muitas vezes antes, e eu sempre peguei o gato — respondeu o cachorro mais veloz. — Esse gato será

minha refeição do dia.

Então naquele dia o gato apareceu.

— Ei, o sr. Gato está aqui — avisou um dos cachorros. — O rápido.

O cachorro mais rápido correu atrás do gato. Ele sumiu durante um bom tempo e finalmente voltou, mas sem apanhar o gato. Então os outros cachorros perguntaram o que havia acontecido.

— Eu só estava correndo atrás de uma refeição que posso arranjar em outro lugar. Aquele gato estava correndo por sua vida.

Katende conta a história com admiração pelo improvável herói, deixando claro o tempo todo que ele está torcendo pelo gato.

— Aquele gato estava correndo para salvar sua própria vida e não tinha nenhuma outra escolha — diz Katende. — Phiona vê o xadrez da mesma maneira. Sinto que talvez isso a ajude a alcançar seu potencial máximo, porque ela reconhece o xadrez como uma forma de sobrevivência.

O jogo de Phiona ainda está muito cru. Ela joga quase inteiramente por instinto, em vez de seguir as diversas teorias de abertura, meio-jogo e final usadas por jogadores mais experientes. Ela se sai bem porque possui aquele precioso gene do xadrez que a permite enxergar no tabuleiro várias jogadas à frente, e ela foca em seu jogo como se sua vida dependesse daquilo, o que, no seu caso, pode ser verdade.

Quando Phiona se senta ao tabuleiro de xadrez, ela reage como reagia quando brigava com aquele garoto agressivo do bairro ou quando foi provocada pelas outras crianças em seu primeiro dia no projeto de xadrez. Ela reage como Katwe a ensinou a reagir. Ela ataca.

— Ela gosta de jogar o xadrez que gosto de chamar de "mate-me rápido" — diz Godfrey Gali. — Phiona tem um plano muito agressivo. Ela cerca você até você não ter para onde ir e então ela o espreme como uma píton até você morrer. Esse tipo de agressividade numa garota é um tesouro e tanto.

Ainda assim, o ardor de Phiona às vezes a prejudica.

— Se ela tem uma fraqueza, é ser afoita demais para avançar, afoita demais para matar sem munição — opina o dr. George Zirembuzi, ex-

treinador do time nacional de Uganda. — No xadrez, se você tenta dar um golpe de estado e falha, você é enforcado.

O plano de jogo de Phiona tem uma agressividade cultivada com o tempo para ser mais calculista, moldada por seus diversos jogos contra Benjamin e Ivan, que lhe ensinaram que enquanto se ataca jamais se pode negligenciar sua própria defesa.

— No começo ela era uma jogadora agressiva que não sabia exatamente como atacar com esperteza — conta Benjamin. — Então tentamos ensiná-la a parar de cometer os erros que estava cometendo. Agora ela não é mais tão agressiva quanto era. É mais estratégica. Quando jogo com ela, preciso ser muito estrito e firme, senão ela me destrói.

Embora a estratégia de Phiona seja colocar seu oponente numa posição defensiva o mais rápido possível, com o tempo ela gradualmente aprendeu a levar um jogo que não é ganho por seu ataque inicial.

— Acho que ela está sempre planejando seu ataque, mas quando vê algumas reações que podem ser perigosas lida com elas com antecedência — diz Katende. — Então quando ela está pronta para atacar, já cuidou de tudo. Ela está ciente de que, se o oponente reage de tal maneira, eu vou fazer isso. Se ele fizer aquilo, farei isso. Você não verá nenhuma expressão de muita concentração no rosto dela. Ela parece bem casual, mas é bom não menosprezar nenhuma das jogadas dela, porque ela está sempre pronta para dar o bote.

Ivan acredita que a maior força de Phiona seja a paciência.

— Às vezes nossos jogos duram muitas horas e a maioria das meninas perde o interesse depois de trinta minutos — diz Ivan. — Garotas têm um monte de desculpas. Phiona nunca perde o interesse nem dá desculpas. Ela é comprometida. Jamais se cansa como as outras meninas.

— Uma das fraquezas que mais encontramos nas crianças é que elas geralmente jogam rápido demais — relata Gali. — Crianças não querem demorar para pensar em certa jogada. Mas Phiona demora. Seu oponente pode fazer uma jogada na qual oferecem a ela uma peça grande como uma rainha e, se você é o tipo de jogador que age por impulso sem pensar em todas as jogadas, vai perder. Phiona olha para todas as opções e só então faz

a melhor jogada. Ela faz jogadas que você não espera de uma pessoa da idade dela.

— Acho que ela está se tornando o que chamamos de jogadora estratégica, mais do que uma jogadora tática — sugere dr. Zirembuzi. — Jogadores estratégicos duram mais porque usam princípios fundamentais e não são facilmente surpreendidos, enquanto jogadores táticos têm muitos truques na manga. Ela joga xadrez didático, o que deixa sua estrada à frente aberta e livre.

Phiona ainda está tão no começo de seu processo de aprendizagem, que os experts do xadrez mais renomados de Uganda, como o dr. Zirembuzi e Joachim Okoth, acreditam ser de um potencial impressionante. Eles falam sobre como a maioria dos jogadores começam com a teoria e nunca desenvolvem completamente os instintos nos quais Phiona confia. E ficam maravilhados com o quanto ela pode melhorar quando aprender a interpretar e reagir à teoria que guia os jogadores de elite.

— Amar o jogo como Phiona ama e já ser campeã na idade dela significa que seu futuro será muito maior do que qualquer garota que já tenhamos conhecido — opina o dr. Zirembuzi. — Quando Phiona perde, se sente muito magoada e gosto disso, porque essa característica vai mantê-la sedenta por melhorias.

Phiona ganhou o campeonato júnior nacional novamente em 2008. E de novo em 2009. Então, no torneio entre projetos 2009 de Katende, ela derrotou Samuel Mayanja, o campeão júnior nacional entre os meninos, que chorou depois de perder, enquanto as meninas na sala gritavam:

— Phiona agora é campeã júnior dos meninos *e* meninas!

Phiona não comemorou aquela vitória, assim como não comemorara sua primeira, contra Joseph Asaba, outro menino que ela levou às lágrimas. Por mais que fosse improvavelmente talentosa num jogo no qual não tinha por que ser boa, como a maioria das mulheres de Uganda, Phiona se sente desconfortável mostrando o que realmente está sentindo. Ela tenta responder a qualquer pergunta sobre ela mesma com um dar de ombros, mas quando Phiona tem vontade de falar é sempre muito humilde. Ela entende que o xadrez a faz se destacar, o que em Katwe a torna um alvo em potencial, então ela foi condicionada a falar o mínimo possível.

— Tenho muito cuidado com como vivo minha vida — diz Phiona. — O xadrez é só um jogo. Tenho muita noção de que, se não estou me comportando bem, se estou mostrando orgulho demais, não serei preferida por ninguém. A vida não é um jogo. Na vida preciso ficar quieta para garantir ser preferida pelas pessoas.

É um dilema para Phiona. Ela fica em algum lugar entre tentar ser melhor que todos e tentar não ser melhor que todos.

— Sua personalidade no mundo exterior ainda é bastante reservada, porque ela se sente inferior devido a seu histórico — explica Katende. — Mas no xadrez estou sempre a lembrando de que qualquer um pode levantar uma peça, considerando que uma peça é tão leve. O que separa você é onde escolhe colocá-la. O xadrez é a única coisa na vida de Phiona que ela pode controlar. O xadrez é sua única chance de se sentir superior.

Harriet teve uma visão pela primeira vez em 2008. Phiona se qualificara para comparecer ao Campeonato de Xadrez Júnior da África, na África do Sul, e deveria partir em uma semana, quando numa noite Harriet teve um sonho. Em seu sonho, ela viu uma criancinha muito escura e suja sentada em seu colo, em cima dos documentos para tirar o passaporte de Phiona. A criança disse a Harriet: *Sua menina não vai.*

Nos dias seguintes, apesar dos incansáveis esforços de Katende para acelerar o processo burocrático, o passaporte de Phiona ficou pronto tarde demais. Phiona não foi.

Então, no começo do verão de 2009, Harriet teve uma visão similar, apesar de não ter exatamente certeza do porquê dessa vez. Ela não estava sabendo de nenhuma viagem próxima para sua filha e não esperava que Phiona jamais saísse de Uganda de verdade, mas mais uma vez Harriet teve o mesmo sonho da criança sentada sobre alguns papéis em seu colo. Dessa vez a criança tinha uma mensagem diferente.

Sua menina vai.

8

Céu

Ela não sabia se a Terra era redonda. Ou plana. Ela não sabia nada sobre o mundo. O mundo lá fora. O mundo além de Katwe. A favela pode parecer interminável em todas as direções, e há poucos pontos de referência para quebrar a interminável montanha de barracos. Tudo na favela é simplesmente "logo ali". E tudo além daquilo é inimaginável.

Apesar de Phiona poder ver os arranha-céus do centro de Kampala de quase qualquer ponto de Katwe, ela passara a primeira dúzia de anos de sua vida achando que todos no planeta viviam como ela, penando por uma refeição diária, apenas esperando chegar em casa em segurança a cada dia, para tentar sobreviver o dia seguinte.

Então, quando Katende informou a Phiona que sua vitória no torneio júnior de 2009 a qualificara para ir ao Sudão para o Torneio Internacional de Xadrez Infantil africano inaugural, no final do verão, ela não o levou a sério. *Sudão? O que é Sudão?* Tudo que Phiona sabia era que o Sudão não era "logo ali".

— Quando contei a Phiona sobre a ida ao Sudão, ela me olhou como se soubesse que seu treinador estava brincando — afirma Katende. — Ela não acreditava que podia ir a outro país porque não era ninguém em nosso próprio país. Ela achava que deviam existir pessoas melhores para irem lá.

Ela me perguntou: “Como posso ir a outro país? Isso é impossível. Nunca vai acontecer. Não é real.”

— Lembro de que, quando o treinador Robert me contou que eu ia, pensei: Quem sou eu para poder andar num avião? — relembra Phiona. — Eu jamais esperara ir a lugar algum. Certamente continuei a treinar como sempre, mas não acreditei de verdade que ia viajar.

O Torneio Internacional de Xadrez Infantil era um evento para jovens de até 16 anos de idade, organizado pela FIDE e pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas como parte de um esforço pela paz para popularizar o xadrez entre as crianças do leste e da parte central da África. O torneio, que aconteceu em agosto de 2009, foi financiado por uma companhia de petróleo local que patrocinava dois meninos e uma menina de cada país participante. De todo Uganda, as três crianças qualificadas vieram do pequeno projeto de Robert Katende na favela de Katwe. Ivan e Benjamin seriam os parceiros de Phiona no torneio. Diversos outros jogadores que podiam ter se qualificado desistiram por se recusarem a ir com uma criança da favela.

No verão de 2009, Phiona viu Ivan e Benjamin treinando com tanta intensidade, que ela imaginou que devia estar chegando a hora de mais algum tipo de torneio. Na noite antes de partir para o Sudão, seguindo as instruções de Katende, Phiona colocou todas as roupas que tinha em sua pequena mochila, esperando ir a um evento local. Phiona e Brian ficaram sozinhos em casa naquela noite. Harriet e Richard passaram a noite no mercado esperando amanhecer para comprar legumes que pudessem revender.

Brian acordou sua irmã quando ainda estava escuro, e Phiona lhe disse que estava cedo demais para sair. Brian estava tão animado, que não conseguia dormir. Os dois acordaram novamente logo depois de amanhecer e Brian sentiu que estavam atrasados, calculando a hora pelas rezas muçulmanas que ecoavam pela cidade. Brian mandou Phiona nem tomar banho, e apenas vestir suas roupas. Ele pegou a mochila de Phiona e os irmãos começaram sua caminhada, mas Phiona estava andando no seu próprio ritmo. Brian ficava acelerando à frente dela e às vezes agarrava a mão da irmã para ela acelerar também. Ele ficava repetindo a Phiona que

ela estava atrasada, mas ela sabia que jamais havia ido a um torneio tão cedo assim, então qual era a pressa? Quando eles chegaram ao alpendre, estavam meia hora atrasados para a hora marcada de partida. Eles entraram às pressas na van, os dois irmãos brigando pelo fato da despreocupação de Phiona poder lhe custar perder seu avião. Phiona ainda não acreditava que voaria para algum lugar.

Foi só depois de embarcar no ônibus e ver as outras crianças do projeto de xadrez que haviam aparecido para acompanhá-los, que ela pensou que talvez aquela viagem fosse mesmo diferente. Então ela viu a mãe de Ivan, Annet Nakiwala, que costumava cuidar de Phiona e seus irmãos quando suas famílias eram vizinhas em Katwe.

— Vocês vão ao aeroporto de Entebbe — contou Nakiwala a Phiona. — Vão embarcar num avião. Vão comer comida boa. Vão vencer. Vamos ficar rezando por todos vocês.

Muitos outros parentes de Ivan e Benjamin se recusaram a ir ao aeroporto, porque era um lugar tão desconhecido que eles tinham medo do que poderia lhes acontecer lá.

Phiona ficou olhando pela janela enquanto o ônibus saía das favelas e entrava na estrada Entebbe. Ela conhecia a estrada. Atravessara aquela estrada empoeirada e caótica toda vez que ia ao mercado Kibuye, mas nunca estivera naquela estrada dentro de um veículo. Uma vez ela ouviu falar que a estrada levava ao aeroporto. Phiona nunca havia ido ao aeroporto. A única vez em que viu um avião ele estava no céu.

O grupo chegou ao aeroporto de Entebbe e encontrou Godfrey Gali, que acompanharia as três crianças na viagem. Gali observou Phiona enquanto ela andava pelo aeroporto, impressionada.

— Parecia que eu tinha tirado alguém do século XIX e o deixado no mundo atual — conta Gali. — Tudo no aeroporto era estranho a ela; câmeras de segurança, carrinhos de mala, tanta gente branca.

Phiona passou pela segurança e olhou para trás por uma janela para as pessoas que os haviam acompanhado até o aeroporto. Ela acenou para Brian e para sua primeira tutora de xadrez, Gloria Nansubuga, então com oito anos. Quando Phiona viu Brian e Gloria chorando, ela se deu conta de que talvez estivesse realmente indo para esse lugar chamado Sudão.

— Ninguém mais em Katwe acreditava que estávamos mesmo indo — diz Katende. — A única maneira de tornar aquilo real era levar algumas pessoas até o aeroporto com as crianças e, mesmo quando aquelas testemunhas voltaram para casa, diziam que podia não ser verdade. Eu até pedi para que o motorista não saísse do aeroporto até eles todos verem o avião com as crianças deixar o solo.

Quando o avião decolou, as três crianças se sentiram assustadas e tontas, e Phiona quase vomitou. Então quando o avião subiu pelas nuvens, Phiona olhou pela janela e perguntou:

— Sr. Gali, estamos chegando ao céu?

— Não. O céu fica um pouco mais alto.

Quando as aeromoças passaram com sanduíches, nenhuma das crianças jamais havia visto um. Elas esperaram Gali comer como se ele fosse um degustador e mesmo assim escolheram não comer.

— No avião, eu sorria o tempo todo, porque não estava conseguindo acreditar que era eu voando para outro país — confessa Phiona. — Senti que estava indo para um mundo novo.

Ao fim do voo de noventa minutos até Juba, Sudão, os três não estavam mais apreensivos com a viagem. Haviam adotado inteiramente aquela aventura. O quarto de Phiona no hotel era diferente de tudo que ela já vira na vida. Ela ficou encarando a cama. Nunca tinha visto uma como aquela. Ela não acreditava que seria ela dormindo naquela cama. A única. Phiona jamais dormira sozinha numa cama antes. Ela nunca vira uma televisão presa numa parede antes, e achou que o controle remoto era mágico. Foi a primeira vez em que experimentou estar no ar condicionado. A primeira vez em que viu uma descarga. Ela ficou dando descarga vezes e mais vezes, fascinada por como a água rodava e descia.

— Eu nunca teria conseguido imaginar um lugar como o que estava conhecendo — admite Phiona. — Me senti uma rainha.

Benjamin e Ivan ficaram no quarto ao lado de Phiona, que estava dividindo o seu com uma garota do Quênia. Phiona não conseguia conversar com sua colega de quarto porque seu inglês não era bom o suficiente para manter um diálogo. Mais uma vez aquele ambiente não familiar deixou as crianças de Uganda ansiosas.

— Sempre que um de nós ficava meio nervoso, ficávamos nos encorajando — diz Ivan. — Um de nós dizia: "É aqui que vamos ficar. Aqui é bom. É aqui que vamos dormir." Todo mundo reconfortava todo mundo.

Quando foram almoçar no restaurante do hotel, cada um recebeu um cardápio e Gali disse a eles que poderiam escolher o que quisessem. Phiona não entendia que, pela primeira vez, estavam lhe dando uma escolha quanto ao que comer. As crianças apontaram para tudo que conseguiam reconhecer. Frango. Peixe. Porco. Queriam pedir tudo. Gali disse a elas que só deviam pedir o que achavam que iam conseguir terminar. Quando chegou a vez de Phiona pedir, ela disse:

— Me traz um peixão.

O peixe preenchia todo o seu prato e Phiona não chegou nem perto de terminá-lo, mas Ivan lhe disse que ela precisava. Ela deu o restante a ele, mas Ivan também não conseguiu comer tudo. As porções eram grandes demais para crianças acostumadas com refeições racionadas.

Quando o almoço terminou, Phiona disse:

— Sr. Gali, vou fazer o meu melhor jogando xadrez para poder voltar a um lugar como esse.

No dia anterior à ida das crianças para o Sudão, Benjamin abordou Robert Katende no projeto de xadrez com uma expressão de preocupação no rosto.

— Treinador, estou com medo. O que faz a gente pensar que podemos ganhar algum jogo quando nenhum de nós nem chegou ao aeroporto ainda? O que vai acontecer se a gente perder?

Katende reuniu Benjamin, Ivan e Phiona numa roda e contou a história de Hananias, Misael e Azarias, das escrituras:

> Esses três homens se recusavam a adorar ídolos, então o rei Nabucodonosor baixou um decreto que dizia que todas as pessoas deviam se submeter ao rei e idolatrar o que ele dizia que devia ser idolatrado. Mas esses caras acreditavam em Deus e não queriam

adorar nenhum ídolo. Eles não cediam, então o rei disse que se não estivessem dispostos a obedecer, iria colocá-los numa fornalha. Então ele mandou acenderem uma fornalha e os homens disseram que precisavam continuar acreditando no Deus deles e que sabiam que Ele tinha habilidade para salvá-los, mas que, mesmo se não salvasse, ainda assim não estariam prontos para se submeterem a ídolos. Então o rei ficou irritado e mandou que sua gente construísse uma fornalha sete vezes mais quente do que jamais haviam construído e os três foram enviados até ela. Os três homens não queimaram, e quando o rei olhou para a fornalha havia uma quarta pessoa lá dentro. Uma pessoa divina. Podia ter sido Deus ou um anjo. Foi um momento assustador, mas aqueles três depositaram sua confiança em Deus não importa o que acontecesse, e Deus conseguiu salvá-los do fogo. Se você tiver muito medo, a questão é: "Onde vai depositar sua confiança?" Você confia em Deus. Mesmo se perderem, vão honrar a si mesmos competindo, e nós vamos honrar vocês.

Apesar de não revelar suas expectativas às crianças, Katende não estava nada preocupado com seus resultados no torneio.

— No instante em que aquelas três crianças de Katwe pisaram num avião em direção a outro país, aquilo já era a maior vitória que eu procurava — diz Katende. — Eu não esperava que elas se saíssem bem no Sudão. Só queria que fossem expostas àquela atmosfera.

— Sei que eu também não esperava que elas fizessem muita coisa — garante Gali. — Sabia que fariam o seu melhor. Sabia que não seriam completamente superados. Alguns dos outros times tinham mais treinamento e mais experiência em eventos internacionais. Nosso time não tinha nenhuma. Eu estava tentando encorajá-los dizendo que, mesmo que perdessem, não desistissem. Eu os estava preparando para o pior resultado.

No torneio, o trio de Uganda, de longe o mais jovem da competição, jogou contra equipes de outras 16 nações africanas. Quando os pares foram anunciados, Phiona descobriu que ia jogar contra Isabelle Asiema, do Quênia, no primeiro jogo. Ela escutara os administradores do evento

elogiando Asiema, acreditando que ela era uma das jovens mais talentosas de toda a África, e claramente a melhor garota do torneio. Na hora, Phiona não se deu conta de que Asiema era também sua colega de quarto.

— Fiquei realmente muito nervosa — relata Phiona. — Escutei as pessoas falando sobre uma garota queniana que jogava muito bem e senti que aquilo me fez ter muito medo e me senti desencorajada sequer para aparecer e jogar contra ela.

Os três ugandenses bolaram um plano para atrair o time do Quênia para amistosos no dia antes de o torneio começar oficialmente, com a intenção de sondá-los. Phiona jogou contra o melhor garoto do Quênia, Benjamin jogou contra o segundo, e Ivan jogou contra Asiema.

— Ganhei do melhor garoto deles, e então me perguntei se esse menino estava só tentando me tapear — diz Phiona. — Talvez ele só quisesse ver como eu jogo e estivesse de brincadeira. Então joguei novamente com ele e mais uma vez ganhei.

Depois dos amistosos contra os quenianos, os três ugandenses se reuniram para discutir o que tinham aprendido. Phiona perguntou ansiosamente a Ivan:

— Como era a garota deles?

Ivan disse que vencera dela em todas as partidas. Então ele garantiu:

— Você vai ganhar daquela garota.

— Mas, Ivan, só porque você ganhou dela não significa que eu também vou.

— Não, você vai ganhar daquela garota — repetiu Ivan. — Sei como você joga e agora joguei contra a garota e sei que pode ganhar dela.

Phiona e Benjamin contaram então que também tinham ganhado todos os amistosos.

— De repente percebi que, se eles não estivessem enganando a gente, teríamos condições de desafiar essas pessoas — relembra Benjamin. — Então de certa forma tentamos consolar um ao outro com isso.

Na manhã seguinte, quando o time chegou para o início do torneio, o nervosismo de Phiona voltara. Suas mãos tremiam toda vez que ela levantava uma peça. Seu corpo se arrepiava. Ela balançava as pernas embaixo da mesa. Asiema executou uma abertura bem treinada. Phiona, que

tinha pouco treino em aberturas formais, simplesmente avançou com suas peças com seu plano básico para defendê-las. Quando elas chegaram ao meio-jogo, Phiona sistematicamente construíra uma vantagem de posição e percebeu que estava realmente pressionando sua oponente. Sentindo a pressão, Asiema começou a errar.

— Eu pensei: Esse movimento foi uma armadilha ou foi um erro mesmo? Percebi que eram erros, e continuei a pressioná-la e a capturar suas peças desprotegidas.

Depois de uma longa partida, Phiona reduziu Asiema a apenas seu rei. Então Phiona encurralou aquele rei com uma torre e diversos peões, até Asiema finalmente ficar em xeque-mate.

— Ganhei coragem ao ganhar daquela garota e ao ser elogiada por todo mundo — diz Phiona. — Aquilo me fez acreditar que eu podia ganhar dos outros.

No jogo seguinte, Phiona jogou contra o melhor jogador do Quênia e venceu, assim como vencera nos amistosos.

— Aquele menino quis chorar quando ela o derrotou — lembra Gali. — Você podia ver a expressão em seu rosto e parecia que ele mal conseguia acreditar.

— Os jogos foram ficando mais difíceis porque os outros treinadores contavam a seus jogadores sobre nossas táticas e lhes davam outras táticas para tentar ganhar ou empatar — diz Benjamin. — Mas ficávamos repetindo: "Podemos ganhar. Podemos ganhar."

Benjamin se recorda de um jogo no qual estava em uma posição de muita desvantagem contra um oponente forte. Gali estava conversando com outra pessoa que assistia ao jogo e Benjamin o ouviu dizer: "Parece que Uganda vai perder esse ponto."

— Fiz uma jogada que eu não previra antes, que bloqueou o bispo dele e assim ele não teve como impedir que meu peão passasse, e de algum jeito ganhei aquele jogo — conta Benjamin. — Certamente não sei como fiz aquela grande jogada, mas acho que deve ter sido através do poder do Espírito Santo. Senti que não era eu jogando.

— Depois de mais ou menos três partidas, todos no torneio começaram a falar sobre quem era mais forte, então quando os encontravam sabiam que

estavam diante de um oponente superior e ficavam meio tímidos — conta Gali. — Foi quando pensei pela primeira vez que podíamos ganhar. Todo mundo estava com medo da gente. Estávamos um degrau acima.

Nenhum dos jogadores ugandenses pensou de fato em vencer o torneio. Aquilo nunca passara por suas cabeças. Eles simplesmente continuavam jogando. Phiona jogou oito partidas sem perder. Benjamin e Ivan também estavam invictos.

Depois de seus últimos jogos, eles voltaram a seus quartos e logo depois Gali entrou no quarto de Ivan e Benjamin para lhes contar que Uganda havia sido declarado o campeão do torneio. De seu quarto vizinho, Phiona ouviu Ivan e Benjamin gritando. Ela se juntou aos outros e os três começaram a gritar e a pular juntos em cima dos colchões.

Na cerimônia de encerramento, os jogadores de Uganda receberam medalhas de ouro, certificados e um troféu.

— Vencer era incrível — diz Ivan. — Não conseguíamos nem acreditar. A princípio foi muita surpresa, mas então achamos que era uma coisa natural, porque em Uganda todos nós já tínhamos ganhado. Lembro-me de Phiona ficar pensando em sua mãe e irmão e em como eles ficariam felizes.

Um organizador russo impressionado se aproximou de Phiona depois do torneio e disse a ela:

— Meu filho é Mestre Internacional e ele não era tão bom na sua idade quanto você é.

Enquanto isso, diversos treinadores de outros times abordaram Gali e perguntaram como ele treinava aquelas crianças.

— Pensei para mim mesmo — relembra Gali com uma risadinha —: ah, se eles soubessem de onde essas crianças vieram.

Quando a cerimônia acabou, Ivan perguntou a Gali:

— Agora que ganhamos esta, para onde vamos? Vamos para outro país?

As crianças esperavam que houvesse mais um torneio, um novo lugar para conhecer, mas Gali disse a eles que era hora de voltar para casa. Ivan levou sabonete, xampu e uma caneta do quarto do hotel para dar de presente a sua mãe.

Durante todo aquele tempo, Katende recebera notícias de Gali através de mensagens de texto. Katende ficou maravilhado com o progresso de seus

jogadores. Um dia ele recebeu uma mensagem que dizia: *Robert, fico surpreso em lhe contar que as crianças ganharam medalhas de ouro. Foram os campeões do torneio.*

— Quando soube que eles tinham ganhado, contei a algumas pessoas do Sports Outreach e elas não acreditaram. Acharam que era uma farsa. Ficaram desconfiados. Era realmente inacreditável. Em Katwe, alguns disseram que era mentira. Que não tinha como acontecer. Elas conheciam a situação daquelas crianças e se perguntavam: Então como? Como?

Katende se concentrou no que a improvável vitória significaria para o futuro.

— Eu estava animado porque sabia que aquilo seria um marco para restaurar a esperança e inspirar as mentes de todos do projeto. A maioria das pessoas das favelas acha que não consegue fazer nada, mas se acontece algum caso de sucesso, as pessoas ganham uma referência para tentarem. Eu sabia que isso seria uma fundação para cada uma das coisas que faríamos no futuro.

Quando a delegação ugandense voltou a Kampala na tarde seguinte, Katende os recebeu no aeroporto. As três crianças sorriam e carregavam um troféu grande demais para caber em suas pequeninas mochilas. Quando Katende inicialmente tentou parabenizar Phiona, ela estava ocupada demais rindo e provocando seus colegas de time, algo que ele jamais a vira fazer. Finalmente, percebeu ele, Phiona estava apenas sendo a criança que ela é.

Se ao menos essa história pudesse ter terminado ali. Duas crianças da favela, treinador e pupila, todos em algum momento deixados para morrer, unindo-se para vencer o campeonato mais improvável. Mas finais felizes são tão raros quanto neve em Katwe.

— Eu me lembro de quando chegamos de volta ao aeroporto de Uganda e estarmos no avião, com ar condicionado gelado, mas assim que saí do aeroporto já sentia o sol me queimando — diz Benjamin. — Comentei com Ivan: "Ainda dá para voltar?"

— Eu também me senti mal — diz Ivan. — Só pensava em para onde estávamos indo e sabia que as coisas iam virar de cabeça para baixo, porque estávamos deixando aquele lugar fantástico e voltando a Katwe. Mas eu não tinha escolha. Simplesmente tinha que aguentar, porque era aqui o nosso lar.

— Parecia que eu estava voltando para uma espécie de prisão — completa Phiona.

Quando Phiona, Benjamin e Ivan foram levados de volta para Katwe para comemorarem a vitória, a mudança psicológica já começara a acontecer. Eles estavam apreensivos quanto ao que encontrariam quando chegassem lá. As janelas de sua van foram fechadas por reflexo, e suas mochilas escondidas. Ivan, que estava segurando o troféu no colo, subitamente o escondeu debaixo do assento à sua frente. Os rostos que estavam tão felizes no aeroporto tornaram-se fechados, a máscara da favela. Os três conversaram sobre quem guardaria o troféu e resolveram que nenhum dos três podia, porque certamente seria roubado, então perguntaram a Katende se ele poderia guardá-lo no estoque.

Chegando ao local do projeto de xadrez, eles ficaram surpresos ao encontrar alunos esperando lá, cantando e dançando aos gritos de: *Uganda! Uganda! Uganda!* Os três campeões ficaram com vergonha, nem um pouco acostumados a serem tratados como heróis. Brian colocou Phiona sobre seus ombros e alegremente a carregou pela rua até ela implorar para descer. Rodney Suddith tirou algumas fotos mostrando todas as crianças felizes e rindo, exceto por Ivan, Benjamin e Phiona, que pareciam querer estar em qualquer outro lugar que não aquele.

— Foi como se eles tivessem feito algo que acharam de verdade que iria mudar suas vidas, mas na verdade não mudou — diz Suddith. — A sensação que eu tive foi uma decepção da parte deles por estarem de volta onde haviam começado. Eles haviam tido seu momento. Mas o momento acabara.

A animação na multidão naquela tarde existia não apenas porque as três crianças da favela tinham ganhado um torneio de xadrez internacional, e sim porque moradores de Katwe haviam viajado e voltado. As crianças foram recebidas com perguntas estranhas:

Vocês voaram no pássaro de prata?

Ficaram num lugar fechado ou no mato?

Por que voltaram para cá?

— Percebi como devia estar sendo difícil para eles conhecer um mundo novo e depois voltar — diz Suddith. — O Sudão é como se fosse a lua para aquelas pessoas da favela sem nenhuma referência. Os três não podiam compartilhar sua experiência com os outros, porque não sabiam como. A princípio fiquei intrigado, depois fiquei triste, e então me perguntei: Será que o que fizeram foi realmente uma coisa boa?

Quando Phiona deixou a comemoração naquela noite, um mzungu lhe perguntou animadamente:

— Qual é a primeira coisa que vai dizer a sua mãe?

— Preciso perguntar a ela se teremos comida para o café da manhã — respondeu Phiona.

9

O outro lado

Phiona não comeu na noite em que voltou do Sudão. Nem no dia seguinte. Tampouco Benjamin ou Ivan. Pela primeira vez, não era porque não podiam. Era porque não queriam. Um peixão não era mais uma opção. Na verdade, não existiam opções. Eles haviam experimentado o fruto da árvore do conhecimento, e seus apetites haviam mudado para sempre. Eles ainda não sabiam, mas nenhuma de suas vidas jamais seria exatamente a mesma.

Existe uma tolerância teimosa em meio a um lugar miserável como Katwe. Uma teimosia subconsciente de que é preciso seguir em frente. É uma desconexão peculiar entre circunstância e atitude, que cria uma mentalidade unicamente africana. Muitos já alegaram que o africano médio é mais sereno do que o americano médio, e muito disso tem a ver com acesso. Muitos em Katwe não sabem que existe algo melhor pelo que se esforçar, o que leva a uma estranha sensação de tranquilidade, e que alguns poderiam chamar de letargia. Todos os dias, pessoas como Phiona Mutesi caminham numa linha tênue entre quieta resignação e desesperança, uma linha que precisou ser redesenhada, uma vez que Phiona viu o que viu no Sudão.

Do quarto de hotel relativamente chique em Juba, Phiona voltou para casa, para um cômodo de três metros quadrados sem janelas, suas paredes

feitas de tijolos desagastados e um teto de metal corrugado preso por vigas de madeira espigadas e teias de aranha. Pendurada na abertura da porta havia uma cortina, que sempre precisava ficar aberta no calor opressivo de um país dividido pela linha do Equador. As roupas lavadas ficavam penduradas em varais que atravessavam o quarto em zigue-zague. Não havia nada nas paredes, a não ser onde alguém havia rabiscado alguns números de telefone em caso de emergência. Não havia telefone.

O conteúdo da casa consistia apenas em duas jarras de água, uma bacia, uma lâmpada de querosene, um pequeno fogão de carvão feito de sucata, uma chaleira, alguns pratos e copos, uma escova de dentes gasta, um pequeno pedaço de espelho, uma Bíblia, e dois colchões mofados empilhados, que eram colocados lado a lado à noite para acomodar as quatro pessoas que dormiam regularmente no barraco: Phiona, Harriet, Brian e Richard.

Um pedaço de compensado empenado cobria a única e pequena janela. Havia alguns buracos propositais nos tijolos para ventilação, e alguns buracos não propositais no teto, que não protegia muito das chuvas torrenciais que frequentemente caíam à noite. Do lado de fora havia uma vassoura que Harriet usava para varrer as pedrinhas da entrada da casa. Ao lado da entrada, havia um fosso que servia como lixeira, e de onde os galos bicavam restos de cascas podres de banana e esterco. Virando a esquina havia três pedaços de latão entortados para formar uma área de banho rudimentar, a apenas alguns passos de um banheiro externo de tijolos que escoava num buraco no chão, descendo a colina até o vale.

Quatro pequenos saquinhos de arroz, curry, sal e folhas de chá eram os únicos vestígios de comida na casa. Não havia eletricidade porque Harriet não podia pagar os vinte mil xelins mensais necessários para colocar um gato.

De volta em seu barraco, na noite de sua volta do Sudão, Phiona teve febre e ficou só observando Brian e Richard comerem suas pequenas tigelas de arroz. Brian perguntou a Phiona:

— Que tipo de comida as pessoas comem no Sudão?

Phiona mudou de assunto. Então ele insistiu:

— Como é estar num avião?

Phiona não conseguiu conter o sorriso ao ouvir a pergunta, e tentou satisfazer a curiosidade de seu irmão, mas seu coração ainda estava apertado. Viver em seu barraco de alguma forma parecia diferente. Ela mudara.

— Quando Phiona voltou, havia muito trabalho a fazer em casa, mas a tratamos como uma pessoa grande e importante na família — diz Brian. — Percebi que estava sendo muito difícil para ela participar dos trabalhos, porque ela passara a maior parte de seu tempo no Sudão sem fazer nenhum. Ela não queria fazer as tarefas, então Richard e eu tivemos que aguentar umas duas semanas fazendo todo o trabalho dela por ela.

Naquela primeira noite de volta, Phiona não viu Harriet. Sua mãe estava no mercado. Harriet só voltou para casa tarde da noite, e saiu novamente bem cedo na manhã seguinte, antes de Phiona acordar. Phiona não veria sua mãe durante dois dias. Quando a família toda finalmente se reuniu, Harriet não sabia o que acontecera no Sudão.

— Mamãe — disse Brian —, sabia que quando Phiona viajou ela ganhou?

— O quê? — perguntou Harriet, levantando os braços para o céu. — Ela ganhou? Preciso ir à igreja testemunhar. Deus é tão bom!

Harriet saiu imediatamente para ir à igreja. Quando voltou, uma hora mais tarde, ainda estava reluzente de orgulho.

— Viu? — disse ela a Brian. — E você não queria que sua irmã fosse para o programa de xadrez, viu? Agora viu o que ela pode fazer?

Voltar para a escola também não foi fácil. Na manhã seguinte de voltar do Sudão, Phiona pegou o saco de plástico verde que usava como mochila e caminhou cinco quilômetros através de Katwe até a Escola Primária Universal Junior, onde estudava na P7. A Universal era um lugar cheio e sujo, onde latrinas dominavam o pátio, seu cheiro terrível permeava o complexo. A campainha da escola era uma calota de carro com um pé de cabra amarrado numa corda para bater. No começo de cada dia, os alunos cantavam “We Shall Overcome” (“Nós Vamos Superar”).

Na manhã da volta de Phiona, a escola organizou uma pequena cerimônia para parabenizá-la. Phiona ainda tinha um pouco de dinheiro de sobra de uma pequena mesada que ganhara para o torneio no Sudão, então ela discretamente distribuiu algumas moedas entre seus colegas de turma mais pobres.

— Quando vi aquilo, passei a admirar também seu coração — diz Zakaba Al-Abdal, diretor da escola. — Pensei em como essa garota será uma mulher muito boa no futuro.

Depois de testemunhar o efeito positivo do xadrez em Phiona, o diretor acrescentou xadrez ao currículo da Universal, e Benjamin dava aulas três vezes por semana.

Ganhar o torneio no Sudão fez Phiona ficar ainda mais obcecada pelo xadrez. O próximo evento agendado era um torneio nacional em novembro, que incluiria todos os melhores jogadores de Uganda. Phiona implorou a Katende para deixá-la jogar, mas ele recusou, sabendo que era um torneio de qualificação para a Olimpíada de Xadrez. Katende achava que Phiona e seus outros aprendizes não estavam prontos para lidar com aquele nível de competição diante de jogadores muito mais velhos e experientes.

— Tive medo. Sabia que Phiona não se qualificaria porque sabia quem eram as outras garotas e achei que eram definitivamente mais fortes que ela. Achei que seria perda de tempo e dinheiro.

Porém, uma semana antes de o torneio começar, Katende recebeu um telefonema de Godfrey Gali pedindo a ele que Phiona pudesse entrar no local da competição. Gali não via Phiona como uma concorrente séria para se qualificar, mas ele queria ajudá-la a fortalecer os jogadores que se qualificariam.

Katende diz:

— Eu disse a Phiona: "O sr. Gali insistiu para eu inscrever você, mas estou fazendo isso desde que você vá para treinar. Aquelas moças mais velhas que vão jogar, elas vão estar competindo para ver quem representa o país, mas para você vai ser um bom treinamento enquanto elas se preparam para o torneio."

Gali vendera a Katende a ideia de que seria benéfico para Phiona ser introduzida no torneio antes de tentar se qualificar para uma futura

Olimpíada. Katende estava pensando dois anos à frente, em 2012. Então Phiona estaria mais confortável na atmosfera de pressão de um evento como aquele. Ele acreditava que o nível dela ao menos chegava perto do da competição, então Phiona foi a única do projeto de xadrez de Katende que ele inscreveria no evento, enquanto outros jogadores, como Ivan e Benjamin, ficaram de fora.

— O treinador sabia que eu teria que jogar contra aquelas moças — diz Phiona. — No começo ele estava decidido a não me deixar ir, mas eu queria muito ir lá e melhorar meu jogo, então ele deixou.

O torneio de qualificação foi realizado ao longo de três meses, com um jogo a cada sábado. Havia dez mulheres competindo no formato todos contra todos, e os cinco primeiros lugares se qualificariam para a Olimpíada. Katende não foi ver as primeiras fases. Ele enviou Phiona com seu assistente, Paul Mubiru, porque já estava ocupado demais com as outras crianças do projeto aos sábados. No primeiro sábado de qualificação, Phiona voltou ao alpendre e disse:

— Treinador, ganhei.

— Ganhou? — perguntou Katende. — Que bom.

Katende sabia que havia seis mulheres na competição que eram claramente superiores, e presumiu então que Phiona tivesse jogado contra uma oponente mais fraca. No sábado seguinte, Phiona voltou ao projeto e contou que havia ganhado novamente.

— Ainda assim eu não estava levando a sério — confessa Katende. — Dei uma olhada no jogo que ela fizera em sua folha de registro e lhe disse: "Foi um bom jogo. Você jogou bem." Mas eu ainda sabia que ela não conseguiria se qualificar.

Em cinco dos nove jogos para a qualificação, Phiona ganhou três vezes, empatou uma e perdeu outra. Àquela altura, Gali ligou para Katende.

— Robert, estamos todos surpresos — disse Gali —, mas parece que a garotinha pode até se qualificar se analisarmos a tendência do torneio daqui para a frente.

— Como? — perguntou Katende.

— Ela jogou com a maioria das mais fortes e disputou de igual para igual. Se continuar jogando assim, não há como ela não estar entre as cinco

finalistas.

— Tem certeza? Está falando sério?

Ele perguntou se Phiona já sabia. Gali disse que não.

Mais tarde, Katende conversou com Phiona.

— Sabia que você pode se qualificar para ir para a Rússia? Agora, é uma obrigação. Vamos intensificar seu treinamento e nos certificar de que vai ganhar todos os jogos que ainda faltam. Se vencer esses jogos, vai se qualificar.

Katende revisou todos os jogos que Phiona já jogara no torneio. Ele pediu aos meninos mais fortes do projeto, Benjamin, Ivan e Richard, para jogarem contra Phiona todos os dias. Katende também tentava jogar pelo menos uma vez por dia contra ela.

Katende recebia atualizações por e-mail com as posições toda semana. Faltando três jogos, ele calculou que, mesmo que perdesse as partidas restantes, Phiona se qualificaria. Phiona se tornou a primeira a conseguir a qualificação para a Olimpíada e, durante seus últimos jogos, ela até viu algumas das oponentes mais velhas implorarem por um empate, para que também se qualificassem. Phiona terminou em segundo lugar. Sem saber que a vencedora do torneio também seria considerada campeã nacional de Uganda, Phiona entregou um jogo no final do evento por achar que não tinha muita importância, mas que em vez disso lhe custou o título nacional.

— A etapa de qualificação para a Olimpíada foi muito apertada pois todas que participaram eram muito boas, e todo mundo queria muito vencer — diz Rita Nsubuga, que também se qualificou. — Admito que fiquei com medo de Phiona. Preferia jogar contra alguém que já conhecia do que contra uma menina, porque você se decepciona quando uma menina ganha de você. Todas as outras participantes também a temiam. Sabiam que aquela ali era uma ameaça.

— Foi excitante, mas em Uganda muitas coisas tinham acontecido antes, quando se qualificar para um torneio não dava em nada — diz Katende. — Como é Uganda, não acreditei realmente que Phiona iria à Rússia. Uganda nunca pudera pagar para mandar um time feminino à Olimpíada de Xadrez. Eu disse a ela: "Se Deus tornar isso possível para você, pode ser que vá." Eu nunca disse que ela *iria*. Não achei que iria.

Meses se passaram até Gali informar Katende de que a FIDE pagaria para que todos os dez jogadores de Uganda fossem para a Rússia. Quando Katende transmitiu a notícia ao Sports Outreach, Rodney Suddith começou a arrecadar fundos para Katende ir também, porque Phiona era nova demais para viajar para a Rússia sem ele. Quando aqueles fundos se tornaram uma realidade, Katende, agora um dos poucos da delegação ugandense que podia pagar pela viagem, foi designado capitão do time feminino.

No começo de setembro, a Escola Primária Universal Junior recebeu uma carta da Federação de Xadrez de Uganda pedindo a dispensa de Phiona da escola durante um mês para que ela pudesse jogar na Olimpíada. O diretor da escola fez uma dúzia de cópias da carta e as exibiu em cada uma das salas de aula para servir de inspiração.

Em seu último dia na escola antes de ir para a Rússia, a escola decretou seu próprio feriado. Havia 33 alunos da turma de Phiona amontoados numa sala de aula quente. Na parede havia pôsteres da África e dos presidentes de Uganda, além de um mapa-múndi. Quando pediram aos alunos para que apontassem no mapa o lugar ao qual Phiona estava indo, apenas um conseguiu identificar a Rússia corretamente. Phiona estava entre o restante que não conseguiu.

No dia antes de o time ugandense partir para a Olimpíada, a Federação de Xadrez do país organizou uma coletiva de imprensa de despedida. Não havia microfones, então os repórteres e jogadores na plateia precisavam se inclinar para a frente em suas cadeiras de plástico para tentar escutar os discursos dos dignitários.

— Vocês são dez ugandenses — começou Jasper Aligawesa, secretário-geral do Conselho Nacional de Esportes de Uganda —, mas estão deixando para trás trinta milhões de ugandenses de olho em vocês.

O presidente da Federação, Joseph Kaamu, contou aos participantes como, em 1972, Idi Amin enviou o time nacional de boxe para uma competição internacional dizendo: "Não tentem ganhar com pontos. Apenas nocauteiem o adversário e não haverá dúvidas de quem ganhou." Mas Kaamu pareceu contradizer seu próprio discurso de incentivo ao dizer:

— Quando chegarem à Olimpíada, sabemos que não vão ganhar dos russos, mas deem o seu melhor.

No dia seguinte, meia dúzia de crianças do projeto de xadrez, muitas das quais jamais haviam andado num veículo antes, acompanharam Phiona até o aeroporto.

Quando Rita, a filha de três anos de idade de Night, viu Phiona indo embora com os brancos, a assustada criança repetiu uma advertência comum em Uganda quanto a fugir com estranhos:

— Os mzungus pegaram Phiona e vão cortar a cabeça dela!

No ônibus até o aeroporto, Phiona provocou Katende porque seria a primeira vez dele num avião, então ela é que seria a treinadora para aquela viagem.

A mãe de Phiona também a acompanhou até o aeroporto, sua primeira ida até lá. Harriet tinha um último conselho para sua filha:

— Tome cuidado. O país ao qual está indo não é o seu. Se você se comportar bem, vai representar bem seu país. Se não, terá decepcionado sua nação. Não seja desencaminhada por ninguém, especialmente garotos, que muitos tesouros lhe aguardarão. Deus está se lembrando de nós.

Então, depois de secar suas lágrimas com um trapo, Harriet afagou os ombros de Phiona e disse uma coisa que ela jamais havia lhe dito:

— Se agasalhe.

Harriet admitiria mais tarde que acreditava que jamais veria sua filha novamente.

Eles voaram durante uma noite e um dia, passando por Nairóbi, Quênia e Dubai, nos Emirados Árabes, e não respiraram ar fresco novamente até o vento frio de Khanty-Mansiysk, na Rússia. Phiona viajara do único mundo que jamais conhecera até o meio do nada. De um lugar onde passara quase todos os dias de sua vida para um lugar no qual jamais poderia imaginar passar um único dia. Sibéria.

Olhando pela janela do avião durante as horas finais do voo, ela não via nada em direção alguma. Phiona não conseguia acreditar que havia tanto espaço aberto sem ninguém ali, sem nenhuma construção. Khanty-

Mansiysk é uma cidade petrolífera com cerca de 75 mil habitantes na brutal estepe siberiana, tão isolada, tão longe de qualquer outra região metropolitana que não tem nem estação de ônibus, nem de trem.

A primeira coisa que Phiona reparou a respeito da Sibéria foi que seu temor inicial, de quando ficou sabendo da viagem, fora confirmado. Fazia frio lá. Muito frio. Ela foi advertida que, no dia mais quente que passaria em Khanty-Mansiysk, a temperatura não ficaria acima das temperaturas mais baixas que ela já sentira em Uganda. Ela também notou que as ruas eram bem pavimentadas, sem a poeira com a qual ela se acostumara tanto em casa. Havia sinais de trânsito, mas não havia trânsito. Todos se vestiam muito bem. Havia muitos prédios altos. Até o ônibus que ela pegou do aeroporto até o hotel era diferente de tudo que ela já vira antes. O hotel era tão grande que era difícil se lembrar de como encontrar seu quarto. Ela tomou uma chuveirada e no começo a água saiu gelada, e Phiona se perguntou por que alguém gostaria daquilo, até lhe contarem que havia também uma torneira de água quente. No saguão, havia pessoas de muitas raças, todas falando línguas que ela não entendia.

Katende percebeu que aquele choque cultural estava sendo muito maior para Phiona do que fora o de sua viagem ao Sudão, e, observando sua pupila perambular de olhos arregalados, ele a lembrava sempre de que, por mais que tudo parecesse diferente, quando o torneio começasse, o tabuleiro de xadrez ainda seria igual — os mesmos 64 quadradinhos que ela tentava dominar todos os dias em Katwe.

A Olimpíada de Xadrez é o principal campeonato internacional de xadrez no mundo. Começou em 1927 e já foi realizado 39 vezes, e uma vez a cada dois anos desde 1950. Ele reúne os melhores enxadristas do mundo. Antigos campeões mundiais, como Anatoly Karpov, Garry Kasparov e Bobby Fischer, todos competiram em ao menos quatro olimpíadas. Antes de 2010, as 15 Olimpíadas anteriores foram todas vencidas pela Rússia ou países que faziam parte da União Soviética. A liderança da Rússia no esporte ajudou Khanty-Mansiysk a se tornar um centro de xadrez nos anos mais recentes, recebendo as Copas do Mundo de Xadrez de 2005, 2007 e 2009, e ganhando o direito de sediar a Olimpíada através de um sistema de candidaturas semelhante ao dos Jogos Olímpicos.

Uganda participou de todas as Olimpíadas de Xadrez desde 1980, exceto pela de 1990 em Moscou, mas jamais uma mulher ugandense competira no torneio. A Federação de Xadrez de Uganda geralmente penava para financiar um time masculino completo. Um time feminino jamais havia sido sequer considerado, até a FIDE anunciar que pagaria para que tanto um time masculino quanto um feminino viajassem para o evento de 2010.

O formato da Olimpíada consiste em equipes nacionais competindo umas contra as outras em uma partida por dia. Quatro jogadores competem por time, começando com os melhores no Tabuleiro 1, até os quartos no Tabuleiro 4. Cada jogador acumula um ponto por jogo ganho e meio ponto por jogo empatado. Os pontos acumulados em todos os quatro jogos determinam qual país ganha a partida. Um jogador de cada time fica de fora a cada dia. Durante a maior parte da Olimpíada, Phiona jogaria no Tabuleiro 2, porque era essa sua posição no ranking entre as cinco qualificadas para o time de Uganda.

As mais velhas do time não sabiam nada sobre a jovem menina. As colegas de equipe de Phiona eram de mundos diferentes. Todas haviam crescido em bairros ricos de Kampala. Todas eram formadas na faculdade, incluindo três na Universidade Makerere, uma das melhores do leste da África. Haviam sido todas preparadas para terem carreiras. Nenhuma jamais havia ido a Katwe.

Rita Nsubuga, 25 anos, aprendeu a jogar quando criança com seu pai, que jogara contra alguns dos jogadores de elite de Uganda, como o dr. George Zirembuzi e Joachim Okoth. Ela venceu seu primeiro torneio de xadrez na escola primária, ganhando como prêmio um pequeno tabuleiro magnético, e ficou apaixonada pelo jogo. O pai de Rita colocava uma nota de vinte mil xelins ao lado do tabuleiro da família e dizia a sua filha que, se ela ganhasse dele, o dinheiro seria seu. Quando Rita ganhou um torneio, seu pai a recompensou levando-a num cruzeiro. Rita finalmente começou a treinar com Zirembuzi e se tornou a primeira garota a entrar no clube de xadrez dele, o Mulago Kings, o que a ajudou a se qualificar para a Olimpíada de 2008 na Alemanha, mas não havia fundos para enviar um time feminino.

Joan Butindo, 27, começou a jogar xadrez depois de passar diversas noites vendo sua mãe e pai jogando partidas que às vezes se estendiam por três ou quatro dias. Joan frequentemente se via compelida a mover uma ou duas peças das posições em que eram deixadas durante a noite, o que denunciou seu interesse no jogo ao pai de Joan. Ele lhe deu aulas e os dois jogavam juntos regularmente. Aos 11 anos de idade, Joan já era a melhor de sua família, dizendo a todos os seus irmãos que ela não tinha mais interesse em "jogos de se sujar", apenas xadrez. Aos 23 anos, Joan se tornara campeã nacional de Uganda.

Ivy Claire Amoko, 24, aprendeu xadrez com seu irmão de criação quando ela tinha 11 anos, mas no começo o achava chato. Ivy só voltou a jogar aos 14, durante uma competição no colégio interno, onde perdeu sua primeira partida e imediatamente desistiu. Ela só voltaria ao xadrez em 2007, quando, aos 19 anos de idade, foi convidada para participar de uma competição interna na universidade. Ivy ficou chocada ao ganhar o primeiro jogo, e permaneceu no esporte desde então, vendo o xadrez como uma distração bem-vinda de seu trabalho como estudante de direito. Ela se lembra bem de participar de um torneio no qual perdeu para Joan Butindo — então campeã nacional — e de ouvir mais tarde que Joan dissera que ela era uma jogadora fraca. Ivy se dedicou a praticar, ganhando de Joan mais tarde e tornando-se campeã nacional em 2010, ficando à frente de Phiona no evento de qualificação.

Grace Kigeni, 24, aprendeu o jogo com uma amiga durante as férias escolares quando tinha 13 anos. Ela jogou em alguns torneios durante o ensino médio, mas não se dedicou ao esporte até se juntar a Rita num clube da Universidade Makerere e depois ao Mulago Kings.

Quando perguntaram às mais velhas a respeito de Phiona, antes de a Olimpíada começar, todas concordaram que ela tinha um incrível potencial, mas que às vezes não parecia dedicada o suficiente ao jogo, quando reagia a uma derrota dando de ombros desdenhosamente.

— Não conheço sua história, nem sei como ela começou a jogar — diz Grace. — Não sei se ela queria jogar ou se a fizeram jogar. É isso que é diferente entre a gente. Se eu não quisesse jogar, não jogaria. Ninguém vai me forçar. Realmente vejo essa diferença nela. Talvez ela sinta que o xadrez

pode salvá-la. Quando estou perto dela, ela é como qualquer outra criança. Um pouco despreocupada. Sinto que sua paixão está bastante enterrada. Ela sabe como o xadrez pode ser importante para ela, mas não gosta de demonstrar.

— A atitude que Phiona demonstra para a gente é de que não liga muito — acrescenta Ivy. — É como se ela tivesse uma muralha atrás da qual estivesse sempre tentando se esconder para que ninguém saiba o que está pensando ou sentindo. É uma pessoa durona e provavelmente acha que se abrir vai fazê-la parecer fraca, então ela bloqueia emoções que provavelmente a ajudariam. Só queria que ela mostrasse que se importa.

Phiona admite que não se abre com suas colegas de equipe com muita frequência. Isso é produto de Katwe, e elas não entenderiam.

— De fato, é uma grande verdade que ninguém vê dentro de mim — concorda Phiona. — Às vezes quando perco até consigo sorrir e fazer uma cara feliz, mas por dentro estou sofrendo muito, porque nunca quero perder. Se você olhar para mim, é muito difícil saber que estou passando por dificuldades a não ser que eu conte. Faz parte da vida nas favelas. Em casa, podemos não ter muito, mas mantemos o orgulho, porque temos medo de sermos maltratados por mostrar como nos sentimos. Foi assim que nossa mãe criou a gente. Durante as horas difíceis, guardamos segredo e não demonstramos. Engolimos a dor.

Phiona chorou. Soluçou incontrolavelmente. Depois de seu segundo jogo na Olimpíada de Xadrez 2010, uma partida contra uma menina de Taiwan que ela sabia que poderia ter vencido, Phiona Mutesi estava inconsolável.

Phiona nem lembrava da última vez em que tinha chorado, mas não conseguiu se controlar. De certa forma ela sentiu que era seguro chorar na Sibéria, tão longe de casa, então afundou a cabeça no travesseiro e berrou. Deixou tudo vir à tona. Suas colegas, Rita, Grace, Ivy e Joan, tentaram consolá-la. Katende tentou confortá-la. Mas as lágrimas de Phiona continuavam vindo a noite toda, como se, porque estava num lugar no qual

podia chorar, ia compensar toda a tristeza à qual nunca pudera se entregar em Katwe.

— Quando Phiona chegou à Olimpíada, talvez tenha achado que as coisas que estava fazendo para vencer em Uganda seriam as mesmas para ganhar jogos lá — sugere Rita —, mas não era o caso. Então talvez ela tenha ficado um pouco desapontada. Ela cometeu um erro para perder aquele segundo jogo, mas tentamos não dizer nada que a insultasse. Tentamos encorajá-la.

— Quando ela perdeu aquele jogo foi meio que um choque para nós porque sabíamos que ela era boa o bastante para ganhar — diz Grace. — O ambiente foi difícil para ela. Era tão jovem. O tabuleiro no qual ela estava jogando era bastante alto. Estávamos todas comentando: "Como podem colocar uma menina tão pequena num tabuleiro desses?" Todo mundo estava com medo e intimidada porque nunca tínhamos passado por aquele nível de competição. Como todas nós, tenho certeza que Phiona analisou aquela partida e algumas das jogadas fracas que havia feito e pensou: Ai meu Deus, no que é que eu estava pensando?

Katende resolveu que, para aliviar um pouco a tensão de Phiona, ele a deixaria de fora da partida do dia seguinte, contra o Japão. Phiona ficou assistindo enquanto sua equipe conseguia sua primeira vitória ao ganhar um jogo e empatar outros três. Katende acreditava que, se tivesse deixado Phiona jogar, ela provavelmente teria ganhado, o que o deixou ainda mais em conflito quanto a colocar Phiona na partida seguinte contra o Brasil, um oponente mais forte. Katende deixou Phiona mais uma vez de fora, achando que ela ainda não se estabilizara, e esperou para fazê-la voltar a jogar contra um oponente mais fraco.

Xadrez. Xadrez. Xadrez. Mesmo que Phiona não jogasse, ela não escapava. Depois de um longo dia de xadrez na Olimpíada, os participantes voltavam ao hotel e falavam sobre xadrez. Se não estavam falando de xadrez, estavam jogando, e se havia um notebook aberto, provavelmente havia um tabuleiro

de xadrez na tela. Mesmo quando não estava jogando, Phiona era devorada pelo xadrez, interrompida apenas por visitas ao restaurante do hotel, onde comia três refeições por dia num bufê. Nas primeiras refeições, Phiona passou mal de tanto comer. Até durante o jantar, jogadas eram repetidas com saleiros e pimenteiros.

O xadrez não é um esporte para espectadores. A não ser por colegas de equipe e treinadores, apenas alguns poucos familiares e ocasionalmente repórteres assistiam às partidas da Olimpíada. Durante os jogos, não é incomum se passarem vinte minutos sem uma única jogada. Os jogadores deixam o jogo frequentemente para irem ao banheiro ou pegarem uma xícara de chá, ou talvez intimidar um oponente ao fingir que nem há necessidade de ficar sentado ao tabuleiro para ganhar. Phiona jamais deixava o tabuleiro. Ela não sabia o que significava intimidar um oponente nem, para sua sorte, o que significava ser intimidada.

Ela era inquieta. Os jogos na Olimpíada progrediam lentamente demais para Phiona, nada como o xadrez que ela praticava em Katwe. Ela passara dois jogos se remexendo e afundando em sua cadeira, desesperada para que seus oponentes andassem logo.

Cauteloso por causa do colapso de Phiona após o segundo jogo, Katende lamentou silenciosamente a decisão da Federação de Xadrez de Uganda de colocar Phiona como jogadora do Tabuleiro 2 de seu time. Aquilo significava que Phiona deveria enfrentar jogadores de elite dos outros times, em vez de competidores inferiores com menos experiência, que ele suspeitava que ela podia derrotar.

O terceiro jogo de Phiona foi contra uma Grande Mestra do Egito, Mona Khaled. Feliz com o ritmo rápido do jogo de Khaled, Phiona entrou no mesmo ritmo de sua oponente e agiu rápido demais, o que lhe custou erros críticos. Khaled jogou impecavelmente, ganhando a partida em apenas 24 jogadas. Quando Phiona cedeu depois de menos de uma hora, Katende pareceu preocupado, mas Phiona reconheceu que naquele dia fora derrotada por uma jogadora excepcional. Em vez de se sentir desencorajada, ela sentiu-se inspirada. Phiona foi até Katende e declarou:

— Treinador, um dia vou ser Grande Mestre.

Phiona parecia aliviada, e um pouco surpresa, por ter dito aquelas palavras.

A oponente de Phiona em seu quarto jogo era Sonia Rosalina, uma angolana, que ficava olhando nos olhos de Phiona, olhos que Rosalina mais tarde descreveria como os mais competitivos que ela jamais vira no xadrez. Phiona ficou para trás na maior parte do jogo, mas se recusava a se render. Ela revidava e teve uma chance de forçar um empate no final, mas, no momento crucial, jogou passiva e defensivamente demais, diferente do seu normal. Depois de mais de três horas e 72 jogadas, Phiona finalmente e relutantemente se entregou, confessando que não teve sua "coragem" quando mais precisou dela. Ela prometeu a si mesma que nunca, nunca mais deixaria aquilo acontecer.

O nono dia do torneio, 30 de setembro de 2010, amanheceu frio e sombrio, como todos os outros dias durante a Olimpíada. Phiona odiava o clima russo, mas amava o quarto do hotel, a água limpa e as três refeições diárias, e já estava sofrendo por sua volta para casa, quando passaria dificuldade para comer novamente.

Phiona se sentou diante do tabuleiro para seu quinto jogo usando um chapéu de tricô branco, um casaco preto e botas de lã bege vários números acima do dela, todos presentes de mzungu. Sua oponente era da Etiópia, Haregeweyn Abera, que, como Phiona, era uma adolescente africana novata na Olimpíada. Pela primeira vez no torneio, Phiona viu do outro lado da mesa alguém com quem podia se identificar. Ela viu a si mesma. Pela primeira vez no torneio não se sentiu nem um pouco intimidada.

Phiona jogou com as pretas, a segunda a jogar, a defensora num jogo de xadrez, mas manteve-se paciente e, gradualmente, mudou a dinâmica durante as vinte primeiras jogadas, até criar uma abertura para atacar. De

repente, Phiona sentiu como se estivesse de volta ao alpendre em Katwe, fazendo Abera recuar, recuar e recuar suas peças até não haver mais lugar para se locomover.

Quando Abera estendeu sua mão em sinal de derrota, Phiona tentou conter seu sorriso com dentes separados, mas não conseguiu. Então Phiona saiu pulando do salão, jogou a cabeça para trás e soltou um gritinho de alegria em meio ao ar gelado do céu siberiano, tão alto que até assustou alguns dos jogadores no interior da arena. Foi um grito que Phiona jamais dera antes. O grito de uma menina de 14 anos que não podia comprar seu próprio tabuleiro de xadrez vencendo uma das melhores jogadoras do planeta e não tendo experiência em segurar tal espécie de alegria. O grito de uma menina desprezada vinda de um mundo desprezado finalmente se fazendo ouvir.

* * *

— Ela tem só 14 anos? — perguntou Rashida Corbin, incrédula. — É a primeira Olimpíada dela? Uma menina de 14 anos sem treinamento formal jogando com tanta confiança no Tabuleiro 2 da Olimpíada é fantástico. Eu tiro meu chapéu. Isso significa muito.

Corbin, a campeã nacional de 24 anos do Barbados, jamais jogara contra alguém como Phiona. Depois de derrotá-la no sexto jogo de Phiona na Olimpíada, Corbin elogiou a jovem menina por jogar tão instintivamente e "diferente dos manuais". Manual? Phiona jamais havia aberto um manual de xadrez. Ela não sabia o que seria jogar *igual* a um.

De volta no hotel após a partida, Corbin procurou Phiona e as duas revisaram juntas seu jogo, jogada por jogada, dissecando os dois pequenos erros que custaram o jogo a Phiona. Corbin explicou algumas táticas que ela usava que Phiona nunca havia visto antes.

— Phiona tem um potencial fenomenal para uma menina de 14 anos — disse Corbin. — Estou ansiosa para vê-la daqui a alguns anos. Ela parecia estar sendo bem dura consigo mesma por causa desse jogo. Você vê isso nos

olhos de um jogador. Dá para ver como ela é competitiva. Ela parece ter realmente um coração de campeã.

No ônibus que ia do hotel à arena de jogos, antes da sétima e última partida de Phiona na Olimpíada de Xadrez, Katende olhou para a neblina siberiana pela janela e disse:

— Ninguém aqui sabe de onde essa menina veio. Deus ter pegado essa menina das favelas de Katwe e a trazido até aqui é inacreditável.

Phiona estava do outro lado do corredor, perdida em seus próprios pensamentos, porém mais resoluta, de certa forma mais velha do que parecera antes de suas outras seis partidas. A última partida de Uganda na Olimpíada seria contra Moçambique. Como Ivy fora deixada de fora do jogo final, Phiona foi promovida ao Tabuleiro 1 pela primeira vez no torneio. Ela foi colocada diante de Vania Fausto Da T. Vilhete, 25 anos, campeã de Moçambique e competindo em sua segunda Olimpíada.

Jogando mais lentamente, mais deliberadamente, e provando que aprendera com os jogos anteriores, Phiona ganhou uma posição vantajosa. A garota que, no primeiro dia, não entendia nada de aberturas padrão de xadrez, claramente havia aprendido algumas das nuanças de uma abertura sólida ao chegar em sua última partida. Phiona manteve sua vantagem durante o meio-jogo, até sua oponente subitamente lhe oferecer um empate, basicamente na esperança de não passar vexame num jogo que parecia ser uma causa perdida. A reação inicial de Phiona foi continuar jogando, tentando terminar com o jogo da oponente, mas Katende se aproximou de seu ouvido e sussurrou que, como Uganda já tinha ganhado dois jogos e empatado os outros, assim garantindo a vitória independentemente da partida contra Moçambique, aceitar um empate seria a etiqueta apropriada. Depois do jogo, Katende afagou a cabeça de Phiona festivamente como sempre faz e brincou:

— Não vai achar que agora é a Tabuleiro 1.

Mais tarde, Vilhete comentou:

— Minha oponente era uma jogadora bem sólida. Com ajuda, pode se tornar uma Grande Mestre. Tive sorte em conseguir empatar. Jamais vi sinal nela de que tinha apenas 14 anos. As crianças de hoje em dia crescem rápido demais.

Os registros no diário de Phiona pararam abruptamente após seu segundo jogo na Olimpíada. Ela estava chateada demais para escrever. Ela não queria nem que sua mãe soubesse como estava se sentindo. Passaram-se 11 dias até Phiona pegar seu diário novamente. Finalmente, na última noite da equipe em Khanty-Mansiysk, Phiona abriu seu diário e escreveu uma última entrada da Olimpíada:

Querida mamãe,

Juguei muito mal meus jogos porque eu não sabia aberturas. Acho que por isso perdi. Mas tem umjogo que juguei e juguei muito bem e achei que ia ganhar. mas ganharam de mim na final. Fiquei muito triste e voltei pro hotel e chorei.

O que senti no último jogo.

Quando a gente foi jugar o último jogo tive medo. O que me dar tanto medo foi o país que ia jogar. Apesar de ser país africano eu ter medo porque dessa vez estava jogando Tabuleiro 1. Tabuleiro 1 é onde você acha os jogadores fortes de cada país. Eu não quis tomar café do manhã porque ia conhecer o jogadora forte a qualquer momento. Então voltei pro quarto para se preparar. O que eu sabia era que não ia perder aquele jogo. Estava jogando contra o Moçambique. Então quando cheguei no salão de jogo, rezei a Deus para jugar bom. Então os jogos começaram. A garota estava jogar muito rápido mas eu estava jogar devagar. Chegou uma hora que comecei ganhando da garota, então ela teve que pensar muito. Depois de umtempo garota implorar empate então tive que perguntar pra treinador se ele aceitava eu dar empate. Dei empate. Mas quando

terminei minhas colegas disse que eu tava ganhando porque tinha posição melhor.

Então depois da jogo fomos no museu vimos coisas bem antigas. Vimos umas armas e ossos de mamíferos grandes e fiquei muito feliz de ver tudo aquilo porque nunca fui no museu então foi minha primeira vez.

Depois fomo na cerimônia de encerramento. Era grande lá dentro. Tinha um tabuleiro grande na frente. Vi umas peças nele. Mas não eram peças eram pessoas. Mas estavam usando coisas como as peças elas eram muito legais. tuda estava organizado muito bem. Quando começaram a dar os troféu fiquei com inveja e chorei. Fiquei desapontada e quando a cerimônia terminou fomos pra última festa.

Na hora muito cansada e desapontada. Tomei bebidas e comidas. Depois tive que ir embora da lugar para a hotel. Então fui com o treinador mas deixamos minhas colega para continuar as bebidas. E voltei pra fazer minha mala. Porque no dia seguinte ia voltar pra casa.

Eles ficavam acordados até tarde, noite após noite, os três irmãos, Brian, Richard e Phiona, deitados um ao lado do outro no colchão no chão de seu barraco escuro em Katwe. Toda noite Phiona contava a seus irmãos uma nova e incrível história para dormir que muitas vezes os deixava ligados até a madrugada. Uma noite ela lhes contou sobre o aeroporto cintilante e brilhante de um lugar chamado Dubai e como você, se tivesse algum dinheiro, podia comprar qualquer coisa que imaginasse sem sair do terminal, incluindo um lindo carro azul que por algum motivo não tinha teto. Ela contou a eles sobre os flocos brancos frios que caem do céu como a chuva. Contou sobre como alguém lhe revelara que existem lugares na Rússia em que em alguns dias o sol nem nasce e outros em que a noite nunca chega. Contou sobre o gosto estranho de batatas irlandesas e sobre pessoas que usam arames nos dentes para deixá-los retos. Contou sobre conhecer Garry Kasparov, ex-campeão mundial, e como ele quis saber o nome dela. Contou sobre o dia em que o time de Uganda passeou pela cidade e as pessoas os paravam, pedindo para tirar uma foto.

— Por que essas pessoas queriam tirar foto de vocês? — perguntou Brian.

— Por causa da nossa cor — revelou Phiona.

Então Brian perguntou:

— Então essas pessoas na Rússia, elas nunca viram jogadores de futebol negros? Isso quer dizer que não existem negros do outro lado do mundo?

— Essas pessoas acham que para a gente ficar dessa cor a gente se pinta — respondeu Phiona. — Acham que a gente é parecido com eles, mas acordamos de manhã e nos pintamos antes de sair de casa.

Na manhã depois de voar para casa, Phiona voltou à Escola Primária Universal Junior e teve uma recepção de heroína. O diretor planejara contratar um carro para levá-la de casa até a escola, mas, devido à falta de fundos, eles só puderam pagar os últimos quinhentos metros, do posto de gasolina da esquina. Alunos e professores enchiam a estrada de terra que levava à escola. Phiona chegou e ouviu os outros alunos cantando seu nome: *Phi-o-na! Phi-o-na!,* e segurando pôsteres feitos à mão, um deles dizendo: VIDA LONGA A UGANDA, VIDA LONGA À UNIVERSAL JUNIOR, VIDA LONGA A PHIONA MUTESI, POR DEUS E NOSSO PAÍS.

Phiona disse algumas palavras e distribuiu entre seus amigos alguns doces que ela comprara no aeroporto no dia anterior com uma mesada que todos os jogadores receberam na Olimpíada. Ela usaria a maior parte daquela bolsa para pagar as dívidas de sua mãe, incluindo aluguéis atrasados e dinheiro que Harriet devia a fornecedores do mercado Kibuye. Phiona usou o pouco que sobrou para comprar extensões de cabelo, um luxo adolescente do qual ela nunca ouvira falar até visitar a Rússia.

Mais uma vez, Phiona se sentiu profundamente afetada por seus dias longe de Katwe.

— Claro que a maneira como penso mudou muito — admite Phiona. — O tempo todo, eu só conheci a África. Quando fui para a Rússia minha mente se expandiu. Percebi que outro lugar era melhor que o nosso. Notei como eles se comportavam, o que comiam, o tipo de vida que tinham, e são totalmente diferentes de nós aqui. Na verdade, isso me motiva. Porque se estou nesse tipo de vida e vejo outra pessoa em situação melhor, então sinto que talvez se eu der duro também posso ter o que outros estão tendo numa vida melhor.

Phiona aprendeu a compreender sozinha as lições que um dia Katende precisou lhe explicar.

— Nunca vou me esquecer como perdi os primeiros jogos da Olimpíada — continua Phiona. — Não vou esquecer porque em alguns joguei mal e cometi erros terríveis. Aprendi com aquilo. O jeito como joguei as primeiras partidas não é como joguei as partidas no final. Aprendi algumas aberturas e até finais e agora posso jogá-los muito melhor. A Olimpíada foi um grande desafio. Ela me deu muita força para trabalhar duro e praticar para, na próxima Olimpíada que eu for, poder ganhar os jogos que perdi e então um dia virar Grande Mestre.

Quando lhe perguntam quanto tempo pode demorar para se tornar Grande Mestre, ela fica confusa. Aquele tipo de pergunta sobre um tempo específico não faz sentido para uma garota de Katwe que nunca planeja além do final do dia. Qualquer objetivo está "logo ali".

Finalmente Phiona respondeu:

— Como posso saber quando o que vai ser vai ser?

Final

10

Obstáculos

Ele não conseguiria vencer. John Akii-Bua não devia vencer. Um dos 43 filhos das nove esposas de seu pai, Akii-Bua nascera em 1949 e crescera em Lira, uma pequena aldeia no norte de Uganda, onde batalhava por uma refeição diária que frequentemente precisava caçar nos matagais. Ele saiu da escola quando seu pai morreu e foi para Kampala no fim de sua adolescência em busca de uma vida melhor. Encontrou emprego como policial, descobriu a corrida competitiva enquanto treinava para a força policial e se juntou ao time de corrida da polícia. Sua rotina de treinos era rudimentar, em parte porque não havia uma pista de corrida moderna em todo Uganda. Akii-Bua tornou-se um corredor de quatrocentos metros com barreiras, mas, diferentemente dos outros que planejavam cuidadosamente seus passos entre as barreiras e sempre saltavam com a mesma perna, Akii-Bua as pulava em quantos passos fossem necessários para ir de uma até a próxima, e simplesmente saltava com a perna que estivesse mais próxima da barreira na hora. Aos 23 anos de idade, Akii-Bua não era um dos favoritos nas Olimpíadas de 1972 porque lhe faltava a experiência necessária para uma competição internacional. Ele estava correndo a final na faixa 1, a última que teria escolhido. Acima de tudo, ele era de Uganda. Ugandenses não vencem.

Quando Akii-Bua deixou seu bloco de partida no Estádio Olímpico de Munique em 2 de setembro de 1972, quase ninguém em Uganda sequer sabia quem ele era. Apenas 47,82 segundos mais tarde, Akii-Bua virou um herói nacional. Akii-Bua vencera os 400 metros com barreiras, perseguindo seus rivais e os deixando para trás apenas vendo a sola de seus tênis de corrida com dois anos de uso, um dos quais, reza a lenda, não tinha uma das travas. Akii-Bua estabeleceu um novo recorde mundial e ganhou a primeira medalha de ouro olímpica de Uganda. Depois da corrida, ele animadamente deu a volta da vitória erguendo uma bandeira acima da cabeça, começando uma tradição em eventos de corrida que dura até hoje.

Muito poucos ugandenses puderam assistir à corrida de Akii-Bua na televisão, mas pouco depois de a corrida terminar a Rádio Uganda anunciou sua vitória em todo o país.

— A irmandade do atletismo de Uganda estava acompanhando John e via como ele podia progredir, mas o país todo não sabia muita coisa sobre atletismo, porque não era um esporte conhecido como o futebol — explica Daniel Tamwesigire, mais um corredor de 400 metros com barreiras que se tornou colega de equipe de Akii-Bua logo depois das Olimpíadas. — O resto do mundo não estava esperando uma medalha para ele. Mais tarde, John me contou que seu pensamento era: Ei, não tenho nada a perder aqui. Deixe-me ir e ver o que consigo conquistar.

Três dias após a corrida, 11 atletas e treinadores israelenses foram mortos por terroristas palestinos e o mundo rapidamente se esqueceu de Akii-Bua, mas o presidente ugandense, Idi Amin, se certificou de que seu país permaneceria de olho em seu novo herói. Quando Akii-Bua voltou a seu país, foi recebido pessoalmente por Amin. Ele foi promovido na polícia. Construíram uma casa para ele num dos melhores bairros de Kampala. Até mesmo uma grande rua da capital foi renomeada como estrada Akii-Bua. Foram anunciados planos para a construção do estádio Akii-Bua. A incrível vitória de Akii-Bua havia fornecido um pouco de esperança para todos os ugandenses de que o sucesso naquele tipo de palco internacional podia ser possível.

— John foi um grande exemplo — diz Tamwesigire. — Ele adorava encorajar seus colegas e os atletas mais baixos que ele em altura, o que não é

comum entre os grandes atletas. Sua conquista inspiraria todos os ugandenses que vieram depois dele a sonharem mais alto.

Nos anos seguintes, Akii-Bua lutou para manter aquele momento, apesar de ainda estar entre os favoritos até as Olimpíadas de 1976 em Montreal — até as nações africanas resolverem boicotar aquelas olimpíadas bem antes de os jogos começarem.

Embora diversos integrantes da tribo de Akii-Bua estivessem sendo assassinados durante os anos sangrentos do regime de Amin, Akii-Bua foi protegido por sua fama, apesar de diversas tentativas terem sido feitas para expulsar sua família da casa que Amin construíra para ele. Quando o regime caiu, em 1979, Akii-Bua fugiu para o Quênia com medo de ser preso como colaborador, apesar do fato de seus três irmãos terem sido assassinados pelas forças de Amin. No Quênia, Akii-Bua foi forçado a ir para um campo de refugiados, de onde ele e sua família foram resgatados por seu patrocinador de calçados e levados para a Alemanha por diversos anos, até ele finalmente retornar a Uganda e voltar a seu trabalho na polícia.

Akii-Bua morreu em 1997, aos 47 anos, como um homem de posses e fama modestas. Apenas após sua morte ele foi lembrado apropriadamente por suas conquistas. Seu corpo foi velado no parlamento de Uganda e seu enterro foi um evento nacional.

— Como um herói do esporte, John morreu ainda muito jovem, e o país definitivamente precisava dele — diz Tamwesigire. — Seus contemporâneos em outros países ainda estão vivos e tendo grande papel em criar medalhistas de ouro em seus países. John teria sido um líder de nosso movimento Olímpico, mas sua perda nega a nosso país esse tipo de vantagem. Ele deveria estar aqui nos contando sua história sobre ganhar uma medalha de ouro para inspirar os mais jovens que ele.

No entanto, Akii-Bua ainda vive nas escolas de Uganda, nas bocas de jovens corredores que invocam seu nome mesmo que às vezes não façam nenhuma ideia de quem ele tenha sido.

— Quando John ganhou a medalha de ouro, as pessoas de Uganda substituíram a palavra "correr" por "Akii-Bua" — diz Tamwesigire. — Então até hoje você escuta a garotada dizer que algum garoto "*akii-bua*", significando que ele "corre". Esse é seu legado.

Será que ela poderia vencer? Mulheres ugandenses não vencem, não é? Muitos homens ugandenses acreditam que mulheres nem sequer deveriam competir em esportes. Mas ambos os pais de Dorcus Inzikuru corriam, pai e mãe, e frequentemente contavam a sua filha sobre um dia mágico em Munique. Inzikuru cresceu idolatrando Akii-Bua, que ganhara sua medalha de ouro dez anos antes de Inzikuru nascer, na pequena cidade de Vurra, no distrito Arua, enfiado no noroeste de Uganda, perto da fronteira sudanesa. Inzikuru era a mais velha de seis garotas em sua família. Seus dois irmãos mais velhos tinham morrido quando ainda eram crianças.

A família de Inzikuru era tão pobre que quando ela corria na pista da escola, o fazia descalça. Não havia como pagar por um par de tênis de corrida. Ela vencia mesmo assim, saindo em primeiro lugar logo no começo e nunca olhando para trás, a garotinha que parecia dançar pela pista como uma fada, dominando toda a competição local até, quando adolescente, foi notada e levada para treinar em Kampala, como tantas outras que sonhavam com uma vida melhor.

Ela finalmente precisou trocar Uganda pela Itália, porque seu país natal simplesmente não tinha instalações, treinamento, nem competidores necessários para prepará-la para uma competição de elite. Inzikuru começou sua carreira como corredora de cinco mil metros, mas aquela corrida provou-se longa demais para ela. Então um dia, em 2003, seu treinador sugeriu que ela experimentasse a corrida mais diferente de seu esporte, a prova de 3.000 metros com obstáculos, uma modalidade que tem cinco obstáculos, incluindo um fosso — todos os impedimentos que a pista tem a oferecer. Inzikuru percebeu então que ela meio que gostava de se molhar.

Os 3.000 metros com obstáculos seriam disputados pela primeira vez num Campeonato Mundial durante o encontro de 2005 em Helsinki, Finlândia, e, por mais que a maioria dos atletas na comunidade ainda não se desse conta, Inzikuru estava entre as melhores do mundo. Era uma desconhecida. Seu nome estava escrito errado em seu passaporte e todas as matérias escritas sobre sua acelerada à final dos 3.000 metros com obstáculos perpetuaram o erro. Inzikuru não se importava. Seu sobrenome, Inzikuru, é traduzido como “sem respeito”.

Daniel Tamwesigire, na época presidente da Federação de Atletismo de Uganda, prendeu o número de Inzikuru no peito dela antes da corrida que valia medalha de ouro e então perguntou:

— O que você vai fazer?

— Vou deixá-las para trás – respondeu Inzikuru.

Quando Inzikuru disparou da linha de partida no Estádio Olímpico de Helsinki, em 8 de agosto de 2005, muitos em Uganda ainda estavam descobrindo quem ela era. Pouco mais de nove minutos depois, Dorcus Inzikuru era mais uma heroína nacional.

— A corrida estava passando nas TVs de todos os bares, onde normalmente só se assiste futebol — conta Godfrey Gali. — As pessoas se levantavam de seus lugares. Elas gritavam. A tensão era grande. Pessoas de toda Kampala assistiam à corrida com ansiedade.

Tamwesigire acredita que ele pode ter sido a pessoa mais nervosa dentro do estádio naquele dia.

— Quando você é presidente da Federação, não pode ficar sentado — diz ele. — Eu levara nossa bandeira nacional, mas a deixei em meu banco e me aproximei da pista. Quando Inzikuru ganhou, fiquei procurando a bandeira para entregar a ela, mas não a encontrava em lugar algum. Assistir à corrida foi excitante demais. Ela estava bastante à frente do resto. Ela as deixou para trás.

Preferindo ditar o ritmo, Inzikuru ficou na frente durante toda a corrida, ganhando num tempo de 9:18.24, mais de dois segundos à frente das outras. Inzikuru correu sua volta da vitória sem uma bandeira, após vencer a primeira medalha de ouro internacional desde seu ídolo, Akii-Bua, 33 anos antes, e assim juntando-se a ele como o segundo exemplo em esportes fabricado por sua nação. Em contraste, os Estados Unidos já ganharam mais de mil medalhas de ouro apenas em sua história nas Olimpíadas, e o vizinho de Uganda, Quênia, já ganhou 23.

— Quando chegou a hora de entregar as medalhas, Inzikuru estava chorando, em vez de sorrindo, porque mal podia acreditar no que fizera — relembra Tamwesigire. — Ela não conseguia acreditar que o hino nacional estava sendo tocado para ela. Eu não esperava aquele nível de animação e sucesso em casa. As pessoas me ligavam perguntando quando o voo dela

chegava, para as comemorações começarem. Eu dizia: "O quê? A moça vai a outro lugar antes para continuar treinando." Eles diziam que não, que ela precisava voltar em casa antes.

O governo de Uganda fretou um avião para levar Inzikuru para casa. Uma multidão exultante de dez mil pessoas a recebeu no aeroporto em Entebbe. Na manhã seguinte, uma carreata de 12 motocicletas, seguida por um conversível Mercedes-Benz que levava Inzikuru, demorou cinco horas para levá-la pelos trinta quilômetros de Entebbe até Kampala enquanto ugandenses eufóricos faziam fila nas calçadas. Um jovem exultante correu por todo o caminho ao lado do carro de Inzikuru. Depois de passar por todas as principais ruas de Kampala em meio a mais multidões que comemoravam, Inzikuru foi homenageada numa sessão especial convocada pelo parlamento de Uganda e convidada para jantar com o presidente.

— Inzikuru se tornou uma heroína nacional conhecida por toda parte, assim como Akii-Bua — diz Gali. — Agora nas escolas, quando estão ensinando matemática, dizem: "Se Inzikuru está correndo a dez quilômetros por hora e precisa correr cinquenta quilômetros, quando tempo Inzikuru vai levar para cobrir a distância?"

Inzikuru se tornaria conhecida como "a Gazela de Arua". Depois de vencer os 3.000 metros com obstáculos nos Jogos da Commonwealth 2006, ela perdeu velocidade por conta de lesões. Então ela engravidou e, depois de perder dois anos por causa do nascimento de seu filho, foi só recentemente que voltou a treinar num nível competitivo.

— Durante muitos anos, a sociedade de Uganda não apoiou mulheres nos esportes, porque achavam que era um nicho masculino e, por mais que atletas famosas pudessem ser admiradas como ótimas atletas, não eram admiradas como exemplos de família, considerando que haviam saído da rota esperada delas — explica Tamwesigire. — Inzikuru ajudou a mudar isso. As pessoas se orgulham dessa moça. Por causa de Inzikuru, os ugandenses não dizem mais que esporte não é coisa de mulher.

— Inzikuru inspirou e motivou muitas mulheres — acrescenta Jasper Aligawesa, secretário-geral do Conselho Nacional de Esportes de Uganda. — Quando ela ganhou a medalha, todas as escolas queriam convidá-la para mostrar às crianças que você podia vir de uma família muito pobre e, se

esforçando, se tornar um campeão. Inzikuru se tornou sinônimo da palavra "campeã". Ela pode ser uma mulher pequenina, mas todos os ugandenses a admiram.

Ela podia ganhar. Inzikuru a ajudou a acreditar. Phiona Mutesi não ouvira a respeito de muita coisa na vida, mas ouvira a respeito de Inzikuru. Todos em Uganda já ouviram falar da Gazela de Arua. Phiona sabe que Inzikuru é a melhor atleta mulher em seu país e sabe que ambas começaram do zero, sem nada e sem respeito.

— Sei que ela corre por Uganda e que é campeã mundial — confirma Phiona. — Inzikuru me motiva porque sei que ela teve o mesmo estilo de vida que eu tive e então sempre que olho para ela me sinto encorajada. Que também posso conseguir.

Phiona pensou em Inzikuru na véspera do Campeonato de Xadrez Rwabushenyi Memorial, realizado em dezembro de 2010 no Complexo Esportivo Lugogo, em Kampala. Todos os melhores jogadores estavam lá. Sete jogos em três dias massacrantes. Depois de voltar da Olimpíada para o projeto de xadrez de Katwe com um novo nível de confiança ganho ao competir dia após dia contra as melhores jogadoras do mundo, o torneio anual Rwabushenyi, um dos mais cobiçados títulos de xadrez de Uganda, seria a primeira oportunidade de Phiona de mostrar o quanto seu jogo crescera com sua experiência na Rússia.

— Não achei que eu poderia ser campeã naquele evento — diz Phiona —, porque todas aquelas mulheres crescidas estavam lá, e estavam me dizendo como treinaram com seus computadores, e eu, pessoalmente, só treinara com meus amigos do projeto.

Depois de ganhar seu jogo na primeira rodada, Phiona se viu frente a frente jogando contra sua colega de time da Olimpíada, Rita Nsubuga.

— Toda vez que jogo contra Phiona eu me concentro muito, porque tenho esse medo de que vou ser encurralada por essa jovenzinha — diz Rita.

— Me lembro de estar ganhando aquele jogo. Realmente me concentrei e tinha o jogo nas mãos, e ela viu aquilo.

Phiona admite que ficou em desvantagem contra Rita e que estava prestes a se render.

— Me lembro que, desde o começo, Rita estava com a vantagem. No meio do jogo eu não tinha nenhuma vantagem, e realmente perdi a esperança. Me levantei e tive uma chance de olhar outros jogos, de outras crianças do projeto que também estavam participando do torneio, e vi que algumas delas também estavam em posições péssimas, mas tínhamos concordado que daquela vez estávamos indo competir e não apenas participar. Então me sentei e aguentei e continuei a pensar e a jogar e, felizmente, o jogou virou para mim.

Rita conta:

— Toquei numa peça que eu não devia mover, mas por causa das regras precisei movê-la, e assim Phiona acabou vencendo. Cometi muitos erros. Então ela acabou levando o jogo, e estava animada. Fiquei magoada, porque era meu jogo. Me senti tão mal. Foi muito doloroso.

Mais tarde, Phiona se viu enfrentando Ivy Claire Amoko, sua colega Tabuleiro 1 na Olimpíada, considerada campeã nacional do país. Phiona sentiu-se intimidada desde o começo. Mais uma vez ela pensou em renunciar no começo do jogo.

— Ela estava ganhando desde a abertura, então por que desistiria? — pergunta Ivy, incrédula. — Levei tamanha surra que nem compreendi onde foi que errei. Ela me derrotou tão feio, que senti como se eu não jogasse há dez anos.

Na manhã seguinte, Phiona enfrentou Goretti Angolikin, mais uma forte oponente que tivera medo de enfrentar no passado. Mas quer Phiona soubesse ou não ela não era a única jogadora apreensiva no tabuleiro.

— Para falar a verdade, eu estava com medo dela — confessa Goretti. — Phiona tem um treinador. Ela treina mais do que eu. Eu simplesmente tive a sensação de que ela venceria. No xadrez, quando você fica com medo, é difícil conseguir um bom resultado.

Ainda assim, Goretti se saiu bem no começo e as velhas dúvidas começaram a pairar sobre a cabeça de Phiona.

— Quando vi o treinador Robert vindo olhar meu jogo, me lembrei de como ele nos advertira a nunca desistir, então quando o vi fiquei com medo de desistir. Quando me lembrei daquele acordo, aquilo de alguma forma me incentivou e eu disse: "O.k., deixe-me continuar."

Conforme Phiona e Goretti se aproximavam do final, mais a disputa parecia destinada a empatar. Mas Goretti cometeu um pequeno deslize que Phiona reconheceu imediatamente e roubou o jogo. Seria a única derrota de Goretti no torneio.

Àquela altura, ocorreu a Katende que Phiona estava jogando o melhor xadrez da sua vida, e que se terminasse forte em suas três últimas partidas, poderia muito bem ser a campeã, mas ele escolheu não contar aquilo a ela. Ele sabia que Phiona nunca pensa daquele jeito, nunca pensa adiante, e seria perigoso plantar aquela ideia na sua cabeça.

Em sua partida seguinte, Phiona enfrentou Grace Kinegi.

— Me lembro que ela me derrotou com facilidade, o que foi bastante embaraçoso — diz Grace. — Ela jogou tão bem que me lembro de pensar: Essa garota está se tornando uma jogadora muito forte e confiante. Essa não é a mesma garota que jogou na Olimpíada.

Naquela noite, Phiona derrotou com facilidade Joan Nakimuli, em sua sexta vitória consecutiva. Phiona não sabia que sua vitória naquele jogo lhe assegurara o campeonato até todas as partidas da rodada serem concluídas. Quando Katende lhe deu a notícia, a reação de Phiona foi reservada como sempre, pelo menos até Ivan, Benjamin, Samuel e muitos dos outros competidores de Katwe irem parabenizá-la e ela abrir um pequeno sorriso. Uma vitória de qualquer um do projeto de Katende sempre fora tratada como uma vitória por todos, desde os dias do Time das Crianças. Katende diz que não conseguiu realmente medir a alegria de Phiona até ela sair do salão de jogos com pulinhos discretos que ele já havia notado após vitórias importantes.

Mesmo abocanhando o campeonato Rwabushenyi, Phiona ainda tinha mais um desafio. Na última rodada, ela ficaria frente a frente com Christine Namaganda, a mesma garota de quem Katende um dia tirara inspiração para treinar sua própria campeã. Katende não havia contado a história a

Phiona, mas Phiona sabia a respeito dos campeonatos de Christine, e antes do jogo ela abordou Katende e revelou:

— Treinador, estou nervosa. Aquela Christine é difícil e tem experiência.

Katende tentou reconfortar Phiona. Ele a lembrou que ela já jogara contra oponentes mais talentosas na Olimpíada. Então momentos antes de o jogo começar, Christine se aproximou de Phiona e perguntou a ela se ela aceitaria um empate, admitindo que estava relutando em competir contra Phiona, após ver como ela jogara bem no torneio até então. Phiona consultou Katende, que insistiu para que ela jogasse pela experiência, mas a lembrou que, como ela não precisava vencer para ser a campeã do torneio, poderia aceitar um empate durante o jogo. Phiona rapidamente saiu na frente de Christine com uma abertura forte, e quando Christine pediu empate no começo do meio-jogo, Phiona o concedeu para ajudar a reputação de Christine. De repente não havia mais ninguém a temer.

— Uma garota jovem como ela não devia conseguir vencer aquele torneio — diz Rita. — Mas todas nós cometemos deslizes contra ela e ela se aproveitou deles. Quando você olha para a história de Phiona, ela é totalmente diferente de todas nós, então você não tem como não ficar feliz por ela quando ela vence.

— Talvez alguns tenham ficado surpresos quando ela ganhou aquele torneio, por ainda ser tão jovem, mas aqueles que a conheciam não ficaram — diz Grace. — Ela mereceu.

Pela primeira vez, Phiona foi, incontestavelmente, a melhor jogadora mulher de xadrez de Uganda. Pela primeira vez, ela as estava deixando para trás.

Durante os primeiros 13 anos de sua vida, ela fora outra pessoa. Ela fora Fiona. Como seu nome jamais fora formalmente soletrado para ela, quando a filha de Harriet começou a escrever na escola primária, ela soletrava seu nome da forma que lhe soava: F-I-O-N-A. Quando chegou à P4, conheceu

outra aluna com o mesmo nome, mas que o escrevia P-H-I-O-N-A. Ela não entendeu muito bem como seus nomes podiam ser soletrados de formas diferentes, mas continuou usando "Fiona", até o dia em que abriu seu passaporte para ir ao torneio de xadrez no Sudão. Durante o processo de entrada no passaporte, Godfrey Gali preenchera os documentos dela sem se dar ao trabalho de checar como ela escrevia seu nome. Gali conhecia uma mulher com o mesmo nome que o escrevia como "Phiona", então foi assim que ele escreveu na sua inscrição. Quando Fiona recebeu o passaporte, ela notou a grafia diferente. Katende disse a ela que, dali em diante, ela deveria começar a soletrar seu nome com "Ph" para não ter problemas burocráticos quando usasse seu passaporte como identificação. E assim Fiona se tornou Phiona, sem ter tido escolha alguma.

Phiona não é mais Fiona. Cada dia o é menos.

Rodney Suddith se lembra da primeira vez que encontrou a garota, em 2006. Ele visitou o projeto de xadrez e pediu para que Katende indicasse algumas das crianças que se destacavam por suas habilidades. Naquela época, Phiona tinha dez anos e estivera fora da escola por pelo menos seis anos. Ela falava luganda, mas não sabia ler nem escrever naquele idioma. Ela não falava inglês, só sabia escrever seu próprio nome e um punhado de outras palavras, e só entendia frases simples.

— Quando conheci Phiona, acho que vi seu rosto de relance, mas basicamente só vi o alto de sua cabeça, porque ela não fazia contato visual — relembra Suddith. — Robert traduziu, então acho que Phiona disse alguma coisa, mas não escutei. Fiquei realmente impressionado com o quanto ela era introvertida. Ela respondia a uma pergunta direta, mas nunca com mais do que a resposta mais simples para encerrar logo a conversa. Diferentemente de muitos ugandenses que gostam de contato físico, um tapinha nas costas, ela também parecia se afastar daquilo. Mas a cada visita depois daquela vi seu progresso e seu aumento de confiança, não apenas no xadrez, mas também na vida.

Desde o começo, Suddith também reparou na compaixão de Phiona pelas outras crianças. Todos os dias, quando chegava ao projeto, ela cuidava de diversas das crianças mais novas. Enquanto a maioria de seus colegas ia direto para os tabuleiros para começar a jogar, Phiona primeiro se certificava

de que certas crianças de quem ela cuidava estavam lá e muitas vezes se sentava com eles para ajudar a ensiná-los a jogar. Ela sempre se oferecia para preparar o mingau e, quando não cozinhava, sempre agradecia a quem o fazia. Seguindo o conselho de Katende, Phiona nunca ia embora do projeto sem agradecer a todos que haviam ajudado naquele dia.

Suddith podia se enxergar naquela garota. Phiona era mais uma garota cuja vida desviara de seu rumo predestinado através do esporte. Mais uma lutadora que vivera no meio do caminho. Mais uma pessoa de histórico duro inspirada pela ideia de que podia haver algo mais lá fora. Ele se lembra em particular do dia em que Phiona voltou do Sudão com um novo nível de autoconfiança.

— Havia um brilho novo ali e isso vem de ser competitiva — diz Suddith. — Perguntei: "Gostou de sua viagem?" Phiona respondeu: "Sim, nós vencemos." Aquela nem tinha sido minha pergunta, mas gostei de sua resposta.

Naquela época, Phiona aceitara o xadrez como sua verdadeira vocação.

— Amo o xadrez com todo o coração — diz Phiona. — E quando você ama alguma coisa com todo o seu coração, isso traz muitas outras coisas. Eu não teria saído do país se não fosse pelo xadrez. Eu não estava na escola, mas voltei a estudar por causa do xadrez. Eu não teria conhecido o treinador Robert nem tantas pessoas se não fosse pelo xadrez. Por causa do amor que sinto pelo xadrez, consigo ter acesso a tudo isso.

— Se você é uma criança da favela, sua personalidade é sufocada pela necessidade de sobreviver — diz Suddith. — Mas o que é tão raro em Phiona, uma criança de Katwe, é que ela não ignora o que existe ao seu redor. Ela observa e absorve e aprende com aquilo. E como ela viu algumas das histórias de horror que fazem parte do dia a dia da favela, aquilo atinge Phiona mais que seus colegas. Aquilo a toca. Ela é muito sensível aos pensamentos e sentimentos dos outros e acho que isso é bom para seu xadrez.

Katende atribui grande parte da transformação pessoal de Phiona ao fato de ela ter encontrado a religião.

— É muito difícil medir aspectos espirituais porque não existem parâmetros — diz Katende. — Você não tem como saber realmente para

onde o vento sopra a não ser que o veja sacudindo as coisas. Você precisa ver seu efeito. Posso dizer com confiança que Phiona não estava bem espiritualmente por causa da maneira com que brigava e dizia vulgaridades para as outras crianças. Mas eu diria que ela deu uma virada de 180 graus. Sua conduta é totalmente diferente agora do que era antes de se juntar ao programa. Ela ficou até graciosa.

Phiona vai ao culto todo dia, ou à igreja perto de sua escola, ou à igreja de sua mãe, mais perto de casa. Uma das poucas posses fixas de Phiona era uma pequena Bíblia de páginas marcadas que ela leva consigo para quase todos os lugares a que vai. Ela acredita em Deus, apesar de ainda estar tentando entender o impacto que a religião pode ter em sua vida.

— Ser salva realmente me ajudou muito, porque às vezes posso ter problemas e simplesmente os coloco nos pedidos de oração e já vi Deus conseguir nos resgatar — diz Phiona. — Me lembro de uma vez em que fiquei doente e estava quase morrendo e tinha um pastor que veio e me fez confessar algumas palavras e depois de confessar aquelas palavras no dia seguinte senti que estava melhorando. Nos dias seguintes me curei, então entendo que ser uma cristã renascida me ajudou muito. Aprecio Deus por ter me ajudado a ficar viva.

Em janeiro de 2011, a história de Phiona foi publicada na revista *ESPN The Magazine*. Até aquele momento, as façanhas de Phiona só eram conhecidas para os do projeto de xadrez e dentro do Sports Outreach. Apesar do xadrez não estar entre os esportes mais acompanhados de Uganda, de repente a nação começou a descobrir aquele prodígio em seu meio.

Quando a história foi publicada, o Conselho Nacional de Esportes de Uganda aumentou o fundo anual de sua organização para o xadrez de dois milhões para cinco milhões de xelins e prometeu ainda mais apoio para o esporte no futuro.

Godfrey Gali diz:

— Aquela matéria fez a mídia local dizer: "Quem é essa pessoa? Nós não sabemos." Eles vieram até mim pedindo entrevistas. Além disso, da mídia internacional também vieram. Isso levou a história de Phiona para o mundo. Nossos gestores do Ministério dos Esportes ficavam me

perguntando: “Quem é essa garota? Quando foi que isso aconteceu? Como aconteceu? Não fazíamos ideia de que esse esporte era tão popular assim.”

— O xadrez tende a ser um esporte que fica escondido na maior parte do tempo — explica Daniel Tamwesigire, agora Comissário de Educação Física e Esportes de Uganda. — O número de espectadores ainda é muito pequeno. Não tem muita atenção de nossos jornais. Mas Phiona pode mudar isso. Ela precisa é de exposição. Se a imprensa escolher o xadrez como um material regular para publicidade, a comunidade vai descobrir, as escolas vão descobrir, as jovens vão descobrir. Não temos muita cultura de leitura, então também precisamos da mídia eletrônica, das rádios e das televisões falando sobre essa jovem. Só precisamos descobrir como focar a câmera nela em Uganda. Então ela pode fazer uma diferença.

— A história de Phiona me lembra a de outra adolescente que veio do nada — afirma Jasper Aligawesa. — Acredito que Phiona possa ser uma nova Inzikuru. Se essa garota vai a uma competição internacional e ganha uma medalha de ouro, ela pode ter o mesmo impacto, porque não se esqueça que a corrida também não é popular como o futebol. Quando temos um evento de corrida em Uganda, a entrada é gratuita, mas não vemos gente. Mas, quando Inzikuru ganhou uma medalha de ouro, todo mundo foi para as ruas. Se você perguntar a qualquer pessoa: “Quem é Inzikuru?”, ela vai responder: “A Gazela de Arua.” Um dia, talvez, quando você perguntar quem é Phiona, respondam: “A Rainha de Katwe.”

Teopista Agutu estava navegando na internet na primavera de 2011 quando encontrou um artigo do jornal londrino *Guardian* sobre Phiona Mutesi, uma consequência da matéria do *ESPN*. Agutu, que vive com seu marido e dois filhos em uma das ricas comunidades com portões de segurança de Kampala, conhecidas como Naalya Estates, ligou para o jornal da cidade, o *New Vision*, e perguntou se alguém ali já ouvira falar de Phiona. O *New Vision* havia começado a seguir a trajetória de Phiona e então um dos repórteres deu o número de Robert Katende para Agutu. Ela ligou para

Katende e disse a ele que sempre quis que seus filhos, Stefan, de dez anos de idade e Samuel, de sete, aprendessem xadrez, e perguntou se Phiona estaria interessada em ensinar a eles. Agutu se ofereceu para levar seus filhos à Katwe, mas como eles nunca tinham ido lá Katende achou que era melhor Phiona ir à casa de Agutu para não ficar com vergonha — comprometendo seu potencial de ensinar —, quando seus alunos descobrissem como era o lugar onde ela mora.

Uma semana depois, durante um feriado escolar, Phiona entrou num táxi para a corrida de sete quilômetros até outro mundo. Ela entrou numa casa com uma televisão de tela plana novinha em folha, quartos de criança do tamanho de seu barraco, e um banheiro limpinho com adesivos do Mickey Mouse acima do vaso sanitário. Havia uma casa da árvore no quintal de onde se tinha uma vista panorâmica de Kampala, que não incluía as planícies de Katwe.

— Normalmente, uma comunidade como Naalya não deixaria uma criança da favela passar pelo portão — diz Katende —, mas Phiona desenvolveu um tipo de potencial que abre portas.

— Phiona tem um dom que valorizamos muito – diz Agutu. — Trata-se do que ela sabe e não de quem ela é nem de onde vem.

Até 12 crianças do bairro de Naalya aparecem nos feriados escolares para encontrar Phiona e diversas outras crianças do projeto de xadrez, ansiosas para fazerem a viagem para fora de Katwe. Elas só recebem para cobrir suas despesas de viagem.

Phiona começou a ensinar xadrez com o peão. Em seguida com a torre. Então o bispo, assim como ela aprendera de Gloria e Gloria aprendera de Benjamin e Benjamin de Ivan e Ivan do próprio Katende. O método de ensino é o mesmo. Na verdade, Stefan fez o Mate do Louco em Samuel diversas vezes antes de Phiona ensinar Samuel a combatê-lo.

— Phiona estava nos contando sobre quando ela foi ao Sudão e à Rússia e estava jogando xadrez e derrotando pessoas do mundo todo e fiquei impressionado — conta Stefan. — Fiquei pensando: "Como isso pode acontecer?" Ela saiu em vários artigos nos jornais até se tornar uma pessoa muito popular em Uganda. Vindo de onde ela vem, isso me inspira. Sei que

ela é a melhor jogadora entre as garotas em Uganda e que é uma boa professora para se ter.

Phiona também criou seu próprio projeto de xadrez informal em sua escola de ensino médio, ensinando a vinte de suas colegas mulheres. O xadrez se tornou tão popular que a professora de Phiona, Abbey Ssentogo, muitas vezes precisou confiscar tabuleiros dos alunos que jogavam escondidos na aula.

— O que sei a respeito de Phiona é que ela tem influência porque, quando começou a jogar xadrez na escola, o número de garotas que jogavam começou a aumentar a cada dia — relata Ssentogo. — Elas sabem que o xadrez já levou Phiona para outros países. Muitas crianças estão se interessando por causa disso. Às vezes, quando as crianças escutam sobre alguma coisa boa acontecendo a alguém, elas se sentem encorajadas. Elas têm orgulho dela.

A publicidade internacional também levou Phiona a arranjar amigos por correspondência ao redor do mundo, incluindo um condenado americano chamado Damion Coppedge, que está preso por homicídio na Wende Correctional Facility em Alden, Nova York. Coppedge leu a história de Phiona e os dois começaram um jogo de xadrez através de correspondências. Coppedge já enviou a Phiona três livros de xadrez, um cheque de 25 dólares, que fez Katende abrir a primeira conta no banco para Phiona, e a seguinte carta:

Querida Phiona,

Escrevo a você feliz em ter notícias suas e de seu treinador. Achei que eu não receberia uma carta de volta, e quando recebi sorri de felicidade.

Sua carta foi a primeira que já recebi da minha terra natal. Escrevo a você e Robert não apenas como mais um aprendiz do xadrez, mas também como um irmão numa terra distante. Há muito tempo meus ancestrais foram capturados e, como descendente deles, fico muito feliz em reconectar-me com você como amigo e irmão. Agradeço a você por concordar em jogar comigo. Simplesmente amo tudo relacionado ao xadrez. Tenho uma pequena biblioteca de livros sobre o assunto na minha cela, junto com dois tabuleiros de plástico. Meu pai me ensinou a jogar quando eu tinha oito

anos de idade. Sou viciado desde então. Tenho 34 anos e não tenho muita concorrência aqui nessa prisão.

Não tenha medo de que eu vá derrotá-la. Li que você faz as peças de todo mundo recuarem até não haver nada a fazer a não ser desistir!

Ainda faltam seis anos e meio para eu sair desse lugar. Estou aqui desde 1997. Quando eu era mais novo eu vivia sem o bem em minha vida e matei meu melhor amigo ao brincar com uma arma carregada que disparou e o atingiu e tirou sua vida.

Todos os dias desejo que pudesse trazê-lo de volta. Todos os dias desejo que pudesse mudar o passado. Todos os dias escapo dos meus desejos através de um labirinto elaborado de xadrez, oração e profunda reflexão. A vida na prisão é como um jogo de xadrez com muitas dimensões. Todos os dias são obstáculos e desafios. Uma tentação de explodir e atacar. Mas, como no xadrez, às *vezes a contenção é melhor para sua posição do que atacar. Na prisão, a melhor posição é sair desse lugar e ir para casa para nunca mais voltar. Então trabalho duro para me conter, não me envolver em nenhuma besteira. Meu rei (EU), continua em maior parte preso (na minha cela) e longe do centro do tabuleiro, onde perambulam muitos peões de mentes vazias.*

Muito obrigado por me responder.

Fique bem, Damion

Phiona diz que consegue se identificar com Coppedge. Ambos estão ligados por circunstâncias trágicas, ambos lutam para sobreviver contra as adversidades de seu ambiente. Katende acredita que Phiona esteja começando a entender a influência positiva que a história de sua vida pode ter nas vidas dos outros.

— Quero dizer que Phiona entende o que ela alcançou, porque ela compara como está com como estava — diz Katende. — Ela teve muito orgulho de completar o ensino primário. Tem orgulho de começar a falar um pouco de inglês. Até quando está passando por algum trauma e está na escola sem mais nada, ela ainda tem aquela autoestima. Os outros alunos não a abordam diretamente, mas sabem o que ela alcançou. Eles cochicham: "Ah, é ela." De certa forma aquilo dá a ela confiança. Ela pode não ter

dinheiro suficiente para comer na cantina, mas eles a olham como se ela fosse uma heroína. Mesmo assim, de acordo com a forma com que ela se vê, ela ainda não fez o que quer fazer. Ela realmente ainda está lutando. O tempo todo.

— Não me sinto a melhor jogadora de xadrez do país — diz Phiona. — Sei que achar isso poderia me atrasar. No momento que eu sentir que sou a melhor, não vou conseguir melhorar ainda mais, então eu nem chego perto disso. Sempre trabalho como se não fosse eu a campeã e assim consigo continuar a treinar.

Katwe não é um lugar onde as pessoas anunciam seus próprios sucessos. Aqueles momentos são raros e podem atrair atenção indesejada. Qualquer comemoração pessoal é melhor em particular. Quando Phiona estava se preparando para começar a P7 em 2010, ela precisou preencher alguns formulários que pediam sua data de nascimento. Ela perguntou a sua mãe. Ela perguntou a Brian. É claro que ninguém sabia o que dizer a ela. Ela queria preencher com alguma data, então escreveu 28 de março, simplesmente porque na P5 sua professora de inglês organizara uma festa para sua turma em 28 de março, de modo que Phiona escolheu aquela data para ser seu aniversário.

— Tenho uma lembrança boa daquele dia, então agora é meu aniversário — justifica Phiona. — Naquele dia, em 2011, quando fiz 15 anos, eu estava em casa de férias e chamei as crianças do meu bairro e lhes dei doces. Foi assim que comemorei. Fiz aquilo porque queria que fosse um dia especial.

Apesar de todas as coisas positivas que o xadrez trouxe para sua vida, Phiona ainda sofre, assim como Fiona um dia sofreu. Quando voltou da Olimpíada de Xadrez em outubro de 2010, ela descobriu que sua família havia sido mais uma vez despejada. Harriet estava com o aluguel dois meses atrasado e, quando o senhorio descobriu que mzungu da América tinham visitado o barraco dela com cadernos de anotações e câmeras, ele achou que Harriet devia ter dinheiro. Quando Harriet insistiu que não, a família foi expulsa. Com o dinheiro da mesada que Phiona ganhara na Olimpíada, a família conseguiu se mudar para outro barraco.

Phiona está no colégio interno na escola secundária St. Mbuga, por meio da bolsa Popp, e fica em casa apenas durante as férias. Ela é lembrada todos os dias, através da fome que frequentemente ronda seu estômago e do cheiro podre que permeia o complexo da escola, que algumas coisas não mudaram. Ela ainda é uma criança da favela de Katwe, constantemente confrontada por um meio ambiente que conspira contra ela em diversos níveis.

Muitos obstáculos.

* * *

Existe uma história bem conhecida em Uganda sobre um mzungu que vê um ugandense pescando num lago. O ugandense pega um peixe, o cozinha e o come sentado debaixo da sombra de uma árvore. O mzungu pergunta a ele:

— Por que você não pega mais peixes e os vende para ganhar dinheiro?

— E depois o quê? — pergunta o pescador.

— Pode usar o dinheiro para abrir um negócio.

— E depois?

— Pode usar o dinheiro do seu negócio para fazer uma casa.

— E depois?

— Pode se tornar um homem rico e relaxar.

— Se o objetivo final é relaxar, então por que vou ter todo esse trabalho? — indaga o ugandense. — Já estou relaxando agora.

Phiona precisa desafiar Uganda, desafiar o sentimento que a envolve, seja ele de letargia ou impotência. Ela precisa desafiar o paradoxo de um país tão fértil que muitos ugandenses passam suas vidas inteiras aparando uma grama alta que parece crescer quase tão rápido quanto é cortada, mas ainda assim luta para alimentar apropriadamente sua população. Precisa desafiar a crescente inflação de seu país, porque a carreira de Phiona no xadrez precisa de patrocínio, e dessa forma o futuro da economia de Uganda está ligado ao dela. Pela primeira vez, ela se importa de verdade com o que está além de "logo ali".

O futuro de Uganda está nas mãos de Yoweri Museveni, o homem que um dia protegeu Katende e sua avó no matagal do Triângulo Luwero e depois se tornou presidente. Como todos os presidentes de Uganda, Museveni, o ex-rebelde, é perseguido por rebeldes. Uganda é uma nação que luta com uma interminável guerra civil que fez os Estados Unidos enviarem conselheiros especiais ao país em 2011 para ajudar o exército ugandense a caçar Joseph Kony e seu Lord's Resistance Army e levá-los à justiça pelas atrocidade que eles cometeram ao longo dos últimos 25 anos.

— Às vezes pensar em nosso futuro em Uganda me dá vontade de chorar — diz Katende. — É por isso que dedico minha vida às crianças. A única maneira de quebrar a corrente da pobreza é fazê-lo com crianças. É tarde demais para os adultos. Precisamos deixar aquela geração ir e começar de agora.

Como a economia de Uganda ainda precisa se recuperar dos estragos causados por Amin e seus sucessores, tanto John Akii-Bua quanto Dorcus Inzikuru frequentemente precisaram deixar o país para treinar em lugares com instalações mais modernas. É irritante para Uganda que um país vizinho como o Quênia conquiste medalhas de ouro rotineiramente em competições internacionais, e que Akii-Buda e Inzikuru sejam os únicos medalhistas de ouro de todos os esportes da história de Uganda. Os ugandenses idolatram o futebol acima de todos os outros esportes, e, no entanto, o país jamais se classificou para uma Copa do Mundo. É uma nação tão faminta por reconhecimento no palco mundial que muitos de seus nativos começaram a ter saudade da era de Idi Amin, cuja megalomania forçou Uganda a ser notícia internacional tanto dentro quanto fora do campo.

— O general Amin, entre todos os presidentes que o país já teve, promoveu mais o esporte do que qualquer outro, apesar de não ser conhecido por isso — explica Daniel Tamwesigire. — Nos esportes você percebe que a maioria das conquistas de Uganda veio nos anos 1970, e a razão disso foi que tínhamos educação física estável e um bom sistema de acompanhamento para atletas que se saíam bem nos esportes. Nos comparando a outras nações africanas, nesse sentido estávamos à frente, mas

chegou uma época em que nossos sistemas foram atrapalhados, enquanto os outros continuaram, e jamais nos recuperamos.

— Nosso presidente atual precisa se informar mais sobre o assunto para termos mais fundos — diz Godfrey Gali. — Para Museveni, os esportes não são nada mais que lazer. Um passatempo. Me lembro de que uma vez ele nos disse que Uganda precisa gastar todo o seu dinheiro em estradas e hospitais. Os esportes não são prioridade para ele. Ele tem uma noção errada da contribuição que os esportes podem fazer ao nosso orgulho nacional.

Por causa da falta de fundos, os jogadores de xadrez de Uganda raramente participam de torneios fora de seu próprio país. Até mesmo um torneio dentro de Uganda requer dinheiro para as inscrições, transportes e refeições, o que geralmente é demais para a federação de xadrez arcar sozinha. Em setembro de 2011, Phiona se classificou para jogar os Jogos Pan-Africanos em Moçambique, mas os fundos para enviá-la até lá jamais se tornaram realidade. Durante os últimos dois anos, Phiona precisou recusar convites de torneios em toda a África, e até alguns dentro de Uganda, porque as viagens seriam caras demais. A Federação de Xadrez de Uganda não conseguiu nem realizar seu próprio campeonato nacional júnior de 2010.

— Uganda costumava ser uma força no xadrez africano — diz o ex-treinador do time nacional, dr. George Zirembuzi. — Houve uma época em que éramos os terceiros do continente, com apenas o Egito e a Tunísia à nossa frente, mas agora o Botswana e a Zâmbia e o Zimbabwe e a África do Sul nos ultrapassaram. Eles têm até Grandes Mestres. Realmente ficamos para trás.

— É uma luta — diz Joachim Okoth, atual treinador do time nacional de xadrez. – Não temos instalações. Jogamos nosso xadrez num velho clube de tênis. Tivemos permissão para levar o xadrez às escolas, mas não temos o equipamento. Não temos os tabuleiros.

— A maneira com que treinamos nossos jogadores em Uganda é grosseira e rudimentar — acrescenta Gali. — Não temos muitos treinadores, então nossas crianças só jogam e alguém lhes diz o que eles acham ser um bom movimento e o que acham não ser.

Faz sentido que os dois mais celebrados atletas de Uganda sejam corredores. De provas com obstáculos. É o que você faz em Uganda, corre até chegar ao próximo obstáculo. Tanto Akii-Bua quanto Inzikuru tiveram que correr de seu próprio país, e a questão continua quanto a se Phiona também precisaria de alguma forma deixar Uganda para alcançar seu máximo potencial no xadrez.

O melhor jogador de xadrez de Uganda atualmente mora na Inglaterra. Stephen Kawuma é parte do que está se tornando a geração perdida do xadrez de seu país. O pai de Stephen, Medi, era um dos pioneiros da Federação de Xadrez de Uganda, e ensinou seus três filhos a jogarem. Os Kawuma compraram livros de xadrez para os meninos poderem estudar, o que foi o bastante para Stephen chegar ao topo no xadrez do país. Stephen é Mestre FIDE e já jogou em todas as Olimpíadas de Xadrez desde 2000, mas jamais se saiu tão bem quanto gostaria. Ele evoluiu no jogo participando de qualquer competição que lhe apresentassem em Uganda e praticando pela internet. Mas, como todos os ugandenses antes dele, jamais teve um verdadeiro treinador. Muitos enxadristas acreditam que é preciso um Grande Mestre para que outro seja formado, e simplesmente não existe acesso a isso em Uganda.

— Tivemos um treinador, o dr. Zirembuzi, que treinou na Rússia, mas ele nos deu tudo que podia — diz Stephen Kawuma. — Para chegar ao nível seguinte precisamos de um Grande Mestre ou de um Mestre Internacional que possa se sentar e analisar nossos jogos e nos dar o empurrão necessário. Durante tantos anos, os melhores jogadores de Uganda fizeram seu próprio trabalho. Hoje eu leio esse livro. Amanhã outro livro. Você tem o conhecimento, mas é um conhecimento aleatório que não ajuda contra os melhores jogadores do mundo. Tenho 29 anos e meu jogo é o mesmo que era dez anos atrás.

Stephen trabalha como engenheiro de refrigeração em Southampton, Inglaterra. Sem dinheiro de patrocínios, o xadrez se tornou pouco mais do

que um hobby, apenas uma pequena parte de sua vida. Ele poderia praticar com um treinador a 120 quilômetros dali, em Londres, mas aquilo lhe custaria cinquenta libras por hora. Existe um Grande Mestre americano se oferecendo para treiná-lo pela internet, mas Stephen precisa pensar no final do jogo. Quanto mais ele pode investir de energia e dinheiro no xadrez?

— O xadrez demanda muito tempo — diz ele. — Cheguei a um ponto em que não tinha tempo para o jogo. Agora estou casado e, pelo que já vi, quando você se casa seu jogo piora. Não me arrependo disso. Estou feliz em ter me casado e ter um emprego.

Por mais que Mestre FIDE seja o mais alto ranking já alcançado por um ugandense, Stephen diz que ele precisaria chegar ao nível seguinte, Mestre Internacional, para começar a de fato receber um incentivo regular para participar nos torneios. Ele raramente joga em torneios avaliados pela FIDE a não ser na Olimpíada. Ele joga em torneios de clubes, mas eles não servem para aumentar sua classificação. Stephen está perto de um nível no qual poderia se manter como jogador de xadrez, mas ele começou a questionar se ainda tem a vontade e os recursos para continuar subindo.

Moses, irmão mais velho de Stephen, já foi o melhor jogador de Uganda, mas ele também trocou seu país pela Inglaterra. Moses também chegou a ser Mestre FIDE antes de chegar a um ponto onde pôde sentir que seu sonho de se tornar Grande Mestre não era mais possível, então ele basicamente se aposentou do esporte, jogando apenas recreativamente pela internet. Ele se ofereceu para treinar Stephen, mas Moses também não pode levar seu irmão a novas alturas.

O irmão mais novo de Stephen, Patrick, de vinte anos, se beneficia do caminho trilhado por seus irmãos mais velhos. Eles lhe fornecem os livros e softwares necessários para ele alcançar o nível deles. Stephen acredita que Patrick, que está abaixo de seus irmãos, como Candidato a Mestre, já é capaz de jogar no seu nível, e acredita que em alguns anos, se conseguir treinamento e torneios adequados, Patrick poderá ser Mestre Internacional.

— Quando nossos melhores jogadores deixam o país, é uma perda para o xadrez de Uganda — lamenta Stephen Kisuze, vice-presidente da Federação de Xadrez de Uganda. — Como há tão poucos fundos para

viagens a torneios fora do país, precisamos contar com nossos próprios jogadores para melhorarem uns aos outros.

Só existem dois torneios realizados anualmente para os times nacionais de Uganda, muito menos do que a maioria dos países com uma federação de xadrez. Os enxadristas ugandenses são uma família, e eles frequentemente se reúnem em Kampala para jogar na liga nacional, mas não conseguem mais incentivar uns aos outros para melhorar no jogo porque já conhecem as táticas uns dos outros muito bem. Suas competições regulares são com times de clubes, os Mulago Kings e as Mulago Queens, que compreendem muitos dos participantes da Olimpíada de 2010, e são realizadas no luxuoso Hotel Africana, onde, durante as pausas entre os jogos, Phiona e os outros jogadores olham curiosamente a grande piscina que ocupa o pátio.

Harold Wanyama, que jogou como Tabuleiro 1 na Olimpíada de 2010, e é o melhor jogador que ainda habita Uganda, admite que se tornou complacente por não haver competição suficiente em seu país para desafiá-lo. Ele já ficou de fora duas vezes depois de se classificar para a Olimpíada porque Uganda não tinha dinheiro para sua viagem, e diz que se mudaria para outro país se pudesse pagar.

— Em Uganda você joga num casulo — diz Wanyama. — Há tão pouco contato com o mundo do xadrez lá fora que é difícil melhorar em relação aos outros jogadores mundiais, porque você não tem competição fora da Olimpíada. Existe um teto aqui, e se você cresce muito no jogo, você acaba só batendo a cabeça.

Todas as quatro colegas de time de Phiona na Olimpíada admitem terem sérias dúvidas quanto a seus futuros no xadrez. Joan Butindo se casou com Stephen Kawuma em 2011, mudou-se para a Inglaterra, e diz que gostaria de competir em futuras Olimpíadas, mas que aquilo vai depender muito do nível de interesse de seu marido no jogo. Ivy, Grace e Rita se formaram na mesma turma da Universidade Makerere, em Kampala, em 2011, e agora precisam se sustentar.

— Existem muitos obstáculos — diz Ivy. — O tempo é um problema. Dinheiro. Atitude é uma questão importante, você olha para o futuro e pergunta a si mesma: Por que estou sofrendo pelo xadrez? A única motivação que nos faz continuar indo a torneios é a esperança de ganharmos algum dinheiro, mas, quando perdemos logo no primeiro dia, às vezes nem aparecemos no segundo. Somos os maiores obstáculos para nós mesmas. Você precisa ter uma atitude positiva demais e, quando isso falta, é seu fim. É um mundo duro.

Como muitas mulheres em Uganda, Ivy não foi sempre encorajada a seguir carreira nos esportes, até mesmo pelos seus familiares.

— Quando comecei a me destacar no xadrez, meu pai não aceitou — conta Ivy. — Contei a ele que ia à Rússia jogar na Olimpíada e ele disse: "Certo, você pode jogar xadrez, mas quero que se saia melhor nos seus estudos." É muito desencorajador. Só uma vez diga que tem orgulho de mim sem usar o "mas". Toda vez que sonho com xadrez, ele precisa usar o "mas". Eu poderia ser tão melhor se tivesse algum apoio.

Algumas jogadoras ugandenses talentosas desistiram do esporte depois de se casarem porque seus maridos as proibiam de jogar. Também diz muita coisa o fato de que nenhuma das colegas de time de Phiona na equipe nacional ter mais do que vinte e poucos anos, porque é a idade em que a maioria das mulheres em Uganda não consegue mais se dedicar tanto ao esporte.

Grace foi desviada do jogo por um interesse em música e a necessidade de encontrar um emprego.

— Fiz faculdade e estudei contabilidade, mas não é minha paixão. Preciso trabalhar com isso para me sustentar. A coisa que mais afasta um enxadrista ugandense do jogo é o trabalho. Sou uma entre muitas mulheres em Uganda que adoraria focar só o xadrez e fazer dele sua carreira, mas, no nosso país, o xadrez não põe comida na mesa.

Ivy planeja se tornar advogada, porque também não vê futuro no xadrez.

— Não vou basear minha carreira no xadrez porque, realisticamente, em Uganda, o que você pode ser? Treinadora de xadrez? Professora de xadrez? Talvez como segundo emprego. Você pode arranjar alguns alunos. Mas como uma carreira, não. Uganda não permite.

Como Grace, Rita também tem diploma em contabilidade e fala apaixonadamente sobre como vai ganhar dinheiro como contadora e usá-lo para montar um clube para ensinar a jovens garotas a arte do xadrez. Ela também que ir a mais Olimpíadas, se o tempo permitir, mas reconhece a diferença entre a sua situação e a de Phiona.

— Phiona cresceu nas ruas, ela mora na favela, e é por isso que tento tratá-la como minha própria irmã — diz Rita. — Rezo muito para que Phiona continue a jogar xadrez, porque acho que o jogo é como uma luz para ela. É como uma lanterna que pode tirá-la da favela até pessoas que talvez possam cuidar dela. Sempre digo a Phiona para jamais abandonar o xadrez.

Nunca uma jogadora recebeu algum título na história de Uganda. Quando se trata de seu futuro no xadrez, as mais velhas não sonham com títulos nem classificações, apenas com mais viagens para fora de Uganda. Só Phiona tem sonhos de ser grande no jogo. Todas as suas colegas de time na Olimpíada concordam que Phiona é abençoada por sua juventude para continuar a perseguir o jogo, e que seu potencial é enorme, mas que seu maior obstáculo é ela mesma.

— É difícil entendê-la, porque um dia Phiona joga e você não fica muito impressionada, mas no dia seguinte ela joga e você pensa: Ó meu Deus, essa garota é incrivelmente talentosa — diz Grace. — Falta consistência a ela e provavelmente é porque sua própria história foi tão inconsistente.

— Quando vejo Phiona, percebo que ela só precisa de atenção — concorda Rita. — Ela precisa de amor. Precisa de pessoas que se importem com ela e a encorajem. Olho para ela e penso que, quando eu arranjar um bom emprego daqui a alguns anos, vou patrocinar Phiona em todos os torneios do mundo.

— Phiona é uma jogadora muito boa, mas poderia ser ainda melhor se realmente acreditasse nela mesma — completa Ivy. — É difícil alguém sair da favela achando que tem o mundo a seus pés e que vai conquistá-lo. É preciso um coração bem grande para ter uma atitude dessas. Todas nós sabemos como Phiona é boa. Às vezes acho que sabemos disso melhor do que ela mesma.

As capas de revista coladas nas paredes dos barracos de Katwe geralmente estão lá para cobrir um buraco, mas os rostos retratados nelas são significativos. Beyoncé. Serena Williams. Michelle Obama. Na maior parte das vezes, é preciso explicar à maioria das meninas de Katende quem são essas pessoas, mas, quando elas descobrem, querem ser iguaizinhas a elas. Para Phiona Mutesi e o restante das adolescentes de Katwe, existem poucas verdadeiras inspirações femininas para seguir. Nada realista. Nada atingível. Nenhuma mulher de negócios ou dona de casa. Não existe uma no meio do caminho à qual Phiona possa se agarrar durante uma época tão influenciável de sua vida, uma época em que ela precisa de muita orientação para se tornar adulta.

— Phiona está começando a se tornar uma mulher, mas usa roupas largas e se cobre toda, porque é muito difícil na favela ser uma mulher solteira e jovem — revela Rodney Suddith. — Ajudaria se Phiona encontrasse alguém em que se espelhar para ajudá-la a descobrir quem ela é.

Em vez disso, Phiona parece guiada por um homem. Mais por um fantasma, na verdade. Quem conheceu o pai de Phiona, diz que ela é filha de seu pai, forte, resiliente e feroz quando desafiada. Mas ela jamais conheceu seu pai. Não tem nenhuma lembrança dele. Não sabe nem qual era a aparência dele. A única foto que Harriet tinha de Godfrey Buyinza foi perdida há muito tempo, numa das enchentes em Katwe.

— Às vezes sinto como se tivesse saudades de meu pai — confessa Phiona. — Por exemplo, minha mãe não me compra roupas desde que eu tinha nove anos de idade. Se meu pai estivesse vivo, acho que ele teria comprado roupas para mim desde que eu tinha nove anos. Amo minha mãe e sinto compaixão por ela. Ela se esforça para arranjar comida e pagar o aluguel, então como é que eu poderia pedir dinheiro para roupas? Mas acredito que meu pai teria conseguido.

Harriet nunca fala sobre seu falecido marido. Só quando seus filhos lhe pedem alguma coisa que ela não pode comprar, ela diz:

— E o pai de vocês me deixou algum dinheiro?

Phiona aprendeu a não perguntar sobre seu pai a sua mãe, e ela desencoraja seus irmãos de fazerem qualquer menção a ele.

— Não sei nada a respeito de meu pai e nem quero saber — afirma Phiona. — Às vezes meu irmão e irmã tentam me contar coisas a respeito de nosso pai e revelam o tipo de vida que eles tinham antes de ele morrer. Eu até acabo ficando triste e me convenço que queria que ele estivesse vivo. Se ele ainda estivesse vivo, então não estaríamos sofrendo como estamos sofrendo. Então é por isso que não quero que ninguém fale dele.

Parte do legado de Buyinza para sua filha é uma ameaça de aids. Phiona descobriu há muitos anos que seu pai morreu de aids, o que a faz se perguntar se pode ter o vírus também. Existem 1,2 milhão de pessoas infectadas pelo HIV em Uganda, e mais de cem mil ugandenses morrem de aids a cada ano. Durante anos Harriet se recusou a fazer o teste porque tinha medo do estigma que um resultado positivo carrega em Uganda, banindo-a da comunidade e possivelmente até de sua própria família. Mas Harriet diz que nos anos recentes foi testada três vezes e que sempre teve resultado negativo para o vírus HIV. Harriet nunca conversou com Phiona sobre o HIV e, por mais que o assunto seja discutido na escola, ela ainda é relativamente ingênua em relação às causas da doença.

— Sei um pouco sobre a aids — diz Phiona. — Sei que é esse tipo de doença que você pega quando comete adultério ou ao dividir objetos perfurantes. Quando você ama um homem e não faz exame de sangue, pode dar à luz crianças que também podem virar vítimas.

Por mais que Phiona saiba muito bem da possibilidade de ter o vírus, ela não foi testada, porque as crianças em Uganda raramente o são antes de completarem 18 anos de idade. Katende pode encorajá-la a fazer o teste antes, para que ela possa começar o tratamento com a medicação adequada, se o resultado for positivo.

Phiona conheceu dúzias de pessoas em Katwe que morreram de aids. Ela é cercada pela tragédia diariamente. Dentro do projeto de xadrez ela observou um colega de jogo, Alawi Katwere, ficar doente com uma doença misteriosa que primeiro deixou sua pele pálida e depois parou seu coração. Ela conhece outra garota no projeto que foi estuprada por um grupo e depois foi abandonada por sua família pois seu tratamento médico era caro demais. Conhece outra garota no projeto que abortou duas vezes com um cabide e quase morreu por conta do trauma.

— Essas crianças de Katwe estão no fundo do poço, e muitos ugandenses querem que elas fiquem assim — diz Suddith. — É uma forma de preconceito. As pessoas nas favelas são reconhecidas como humanas, mas isso é tudo. É uma grande coisa alguém de Katwe conquistar algo. Por mais que estejamos felizes pelas realizações de Phiona, existe uma grande preocupação a respeito de como ela vai lidar com isso. O fato de ela ser uma adolescente agora, por exemplo, pois muitos acham que ela já devia ser mãe. Afastar garotos que só querem dormir com ela é parte de sua rotina diária. A vida de Phiona é muito frágil. Katwe é um mundo perdido. É uma zona de guerra, e não se consegue desviar das balas por muito tempo.

Enquanto Phiona estiver na favela, ela precisa continuar se desviando dessas balas. Saltando esses obstáculos. Ela é uma garota que precisa evitar se tornar a garota que Katwe lhe força a ser todo santo dia. Precisa continuar lutando para escapar do clichê que ela já testemunhou tão clara e dolorosamente em sua própria irmã.

* * *

Rita, a filha de Night, foi sequestrada no começo do ano 2011, apesar de, para sua mãe, parecer que foi há muito mais tempo. Night não tem exatamente certeza de há quanto tempo sua filha sumiu. Ela só sabe que Rita tinha quatro anos de idade quando foi capturada e que agora está mais velha. E continua sumida.

Dias antes de Rita ser sequestrada, Night encontrou na rua um homem que conheceu quando morava na favela de Nateete. O homem a cumprimentou e perguntou:

— Onde está morando?

Naquela tarde, quando Night estava fora trabalhando com sua mãe no mercado Kibuye e deixou seus filhos em casa, aquele homem visitou seu barraco. Ele levou pipoca para as crianças. Então levou Rita embora.

— Quando cheguei em casa, uma de minhas filhas mais velhas, Winnie, me mostrou o caminho que o homem tinha usado para sair com Rita e tentei segui-lo — conta Night. — Quando cheguei onde ele costumava

ficar, me contaram que conheciam o homem, mas que ele já havia sido expulso da aldeia. Quando cheguei na polícia, me disseram que também conheciam o homem e que tinham muitas acusações contra ele.

Sem conseguir encontrá-lo, Night procurou sua esposa. Com ajuda de outros moradores da aldeia da esposa, Night conseguiu levá-la até a delegacia e a mulher admitiu que seu marido levara Rita, mas que os dois haviam partido para o distrito de Kasese, que fica a mais de trezentos quilômetros de Kampala.

— Então quando a polícia ouviu a mulher confessar que minha filha estava lá, eles a mandaram me levar até o paradeiro de Rita. Mas essa mulher disse que, a menos que eu tivesse duzentos mil xelins para o transporte, não teria condições de ir até lá. Então tentei o melhor que pude arranjar o dinheiro, mas falhei. Penso em Rita o tempo todo, mas o que posso fazer? Não tenho dinheiro para ir procurá-la. Então cuido o melhor que posso das outras três crianças.

Rita é a terceira das quatro crianças que Night teve com dois homens diferentes, junto de Eva, dez anos, Winnie de sete, e Grace de dois. Night tentou ficar com ambos os pais na esperança de sustentar suas filhas e talvez sua mãe e irmãos. Night também trabalha no mercado, onde Harriet terceirizou seu negócio, para que Night pudesse vender curry e chá enquanto a mãe vende legumes. O outro trabalho de Night é no alfaiate local, que faz roupas infantis. O alfaiate cobra mil xelins por vestido, e se Night conseguir vendê-los nas ruas por 1.500, ela fica com a diferença.

Night tem hoje cerca de 27 anos de idade. Ela teve uma trajetória bem parecida com a de sua mãe, muitas vezes sacrificando a si mesma para tentar salvar o resto da família. Phiona está na idade limítrofe em que a vida de Night piorou, quando ela se comprometeu para ajudar a tirar sua família das ruas às custas de seu próprio futuro. As duas filhas sobreviventes de Night têm um relacionamento complicado.

— Eu me lembro de quando éramos mais novas e eu dizia a Night: "Pare de ter filhos.", porque quando ela tinha filhos, os pais deles geralmente não os assumiam, então não tínhamos o que fazer a não ser permitir que eles ficassem com a gente — lembra Phiona. — Percebi que a comida que

usávamos para quatro não seria suficiente para todos nós e mais Night e seus filhos, mas ela continuava tendo mais filhos.

Night acredita que Phiona não entende sua situação, não entende os sacrifícios que ela fez, e tem medo de sua irmã não respeitá-la.

— Tento aconselhá-la, mas, pessoalmente, acredito que Phiona me despreza de certa forma, porque ela me vê como se eu tivesse um status mais baixo que ela — admite Night. — Raramente a vejo porque fico em outro lugar, mas se a encontro em casa digo a ela: "Phiona, a oportunidade que você tem, faça bom uso dela, porque eu não tive uma oportunidade dessas. Estude muito, porque você pode ver o tipo de vida que tenho agora. Não tenho nenhuma chance, e nunca serei feliz como você é." Sempre a aconselho, ela me diz que entendeu o que eu disse, mas não sei se ela esquece tudo logo depois. Eu não sei.

Night está do lado errado da linha divisória, nascida cedo demais para poder ter sido salva pelo projeto de xadrez de Robert Katende. Agora ela precisa ser salva por sua irmã, assim como salvou Phiona das ruas muitos anos antes, de maneira diferente.

— Lembro de um dia em que uma de minhas filhas estava doente e eu não tinha dinheiro e Phiona me deu dinheiro que ganhou jogando xadrez e pude levar a criança ao hospital — diz Night. — Sempre que Phiona ganha algum dinheiro, ela compra coisas para meus filhos e me promete que se possível vai fazê-los ir a uma escola. Quando estou tendo problemas sérios e ela tem algum dinheiro, ela nunca hesita em me ajudar.

Quando perguntam a Night sobre seus sonhos para o futuro, uma tristeza toma conta dela.

— Pelo que vejo, não tenho nenhuma esperança. Não tenho sonhos. Tudo que preciso é ver meus filhos estudando. E talvez ter algum lugar para morar onde eles possam ir me ver.

Quando lhe perguntam sobre seus sonhos para Phiona, ela simplesmente responde:

— Que ela não leve a mesma vida que eu.

11

Sonhos

A igreja Agape pode desabar a qualquer momento. É uma estrutura decrépita, inclinada alarmantemente, mal capaz de se manter de pé por pedaços de madeira, corda, alguns pregos, e fé. Ela é descartável, assim como tudo o mais ao seu redor.

Dentro da Agape nessa manhã de sábado há 37 crianças cujas vidas são igualmente instáveis. Elas partem de toda a Katwe para jogar um jogo do qual nenhuma delas jamais ouvira falar antes de conhecerem Robert Katende. Quando as crianças atravessam a porta, sorrisos largos marcam seus rostos. Ali é um lar mais do que qualquer lugar que já tenham conhecido em suas vidas. É um refúgio, a única comunidade que conhecem. Aqueles são seus amigos, seus irmãos e irmãs de xadrez, se não de sangue, e existe relativa segurança e conforto no local. É um lugar com o qual elas podem contar, um lugar previsível, um lugar onde a competição não é para sobreviver, e sim para simplesmente vencer um jogo. Dentro da Agape é quase possível esquecer o caos do lado de fora da porta.

Agora em seu oitavo ano, o projeto de xadrez de Katende se mudou de suas raízes no alpendre do bispo John Michael Mugerwa para a Agape no começo de 2010. Existem apenas sete tabuleiros do lado de dentro, e as peças de xadrez são tão escassas que às vezes um peão órfão precisa servir de rei. Uma criança fica sentada em cada ponta de um banco bambo, que

funciona como banco de igreja para a missa de domingo, ambos com o tabuleiro entre os joelhos ossudos e as peças capturadas sobre seus colos. Quem não está jogando fica ao redor dos tabuleiros para estudar os jogadores que admiram. Uma criança de cinco anos e camisa puída do Denver Broncos com o número sete nas costas compete contra uma de 11 anos, com uma camiseta com os dizeres J'ADORE PARIS. Um dos espectadores do jogo usa uma camiseta descolorida dizendo S.O.I. CHESS ACADEMY. A maioria das crianças está descalça. Algumas estão de chinelos. Uma delas usa tênis pretos sem cadarços.

É um xadrez de rua veloz. Quando se passam mais do que alguns segundos sem uma jogada, a inquietação é palpável. É um lugar notavelmente quieto, a não ser pela batida violenta de uma peça matando outra e a ocasional discussão quanto à posição de uma peça num tabuleiro tão gasto que mal se distingue as casas pretas das brancas. A desistência é sinalizada pelo ruído das peças capturadas do oponente no tabuleiro. Raramente há comemorações por parte do vencedor, e mais frequentemente apenas um humilde conselho ao derrotado sobre como evitar melhor a armadilha que decidiu o jogo, sempre com os jogadores mais experientes ensinando aos outros tudo que sabem. É um esporte individual sendo jogado por crianças forjadas por seu meio ambiente hostil para cuidarem apenas de si mesmas, no entanto essas crianças são um time. O Time das Crianças. Cada uma delas contribuindo para algo maior.

Phiona Mutesi chega sem cerimônia e pega um lugar na plateia ao lado do jogo de seu irmão, Brian. A garota, inicialmente caçoada pelas outras crianças por ser suja demais, se tornou uma espécie de mãe no projeto de xadrez. Phiona é uma professora paciente que, sempre que lhe pedem, conta histórias incríveis de suas viagens. Os mais novos do projeto se sentam perto dela, observando e ouvindo atentamente. Eles muitas vezes perguntam por que ela fez determinada jogada. Phiona explica e lhes afirma que, se trabalharem duro, podem um dia superá-la no jogo.

Katende anda de tabuleiro em tabuleiro, às vezes se sentando para jogar, às vezes sugerindo jogadas, sempre em busca de uma oportunidade para ensinar, quer seja sobre o xadrez, quer seja sobre a vida. Não existe cronograma no projeto. Depois de diversas horas de xadrez, algumas

crianças se oferecem para preparar o mingau em três panelas enferrujadas. Quando ele fica pronto e é despejado nas tigelas, as crianças que não estão jogando fazem fila para comer, enquanto os que jogam não deixam seus tabuleiros até seus jogos terminarem. Como não há colheres, todos comem com as mãos. Muitos comem os mingaus desesperadamente porque não comeram nada desde o mesmo prato de mingau do dia anterior.

Katende se senta em meio a um pequeno grupo de crianças lambendo mingau dos dedos. Ele concorda em contar-lhes sua história favorita da Bíblia, sobre São Pedro. Outras crianças se aproximam gradualmente, uma a uma, de todos os cantos da igreja, até estarem todas amontoadas ao redor de Katende, mesmo a maioria já tendo escutado aquela história antes. Quando Katende fala, suas palavras têm o poder de um sermão:

> Uma vez, quando Jesus estava com seus discípulos, um deles, chamado São Pedro, caminhou sobre as águas. São Pedro estava com todos os seus amigos no barco quando viu Jesus se aproximando caminhando sobre as águas e alguém perguntou: "Mestre, está me chamando para ir?" Os outros ficaram apreensivos. Mas Pedro foi quem saiu do barco. Não foi uma situação fácil. É extraordinário. Irreal. Como você sai de um barco e pisa na água, quando sabe que definitivamente vai se afogar? Mas é aí que você percebe que é um milagre. Ele conseguiu. Se ele não tivesse saído, não haveria milagre. Então é por isso que às vezes precisamos sair de nossos barcos para realizar um milagre. Não podemos ficar só sentados esperando um milagre acontecer.
>
> Não temos muito. Mas, se não temos o que desejamos ter, percebemos que precisamos pensar: O que podemos fazer com o pouco que temos? Porque ninguém aqui não tem nada. Mas a questão é, como posso trabalhar com o pouquinho que tenho para chegar a outro nível? Porque muitas vezes as pessoas passam muito tempo pensando no que elas não têm e isso também mudou a minha vida. Se você me perguntar como consegui me sustentar para estudar, não poderei responder, porque não sei. Aconteceu um milagre. Mas foi só depois de eu dar um passo que o milagre

ocorreu. Consegui um empréstimo e comecei a estudar e joguei futebol para a escola e depois do primeiro semestre foi que o reitor disse que eu estava jogando muito bem e que podia me dar algum dinheiro para estudar. Não foi algo que me encontrou. Eu tive que dar aquele passo corajoso. Então, depois do segundo semestre, disseram que eu era bom jogador, e que outras escolas iam me dar uma bolsa integral, e eles precisavam fazer isso ou iam me levar embora. Meu objetivo não era ir lá para jogar futebol, era completar meus estudos. Todos esses milagres começaram a acontecer, mas só depois que dei o primeiro passo. Se eu não tivesse dado o primeiro passo, não chegaria a lugar algum.

Não devemos dar desculpas. Pessoalmente, minha vida é uma prova e já contei minha história a todos vocês. Alguns de vocês acham que estão sofrendo, mas não passaram ainda pelo que passei. Mas eu estou aqui. Vocês dizem: "O treinador está bem de vida", mas ainda não estou onde quero estar, só que pelo menos não estou onde estaria se não tivesse dado muito duro. Depende de vocês, mas sempre existe uma saída, mas como vamos fazê-la aparecer?

Então Pedro saiu do barco e foi até Jesus. Para vocês todos, aprender xadrez não foi moleza. Para todos vocês, envolveu diligência, compromisso, determinação, fé e estar aqui dia após dia. Mas com isso, como vocês vinham ao programa, alguém apareceu e disse: "Ei, essa garotada está indo bem no xadrez, mas não está estudando. Se podem se sair bem no xadrez, podem se sair bem na escola se receberem uma oportunidade." Essa educação não veio porque alguém encontrou vocês por aí. Foi porque deram um passo e vieram ao programa. Outros saíram dele, mas vocês continuaram vindo.

Se exibirem esse tipo de caráter, não precisam de desculpas. Até quando há tragédia vocês sabem que a vida deve continuar. Vocês se recompõem e dizem: "E agora? Preciso ir em frente. A vida deve continuar. Não tenho isso, não tenho aquilo, mas o que é que eu tenho?" Vocês não conseguiriam jamais completar a lista do que não têm. Ela é enorme. Agora esqueçam isso. Nem pensem no que não

têm. Perguntem-se: "O que eu tenho?" Depois de terem a lista de tudo que têm, se avaliem e perguntem: "Quais são minhas habilidades? O que posso fazer para sobreviver? Onde posso usá-las?" Então você usa o que tem para conseguir o que não tem. Cada um de vocês está realizando um milagre, porque tiveram coragem de dar um passo para fora do barco. Todos vocês podem caminhar sobre a água.

Aquele dia na Agape, Benjamin e Ivan estavam sentados em pontas opostas de um banco, com um tabuleiro no meio, quando Benjamin contou a Ivan sobre seu sonho de ser Grande Mestre.

O mais cauteloso dos dois, Ivan respondeu:

— Sabe, Benja, esses Grandes Mestres, eles passam muito tempo treinando. Eles têm todas as instalações. Para a gente, é preciso lutar até para comer, então vai ser difícil para a gente chegar lá.

— Já fomos ao Sudão e fomos campeões quando achamos que não era possível — devolveu Benjamin. — Por que também não podemos ser Grandes Mestres?

Em vez de lamentarem pelo que são, as crianças do projeto gostam de falar sobre quem querem ser. Elas sonham. A maior diferença entre as crianças dentro da igreja Agape e as de fora é a capacidade de sonhar.

Benjamin, que como a maioria no projeto de xadrez frequenta uma escola com a bolsa Popp, sonha em se tornar médico. Ivan sonha em ser engenheiro de telecomunicações. Joseph Asaba sonha em ser gerente de banco. Richard Tugume sonha em ser engenheiro elétrico. Gloria Nansubuga quer ser GM. Quando perguntam a Gloria, de cerca de 11 anos de idade, o que é GM, ela admite que não sabe. Ela só sabe que é o sonho que todos do projeto têm, mas não sabe o que as letras significam de fato. Não importa para ela. Gloria quer ser uma GM, e, considerando seu talento, sua idade, e sua bem-sucedida tutora, ela pode ter a maior chance de todos.

— Phiona ter ido para outros países e ganhado é minha inspiração — diz Gloria. — Ela não só é muito boa no jogo, mas é também muito gentil.

Phiona agora é meu maior exemplo. Primeiro eu fui professora dela, mas agora é ela que me ensina. Phiona acredita que posso me tornar GM.

Desde que Brian, irmão de Phiona, foi seriamente lesionado no acidente de bicicleta, ele sonha em ser médico.

— Percebi que, se eu virar médico, então aí posso abrir um hospital um dia. Se alguém da minha família precisar de cuidados, eu não teria que me preocupar em pagar. Acredito que o programa de xadrez na favela ainda vai existir na época e quero ter boas condições para ajudar as crianças que vão estar no programa. Quando elas vierem ao hospital, vou cuidar delas de graça.

O irmão de 13 anos de Phiona, Richard, que entrou no projeto de xadrez de Katwe logo após sua irmã, está no primário, e muitas vezes dorme no depósito do projeto para estar mais perto da escola. Ele sonha em ser engenheiro elétrico.

— Quando eu crescer quero ser muitas coisas — diz Samuel Mayanja, um dos Pioneiros. — Primeiro quero ser médico. Quero ser Grande Mestre. Quero ser engenheiro e também quero ser produtor de cinema.

Ouvindo aquela lista, Katende sorri e pergunta:

— Mayanja, já ouviu falar de alguém se saindo bem em todas essas áreas?

A determinação de Samuel não se abala.

— Por que não? Por que não posso ser o primeiro?

Inspirados pelo sucesso de Phiona, Benjamin e Ivan, todos querem continuar no xadrez, se juntar à equipe nacional, viajar para futuras Olimpíadas. As crianças da favela, inicialmente rejeitadas pelo sistema de xadrez do país, agora são consideradas a espinha dorsal do promissor futuro de Uganda no jogo.

— Nos anos seguintes, acredito que as crianças do treinador Robert vão formar nossa equipe nacional — diz Godfrey Gali. — As crianças mais ricas no sistema escolar não podem ganhar delas. Elas reclamam para mim que não recebem o mesmo treinamento. Nas Olimpíadas futuras, acredito que nossos times serão inteiramente de crianças da favela. Elas são determinadas por causa do estilo de vida que levam. Existe um desespero na maneira com

que jogam que não se vê nos outros. Você joga com mais vontade quando o resultado pode decidir se vai comer ou não naquela noite.

A maioria das crianças de Katende também quer ensinar o jogo um dia, seguindo assim os passos de seu mentor. Elas desejam espelhar e honrar o homem que ajudou a salvá-las, salvando outros como elas.

— Quero treinar muitas e muitas crianças a jogar xadrez, porque lembro quando o treinador me mandou treinar Benjamin e agora vejo que Benjamin é um jogador muito bom e uma pessoa muito boa — diz Ivan. — Isso me motiva e sinto que também posso ajudar outros jogadores a serem bons, assim como o treinador Robert faz.

Katende também tem seus sonhos. Baseado no modelo que ele estabeleceu com Phiona e as crianças que ela ensina no Naalya Estates, Katende quer abrir uma academia de xadrez onde as crianças do projeto possam ensinar crianças de famílias mais abastadas a jogar o jogo. Parte de seu maior sonho é abrir um Lar Infantil que ofereça um lugar para crianças abandonadas, órfãs e abusadas, incluindo crianças do projeto de xadrez.

Depois de dispensar diversas oportunidades em potencial muitos anos atrás para jogar futebol profissionalmente na Argentina, Dinamarca e Vietnã, porque não podia pagar a viagem até aqueles lugares para fazer testes nos clubes interessados, Katende diz que não sonha mais com futebol. Ele não sonha mais em jogar naquele abundante campo verde. Ele joga apenas no Good News Football Club, onde sua maior satisfação acontece depois dos jogos.

Ele dedicou sua vida a cumprir uma promessa que fez um dia quando estudava na S2, durante sua caminhada de cinco quilômetros para casa, quando se virou para um amigo e disse: “Precisamos estudar muito para nossos filhos não seguirem o mesmo caminho que a gente. Meus filhos não vão sofrer como eu sofri.”

Em 2008, Katende entregou a parte de seu projeto de futebol para outro integrante do Sports Outreach, para poder concentrar todos os seus esforços no programa de xadrez, que ele continua a expandir para mais áreas das favelas de Kampala. Com a ajuda de Aloysius Kyazze, Katende levou o programa para outras sedes do Sports Outreach em Gulu, no norte de Uganda, onde em 2010 quarenta crianças competiram em seu primeiro

torneio de xadrez. O torneio foi organizado por Gerald Mutyaba, antigo Pioneiro, que atua como a versão do treinador Robert em Gulu.

Aos trinta anos de idade, Katende se vê como um exemplo do que um pouco de esperança e alguma exposição a uma vida mais estável podem fazer.

— Experimentei diversas vidas — diz Katende. — Estava pobre e quando deixei minha avó fui para um lugar moderadamente melhor, onde minha mãe e eu alugávamos um barraco na favela. Então quando ela morreu fui morar com minha tia, que era um lugar melhor de novo, e com ela vi muitas coisas novas e me perguntei: Isso quer dizer que pessoas podem viver assim? Com minha avó, eu me tapava com folhas de bananeira quando chovia, mas a tia Jacent tinha um carro, e quando chovia podíamos ir de carro para a escola. Eu queria fazer o possível para ser como aquelas pessoas que vivem uma vida melhor. É daí que veio minha força de vontade e quero que essas crianças sigam meu exemplo.

Para esse fim, Katende convidou Phiona e as outras crianças para eventos marcantes em sua vida, de modo que elas mesmas vissem como era ter uma vida mais normal.

— Levei quatro das crianças do xadrez para conhecer a família da minha esposa quando fui apresentado a eles — conta Katende. — Queria que elas vissem aquilo. É fácil dizer a elas: "Precisam esperar até a hora de encontrarem a pessoa certa para casar e então serão devidamente apresentados à família." Mas isso é só conversa. Elas podem perguntar: "Treinador, já fez isso?" Agora está mais claro para elas. Elas já viram acontecer e hoje me dizem que também querem fazer isso um dia.

Cerca de vinte crianças de seu projeto em Katwe compareceram ao casamento de Katende, em junho de 2010, com Sarah Ntongo, que ele conhecera três anos antes, quando ela foi professora voluntária na Escola Kampala para Deficientes Físicos, que divide seu complexo com o Sports Outreach Institute. Durante as férias escolares, Katende também convidou várias crianças a ficarem com ele e sua esposa na modesta casa de dois cômodos que eles alugam no distrito de Mengo-Lungujja, a menos de três quilômetros de Katwe.

Katende também tenta dar algum apoio financeiro à sua família sempre que possível.

— Robert é meu Senhor — diz sua avó, Aidah Namusisi, que acredita ter 93 anos de idade e ainda mora na favela Kasubi com outros parentes. — É ele que cuida de mim. É ele que cuida de todos nós. Quando podemos ter algo de bom, é ele que consegue para a gente.

Katende se tornou um exemplo para a família inteira. A mesma foto enquadrada de Katende se formando de beca na universidade está disposta proeminentemente nas salas de suas tias Jacent e Dez.

— Acredito que a mãe de Robert cuida dele lá de cima e que esteja muito, muito feliz ao ver como ele se saiu — opina tia Dez. — Ela morreu lamentando e chorando por causa de seu filho, mas não se pode fugir do plano de Deus. Pouco antes de morrer, a mãe de Robert me disse: "O meu filho. Não quero que seja um arruaceiro. Não quero que seja um ladrão. Quero que seja um filho de quem nosso país se orgulhe." Sabendo o que ele fez por essas crianças, acredito que o último desejo dela tenha sido concedido.

A primeira filha de Katende chegou de forma dramática, quando sua esposa foi levada à sala de parto, mas o bebê não vinha. Os médicos deixaram Sarah esperando durante meia hora, após a qual anunciaram que precisariam fazer uma cesariana. Katende ficou angustiado com aquela possibilidade porque não tinha dinheiro suficiente para pagar pelo caro procedimento. Passaram-se mais trinta minutos sem nenhuma mudança, mas os médicos foram atrasados em meia hora para a cesariana. Assim que voltaram para levar Sarah à sala de operação, ela entrou em trabalho de parto e teve um parto normal, poupando sua família da angústia e das despesas de uma operação pela qual não podiam pagar. A filha de Katende nasceu em 26 de abril de 2011.

Ele a batizou de Mercy, "misericórdia".

Em Uganda, se diz que "dar à luz uma filha é como dar à luz açúcar". Crianças do sexo feminino são vistas por muitos ugandenses como bens. Dotes. Quando chega a hora do casamento, elas valem um número negociável de gado, o que explica por que muitos homens ugandenses enxergam as mulheres como propriedades. Alguns pais até são conhecidos por proibirem que suas filhas se casem até encontrarem um marido rico o bastante para pagar um dote que possa ajudar o resto da família da noiva a sobreviver.

As mulheres de Uganda não costumam poder sonhar por si mesmas. É uma sociedade dominada por homens, então tudo que Phiona conquistou foi com a ajuda de homens.

Quando o bispo Mugerwa foi abordado por Robert Katende anos atrás e perguntado se poderia ceder seu alpendre para abrigar seu projeto de xadrez, Mugerwa jamais ouvira falar da atividade.

— Jamais esperei que o xadrez desse certo — admite Mugerwa. — Achei que promovia preguiça, porque via essas crianças sentadas lá durante horas e horas. Fico surpreso em ver no que deu. Ao usar o xadrez para sair de Katwe, Phiona está levando às outras crianças a mensagem de que crianças da favela não são restos, não estão esquecidas, não são uma geração perdida. Essas crianças só não têm liderança, porque geralmente não têm ninguém bem-sucedido a quem imitar. Phiona é o exemplo delas. Somos um bairro cheio de crianças que acham que não são ninguém, e ela está fazendo essas crianças acreditarem que podem ser alguém. Phiona é minha heroína, e acredito que pode ser a heroína de todo Uganda.

Katende ri quando lembra que algumas mães do bairro de Harriet tinham medo dos mzungu e proibiram seus filhos de se juntarem ao programa de xadrez no começo, mas então, alguns anos depois, timidamente se aproximaram de Harriet perguntando como podiam inscrever seus filhos. Ele reconhece que jamais tinha esperado esse nível de sucesso ou exposição. Nunca foi seu objetivo. Ele só estava procurando uma maneira de alcançar as crianças de seu projeto que não jogavam futebol. Agora ele criou uma rota através da qual elas podem escapar da favela.

— Francamente, jamais imaginei que Phiona entraria no time nacional — revela Katende. — Meu propósito não era que Phiona fosse ótima no

xadrez, e sim ter uma maneira de dividir minha fé com ela, torná-la uma boa cidadã, e ver sua vida ser transformada por temer ao Senhor. Agora vejo que ela pode ser ainda mais.

Como ela abandonara completamente a escola durante dois anos inteiros, e em períodos durante outros quatro, antes da oportunidade dada pela bolsa Popp em 2006, Phiona só chegou à S2 na escola secundária St. Mbuga, e ainda lhe restam quatro anos lá. Phiona está entre os melhores vinte por cento da sala e Katende acredita que, se ela continuar a se concentrar em seus estudos, tem chance de ganhar uma bolsa do governo, assim como ele um dia ganhou.

— Quero que Phiona entenda que seu caminho para sair da favela é uma combinação de muito estudo e muita dedicação ao xadrez. Pergunte à maioria dos alunos do ensino médio o que eles querem ser ao terminarem seus estudos e eles não sabem. A juventude ugandense não é treinada para ter empregos. Não existe um caminho. Estudar sozinho não é algo certo. Você precisa ter contatos. Em Uganda é mais uma questão de conhecer *alguém* do que conhecer alguma coisa. Ninguém tem certeza de como vai sobreviver, mas o xadrez de Phiona pode resultar num contato. É a única vantagem que ela tem.

— O objetivo é o xadrez ajudá-la a sair daquela favela e ter uma vida melhor, e, quando isso for testemunhado pelas outras crianças, será marcante — diz Rodney Suddith. — Se Phiona conseguir escapar, os outros vão atrás. Então se eles conseguirem uma saída, vão querer o mesmo para seus irmãos e irmãs e primos e finalmente seus filhos. Esse programa de xadrez pode ser um jeito duradouro de crianças não apenas crescerem no jogo, mas também de estudarem, um meio até um emprego, o que significa uma família saudável. Com esse programa de xadrez com quarenta crianças, você pensa: E se vinte dessas crianças fossem à universidade por causa disso? Significa que há vinte pais que estudaram, agora tendo filhos com uma vida melhor.

Por mais que Katende afirme que espera que Phiona comece a traçar um caminho para as crianças saírem da favela através de seu xadrez, ele permanece realista. Ele sabe que, para conseguir isso, Phiona precisa ter

sucesso no xadrez num palco mundial, como nenhum outro ugandense, homem ou mulher, jamais teve.

— Esse caminho tem muitos obstáculos — admite Katende. — A não ser que apareça uma oportunidade com a qual ela tenha chance de treinar num nível mais alto, ela pode se dedicar muito, mas ainda assim não se igualar ao padrão lá fora, do resto do mundo. Se ela conseguir fundos, acredito que possa chegar a outro nível. Isso é só um sonho. Às vezes você nem gosta de falar porque parece impossível. Mas precisamos seguir com fé. Se já conseguimos conquistar coisas que jamais imaginamos conquistar, então não perdemos a esperança. Certamente não podemos prever o final por causa de tantas questões ainda sem resposta.

Ela pode continuar melhorando no xadrez sem um treinador mais avançado?
Ela pode melhorar sem livros nem computador?
Ela pode melhorar sem patrocínio?
Ela pode realmente se tornar Grande Mestre?
A atenção chamada para sua história pode torná-la um alvo em Katwe?
Ela pode evitar a pressão para ser mãe?
Ela ainda pode prosperar se tiver HIV?
Ela pode sair de Katwe?
Ela pode continuar fora de lá?

A verdadeira mágica da jornada de Phiona está na notável gama de possibilidades. Mesmo se Phiona de alguma maneira conseguir os meios para deixar Katwe, a história já provou que sua luta é só o começo. Quase todas as histórias de pessoas que vão embora de Katwe terminam com a volta delas. Phiona pode realmente quebrar a corrente?

— Ela sente esse puxão em duas direções, e é um dilema para ela — diz Suddith. — Para Phiona se sair bem, ela precisa se separar da favela, e isso vai ser mais difícil do que as pessoas pensam. Ela é sensível e vai ser duro para ela se afastar de sua família, que pode pressioná-la a ficar. Já aprendi que não se pode tirar alguém de Katwe. Você precisa sair com esse alguém, lado a lado. Phiona poderia sair com Robert, mas não vai poder tirar sua irmã. Não vai poder tirar sua mãe. Se elas não estiverem dispostas a ir junto, podem puxá-la de volta.

Tanto Suddith quanto Katende se preocupam por Phiona ser um exemplo sem um exemplo. Eles entendem que, quanto mais longe Phiona for da vida que conheceu, mais eles poderão ter que preencher aquele vazio.

— Os olhos de Phiona realmente se abriram para a ideia de que ela tem um dom e ela ficou muito curiosa sobre como lidar com aquilo — diz Suddith. — Ela me faz perguntas como: "O que eu faria se trabalhasse na cidade grande?", ou: "Como se faz compras?" É fascinante. Ela está em busca de informação. Pela primeira vez está começando a fazer perguntas sobre a vida que sua mãe não pode responder. Harriet não é um exemplo de vida. Ela teve uma vida muito dura e sabe que não quer a mesma vida para sua filha, mas a verdade é que ela não pode realmente ajudá-la.

Harriet é apenas mais uma habitante de Katwe que um dia sonhou em sair de lá, mas circunstâncias trágicas a impediram de levar uma vida melhor que aqueles antes dela. Ela chegou ainda criança a Katwe e nunca mais foi embora, e não vê além do "logo ali". Harriet simplesmente quer ser uma serva religiosa e espera que sua filha faça o mesmo.

— Quero que Phiona seja uma criança que agrade a Deus — diz Harriet. — Também tenho certeza de que se ela insistir no xadrez vai conhecer pessoas boas e ter uma vida boa.

Quando perguntam a Harriet se ela acredita que sua filha vai deixar Katwe para trás, ela faz uma pausa e responde:

— Nunca pensei nisso.

Phiona Mutesi é a pária máxima. Ser africana é ser um pária no mundo. Ser ugandense é ser um pária na África. Ser de Katwe é ser um pária em Uganda. Ser uma garota é ser um pária em Katwe.

Quando lhe perguntam sobre seus sonhos, Phiona pensa durante um bom tempo antes de responder, como se fosse necessário enumerá-los na cabeça.

— O.k., acho que é estudar muito e ir bem no xadrez para conseguir dinheiro para erguer minha família. É aí que meus sonhos começam.

Phiona diz que sonha em um dia se casar com um homem escolhido por ela, e ser casada de verdade, não como sua mãe e irmã que se dizem "casadas", mas que jamais se casaram oficialmente. Phiona sonha em ter filhos, mas não durante muitos anos, ela jurou para sua família, até ela e seu marido terem segurança financeira suficiente para sustentar as crianças.

— Espero que isso só aconteça daqui a muitos anos — continua Phiona. — Sonho em ter dois filhos, um menino e uma menina, mas só depois de ter planejado tudo para eles, não como éramos em casa quando você tem muitos filhos e não consegue cuidar deles. Eu espero cuidar melhor dos meus filhos.

Phiona sonha em um dia ser Grande Mestre, mas, considerando os obstáculos envolvidos, Katende ressaltou para ela a necessidade de um plano B.

Phiona sonha em um dia ser enfermeira. Quando Harriet descobriu, ela sorriu orgulhosamente e colocou ambas as mãos sobre seu peito.

— Phiona nunca me contou isso — confessa Harriet. — Um dia em casa estávamos conversando e eu disse a ela que tinha sonhado em ser enfermeira porque elas pareciam tão boas para mim e o modo como se portam enche meu coração de alegria. Meu sonho não pôde ser realizado, mas Deus mais uma vez o trouxe através de minha filha.

O lugar preferido de Phiona para sonhar é em casa tarde da noite com seus irmãos, Brian e Richard, deitados ao lado dela. O sonho mais querido que os três têm em comum é de construir uma casa. Um lugar que não alague. Um lugar onde não irão mais temer um senhorio zangado batendo na porta. Um lugar deles mesmos.

— Existe um sonho que tenho acima de todos os outros — diz Phiona. — Imagino morar numa casa onde todo o sofrimento, todos os desafios que tivemos não existam mais.

Durante suas muitas conversas, os três irmãos já criaram uma planta mental de sua casa. Ela terá oito quartos com janelas de vidro, incluindo uma sala de jantar com flores sobre a mesa e uma sala de estar com sofás e poltronas confortáveis, e cada um terá seu próprio quarto, com sua própria cama. A casa não terá degraus porque eles acham que quando a conseguirem, Harriet estará velha demais para subi-los. Os planos também

incluem um grande jardim com árvores, onde os filhos de Night poderão brincar, cercados por um portão seguro e cercas, e azulejos no chão entre o portão e a porta da frente, para que as visitas não precisem pisar na lama para chegar à casa. Haverá ventiladores de teto para regular a temperatura e vasos sanitários de verdade que dão descarga com água. E uma televisão e aparelho de DVD. Uma torneira de água dentro de casa. E algumas lâmpadas elétricas. E uma geladeira. Existe uma discussão interminável entre os irmãos quanto à possibilidade de haver uma piscina.

— Nosso sonho é que toda a nossa família tenha uma vida melhor lá, uma vida que merecemos ter — resume Brian. — Então queremos um lugar onde poderemos realmente nos sentir seguros.

Tudo que falta decidir é onde será a construção.

— Não nos preocupamos muito com o local — admite Phiona. — Desde que seja em qualquer outro lugar que não na favela e que seja nosso.

Quando termina o sermão e os pratos de mingau são lavados e guardados, uma chuva de começo de noite começa a bater no telhado de metal da igreja Agape, começando a alagar Katwe, eles voltam para o xadrez.

Katende ainda está lá, muito mais tarde do que planejara, como sempre, junto com Ivan e Benjamin e Samuel e Richard e Brian e a pequenina Gloria, e ao lado do púlpito está Phiona Mutesi, 16 anos, uma das melhores jogadoras de xadrez do mundo, lidando com três jogos ao mesmo tempo e dominando todos. Phiona lida o mais implacável e solidariamente possível com seus jovens oponentes, enquanto desenha uma flor na terra sobre o piso com seu dedão do pé, preparando sua próxima jogada.

Agradecimentos

Uma das primeiras perguntas que me fazem quando converso com qualquer pessoa sobre a história de Phiona Mutesi é: "Como ouviu falar dela?"

O senhor que me contou a história de Phiona, Troy Buder, ouviu falar dela ao ler um artigo escrito por Rodney Suddith em um comunicado do Sports Outreach. Buder leu rapidamente a história das três crianças da favela que ganharam um torneio de xadrez no Sudão e em seguida jogou o comunicado fora. Mais tarde, no mesmo dia, Buder o recolheu de sua lata de lixo, porque não conseguia tirar a história da cabeça. Buder me diz que aquilo aconteceu diversas outras vezes, até um dia de março de 2010, quando ele foi a um evento onde eu estava palestrando. Buder me abordou mais tarde para contar a extraordinária história de Phiona, e não tenho como agradecer a ele o suficiente por ter feito isso.

Imediatamente escrevi uma proposta e a enviei ao ESPN, onde ela foi parar nas mãos do brilhante editor da *ESPN The Magazine*, J.B. Morris, que me designou para ir a Uganda conhecer Phiona, em setembro de 2010. Horas depois de chegar à igreja Agape, em Katwe, me dei conta de que a história de Phiona era muito maior do que um simples artigo de revista. Eu soube então que precisava escrever este livro.

A logística de conduzir entrevistas em uma favela em Uganda são desanimadoras e, francamente, *Rainha de Katwe* não existiria sem os esforços hercúleos de Robert Katende. Katende não só passou incontáveis horas dividindo sua história pessoal comigo, como também agendou e atuou como meu tradutor para quase todas as entrevistas relatadas neste livro. Desde minha viagem mais recente a Kampala, em agosto de 2011, converso regularmente com Katende, pedindo sua ajuda com tudo, de resultados de

torneios e pesquisas históricas, até ajuda para organizar sessões de fotos. Muito obrigado, Robert.

Também agradeço de coração a Harriet Nakku, seus filhos, e todos os outros ugandenses que tive o prazer de conhecer e conversar para este projeto. Enquanto seus nomes são numerosos demais para serem todos listados aqui, sua coragem é inspiradora, e sem eles eu não teria conseguido contar esta história. Também quero agradecer a Patrick Wolff, um Grande Mestre de xadrez americano, que generosamente compartilhou seu conhecimento, e especialmente a Russ Carr, Rodney Suddith e Norm e Tricia Popp por sua participação neste livro, mas, mais importante ainda, por tudo que eles fizeram e continuam fazendo para ajudar o povo de Uganda.

Também sou profundamente grato ao meu editor na Scribner, Paul Whitlatch, por seus instintos excepcionais em me ajudar a esculpir esta história de uma pedra, assim como seus colegas da Simon & Schuster: Nan Graham, Susan Moldow, Roz Lippel, Lauren Lavelle, Brian Belfiglio e Rex Bonomelli. Também tenho uma enorme dívida de gratidão com meu agente, Chris Parris-Lamb, cuja desenfreada empolgação inicial com a história de uma enxadrista ugandense me encorajou a continuar.

É claro, obrigado à minha incrível esposa, Dana, meus fantásticos filhos, Atticus e Sawyer, e ao resto da minha família por aguentar dois anos de quase total preocupação, quando minha cabeça frequentemente viajava para Katwe, mesmo que meu corpo estivesse em casa.

Durante minha viagem mais recente a Uganda, jamais me esquecerei de estar sentado com Rodney Suddith todas as noites na varanda do hotel Pope Paul Memorial, em Kampala, regozijando-me com a incrível história que se desenrolava diante de meus próprios olhos. Ao final de cada noite, compartilhávamos nosso momento favorito, o que Suddith chamava de "foto do dia", e sou tão agradecido a ele por sempre encontrar uma bênção onde eu meramente vira uma entrevista.

Finalmente, meu maior agradecimento vai para Phiona Mutesi, por confiar em mim para contar sua marcante história neste livro que, espero que em breve, conforme seu inglês continua a melhorar, ela mesma possa ler. A narrativa de Phiona evolui diariamente. Ainda estou escrevendo,

ainda estou conversando regularmente com Katende nos preparativos para um futuro posfácio, porque sei que existem muitas novas fotos do dia, muitos instantâneos, por vir para Phiona, e estou ansioso para descobrir o que vai acontecer em seguida.

PUBLISHER
Omar de Souza

GERENTE EDITORIAL
Renata Sturm

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Thalita Aragão Ramalho

PRODUÇÃO EDITORIAL
Isis Batista Pinto

COPIDESQUE
Janilson Torres Junior

REVISÃO
Fatima Fadel Jaciara Lima

DIAGRAMAÇÃO
Abreu's System

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Lúcio Nöthlich Pimentel

PRODUÇÃO DO EBOOK
Ranna Studio